

Júlio Verne

FAMÍLIA SEM NOME

Índice

- [CAPÍTULO 1 — ALGUNS FACTOS E ALGUMAS DATAS](#)
- [CAPÍTULO 2 — DOZE ANOS ANTES](#)
- [CAPÍTULO 3 — O TABELIÃO NICK](#)
- [CAPÍTULO 4 — NA QUINTA DE MONTCALM](#)
- [CAPÍTULO 5 — O DESCONHECIDO](#)
- [CAPÍTULO 6 — O S. LOURENÇO](#)
- [CAPÍTULO 7 — DE QUEBEQUE A MONTREAL](#)
- [CAPÍTULO 8 — UM ANIVERSÁRIO](#)
- [CAPÍTULO 9 — A CASA FECHADA](#)
- [CAPÍTULO 10 — A GRANJA DE CHIPOGAN](#)
- [CAPÍTULO 11 — O ÚLTIMO DOS SAGAMOROS](#)
- [CAPÍTULO 12 — O BANQUETE](#)
- [CAPÍTULO 13 — SOBREMESA A TIRO](#)
- [CAPÍTULO 14 — PRIMEIRAS ESCARAMUÇAS](#)
- [CAPÍTULO 15 — S. DINIS E S. CARLOS](#)
- [CAPÍTULO 16 — O SR. DE VAUDREUIL EM CASA DE BRIDGET](#)
- [CAPÍTULO 17 — DEPOIS DA DERROTA](#)
- [CAPÍTULO 18 — PESQUISAS](#)
- [CAPÍTULO 19 — NICK EM WALHATTA](#)
- [CAPÍTULO 20 — O FORTE DE FRONTENAC](#)
- [CAPÍTULO 21 — JOANN E JOÃO](#)
- [CAPÍTULO 22 — A ILHA NAVY](#)
- [CAPÍTULO 23 — BRIDGET MORGAZ](#)
- [CAPÍTULO 24 — EXPIAÇÃO](#)
- [CAPÍTULO 25 — OS ÚLTIMOS DIAS](#)
- [CAPÍTULO 26 — A NOITE DE 20 DE DEZEMBRO](#)
- [CAPÍTULO 27 — ÚLTIMA FASE DA INSURREIÇÃO](#)

Capítulo 1 — Alguns Factos e Algumas Datas

«É para lamentar este pobre género humano que se trucidava por causa de algumas jeiras de terra», diziam os filósofos no fim do século XVIII, e não foi por certo o que eles disseram de mais acertado, porque se tratava do Canadá, cuja posse os Franceses estavam disputando aos soldados da Inglaterra.

Duzentos anos antes, por causa destes territórios americanos, reivindicados pelos reis de Espanha e de Portugal, Francisco I tinha exclamado: «Sempre desejava ver qual o artigo do testamento de Adão que lhes legou esta vasta herança!» E o rei tinha tanta mais razão em desejar ver o tal artigo quanto uma parte desses territórios devia bem depressa tomar o nome de Nova França.

É verdade, também, que os Franceses não puderam conservar esta magnífica e vasta colónia americana: mas a sua população, na grande maioria, nem por isso deixou de ficar menos francesa, e ligada à antiga Gália por esses laços de sangue, por essa identidade de raça, por esses instintos naturais que a polícia internacional nunca conseguirá aniquilar.

Realmente, essas «algumas jeiras de terra», tão desdenhosamente qualificadas, formam um reino, cuja superfície iguala a da Europa.

Em 1534 um francês tinha tomado posse daqueles vastos territórios.

Foi até ao coração daquelas paragens que Jacques Cartier, natural de Saint-Malo, levou a sua marcha audaciosa, subindo a corrente do rio a que deu o nome de S. Lourenço.

No ano seguinte, o ousado maloês, levando mais além a sua exploração para oeste, chegou à frente de um grupo de cabanas — *canadá* em língua indígena —, donde saiu Quebeque; em seguida, chegou a essa aldeola de Hochelago, donde saiu Montreal. Dois séculos depois, estas duas cidades iam sucessivamente tomar o título de capitais, concorrentemente com Kingston e Toronto, esperando que, na intenção de fazer terminar as suas rivalidades políticas, a cidade de Otava fosse declarada sede do governo desta colónia americana, que a Inglaterra chama atualmente *Domination of Canada*.

Alguns factos e algumas datas bastarão para fazer conhecer os progressos deste importante Estado desde a sua fundação até ao período de 1830 a 1840, durante o qual se desdobram os acontecimentos relativos a esta história.

No tempo de Henrique IV, em 1595, Champlain, um dos bons marinheiros daquela época, voltou à Europa, depois de uma primeira viagem, durante a qual escolhera a situação onde seria fundada Quebeque. Tomou então parte na expedição do Sr. de Mons, a quem tinham sido concedidas cartas patentes para o comércio exclusivo das peles, que conferiram o direito de conceder terras no Canadá. Champlain, cujo carácter aventureiro pouco se acomodava com as exigências do comércio, fez caminho por si, subiu de novo o curso de S. Lourenço e edificou Quebeque, em 1606. Havia já dois anos que os Ingleses tinham lançado as bases do seu primeiro estabelecimento na América, nos territórios da Virgínia. Daí, os germes de um ciúme de nacionalidade, e pode também dizer-se que é dessa época que começaram a manifestar-se os pródromos dessa luta que a Inglaterra e a França hão de travar sobre o teatro do Novo Mundo.

No começo, os indígenas acham-se necessariamente misturados às diversas fases deste antagonismo. Os Algonquinos e os Hurões declaram-se por Champlain contra os Iroqueses, que vão em auxílio dos soldados do Reino Unido. Em 1609 estes são batidos nas margens do lago, ao qual ficou conservado o nome do marinheiro francês.

Duas outras viagens — 1613 e 1615 — conduzem Champlain até às regiões quase desconhecidas do Oeste, às margens do lago Hurão. Depois abandona a América e volta uma terceira vez ao Canadá. Enfim, depois de ter lutado para a direita e para a esquerda contra intrigas de toda a espécie, recebeu em 1620 o título de governador da Nova França.

Sob esta denominação fundou-se então uma companhia cuja constituição é aprovada por Luís XIII em 1628. Esta companhia compromete-se a fazer passar para o Canadá, no espaço de quinze anos, quatro mil franceses católicos.

Dos navios expedidos através do oceano, os primeiros caem nas mãos dos Ingleses, que avançam pelo vale de S. Lourenço e intimam Champlain a render-se. O intrépido marinheiro recusa, mas a falta de recursos e de socorro obriga-o bem

depressa a uma capitulação — em todo o caso honrosa —, em virtude da qual, em 1629, entrega Quebeque aos Ingleses. Em 1632 Champlain torna a partir de Dieppe com três navios, retoma a possessão do Canadá, restituído à França pelo tratado de 13 de junho do mesmo ano, lança os fundamentos de novas cidades, estabelece o primeiro colégio canadense sob a direção dos jesuítas e morre no dia de Natal (1635) no país conquistado à força de vontade e de audácia.

Durante algum tempo os colonos franceses e os da Nova Inglaterra travam entre si relações comerciais. Mas os primeiros têm de lutar contra os Iroqueses, que se têm tornado temíveis pelo número, visto que a população europeia ainda não chega a duas mil e quinhentas almas. Portanto, a companhia, cujos negócios vão de mal a pior, dirige-se em primeiro lugar a Colbert, que envia o marquês de Tracy à frente de uma esquadra. Os Iroqueses, repelidos, bem depressa voltam à carga, sentindo-se sustentados pelos Ingleses, e uma horrível carnificina de colonos se perpetra nas vizinhanças de Montreal.

Contudo, se em 1665 a população já duplicou, bem como o domínio superficial da colônia, ainda assim não há senão uns treze mil franceses no Canadá, enquanto os ingleses contam já duzentos mil habitantes de raça saxónia na Nova Inglaterra. A guerra recomeça. O seu teatro é essa Acádia que forma atualmente a Nova Escócia, estende-se depois até Quebeque, donde os ingleses são repelidos em 1690. Enfim, o Tratado de Ryswick (1697) assegura à França a posse de todos os territórios que a audácia dos seus descobridores e a coragem dos seus filhos tinham feito seus na América do Norte. Ao mesmo tempo as tribos insubmissas, Iroqueses, Hurões e outros, colocam-se sob a proteção francesa pela Convenção de Montreal.

Em 1703, o marquês de Vaudreuil, filho do primeiro governador deste nome, é nomeado governador-geral do Canadá, que a neutralidade dos Iroqueses torna mais fácil de defender contra as agressões dos colonos da Grã-Bretanha.

A luta reabre-se nos estabelecimentos da Terra Nova, que são ingleses, e na Acádia, que, em 1711, escapa das mãos do marquês de Vaudreuil. Este abandono vai dar azo a que as forças inglesas se concentrem para a conquista do domínio canadense, tornando-se a aliança dos Iroqueses, peitados às ocultas, bastante duvidosa. É então que o Tratado de Utreque — 1713 — consuma a perda da Acádia, depois de ter assegurado, por trinta anos, a paz com a Inglaterra.

Neste período de tranquilidade a colônia consegue rápidos progressos. Os Franceses constroem alguns fortes novos, a fim de assegurarem a possessão aos seus descendentes. Em 1721 a população é de vinte e cinco mil almas e de cinquenta mil em 1744. Podem-se ter como passados os tempos difíceis? Profundo engano! Com a guerra da sucessão da Áustria, a Inglaterra e a França vêm outra vez às mãos na Europa, e, conseqüentemente, na América. Dão-se alternativas de sucessos e de reveses. Enfim, o Tratado de Aix-la-Chapelle — 1747 — repõe as coisas no estado em que estavam pelo Tratado de Utreque.

Mas se a Acádia é dali para o futuro uma possessão britânica, ficou sempre francesa pelas tendências gerais da sua população. Portanto, o Reino Unido provoca a imigração anglo-saxónica para assegurar a sua preponderância de raça nas províncias conquistadas, A França quer fazer outro tanto para o Canadá; mas é mal sucedida, e, entretanto, a ocupação dos territórios do Ohio coloca os rivais em presença um do outro.

É então, em frente do Forte Duquesne, recentemente construído pelos compatriotas do marquês de Vaudreuil, que Washington aparece à frente de uma forte coluna anglo-americana. Não acabava Franklin de declarar que o Canadá não podia pertencer aos Franceses? Duas esquadras partem da Europa — uma de França, outra da Inglaterra. Depois de espantosos morticínios que ensopam em sangue a Acádia e os territórios do Ohio, a guerra é oficialmente declarada pela Grã-Bretanha em 18 de maio de 1756.

Neste mesmo mês, atendendo a um urgente pedido de reforços feito pelo Sr. de Vaudreuil, o marquês de Montcalm assumiu o comando do exército regular do Canadá — apenas quatro mil homens. O ministro não pudera dispor de um efetivo mais considerável, porque a guerra da América não era popular em França, sendo-o de uma maneira extraordinária no Reino Unido.

Logo no começo da campanha os primeiros feitos de armas foram em proveito de Montcalm. Tomada do Forte William-Reny, edificado ao sul do lago Jorge, que forma o prolongamento do lago Champlain. Derrota das tropas anglo-americanas na ação de Carillon. Mas, não obstante estes brilhantes feitos de armas, realiza-se a evacuação do Forte Duquesne pelos Franceses, a perda do Forte Niágara, entregue por uma guarnição fraquíssima e que a traição dos índios impediu de ser

socorrido a tempo. Por fim a tomada de Quebeque, em setembro de 1759, pelo general Wolfe à frente de oito mil homens de desembarque. Os Franceses, apesar da batalha que ganharam em Montmorency, não puderam evitar uma derrota definitiva. Montcalm foi morto, Wolfe morreu. Os Ingleses são em grande parte senhores das províncias canadenses.

No ano seguinte fez-se uma tentativa para retomar Quebeque, a chave do rio S. Lourenço. Mas frustrou-se e, pouco tempo depois, Montreal foi obrigada a capitular.

Finalmente, a 10 de fevereiro de 1763 intervém um tratado. Luís XV renuncia às suas pretensões sobre a Acádia em proveito da Inglaterra. Cede-lhe completamente a propriedade do Canadá e suas dependências. A Nova França já não existe senão no coração de seus filhos. Mas os Ingleses nunca souberam chamar a si os povos que submetem; apenas os sabem destruir. Ora, não se destrói uma nacionalidade quando a maioria dos habitantes guarda o amor da mãe-pátria e as suas aspirações de outrora. Em vão a Grã-Bretanha organiza três governos, Quebeque, Montreal e Trois-Rivières. Em vão quer impor a lei inglesa aos Canadenses, forçados a prestar um juramento de fidelidade. No fim de enérgicas reclamações, é adotado um *bill*, em 1774, que coloca a colónia sob o império da legislação francesa.

Além de que se o Reino Unido já não tem que temer da França, vai-se achar frente a frente com os Americanos. Estes, pois, atravessando o lago Champlin, tomam Carillon, os Fortes de S. João e Frederik, marcham com o general Montgomery sobre Montreal, de que se apoderam, e depois sobre Quebeque, que conseguem tomar de assalto.

No ano seguinte — 4 de junho de 1776 — é proclamada a declaração da independência dos Estados Unidos da América.

Segue-se então um período desastroso para os Franco-Canadenses. Aos Ingleses domina-os um temor, e é que esta colónia lhes escape, entrando na grande federação, e se refugie sob a bandeira estrelada que os Americanos desfraldam no horizonte. Mas tal não aconteceu, o que é permitido lastimar no interesse dos verdadeiros patriotas.

Em 1781, uma nova constituição divide o país em duas províncias: o Alto Canadá, a oeste, o Baixo Canadá, a leste, com Quebeque por capital. Cada província possui um conselho legislativo, nomeado pela Coroa, e uma câmara eletiva, eleita por quatro anos pelos proprietários das cidades. A população consta então de cento e trinta e cinco mil habitantes, entre os quais apenas se contam quinze mil de origem inglesa.

O que devem ser as aspirações dos colonos, violentados pela Grã-Bretanha, resume-se na legenda do jornal *O Canadense*, fundado em Quebeque em 1806: *nossas instituições, nossa língua e nossas leis*. Batem-se para conquistar este tríplice desiderato, e a paz assinada em Gand, em 1814, termina esta guerra, onde os sucessos e os reveses se compensaram de parte a parte.

A luta recomeça mais uma vez entre as duas raças que ocupam o Canadá de maneira tão desigual. Trava-se primeiramente sobre o terreno puramente político. Os deputados reformistas, imitando o seu colega, o heroico Papineau, não cessam de atacar a autoridade da metrópole em todas as questões — questões eleitorais, questões de terras, que são concedidas em proporção enorme aos colonos de sangue inglês, etc. Os governadores cansam-se a prorrogar ou dissolver a câmara, sem nada conseguirem. A oposição não desanima um único instante. Os realistas — os lealistas, como eles se apelidam — pensam em abolir a Constituição de 1781, em reunir o Canadá numa só província, a fim de dar mais influência ao elemento inglês, em proscriver o uso da língua francesa, que ficou sendo a língua parlamentar e a judiciária. Mas Papineau e os seus amigos reclamam com tal energia que a Coroa renuncia a pôr em execução este detestável projeto.

Contudo, a discussão acentua-se. As eleições produzem sérias colisões. Em maio de 1831, em Montreal, rebenta um motim que custa a vida a três patriotas franco-canadenses. A população dos campos e das cidades reúne-se em *meetings*. Uma ativa propaganda se desenvolve em toda a província. Enfim, um manifesto enumera em «noventa e duas resoluções» as queixas da raça canadense contra a raça anglo-saxónica e pede que seja processado o governador-geral *lord Aylmer*. O manifesto é adotado pela câmara, apesar da oposição de alguns reformistas que o acham insuficiente. Em 1834 tem de se proceder a novas eleições. Papineau e os seus partidários são reeleitos. Fiéis às reclamações da precedente legislatura, insistem pelo processo do governador-geral. Mas a câmara é prorrogada em março de 1835 e o Ministério substitui *lord Aylmer* pelo comissário real

lord Gosford, ao qual são juntos dois comissários, encarregados de estudar as causas da atual agitação. *Lord* Gosford, em nome da Coroa, protesta pelas disposições conciliadoras desta para com os seus súbditos do ultramar, sem contudo conseguir que os deputados reconheçam os poderes da comissão de inquérito.

Entretanto, graças à imigração, o partido inglês tem-se pouco a pouco reforçado — mesmo no Baixo Canadá. Em Montreal e em Quebeque formam-se associações constitucionais, destinadas a reprimir os reformistas. Se o governador é obrigado a dissolver estas associações, criadas em contravenção à lei, nem por isso elas deixam de ficar em fermentação. Sente-se que o ataque há de ser vivo dos dois lados. O elemento anglo-americano tem-se tornado mais audacioso do que nunca. Não se trata senão de anglicizar o Baixo Canadá por todos os meios. Os patriotas estão decididos à resistência legal e extralegal. Desta situação, assim tensa, não podem sair senão terríveis encontros. O sangue das duas raças vai correr sobre o solo outrora conquistado pela audácia dos descobridores franceses.

Tal era a situação do Canadá em 1837, no começo desta história. Era necessário pôr em evidência o antagonismo de origem do elemento francês e inglês, a vitalidade de um, a tenacidade do outro.

E não será esta Nova França um bocado da pátria como essa Alsácia-Lorena que a invasão brutal nos havia de arrancar trinta anos depois? E os esforços tentados pelos Franco-Canadenses para lhe darem pelo menos a sua autonomia não será um exemplo que os franceses da Alsácia-Lorena nunca devam esquecer?

Fora precisamente para determinar as suas disposições, na previsão de uma insurreição provável, que o governador, *lord* Gosford, o comandante-geral, *sir* John Colborne, o coronel Gore e o ministro da polícia Gilberto Argall tinham combinado uma reunião para a noite de 23 de agosto.

Os índios designam pela palavra «Kébec» qualquer estreitamento de rio, produzido pela brusca aproximação das margens. Daí vem o nome da capital, que é fundada sobre um promontório, espécie de Gibraltar, elevado a montante do sítio onde o rio S. Lourenço se alarga como um braço de mar. A cidade alta lá sobre a colina abrupta, a cidade baixa estendendo-se pela margem, onde estão construídos armazéns e docas, ruas estreitas com passeios de madeira, casas de madeira também na sua maioria, alguns edificios sem grande estilo, o palácio do governador, repartições do correio e da marinha, catedrais inglesas e francesas, uma esplanada muito frequentada pelos passeantes, uma cidadela ocupada por uma guarnição importante, tal era a velha cidade de Champlain, muito mais pitoresca, no fim de contas, do que as modernas cidades da América do Norte.

Do jardim do governador, a vista estendia-se ao longe sobre o soberbo rio, cujas águas se separam em forquilha na ilha de Orleães. A noite estava magnífica. A atmosfera morna não era turbada pelo sopro áspero do nordeste, tão pernicioso em todas as estações quando se propaga através do vale de S. Lourenço. Na sombra de um *square*, com uma das faces iluminada pela luz da lua, erguia-se a pirâmide quadrangular erigida à memória de Wolfe e de Montcalm, reunidos pela morte no mesmo dia.

Havia já uma hora que o governador-geral e as três outras altas personagens se ocupavam da gravidade da situação, que os obrigava a estarem continuamente alerta. Os sintomas de uma próxima sublevação ainda se não manifestaram claramente. Era conveniente, porém, estar-se preparado para qualquer eventualidade.

— De quantos homens podemos dispor? — acabava de perguntar *lord* Gosford a *sir* John Colborne.

— De um número infelizmente muito restrito — respondeu então o general —, e para isso tenho de desguarnecer o condado de uma parte das tropas que o ocupam.

— Queira precisar.

— Não poderei dispor senão de quatro batalhões e sete companhias de infantaria, porque me é impossível ir buscar gente às guarnições das cidadelas de Quebeque e de Montreal.

— O que tem em artilharia?

— Três ou quatro peças de campanha.

— E em cavalaria?

— Apenas um piquete.

— Se for preciso dispersar esse efetivo pelos condados limítrofes — observou o coronel Gore —, será insignificante! Talvez tenhamos de lamentar o ter Vossa Senhoria, Sr. Governador, dissolvido as companhias constitucionais, formadas pelos lealistas! Teríamos algumas centenas de carabineiros voluntários, cujo socorro não seria para desdenhar.

— Não podia deixar organizar semelhantes associações — respondeu *lord* Gosford. — O seu contacto com a população teria originado constantes conflitos. Evitemos tudo o que possa provocar uma explosão. Estamos sobre um paiol, e precisamos de caminhar com a máxima cautela!

O governador-geral não exagerava. Era um homem de grande tino e de espírito conciliador. Desde que chegara à colónia tinha mostrado muitas atenções para com os colonos franceses, tendo — como observa o historiador Garneau — uma ponta de alegria irlandesa que ia perfeitamente de acordo com a alegria Canadenses. Se a rebelião ainda não tinha rebentado, era isso devido à sua circunspeção, à doçura, ao espírito de justiça que *lord* Gosford empregava em todas as relações com os seus administrados. Tanto por índole como por cálculo, repugnavam-lhe as medidas violentas.

— A força — repetia ele — comprime, mas não reprime. Em Inglaterra esquecem-se demasiadamente que o Canadá é vizinho dos Estados Unidos e que os Estados Unidos acabaram por conquistar a sua independência! Eu bem sei que em Londres o Ministério quer uma política militante. Por isso, ouvido o conselho dos comissários, a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns adotaram por grande maioria uma proposta que tende a meter em processo os deputados da opposição, a empregar os dinheiros públicos sem fiscalização, a modificar a Constituição de maneira a duplicar nos distritos o número dos eleitores de origem inglesa! Mas isto não é por certo dar provas de tino e há de haver muito sangue derramado de parte a parte.

E era caso para temer. As últimas medidas adotadas pelo Parlamento inglês tinham produzido uma agitação que aproveitava todo e qualquer pretexto para se manifestar. Conciliábulos secretos e *meetings* públicos sobre-excitavam a opinião. Das palavras bem depressa se passaria às obras. Tanto em Montreal como em Quebeque trocavam-se provocações entre os reformistas e os partidários da dominação inglesa — principalmente os antigos membros das associações constitucionais. A polícia não ignorava que através dos distritos, condados e freguesias circulava um chamamento às armas. Tinha-se até já chegado a enforcar o governador-geral em efigie. Era pois necessário tomar providências.

— O Sr. de Vaudreuil foi por acaso visto em Montreal? — perguntou *lord* Gosford.

— Parece que ainda não abandonou a sua habitual morada de Montcalm — respondeu Gilberto Argall. — Mas os seus amigos Farran, Clerc e Hodge visitam-no amiudadas vezes, e estão em relação contínua com os deputados liberais, e mais particularmente com o advogado Gramont, de Quebeque.

— Se irromper algum movimento — disse *sir* John Colborne —, não há dúvida de que foi preparado por eles.

— Portanto, fazendo-os prender — ajuntou o coronel Gore — talvez Vossa Senhoria consiga esmagar a conspiração no ovo.

— Ou fazê-la rebentar mais depressa! — retorquiu o governador-geral.

Depois, voltando-se para o ministro da polícia:

— Se não me engano — perguntou ele —, o Sr. de Vaudreuil e seus amigos já figuram nas insurreições de 1832 e de 1835?

— Por certo — respondeu *sir* Gilberto Argall —, ou, pelo menos, há motivos para o suspeitar, mas faltam as provas diretas. Foi impossível persegui-los como se tinha feito por ocasião da conspiração de 1825.

— E são essas provas que é preciso encontrar, custe lá o que custar — afirmou *sir* John Colborne —, e, para acabar de uma vez para sempre com as conspirações dos reformistas, deixá-los encravilhar bem. Não há nada mais abominável do que uma guerra civil, bem sei! Mas se temos de ir até aí, que se faça sem misericórdia e que a luta termine em proveito da Inglaterra!

Palavras tais estavam perfeitamente de acordo com o papel do comandante-em-chefe das forças britânicas no Canadá.

Mas se John Colborne era homem de molde a reprimir uma insurreição com extremo rigor, repugnava ao seu espírito militar envolver-se em vigilâncias ocultas, exclusivamente do domínio policial. Portanto, havia já uns poucos de meses que era aos agentes de Gilberto Argall a quem tinha sido confiado o encargo de observar sem descanso os trabalhos do Partido Franco-Canadense. As cidades e paróquias do vale de S. Lourenço, e mais particularmente as dos condados de Verchères, de Chambly, de Laprairie, da Acádia, de Terrebonne e Duas Montanhas, eram incessantemente percorridas por numerosos subordinados do ministro. Em Montreal, à falta dessas associações constitucionais, cuja dissolução o coronel Gore tanto lamentava, o Doric-Club — cujos membros eram tidos pelos mais encarniçados lealistas — tinha assumido a missão de debelar os insurgentes pelos meios mais extremos. Portanto, *lord* Gosford podia muito bem temer que, de um momento para outro, do dia para a noite, se produzisse o grande encontro.

Compreende-se que, apesar das suas tendências pessoais, a gente que cercava o governador-geral incitava-o a sustentar os burocratas — assim chamados os partidários da autoridade da Coroa — contra os partidários da causa nacional. Além disso, *sir* John Colborne não era homem para meias medidas, como mais tarde o provará, quando suceder a *lord* Gosford no governo da colónia. Quanto ao coronel Gore, velho militar, condecorado de Waterloo, era de opinião que se devia operar militarmente e quanto mais depressa melhor.

No dia 7 de maio do presente ano os principais reformistas tinham reunido uma assembleia em S. Ours, pequena povoação do condado de Richelieu. Ali tomaram-se várias resoluções que constituíram o programa político da oposição franco-canadense.

Entre outras convém citar esta:

«O Canadá, assim como a Irlanda, deve agrupar-se em torno de um homem dotado de um ódio profundo à opressão e de um amor da sua pátria tal que nem promessas, nem ameaças, nem coisa alguma possa abalar.»

Este homem era o deputado Papineau, de quem o sentimento popular, com bastante razão, fazia um O'Connell.

Ao mesmo tempo a assembleia decidia «abster-se tanto quanto possível de consumir artigos importados e de não fazer uso senão dos produtos fabricados no país, a fim de privar o governo dos rendimentos provenientes dos direitos impostos sobre as mercadorias estrangeiras».

A estas declarações teve *lord* Gosford de responder em 15 de junho, por uma proclamação que proibia toda e qualquer reunião sediciosa e ordenava aos magistrados e oficiais da milícia que as dissolvessem.

A polícia manobrava com uma insistência sem tréguas, empregando os agentes mais hábeis e não recuando até em provocar traições — como já se tinha feito — pelo engodo de somas consideráveis. Mas, embora Papineau fosse o homem em evidência, havia outro que trabalhava na sombra e tão misteriosamente que os principais reformistas só em raríssimas ocasiões o tinham visto. Em volta desta personagem tinha-se criado uma verdadeira lenda, que lhe dava uma influência extraordinária sobre o espírito das massas: era João-Sem-Nome, apenas conhecido por esta alcunha enigmática. Nada, pois, para admirar que se tratasse também dele, e desde logo, na conversa do governador e dos seus companheiros.

— E esse João-Sem-Nome — perguntou *sir* John Colborne —, já se lhe encontrou o rasto?

— Ainda não — respondeu o ministro da polícia. — Tenho, porém, motivos para acreditar que reapareceu nos condados do Baixo Canadá e até que foi recentemente visto em Quebeque!

— E os seus agentes não lhe puderam deitar a mão? — exclamou o coronel Gore.

— Não é tão fácil como julga, coronel.

— E, de facto — disse *lord* Gosford —, esse homem tem a influência que se diz?

— Por certo — volveu o ministro —, e posso afiançar a Vossa Senhoria que essa influência é enorme.

— Que qualidade de homem é ele?

— Foi o que nunca se pôde descobrir — disse *sir* John Colborne. — Não é verdade, meu caro Argall?

— Exatamente, general! Não se sabe quem é essa personagem, nem donde vem, nem para onde vai. Foi por isso que ela figurou, quase invisivelmente, nas últimas insurreições; portanto, não resta dúvida de que os Papineau, os Viger, os Lacoste,

os Vaudreuil, os Farran, os Gramont, todos os chefes, enfim, contam com a sua intervenção num dado momento. Este João-Sem-Nome já passou à ordem de ser quase sobrenatural nos distritos de S. Lourenço, tanto a montante de Montreal como a jusante de Quebeque. Se dermos crédito à lenda, é dotado de tudo quanto é preciso para arrastar as cidades e as aldeias, isto é, de uma audácia extraordinária e de uma coragem a toda a prova. E depois, como já lhes disse, é o mistério, o desconhecido!

— Acredita que ele tenha vindo ultimamente a Quebeque? — inquiriu *lord* Gosford.

— Pelo menos os relatórios da polícia permitem supô-lo — respondeu Gilberto Argall. — Por isso pus logo em campo um dos homens mais ativos e mais finos, aquele Rip que desenvolveu tanta inteligência no negócio de Simão Morgaz.

— Simão Morgaz — tornou John Colborne —, aquele que em 1825 tão oportunamente entregou, a preço de ouro, os seus cúmplices da conspiração de Chambly?

— Esse mesmo!

— E sabe-se onde ele para?

— Só sei que — informou Gilberto Argall —, repellido por todos os da sua raça, por todos os franco-canadenses, a quem traiu, desapareceu. Pode muito bem ser que abandonasse o novo continente... que morresse... quem sabe?

— E o meio que tão bons resultados deu para com Simão Morgaz — sugeriu *sir* John Colborne — não poderia ser de novo empregado, com igual proveito, junto de um dos chefes reformistas?

— Não pense nisso, general! — respondeu *lord* Gosford. — Tais patriotas, devemos reconhecê-lo, estão acima de qualquer suspeita. É infelizmente verdade que se declararam contra a influência inglesa e que sonham para o Canadá a independência que os Estados Unidos conquistaram para si; mas esperar que os poderemos comprar, decidi-los a trair os seus por promessas de dinheiro ou de honrarias, isso nunca! Tenho a firme convicção do que digo, e juro-lhe que não encontrará um único traidor entre eles!

— Já se dizia o mesmo de Simão Morgaz — voltou ironicamente *sir* John Colborne —, e nem por isso ele deixou de entregar os seus companheiros! E quem sabe se, precisamente, esse João-Sem-Nome, de quem falaram, não é um homem a comprar!

— Não o creio, general — replicou com vivacidade o ministro da polícia.

— Em todo o caso — ajuntou o coronel Gore —, quer seja para o comprar, quer para lhe passar uma corda à roda do pescoço, o que importa é apoderarmo-nos dele, e visto que se suspeita que esteja em Quebeque...

Nesse momento apareceu um homem na volta de uma das alamedas do jardim e parou a uma dezena de passos.

O ministro reconheceu o polícia, ou antes, empreiteiro policial — qualificação que por todos os motivos lhe convinha.

Este homem, efetivamente, não pertencia à brigada regular de Comeau, o chefe dos agentes anglo-canadenses.

Gilberto Argall fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— É Rip, da casa Rip & C.^a — informou Argall, dirigindo-se a *lord* Gosford. — Vossa Senhoria consente que ele me faça o seu relatório?

Lord Gosford aquiesceu àquele pedido com um sinal de cabeça.

Rip aproximou-se respeitosamente e esperou que Gilberto Argall se dignasse interrogá-lo — o que ele fez nestes termos:

— Tem já a certeza de que João-Sem-Nome foi visto em Quebeque?

— Julgo poder afirmá-lo a Vossa Honra!

— E como é que ainda não foi preso? — perguntou *lord* Gosford.

— Vossa Senhoria há de desculpar-me e aos meus associados — respondeu Rip —, mas fomos prevenidos muito tarde. Anteontem João-Sem-Nome foi indicado como tendo sido visto numa casa da Rua do Petit-Champlain, a que está pegada à loja do alfaiate Emotard, à esquerda, logo à subida dos primeiros degraus daquela rua. Fiz cercar a casa, que é habitada por um tal Sebastião Gramont, advogado e deputado, muito considerado no Partido Progressista. Mas João-Sem-Nome nem sequer ali tinha ido, embora o deputado Gramont tenha, por certo, tido relações com ele. As nossas pesquisas foram inúteis.

— Crê que esse homem ainda esteja em Quebeque? — inquiriu então *lord* John Colborne.

— Não me atrevera a responder afirmativamente a Vossa Excelência — declarou Rip.

— Conhece-o?

— Para dizer a verdade, nunca o vi, e muito poucas pessoas o conhecem.

— Sabe, ao menos, que direção tomou quando saiu de Quebeque?

— Ignoro-o.

— E qual é a sua opinião a este respeito? — perguntou o ministro da polícia.

— A minha opinião é que esse homem deve dirigir-se para o condado de Montreal, onde os agitadores parece quererem juntar-se de preferência. Se se prepara uma sedição, deve ser naquela parte do Baixo Canadá, onde, com todas as probabilidades, deve rebentar. Por isso eu concluo que João-Sem-Nome deve estar escondido nalguma povoação vizinha das margens do rio S. Lourenço...

— Com efeito — concordou Gilberto Argall —, é para esse lado que devemos dirigir as pesquisas.

— Nesse caso dê as ordens necessárias — disse o governador-geral.

— Vossa Senhoria vai ser obedecido. Rip amanhã há de sair de Quebeque com os melhores empregados da sua agência; pela minha parte farei vigiar especialmente o Sr. de Vaudreuil e os seus amigos, com os quais, não me resta dúvida, esse João-Sem-Nome há de ter entrevistas mais ou menos frequentes. Procure encontrar os seus vestígios seja por que meio for. É a missão de que particularmente o encarrega o governador-geral.

— E que será fielmente executada — assegurou convictamente o chefe da casa Rip & C.^a — Partirei amanhã.

— Desde já damos por aprovado — ajuntou Gilberto Argall — tudo quanto julgue dever fazer para realizar a captura desse perigoso agitador. Necessitamos dele morto ou vivo, antes que tenha tido tempo de sublevar a população franco-canadense com a sua presença. Rip, o senhor é inteligente e zeloso, há de haver uns doze anos que o provou no negócio Morgaz. Contamos de novo com o seu zelo e com a sua inteligência. Vá.

Rip dispunha-se a partir e tinha já recuado alguns passos quando mudou de ideia.

— Posso fazer uma pergunta a Vossa Honra? — disse ele, dirigindo-se ao ministro.

— Que pergunta é?

— Uma que é precisa para a regularidade da escrituração da casa Rip & C.^a.

— Diga — respondeu Gilberto Argall.

— A cabeça de João-Sem-Nome foi posta a prêmio?

— Ainda não!

— É preciso que o seja — disse *sir* John Colborne.

— Que o seja — corroborou *lord* Gosford.

— E qual é o preço? — perguntou Rip.

— Quatro mil piastras¹.

— Vale seis mil — declarou Rip. — Tenho de gastar dinheiro em viagens e fazer despesas com informações especiais.

— Pois seja seis mil — acedeu *lord* Gosford.

— E olhe que é um dinheiro que não há de ter que chorar...

— Se for ganho... — ajuntou o ministro.

— há de ser!

E, com esta afirmativa, talvez um pouco arriscada, o chefe da casa Rip & C.^a retirou-se.

— Eis um homem que parece ter muita confiança em si próprio! — observou o coronel Gore.

— E que deve inspirar toda a confiança — replicou Gilberto Argall. — Além de que este prêmio de seis mil piastras é excelente para lhe excitar a finura e o zelo. Já por ocasião da conspiração de Chambly ele ganhou somas importantes, e se ele gosta do seu ofício, não desgosta do dinheiro que ele lhe rende. É preciso aproveitar este original tal qual é, e não conheço

ninguém mais capaz do que ele de deitar a mão a João-Sem-Nome, se João-Sem-Nome é homem a quem se possa deitar a mão!

O general, o ministro e o coronel despediram-se de *lord* Gosford. Depois *sir* John Colborne deu ordem ao coronel Gore para partir imediatamente para Montreal, onde o esperava o seu colega o coronel Witherall, encarregado de prevenir ou de jugular nas paróquias do condado todo o movimento insurrecional.

Capítulo 2 — Doze Anos Antes

Simão Morgaz! Nome execrando até na mais humilde aldeola das províncias canadenses! Nome votado, desde longos anos, à execração pública!

Um Simão Morgaz foi o traidor que entregou seus irmãos e vendeu a sua terra!

O que é fácil de compreender, principalmente nesta França que não ignora, agora, quanto são implacáveis os ódios que merece o crime de lesa-pátria.

Em 1825 — doze anos antes da insurreição de 1837 — alguns franco-canadenses tinham assentado as bases de uma conspiração, cujo fim era subtrair o Canadá ao jugo inglês, que tão cruelmente lhes pesava. Homens audazes, ativos, enérgicos, bem colocados, descendentes quase todos dos primeiros emigrantes que tinham fundado a Nova França, não podiam acostumar-se à ideia de que o abandono da colónia, em benefício da Inglaterra, fosse definitivo. Admitindo mesmo que o país não podia voltar para os descendentes dos Cartier e dos Champlain, que o tinham descoberto no século XVI, não tinha ele direito à sua independência? Tinha, e era para conquistar essa independência que os patriotas iam arriscar a cabeça.

Entre eles achava-se o Sr. de Vaudreuil, descendente dos antigos governadores do Canadá, no tempo de Luís XVI, uma dessas famílias cujos nomes franceses se têm convertido na maior parte em nomes geográficos da cartografia canadense.

Nesta época, o Sr. de Vaudreuil tinha trinta e cinco anos, visto que nascera em 1790, no condado de Vaudreuil, situado entre S. Lourenço, ao sul, e a ribeira Outaouaes, ao norte, nos confins da província de Ontário.

Os amigos do Sr. de Vaudreuil eram, como ele, de origem francesa, embora as alianças sucessivas com famílias anglo-americanas tivessem alterado os seus nomes patronímicos. Assim o professor Robert Farran, de Montreal, Francisco Clerc, um rico proprietário de Chateauguai, e alguns outros, aos quais o nascimento ou a riqueza asseguravam uma real influência sobre as populações das vilas e dos campos.

O verdadeiro chefe da conspiração era Walter Hodge, americano de nascença. Embora tivesse sessenta anos então, a idade não tinha arrefecido o calor do seu sangue. Durante a guerra da independência fizera parte desses atrevidos voluntários, desses *skimmers*, de quem Washington foi obrigado a tolerar as violências um tanto ou quanto selvagens, atendendo a que as suas companhias francas dizimavam vivamente o exército real. Não é segredo que, desde o fim do século XVIII, os Estados Unidos tinham excitado o Canadá a ir fazer parte da federação americana. E é o que explica como um americano, como Walter Hodge, tinha entrado nessa conspiração, e fora mesmo seu chefe. Não era daqueles que tinham adotado como divisa estas palavras que resumem a doutrina de Monroe: «A América para os Americanos»?

Portanto, Walter Hodge e seus companheiros nunca cessaram de protestar contra as exações da administração inglesa, que se iam tornando cada vez mais intoleráveis. Em 1822, os seus nomes figuram no protesto contra a união do Alto e do Baixo Canadá, conjuntamente com os dos dois irmãos Sanguinet, que, dezoito anos depois, com muitas outras vítimas, deviam pagar com a vida a sua fidelidade ao Partido Nacional. Combateram igualmente com a pena e com a palavra quando foi ocasião de reclamar contra a iníqua divisão das terras, unicamente concedidas aos burocratas, a fim de reforçar o elemento inglês. Pessoalmente ainda, lutaram contra os governadores Sherbrooke, Richemond, Monk e Maitland, tomaram parte na administração da colónia e associaram-se a todos os atos dos deputados da oposição.

Contudo, em 1825 a conspiração, tendo um objetivo determinado, tinha-se organizado independente dos liberais da câmara canadense.

Se Papineau e seus colegas Cuvellier, Bédard, Viger, Quesnel e muitos outros ainda não chegaram a ter notícia dela, Walter Hodge podia contar com eles para lhe assegurar as consequências se ela triunfasse. E, primeiro que tudo, tratava-se do sequestro de *lord* Dalhousie, que, em 1820, fora nomeado para as funções de governador-geral das colónias inglesas da América do Norte.

À sua chegada, *lord* Dalhousie parecia ter-se decidido por uma política de concessões. Graças a ele, o bispo romano de

Quebeque foi reconhecido oficialmente, e Montreal, Rose, Regiopolis tornaram-se sedes de três novos bispados. Mas, de facto, o gabinete britânico recusava ao Canadá o direito de se governar a si próprio. Os membros do conselho legislativo, nomeados vitaliciamente pela Coroa, eram todos ingleses de nascimento, e aniquilavam completamente a câmara eleita pelo povo. Numa população de seiscentos mil habitantes, que contava então cento e vinte e cinco mil franco-canadenses, três quartas partes dos empregos pertenciam a funcionários de origem saxónia. Enfim, tratava-se de novo de proscreever o uso legal da língua francesa em toda a colónia.

Para impedir que estas disposições se realizassem, era preciso nada menos do que um ato de violência. Apoderavam-se de *lord* Dalhousie e dos principais membros do conselho legislativo, depois, terminado que fosse este golpe de Estado, provocavam um movimento popular nos condados do rio S. Lourenço, instalavam um Governo provisório até que a eleição constituísse o Governo nacional, finalmente lançavam as milícias canadenses contra o exército regular. Tal tinha sido o plano de Walter Hodge, de Roberto Farran, de Francisco Clerc, de Vaudreuil. E a conspiração teria triunfado se a traição de um de seus cúmplices não a tivesse feito abortar.

A Walter Hodge e aos seus partidários tinha-se juntado um tal Simão Morgaz, de que é conveniente fazer conhecer a situação e a origem.

Em 1825, Simão Morgaz tinha quarenta e seis anos de idade. Advogado num país onde ainda hoje se contam mais advogados do que clientes, como também mais médicos do que enfermos, vivia mal em Chambly, pequena povoação situada na margem esquerda do rio Richelieu, a uma dúzia de léguas de Montreal, do outro lado do S. Lourenço.

Simão Morgaz era homem de resolução, cuja energia fora notada quando os reformistas protestaram contra as disposições do gabinete britânico. As suas maneiras francas, a sua fisionomia insinuante, tornavam-no simpático a toda a gente. Nunca passou pela cabeça de quem quer que fosse que a personalidade de um traidor vestiria exterioridades tão atraentes.

Simão Morgaz era casado. Sua mulher, sete anos mais nova do que ele, ia nos trinta e oito. Bridget Morgaz, de origem americana, era filha do major Allen, cuja coragem tinha sido bem apreciada por ocasião da guerra da independência, quando foi ajudante de campo de Washington. Verdadeiro tipo da lealdade, no que ela tem de mais absoluto, teria sacrificado a vida à palavra dada, com a tranquilidade de um régulo.

Foi em Albany, estado de Nova Iorque, que Simão Morgaz e Bridget se encontraram e travaram conhecimento. O moço advogado era franco-canadense de nascimento, circunstância que era agradável para o major Allen — que nunca teria dado sua filha ao descendente de uma família inglesa. Ainda que Simão Morgaz não possuísse coisa alguma, com o que Bridget tinha da legítima materna, o casal teria, se não a riqueza, pelo menos um certo bem-estar. O casamento celebrou-se em Albany em 1806.

A situação dos dois podia ter sido feliz, mas não o foi. Não porque Simão Morgaz faltasse às atenções para com sua mulher, porque sempre sentiu por ela uma sincera afeição, mas porque era dominado por uma paixão — a paixão do jogo. O património de Bridget em poucos anos foi devorado pelo vício e, embora Simão Morgaz tivesse a reputação de um advogado de talento, o seu trabalho não bastava para reparar as brechas feitas nos seus haveres. E, se não foi da miséria, foi da pobreza que sua mulher suportou dignamente as consequências. Bridget nunca disse uma única palavra de censura a seu marido. Os seus conselhos teriam sido ineficazes, e portanto aceitou a provação resignadamente, corajosamente, apesar de antever o futuro negro e carregado de inquietações.

E não era só por si que ela tinha que recluir. Nos primeiros dois anos do casamento tinham nascido dois filhos, aos quais se dera o mesmo nome de batismo, ligeiramente modificado para recordar ao mesmo tempo a sua origem francesa e americana. O mais velho, Joann, tinha nascido em 1807, o mais novo, João, em 1808. Bridget consagrou-se inteiramente à educação de seus filhos. Joann era de um carácter meigo, João de um temperamento vivo, ambos enérgicos quer sob as aparências da doçura, quer da vivacidade. Pareciam-se visivelmente com sua mãe, tendo dela esse espírito sério, esse amor ao trabalho, essa maneira clara e reta de ver as coisas que faltavam a Simão Morgaz. Daí resultava para com seu pai uma

postura sempre respeitosa, mas nunca essa franqueza natural, essa confiança sem reserva que é a própria essência da atração do sangue. Em compensação, para com sua mãe uma dedicação sem limites, uma afeição que não transbordava dos seus corações senão para ir encher o dela. Bridget e seus filhos estavam unidos por esse duplo laço do amor filial e do amor materno que coisa alguma seria capaz de quebrar.

Passado o período da primeira infância, Joann e João entraram para o colégio de Chambly, no qual cursaram, levando um ao outro uma classe de distância. Eram citados, e com justiça, entre os melhores alunos das primeiras classes. Depois, quando completaram doze e treze anos, foram mandados para o colégio de Montreal, onde continuaram a ocupar os primeiros lugares. Dois anos mais, e iam ver terminados os seus estudos quando surgiram os acontecimentos de 1825.

Se, na maior parte do tempo, Simão Morgaz e sua mulher moravam em Montreal, onde o escritório de advogado da colônia de dia para dia era menos frequentado, tinham conservado uma modesta casa em Chambly. Era ali que se reuniam Walter Hodge e seus amigos quando Morgaz entrou nessa conspiração, cujo primeiro ato, depois da prisão do governador, seria a instalação de um governo provisório em Quebeque.

Na pequena povoação de Chambly, ao abrigo daquela modesta habitação, os conspiradores podiam considerar-se em maior segurança do que se estivessem em Montreal, onde a vigilância da polícia se exercia com extremo rigor. Mas nem por isso andavam menos prudentemente, de maneira a despistar todas as tentativas de espionagem. Portanto, em casa de Simão Morgaz tinham sido depositadas armas e munições, sem que o seu transporte tivesse despertado a menor suspeita. Era da casa de Chambly, onde se ligavam os fios da conspiração, que devia partir o sinal da sublevação.

Entretanto, ao governador e à gente que o cercava tinha dado o faro de um golpe de Estado preparado contra a Coroa; e fazia exercer uma vigilância mais especial sobre aqueles dos deputados designados pela sua oposição permanente.

Convém agora repetir que Papineau e os seus colegas ignoravam os projetos de Walter Hodge e dos seus partidários. Estes tinham fixado o levantamento armado para o dia 26 de agosto, o que tanto devia surpreender os seus amigos como os seus inimigos.

Ora, na véspera à noite, a casa de Simão Morgaz foi invadida pelos agentes da polícia, sob a direção de Rip, no momento em que os conspiradores ali se achavam reunidos. Não tiveram tempo de destruir a sua correspondência secreta, nem de queimar as listas dos filiados. Os agentes tomaram tudo, inclusive as armas, escondidas nos subterrâneos da casa. A conspiração estava descoberta. Walter Hodge, Roberto Farran, Francisco Clerc, Simão Morgaz e mais uma dúzia de outros patriotas foram conduzidos à cadeia de Montreal, debaixo de forte escolta.

Eis o que se tinha passado.

Havia em Quebeque um tal Rip, anglo-canadense de origem, que dirigia uma casa de informações e de pesquisas para uso de particulares, e cujos serviços o governo por mais de uma vez tinha aproveitado, utilizando-se das suas qualidades especiais. A casa funcionava sob a razão social Rip & C.^a. Um negócio de polícia não era para ele senão um simples negócio de dinheiro, e escriturava os seus livros como se tratasse com um negociante, ajustando mesmo a olho: tanto por pesquisa, tanto por uma prisão, tanto por uma espionagem. Era um homem muito esperto, desembaraçado, igualmente audaz, com uma tal ou qual maneira de se insinuar, pondo a mão, ou, melhor diremos, o nariz, numa quantidade de negócios particulares. Absolutamente desprovido de escrúpulos e sem a menor sombra de senso moral.

Em 1825, Rip, que acabava de fundar a sua agência, tinha trinta e três anos de idade. Já então a sua fisionomia, de extrema mobilidade, a sua habilidade em se disfarçar, lhe tinham permitido intervir em muitos negócios em ocasiões diversas e com diferentes nomes. Havia anos que ele conhecia Simão Morgaz, com o qual entrara em relações a propósito de causas judiciais.

Certas circunstâncias, que teriam parecido insignificantes a outro qualquer, não passaram despercebidas para ele, que pensou desde logo que o advogado de Montreal devia estar filiado na conspiração de Chambly.

Apertou-o, pois, espionou os mais recônditos segredos da sua vida íntima, frequentou a sua casa, embora Bridget Morgaz não dissimulasse a antipatia que ele lhe inspirava.

Uma carta, sequestrada no correio, bem depressa demonstrou a cumplicidade do advogado, quase com toda a certeza. O ministro da polícia, mal soube de Rip o que tinha feito, recomendou-lhe que atuasse habilidosamente sobre Simão Morgaz, que ele sabia estar seriamente comprometido com grandes necessidades de dinheiro. E, um dia, Rip colocou bruscamente o desgraçado entre estas duas alternativas: ou ser perseguido pelo crime de alta traição ou receber a enorme soma de cem mil piastras se consentisse em dizer o nome dos cúmplices e os pormenores da conspiração de Chambly.

O advogado ficou aterrado! Trair os seus companheiros! Vendê-los a preço de ouro! Entregá-los ao carrasco! E, contudo, sucumbiu, aceitou o preço da sua traição, desvendou os segredos da conspiração, depois de ter alcançado a promessa de que o seu infame mercado nunca seria divulgado. Ficou até convencido que os agentes o prenderiam conjuntamente com Hodge e seus amigos, que seria julgado pelos mesmos juizes, que a sentença que os condenasse, e não podia ser outra senão a pena de morte, o condenaria a ele. Depois, uma evasão lhe permitiria fugir antes da execução da sentença.

Esta abominável combinação ficaria entre o ministro da polícia, o chefe da casa Rip & C.^a e Simão Morgaz.

As coisas passaram-se tal qual fora convencido. No dia indicado pelo traidor, os conspiradores foram inopinadamente surpreendidos na casa de Chambly. Walter Hodge, Roberto Farran, Francisco Clerc, Vaudreuil, alguns dos seus cúmplices, bem como Simão Morgaz, compareceram no dia 25 de setembro de 1925 perante o tribunal.

Às acusações que contra eles fez o advogado da Coroa — o juiz advogado como então lhe chamavam — os acusados não responderam senão por justos e diretos ataques contra o gabinete britânico. Aos argumentos legais não quiseram opor senão argumentos tirados do mais acrisolado patriotismo. Não sabiam eles que estavam de antemão condenados e que coisa alguma os poderia salvar?

Havia já algumas horas que duravam os debates, e o processo seguia regularmente o seu curso quando um incidente da audiência veio pôr em evidência o procedimento de Simão Morgaz.

Uma das testemunhas de acusação, o Sr. Turner, de Chambly, declarou que muitas vezes o advogado tinha sido visto conferenciando com o chefe da casa Rip & C.^a. Foi como um relâmpago de revelação. Walter Hodge e Vaudreuil, que havia um certo tempo tinham tido umas tais ou quais suspeitas, motivadas pelos modos singulares de Simão Morgaz, viram-nas confirmadas pelas declarações da testemunha Turner. Para que a conspiração, tão secretamente organizada, pudesse ter sido tão facilmente descoberta, era preciso que um traidor tivesse denunciado os seus autores. Rip foi crivado de perguntas, às quais não pôde responder claramente. Por sua vez, Simão Morgaz tentou defender-se; mas embrenhou-se em tais inverossimilhanças, deu explicações por tal forma inaceitáveis que a opinião dos conjurados e a dos juizes ficou imediatamente formada a seu respeito. Um miserável tinha traído os seus cúmplices, e o traidor era Simão Morgaz.

Então um irresistível movimento de repulsão se produziu no banco dos acusados e se transmitiu ao público que se apinhava no pretório.

— Presidente do tribunal — disse Walter Hodge —, nós pedimos-vos que Simão Morgaz seja expulso deste banco, honrado pela nossa presença e desonrado pela sua! Não queremos por mais tempo ficar maculados com o contacto deste homem!

Vaudreuil, Clerc, Farran, todos se uniram a Hodge, que, não podendo ser senhor de si, se tinha precipitado sobre Simão Morgaz, em cujo auxílio foi preciso que os guardas corressem. O auditório tomou violentamente partido contra o traidor e exigiu que se atendessem as reclamações do acusado.

O presidente do tribunal deu ordem de fazer retirar Simão Morgaz e de o conduzir à prisão. Os apupos que o acompanharam, as ameaças de que foi objeto, demonstraram que todos o tinham como infame e que a sua traição ia custar a vida aos mais ardentes apóstolos da independência canadense.

E, efetivamente, Walter Hodge, Francisco Clerc, Roberto Farran, considerados como os principais chefes da conspiração de Chambly, foram condenados à morte. No dia seguinte, 27 de setembro, depois de terem ainda uma vez mais feito apelo ao patriotismo de seus irmãos, morreram sobre o cadafalso.

Quanto aos outros acusados, entre os quais se achava o Sr. de Vaudreuil, ou porque parecessem menos comprometidos

ou porque o governo não quisesse ferir com a pena capital senão os chefes mais em evidência, condenados a prisão perpétua, não recuperaram a liberdade senão em 1829, quando foi proclamada uma amnistia em favor dos condenados políticos.

Que foi feito de Simão Morgaz depois da execução? Uma ordem de soltura permitiu-lhe deixar a prisão de Montreal, e apressou-se a desaparecer.

Mas uma reprovação universal ia pesar sobre o seu nome, e, conseqüentemente, ferir os desgraçados entes que não tinham culpa alguma da sua traição. Bridget Morgaz foi brutalmente expulsa da casa de Chambly, para onde se tinha retirado durante a instauração do processo. Teve de recolher os seus dois filhos, que, por sua vez, foram expulsos do colégio, como seu pai tinha sido expulso do banco dos réus do tribunal!

Onde tinha determinado Simão Morgaz ir ocultar a sua indigna existência, quando, alguns dias depois, sua mulher e seus filhos foram ter com ele? Numa povoação afastada, primeiramente, depois, fora do distrito de Montreal.

Contudo, Bridget não podia crer no crime de seu marido, nem Joann e João no crime de seu pai. Todos quatro se retiraram para a aldeia de Verchères, no condado deste nome, na margem direita do S. Lourenço. Esperavam não ser denunciados por nenhuma suspeita à animadversão pública. Estes infelizes viveram algum tempo dos recursos que lhes restavam, porque Simão Morgaz, embora tivesse recebido o preço da traição por intermédio da casa Rip, tinha o máximo cuidado em não se aproveitar desse dinheiro na presença de sua mulher e de seus filhos. Diante deles protestava sempre pela sua inocência, amaldiçoava a injustiça humana que pesava sobre sua família e sobre ele. Pois, se ele tivesse sido um traidor, não teria à sua disposição somas consideráveis? Estaria reduzido àqueles excessivos embaraços, enquanto não chegava a miséria que para ele se encaminhava a passos largos?

E Bridget Morgaz deixava-se convencer pela ideia de que seu marido não era culpado. Regozijava-se até daquela pobreza que clamava contra os seus acusadores. As aparências tinham sido contra ele... Não lhe consentiram que se explicasse... Tinha sido vítima de um horrível concurso de circunstâncias... Havia de justificar-se ainda... Era inocente!

Quanto aos dois filhos, talvez se tivesse podido observar alguma diferença nas suas relações com o chefe da família. O mais velho, Joann, conservou-se afastado, não se atrevendo a pensar no opróbrio para todo o sempre infligido ao nome de Morgaz. Os argumentos pró ou contra que se apresentavam ao seu espírito, repelia-os para não ter de os aprofundar.

Não queria ser juiz dos atos de seu pai, tanto temia que o seu julgamento fosse contra ele. Fechava os olhos, calava-se e afastava-se quando sua mãe e seu irmão discutiam a favor do acusado... Evidentemente, a infeliz criança temia encontrar criminoso o homem de quem era filho.

João, pelo contrário, portava-se de maneira diferente. Acreditava na inocência do cúmplice de Walter Hodge, de Farran e de Clerc, apesar de todas as presunções que se elevavam para o esmagar. Mais impetuoso do que Joann, menos senhor do seu raciocínio, deixava-se levar pelos seus instintos de afeição filial. Agarrava-se tenazmente a esse laço do sangue que a natureza torna tão difícil de quebrar. Por sua vontade iria defender seu pai publicamente. Quando ouvia o que se dizia a respeito de Simão Morgaz, sentia que o seu coração tinha ímpetos, e era preciso que sua mãe o contivesse para que não desabafasse. A desgraçada família viveu assim em Verchères, sob um nome suposto, na mais profunda miséria física e moral. E Deus sabe a que excessos a população daquela aldeia se teria entregado contra ela se por acaso se divulgasse o seu passado.

Assim pois, em todo o Canadá, tanto nas cidades como nas mais ínfimas aldeias, o nome de Simão Morgaz tinha-se tornado o mais infame dos qualificativos. Ligavam-no constantemente ao de Judas, e mais especialmente aos nomes de Black e de Denis de Vitré, já de há muito equivalentes da palavra «traidor» na língua franco-canadense.

Em 1759, esse Denis de Vitré, um francês, tivera a infâmia de pilotar a esquadra inglesa em frente de Quebeque e de arrancar esta capital à França! Em 1797 esse Black, um inglês, tinha entregue o proscrito que confiara nele, o americano Mac Lane, implicado nos projetos insurreccionais dos Canadenses! E este generoso patriota fora enforcado, depois do que cortaram a cabeça ao cadáver, arrancando-lhe também as entranhas e queimando-lhas!

E, agora, o que se tinha dito de Black e de Vitré dizia-se de Simão Morgaz, três nomes votados à execração pública.

Contudo, em Verchères a população não tardou em andar inquieta à vista daquela família, não só por não lhe conhecer a origem, como também pela vida misteriosa e pelo incógnito em que se encerrava; e não tardou tempo que não começassem a aglomerar-se suspeitas contra ela. Uma noite, o nome de Black foi escrito na porta da casa de Simão Morgaz.

No dia seguinte, sua mulher, seus dois filhos e ele abandonaram Verchères. Depois de terem atravessado o S. Lourenço, foram estabelecer-se durante alguns dias nas aldeias da margem esquerda, que abandonavam umas por outras, sucessivamente, à medida que as atenções se iam fixando neles. Não eram mais que uma família errante, à qual estava ligada reprovação universal. Dir-se-ia que a vingança, com um facho inflamado na mão, a perseguia como, nas lendas bíblicas, perseguiu o matador de Abel. Simão Morgaz e os seus, não podendo fixar-se em parte alguma, atravessaram os condados de Assunção, de Terrebonne, das Duas Montanhas, de Vaudreuil, encaminhando-se para leste, para o lado das paróquias menos habitadas, mas onde, mais tarde ou mais cedo, o seu nome lhes seria lançado em rosto.

Dois meses depois do julgamento de 27 de setembro, o pai, a mãe, João e Joann tinham fugido até aos territórios de Ontário. De Kingston, onde foram reconhecidos na estalagem que lhes dera asilo, tiveram de sair no mesmo momento. Simão Morgaz apenas teve tempo para fugir durante a noite. Em vão Bridget e João quiseram defendê-lo! E foi a muito custo que eles próprios se livraram das violências, e Joann quase ficou morto protegendo a retirada.

Todos quatro se juntaram na margem a algumas milhas para lá de Kingston. Resolveram então seguir a margem setentrional, a fim de entrarem nos Estados Unidos, visto não lhes ser possível encontrar refúgio mesmo no Alto Canadá, que estava ainda liberto das ideias reformistas. E, contudo, não seria igual o acolhimento que deviam esperar do outro lado da fronteira, nesse país onde se execrava a traição de Black para com um cidadão da federação americana?

Mais valia procurar alguma terra desconhecida, fixarem-se no meio de uma tribo índia, onde o nome de Simão Morgaz talvez ainda não tivesse chegado. Em vão! O miserável era repellido de toda a parte. Por toda a parte o reconheciam, como se levasse na frente um estigma infamante que o indicasse à vindicta universal.

Estava-se no fim de novembro. Que vida horrível, logo que foi necessário afrontar esses maus tempos, esse vento glacial, esses frios rigorosos, que acompanham o inverno na zona dos lagos! Quando atravessavam algum povoado, os filhos iam comprar provisões, enquanto o pai dava voltas por fora. Dormiam, quando podiam, no canto de alguma cabana abandonada, e quando não, nas anfractuosidades das rochas ou debaixo das árvores dessas intermináveis florestas que cobrem o território.

Simão Morgaz tornava-se cada vez mais sombrio e rude. Não cessava de se desculpar na presença dos seus, como se um invisível acusador, encarniado em segui-lo, lhe gritasse constantemente: — Traidor! Traidor! — E agora parecia que já se não atrevia a olhar de frente para sua mulher e seus filhos. Bridget confortava-o como podia com palavras afetuosas, e, se Joann continuava a guardar silêncio, João não se cansava de protestar.

— Pai! Pai!... — repetia ele — não te deixes sucumbir! O tempo há de vingar-te dos caluniadores! há de reconhecer o engano... e que apenas és vítima das aparências! Tu, meu pai, teres traído os teus companheiros, vendido o teu país!

— Nunca! Nunca! — respondia Simão Morgaz, mas com voz tão fraca que custava a ouvir.

A família, errando de aldeia em aldeia, chegou até à extremidade ocidental do lago, a algumas milhas da fortaleza de Toronto. Contornando o litoral, bastava-lhe descer até à ribeira do Niágara, atravessá-la no sítio em que ela se lança no lago para se achar por fim na margem americana.

Era ali que Simão Morgaz tencionava parar? Não valeria mais a pena, pelo contrário, entranhar-se mais para oeste, a fim de chegar a uma região tão longínqua onde o conhecimento da sua infâmia ainda não tivesse podido chegar?

Mas que lugar procurava ele? Nem a mulher nem os filhos o podiam saber, porque ele caminhava sempre na frente e eles não faziam senão segui-lo.

No dia 3 de dezembro, pela noitinha, estes infelizes, extenuados pela fadiga e pela fome, pararam numa caverna, meio obstruída de ramos secos e palhas — sem dúvida fojo de fera naquela ocasião abandonado. As poucas provisões que lhes restavam foram postas no chão. Bridget sucumbia ao peso do cansaço físico e moral. Custasse o que custasse,urgia que a

família Morgaz, no mais próximo aldeamento, obtivesse de qualquer tribo indígena um dia dessa hospitalidade que os Canadenses lhe recusavam sem dó.

Joann e João, torturados pela fome, comeram um bocado de caça fria. Mas nessa noite nem Simão nem Bridget quiseram comer coisa alguma.

— Pai, olha que precisas refazer as tuas forças! — lembrou João.

Simão Morgaz não respondeu.

— Meu pai — disse então Joann, e foi esta a primeira vez que ele lhe dirigiu a palavra desde que tinham saído de Chambly —, meu pai, é-nos impossível ir mais além. Nossa mãe não resistiria a novas fadigas! Estamos perto da fronteira americana! Tenciona passar para lá?

Simão Morgaz olhou para seu filho mais velho e os seus olhos abaixaram-se quase ao mesmo tempo. Joann insistiu.

— Veja em que estado se acha nossa mãe! — continuou ele. — Não pode fazer um único movimento! O torpor que a domina vai-lhe roubar a pouca energia que lhe resta! Amanhã, ser-lhe-á impossível levantar-se! Sem dúvida eu e meu irmão a levaremos! Mas, uma vez por todas, é preciso que saibamos aonde, meu pai, quer ir, e que não seja longe! Que decide?

Simão Morgaz não respondeu. Deixou pender a cabeça e retirou-se para o fundo da caverna.

A noite tinha chegado. Ruído algum perturbava aquela solidão. Espessas nuvens cobriam o céu e ameaçavam fundir-se num nevoeiro uniforme. Nem um sopro atravessava a atmosfera. Alguns urros afastados quebravam apenas o silêncio deste deserto. Uma neve sombria e densa começava a cair. Como o frio era mordente, João ajuntou alguns cavacos secos, com que fez uma fogueira num canto perto da entrada, a fim de que o fumo pudesse encontrar uma saída para fora.

Bridget, estendida numa cama de ervas que Joann tinha ido buscar, continuava imóvel. A pouca vida que lhe restava apenas se traía por uma respiração dificultosa, entrecortada de longos e dolorosos suspiros. Enquanto Joann lhe segurava nas mãos, João ocupava-se a aviventar o fogo, a fim de manter a temperatura num grau suportável.

Simão Morgaz, agachado ao fundo, meio deitado, numa postura de desespero, como se tivesse horror de si próprio, não fazia um único movimento, vendo-se aos reflexos da chama o seu rosto congestionado.

Depois a chama da fogueira foi diminuindo pouco a pouco, e João sentiu que, com pesar seu, se lhe fechavam os olhos.

Quantas horas ficou naquela modorra? Não saberia dizê-lo. Mas quando despertou viu que os derradeiros carvões iam extinguir-se.

Então levantou-se, deitou um braçado de ramos no fogo, que ateou assoprando-o, e a caverna iluminou-se. Bridget e Joann, um junto do outro, conservaram a mesma imobilidade. Quanto a Simão Morgaz, não estava lá. Porque teria ele abandonado o sítio onde repousavam sua mulher e seus filhos?

João, sobressaltado por um terrível pressentimento, ia a sair da caverna quando soou uma detonação.

Bridget e Joann levantaram-se bruscamente. Ambos tinham ouvido o tiro, que fora disparado a curta distância.

Bridget soltou um grito de terror, levantou-se, e, arrastada pelos seus filhos, saiu da caverna.

Bridget, Joann e João ainda não tinham dado vinte passos quando viram um corpo estendido sobre a neve.

Era o corpo de Simão Morgaz. O miserável acabava de disparar um tiro de pistola no coração.

Estava morto.

Joann e João ficaram aterrados. O passado ergueu-se na sua frente! Era então verdade que seu pai era culpado?

Ou, então, numa crise de desespero teria ele querido acabar com a existência, tão dura de suportar?

Bridget lançou-se sobre a corpo de seu marido. Apertou-o nos seus braços... Ainda assim, não podia crer na infâmia do homem cujo nome usava.

Joann levantou sua mãe e reconduziu-a para a caverna, onde seu irmão e ele voltaram a depor o cadáver de seu pai no lugar que ocupara horas antes.

Da algibeira do morto saiu então uma carteira. Joann levantou-a, e, quando a abriu, caiu no chão um maço de notas do banco.

Era o preço pelo qual Simão Morgaz tinha entregado os chefes da conspiração de Chambly! Nem a mãe nem os filhos podiam continuar a duvidar!

Joann e João ajoelharam-se diante de Bridget.

E então, na frente do cadáver do traidor que se tinha feito justiça, não havia senão uma família infamada, cujo nome ia desaparecer com aquele que o tinha desonrado.

Capítulo 3 — O Tabelaio Nick

Não era sem graves motivos que o governador-geral, *sir* John Colborne, o ministro da Justiça e o coronel Gore tinham conferenciado no Palácio de Quebeque para combinarem as medidas a tomar no intento de reprimirem as tentativas dos patriotas. Efetivamente, uma temível insurreição ia, a curto prazo, sublevar a população de origem franco-canadense.

Mas se *lord* Gosford e os que o cercavam se preocupavam com razão, quem parece pouco se importava com esses graves casos era um rapazote que, na manhã de 3 de setembro, copiava à rasa no escritório do tabelaio Nick, na Praça do Mercado do Bom Socorro, em Montreal.

«Copiar à rasa» não era talvez a expressão que convinha ao absorvente trabalho ao qual o segundo escrevente, Leonel Restigouche, se entregava naquele momento — nove horas da manhã. Uma coluna de linhas desiguais e de letra miúda se alongava numa bela folha de papel azulado, que em nada se parecia com o rude pergaminho dos autos. Por instantes, quando a mão de Leonel parava para fixar qualquer ideia, indecisa, os seus olhos iam vagamente, através da janela entreaberta, fixar-se na coluna ereta na Praça de Jacques Cartier, em honra do almirante Nelson. As pupilas iluminavam-se-lhe então, e a pena recomeçava a correr, enquanto ele balouçava ligeiramente a cabeça, como se batesse o compasso sob a ação de um ritmo regular.

Leonel contava apenas dezassete anos. A sua fisionomia, ainda quase feminina, de tipo muito francês, era encantadora, com os seus cabelos louros, um tanto compridos, e os olhos azuis como as águas dos lagos canadenses. Se já não tinha pai nem mãe, podia-se afirmar que seu patrão Nick lhe servia tanto de um como de outro, porque este estimável notário gostava dele como se fosse seu filho.

Leonel estava só no escritório. Àquela hora ninguém, nem um único dos outros escreventes, então ocupados em serviços por fora, nem sequer um cliente, embora o escritório do Sr. Nick fosse um dos mais frequentados da cidade. Portanto, Leonel, julgando-se seguro de que ninguém o incomodaria, achava-se à sua vontade e acabava de escrever o seu nome num parágrafo mirífico, por debaixo da última linha traçada no fim da página, quando ouviu dizer:

— Olá! Então o que fazes tu aí?

Era o Sr. Nick, que o escrevente não tinha visto entrar, de tal sorte se achava absorvido pelo seu trabalho de contrabando.

O primeiro movimento de Leonel foi de abrir uma pasta para esconder o papel em questão; mas o notário deitou rapidamente a mão à folha suspeita, mau grado de Leonel, que procurava reavê-la.

— Então que é isto, Leonel? — perguntou ele. — É minuta, escritura ou cópia de contrato?

— Sr. Nick, acredite que...

O notário tinha posto os óculos e, franzindo o sobrolho, percorria a página, completamente estupefacto.

— Que vejo! — exclamou ele. — Linhas que não são do mesmo tamanho? Vazios de um lado! Espaços em branco do outro! Que de boa tinta perdida e de bom papel estragado em margens inúteis!

— Sr. Nick — respondeu Leonel, fazendo-se vermelho até à raiz dos cabelos. — Isso veio-me... ao acaso.

— Que é que te veio ao acaso?

— Esses versos...

— Versos! Pois tu agora fazes versos? Pois já a prosa não serve para minutar uma procuração?

— Mas, com sua licença, não se trata de procurações!

— De que se trata, então?

— De uma obra poética que compus para o concurso da Lira de Amizade.

— A Lira de Amizade — gritou o notário. — Pois meteu-se-te na cabeça que é para figurar nos concursos da Lira ou de outra qualquer sociedade parnasiana que eu te admiti no escritório? Por certo não foi para te entregares aos ardores

versejantes que eu fiz de ti o meu segundo escrevente. Mais valia passares o teu tempo remando sobre as águas do S. Lourenço, e passeando o teu dandismo nas alamedas do Mont-Royal ou do Parque de Santa Helena! Não faltava mais nada do que um poeta no tabelionato! Uma cabeça de escriba à rasa no meio de um resplendor! Era quanto bastava para pôr a freguesia a andar!

— Não se zangue, Sr. Nick! —olveu Leonel, em tom de quem pede misericórdia. — Se soubesse quanto a poesia se casa bem com a nossa língua francesa! Como nobremente se presta ao ritmo, à cadência, à harmonia... Os nossos poetas, Lamay, Elzéar, Labelle, Francisco Mons, Chapemann, Octave Crémazie...

— Os Srs. Crémazie, Chapemann, Mons, Labelle, Lamay não exerciam as importantes funções de segundo escrevente, que eu saiba! Não recebiam, sem contar cama e mesa, seis piastras por mês —ajuntou Nick. — Não tinham de redigir contratos de venda ou testamentos, e portanto podiam pindarizar como lhes desse na cabeça!

— Mas... por esta vez.

— Vá lá! Então por esta vez quiseste apanhar o prémio da Lira?

— Tive essa louca presunção!

— E pode saber-se qual é o assunto da tua poesia? Por certo alguma evocação ditirâmbica a Tabeliõnope, a musa do Perfeito Notário?

— Oh! — disse Leonel, protestando com um gesto.

— Como se chama, no fim de contas, essa geringonça rimada?

— O *Fogo-Fátuo*!

— O *Fogo-Fátuo*? — exclamou Nick. — Pois tu fazes versos aos fogos-fátuos?

E, sem dúvida, o tabelião ia tomar o partido dos *djinns*, dos elfos, dos duendes, das ondinas, dos cúcufas e de todas as poéticas figuras da mitologia escandinava quando o correio bateu à porta e apareceu no limiar.

— Ah! É você, meu amigo — disse Nick. — Ia-o tomando por um fogo-fátuo.

— Um fogo-fátuo, Sr. Nick? — estranhou o correio. — Dar-se-á o caso que eu me pareça...

— Oh, por certo que não! Parece-se até com um correio que me vem trazer uma carta.

— Ei-la.

— Obrigado!

O correio retirou-se no momento em que o notário, tendo olhado para o endereço da carta, a abria apressadamente.

Leonel pôde então retomar a sua folha de papel e metê-la na algibeira.

O tabelião leu a carta com extrema atenção; depois, voltou a folha para examinar a data do carimbo do sobrescrito. O carimbo era o do correio de S. Carlos, pequena povoação do condado de Verchères, e a data de 2 de setembro, isto é, era da véspera. Depois de ter refletido durante alguns instantes, Nick voltou à sua filípica contra os poetas.

— Visto isso, tu sacrificas às musas? Pois, para teu castigo, vais acompanhar-me a Laval, e terás tempo pelo caminho de alinhar a versalhada!

— Alinhar?

— Devemos partir daqui a uma hora, e, se encontrarmos fogos-fátuos pelo caminho, podes fazer-lhes os teus cumprimentos em versos mais ou menos curtos!

Dito isto, o notário passou para o seu quarto, enquanto Leonel se preparava para esta pequena viagem que de certa maneira não lhe desagradava. Quem sabe se não conseguiria trazer seu patrão a ideias mais justas sobre a poesia em geral e sobre os filhos de Apoio em particular, muito embora sejam escreventes de tabelião.

No fundo, Nick era um excelente homem, muito apreciado pela segurança da opinião e importância dos conselhos. Tinha, então, cinquenta anos. A sua fisionomia insinuante, o seu rosto largo e irradiante, que se expandia no meio das volutas de uma cabeleira encaracolada, de um belo negro outrora, agora grisalha, seus olhos vivos e alegres, sua boca de magníficos dentes, de lábios risonhos, suas maneiras amáveis, enfim um belo humor comunicativo, faziam com que de todo este conjunto

resultasse uma individualidade singularmente simpática. Sinal particular para não esquecer: sob a pele trigueira de Nick, diremos mesmo acobreada, adivinhava-se o sangue índio que lhe corria nas veias.

E assim era, e ele também não o ocultava. Descendia das mais velhas famílias do país, daquelas que possuíam o solo antes que os Europeus tivessem atravessado o oceano para o conquistar. Nessa época realizaram-se bastantes casamentos entre a raça francesa e a raça indígena. Os S. Castin, os Enaud, os Népisigny, os de Entremont e outros ali constituíram família e chegaram a soberanos de tribos selvagens.

Portanto, Nick era hurão pelos seus avós. Quer dizer que descendia de uma das quatro grandes famílias do ramo índio. Embora pudesse usar do nome retumbante de Nicolau Sagamoro, era vulgarmente conhecido por Nick; e com tal se contentava, não valendo menos por isso.

O que se sabia, além disto, é que a sua raça não estava extinta. Efetivamente, um de seus inumeráveis primos, chefe dos Peles-Vermelhas, reinava sobre uma tribo de hurões, estabelecida ao norte do condado de Laprairie, a oeste do distrito de Montreal.

E não é para admirar se esta particularidade ainda hoje se encontra no Canadá. Ultimamente Quebeque possuía um honrado tabelião que, por seu nascimento, teria tido o direito de brandir o *tomahawk* e de dar o grito de guerra à frente de um bando de iroqueses. Felizmente, Nick não pertencia a essa tribo de índios pérfidos, que na maior parte das vezes se aliaram aos opressores. Se tal fosse, ter-se-ia cuidadosamente ocultado. Não! Filho dos Hurões, cuja amizade foi desde muito cedo conquistada pelos Franco-Canadenses, não tinha de que corar. Por isso, Leonel orgulhava-se de possuir um tal patrão, descendente incontestado dos grandes chefes da América do Norte, e apenas espreitava a ocasião de poder celebrar os seus altos feitos em versos não menos altos.

Em Montreal, Nick tinha constantemente conservado uma prudente neutralidade entre os dois partidos políticos, visto que não era de origem nem franco-canadense nem anglo-americana. Portanto, era geralmente estimado, todos recorriam aos seus favores, que não costumava regatear. Devia-se, porém, crer que os instintos atávicos se tinham modificado nele, porque, até então, nunca tinha sentido despertarem-se as veleidades guerreiras da sua raça. Não era mais do que tabelião — um perfeito tabelião, plácido e conciliador. Além disso, parecia que não tinha sentido o desejo de perpetuar o nome dos Sagamoros, porque não tinha tomado mulher e não pensava em tal.

Ora, como se disse mais acima, Nick preparava-se para sair do escritório em companhia do seu segundo escrevente. Seria apenas uma saída de algumas horas, e tanto que a velha criada Dolly devia esperá-lo para o jantar.

A cidade de Montreal está edificada na costa meridional de uma das ilhas do S. Lourenço. Esta ilha, com umas dez a onze léguas de comprimento por cinco ou seis de largo, ocupa um vastíssimo estuário formado por um alargamento do rio, um pouco a jusante da ribeira Outaouais. Foi neste lugar que Jacques Cartier descobriu a aldeia índia de Hochelaga, que, em 1640, foi concedida pelo rei da França à congregação de S. Sulpício. A cidade, tomando o seu nome do Monte Real que a domina, numa posição muito favorável ao desenvolvimento do seu comércio, contava já em 1760 mais de seis mil habitantes. Estende-se no sopé da colina pitoresca, que converteu em magnífico parque, que partilha, com outro parque formado no ilhéu de Santa Helena, a vantagem de atrair grande número de passeantes montrealenses. Uma soberba ponte tubular, de três quilómetros de extensão, que ainda não existia em 1837, liga-a hoje à margem direita do rio.

Montreal converteu-se numa grande cidade, de aspeto mais moderno que Quebeque, e por isso mesmo menos pitoresco. Podem-se ali visitar, até com um certo interesse, as duas catedrais anglicana e católica, o banco, a Bolsa, o hospital geral, o teatro, o Convento de Nossa Senhora, a universidade protestante de Mac Gill e o seminário de S. Sulpício. Não é suficientemente vasta para os cento e quarenta mil habitantes que hoje possui e nos quais o elemento saxónio apenas figura por um terço — proporção elevada, contudo, se se comparar com a de outras cidades canadenses.

A oeste estende-se o bairro inglês ou escocês — os que os velhos do país chamavam «os saias-curtas» —, a leste o bairro francês. As duas raças misturam-se tanto menos quanto tudo que diz respeito ao comércio, à indústria e às finanças — principalmente por 1837 — estava unicamente concentrado nas mãos de banqueiros, industriais e comerciantes de origem

britânica. A magnífica via fluvial do S. Lourenço assegura a prosperidade desta cidade, que ela põe em comunicação não só com os condados do Canadá, mas também com a Europa, sempre que seja necessário ir carregar a Nova Iorque em proveito dos paquetes do Velho Mundo.

A exemplo dos ricos negociantes de Londres, os de Montreal costumam separar a habitação da casa comercial.

Acabados os negócios, retiram-se para os bairros do Norte, para as encostas de Montreal e para a avenida circular que cinge a sua base. Ali se acham edificadas as casas particulares, algumas das quais têm aparência de palácios, e as quintas cercadas de verdura. Fora deste bairro opulento, os irlandeses vivem, por assim dizer, confinados no seu *ghetto* de Sant'Ana, na foz do canal de Lachine, na margem esquerda do S. Lourenço.

O amigo Nick possuía bons haveres. Como todos os outros notários comerciais, ele podia muito bem retirar-se todas as tardes para uma das habitações aristocráticas da cidade alta, sob as sombras espessas de Santo António.

Mas ele era um desses notários de velha raça, cujo horizonte é limitado pelas paredes do seu escritório, passando o dia e a noite de guarda aos contratos, procurações, minutas e títulos de família confiados aos seus cuidados. O descendente dos Sagamoras morava na cidade, na antiga casa da Praça do Mercado do Bom Socorro. Foi dali que, na manhã de 3 de setembro, ele saiu para ir tomar o carro que fazia o serviço entre a ilha de Montreal e a de Jesus, separadas por um dos braços intermediários do S. Lourenço.

Primeiramente, Nick foi ao banco, seguindo pelas largas ruas, marginadas de ricos estabelecimentos e cuidadosamente conservadas pela municipalidade. Tendo chegado em frente do palácio do banco, ordenou a Leonel que o esperasse no vestíbulo e dirigiu-se à caixa central, de onde voltou ao fim de um quarto de hora, encaminhando-se para a estação das diligências.

Esta diligência era um desses carros puxados a duas parelhas que em idioma canadense se chamam *buggies*. Estas espécies de *char-à-bancs*, suspensos em molas, talvez pouco macias, mas em compensação muito sólidas, são expressamente construídos para resistir à aspereza das estradas. Podem transportar meia dúzia de viajantes.

— Por cá hoje, Sr. Nick? — gritou o cocheiro mal viu o tabelião, que por toda a parte por onde ia era acolhido com uma exclamação cordial.

— Em carne e osso e na companhia do meu ajudante! — respondeu Nick no tom do bom humor que lhe era habitual.

— E vai bem de saúde?

— Perfeitamente, e outro tanto te desejo... Sendo assim, Tom, por certo te não arruínas com remédios!

— Nem com os médicos — respondeu Tom.

— Temos ainda demora?

— Vamos partir quanto antes.

— Temos mais passageiros?

— Por enquanto mais ninguém, mas podem chegar no momento da partida.

— Oxalá! Deus o queira! Gosto de parolar durante a viagem, e para conversar já observei que é indispensável não se estar só.

Parecia, porém, que os desejos do Sr. Nick não seriam satisfeitos desta vez. Os cavalos estavam atrelados, Tom fazia estalar o chicote, e não se via chegar nenhum passageiro.

O notário tomou assento no banco do fundo, vindo logo em seguida Leonel sentar-se a seu lado. Tom deitou uma última visada pela rua, de cima a baixo, depois subiu para a almofada, tomou as rédeas e assobiou aos animais, e a ruidosa caranguejola moveu-se na ocasião em que alguns indivíduos que passavam e que conheciam Nick — e quem não conhecia este excelente homem! — lhe desejavam boa viagem, e aos quais ele correspondia com um adeus de mão.

O carro subiu para os bairros altos, na direção de Montreal. O notário olhava para um e outro lado com tanta ou mais atenção do que o cocheiro — embora por diferente motivo. Mas parecia escrito que ninguém, naquela manhã, tinha precisão de se fazer transportar para o norte da ilha, nem de dar a réplica ao bom Nick. É verdade! Nem um único companheiro de

viagem, e, portanto, o carrão, tendo chegado à avenida circular, ainda deserta àquela hora, entrou nela a trote.

Neste momento aproximou-se um sujeito e fez sinal ao cocheiro que parasse.

— Há lugar para um? — perguntou ele.

— Para um ou três que fossem — respondeu Tom, acentuando a resposta à maneira canadense².

O viajante entrou e sentou-se em frente de Leonel, depois de ter cumprimentado Nick e o seu escrevente. O carrão continuou o caminho a trote curto, e alguns minutos depois, na volta de Montreal, desapareceram os tetos de ferro estanhado da cidade, que resplandeciam ao sol como se fossem espelhos de prata.

O notário não tinha visto sem um secreto prazer entrar para o carro o novo passageiro. Podia ao menos conversar durante as quatro léguas que separam Montreal do braço superior do S. Lourenço. Mas não parecia que o viajante estivesse resolvido a envolver-se em conversas. Tinha encarado os dois. Depois, aconchegara-se no seu canto, com os olhos meio cerrados, como que absorvido em sérias reflexões.

Era um rapaz dos seus vinte e nove anos. Alto, de fisionomia enérgica, corpo vigoroso, olhar firme, feições viris, fronte alta, enquadrada em cabelos negros, o verdadeiro tipo da raça franco-canadense. Quem era? De onde vinha? Nick, que conhecia toda a gente, não o conhecia, nunca o tinha visto. Contudo, quem o examinasse atentamente veria que esse rapaz, tão pouco adiantado na vida, devia ter passado pelas mais rudes provas e ter-se feito homem na escola da desgraça.

Que ele pertencia ao partido que lutava pela independência nacional adivinhava-se logo pelo seu trajar. Vestido aproximadamente como esses intrépidos aventureiros aos quais ainda se dá o nome de «corredores dos matos», trazia na cabeça a *tuque* azul, e o vestuário — um casaco largo cruzado no peito, calções de um tecido grosseiro e pardacento apertados na cintura por uma cinta vermelha — era todo de tecidos do país.

Não nos devemos esquecer que o uso destes tecidos indígenas equivalia a um protesto político, visto excluïrem todas as manufaturas importadas da Inglaterra. Era uma das mil maneiras de afrontar a autoridade metropolitana, tanto mais que o exemplo já lá vinha de longe.

Efetivamente, cento e cinquenta anos antes, os habitantes de Boston não tinham proscrito o uso do chá por ódio à Grã-Bretanha? Quanto a Nick, na sua qualidade de neutro, usava calça de proveniência canadense e um casaco de origem inglesa. Mas no vestuário patriótico de Leonel não entrava um único fio que fosse tecido para lá do Atlântico.

O carro ia rodando rapidamente pelo chão, cheio de altos e baixos, das planícies que se desdobram através da ilha de Montreal até ao curso intermediário do S. Lourenço. Mas como o tempo parecia longo a Nick, de seu natural extremo falador! Ora, como o passageiro entrado não parecia disposto a tomar a palavra, teve de aproveitar-se de Leonel, na esperança de que o companheiro de viagem acabaria por tomar parte na conversa.

— Então esse *fogo-fátuo*, Leonel? — disse ele.

— O *fogo-fátuo*...? — repetiu o escrevente.

— Tenho-me farto de olhar para fora e ainda não consegui lobrigá-lo.

— É porque é já muito dia, Sr. Nick — replicou Leonel, firmemente decidido a responder no mesmo tom de brincadeira.

— Quem sabe se cantando a velha trova de outrora:

Compadre, duende, amigo!

Alegre, vem ter comigo!

— Mas qual, o compadre não está resolvido a responder!

— A propósito, tu sabes como a gente se vê livre dos fogos-fátuos?

— É claro. Basta perguntar-lhes a quantos de dezembro é o Natal, e, como eles o não sabem, a gente tem tempo de se safar enquanto procuram a resposta.

— Vejo que estás ao corrente das tradições. E se enquanto não vem ter connosco algum daqueles que nos hão de

embargar o passo nós falássemos desse que tu meteste na algibeira?

Leonel corou levemente.

— Pois quer?

— Quero sim! Sempre nos fará passar um ou dois quartos de hora.

Depois, o notário, dirigindo-se ao companheiro de carro, perguntou-lhe sorrindo:

— Incomodam-no os versos?

— De maneira alguma! — respondeu o passageiro.

— Trata-se de uma poesia que o meu escrevente fabricou para o concurso da Lira de Amizade. Estes sujeitinhos não se arreceiam de nada! Vamos lá, experimenta a tua peça, como dizem os artilheiros!

Leonel, satisfeito por ter um ouvinte, talvez mais indulgente que seu patrão, tirou da algibeira a folha de papel azulado e leu:

O FOGO-FÁTUO

Este fogo caprichoso,
Que ninguém pode alcançar,
Que no escuro silencioso
Da noite vemos brilhar,
Não deixando um só vestígio
Sobre a terra ou sobre o mar,
Cujo brilho é tão incerto,
Ora branco, ora arroxado,
Do que é feito estou bem certo
Que seria observado,
Se fosse acaso possível
Ser por alguém apagado.

— Pois agarra-o e mete-o numa gaiola! Continua, Leonel.

Que é hidrogénio da terra,
Dizem uns. Não acredito;
Antes creio que não erra
Quem disser que esse esquisito
Fogo voa para nós
Das entranhas do Infinito...

— Isso é lá contigo, meu rapaz — interrompeu Nick com um gesto de cabeça. — É lá negócio teu!
Leonel continuou:

Será o suspiro brando
De algum génio mau ou bom
Que vai pelos campos brilhando,
E que tem o estranho dom

De extinguir-se ao ver o sol
Radioso despontando?

Poderá ser a lanterna
De um grande espectro que vem
Sentar-se em cima da eterna
Esmagadora, e a quem
A meiga lua sorri
Nos horizontes de além?

Não será a alma brilhante
De uma louca, a procurar
Fora do mundo aviltante
A felicidade sem par,
E que anda como a ceifeira
Sem campos para ceifar?

— Muito bem! — aplaudiu Nick. — Mas já acabaste as comparações descritivas?

— Oh! Ainda não!

E prosseguiu assim:

Efeito simples, talvez,
De miragem, produzido
Pelo ar sem limpidez
No horizonte escurecido,
Ou quem sabe se de um raio,
Algum fragmento perdido?

Não será resplendor
De qualquer aerólito
Com solidez e vigor
Ao tombar do Infinito,
E do qual nada mais resta
De que o tremente palor?

E quem nos diz que não seja
De alguma aurora polar
Um feixe de luz que esteja
Misterioso a brilhar,
Qual borboleta noturna,
Que pelos campos adeja?

— Que diz a toda esta trapalhada do meu trovador? — perguntou Nick ao viajante.

— Digo que o seu escrevente tem imaginação, e estou curioso de saber a que mais ele pode comparar o fogo-fátuo.

— Anda lá para diante, Leonel.

Leonel, que tinha corado ao cumprimento do companheiro de viagem, continuou com voz mais vibrante:

E porque não a bandeira,
Que da noite o anjo arvora
Em homenagem fagueira
Aos defuntos, naquela hora
Em que estão dormindo os vivos,
Após do dia a canseira?

— Brrr... — fez Nick.

E não será um aviso,
O sinal convencionado,
Que, num momento preciso,
P'la terra seja enviado
Das trevas ao firmamento,
Como se fosse um sorriso,

Indicando com piedade
As almas que andam perdidas,
Errantes na infinidade
Do espaço, as avenidas
Que conduzem às celestes
Entradas da Imensidade?

— Muito bem, poeta! — aprovou o viajante.

— Não é mau, não, senhor — ajuntou Nick. — Onde diabo foste tu buscar todas essas coisas! Acabou, não é assim?

— Ainda não — respondeu Leonel, que prosseguiu com voz cada vez mais acentuada:

Mas, donzela, se é o amor
Que dele faz seu brinquedo,
Não te chegues, meiga flor,
Deixa-o só em tal folguedo,
Porque o fogo que além vês
Brilha sim, mas sem calor...

— Ora apanhem, meninas, esse pião à unha! — exclamou Nick. — Eu já estava admirado de não ver entrar o amor em cena nestas brincadeiras anacreônicas! No fim de contas, está na idade própria! E que tal acha?

— Efetivamente — respondeu o viajante —, imagino que...

Subitamente interrompeu-se à vista de um grupo de homens, postados no talude da estrada, um dos quais fez sinal ao cocheiro para que parasse.

Ele susteve os animais e os homens aproximaram-se da carruagem.

— É o Sr. Nick, não é? — disse um daqueles indivíduos, descobrindo-se delicadamente.

— E é o Sr. Rip! — respondeu o notário, que ajuntou em voz baixa:

— Diabo! Cautela!

Felizmente, nem Nick, nem o seu escrevente, nem o chefe da agência notaram a transformação que se operou na fisionomia do desconhecido assim que ouviu pronunciar o nome de Rip.

O rosto tornou-se-lhe pálido, não da palidez do medo, mas da que é suscitada por um invencível horror. Visivelmente, teve ideias de se lançar àquele homem... Mas, tendo voltado a cabeça, conseguiu ficar senhor de si.

— Vai então a caminho de Laval, Sr. notário? — perguntou Rip.

— É como diz, Sr. Rip. Vou tratar de negócios que me demorarão por algumas horas! Mas espero estar ainda de volta antes da noite.

— Isso é lá consigo.

— Mas o que faz o senhor por aqui com essa gente? — perguntou Nick. — Sempre a postos por conta do governo! Já prendeu alguns malfeitores? Mas quantos mais se enforcam mais nascem, como as ervas daninhas! Era muito melhor que fossem gente de bem.

— É como diz, mas falta-lhes a vocação!

— A vocação! Sempre chalaceador, amigo Rip! Diga cá, anda na pista de algum criminoso?

— Criminoso para uns, herói para outros —olveu Rip. — Depende do ponto de observação.

— Que quer dizer com isso?

— Que foi assinalada a presença desse famoso João-Sem-Nome...

— Bem sei, o famoso João-Sem-Nome de quem os patriotas, e não sem motivo, fizeram um herói! Mas parece que Sua Graciosa Majestade não é da mesma opinião, visto que o ministro Gilberto Argall lhe lançou o amigo Rip à perna.

— Assim é.

— E diz que foi visto em Montreal esse misterioso agitador?

— Pelo menos assim se pretende — respondeu Rip —, embora eu já comece a ter minhas dúvidas.

— Se veio, já se deve ter ido embora — replicou o tabelião —; ou se ainda aí está não é por muito tempo. João-Sem-Nome não é fácil de agarrar!

— Um verdadeiro fogo-fátuo — observou o viajante, dirigindo-se ao escrevente.

— Muito bem! Muito bem! — exclamou Nick. — Agradece, Leonel! E, a propósito, Sr. Rip, se por acaso encontrar no seu caminho um fogo-fátuo, veja se lhe dá voz de prisão e o traz ao meu escrevente! há de ser agradável a essa chama errante ver como é tratada por um discípulo de Apoio!

— Com todo o gosto — declarou Rip — faria a comissão se não tivesse de voltar para Montreal.

Depois, voltando-se para o mancebo:

— Este senhor acompanha-o?

— Somente até Laval — informou o desconhecido.

— Onde estou com pressa de chegar — ajuntou o notário. — Até à vista, Sr. Rip! Se me é impossível desejar que deite a mão ao João-Sem-Nome, o que seria um grande desgosto para os patriotas, ao menos desejo-lhe saúde e felicidades!

— E eu, boa viagem, Sr. Nick.

Os cavalos meteram de novo a trote.

Rip e os seus homens desapareceram na volta da estrada.

Alguns instantes depois o notário dizia ao seu companheiro, que se tinha atirado para um canto:

— Espero que João-Sem-Nome não se deixará filar! Há já tanto tempo que o procuram...

— E hão de continuar a procurar! — exclamou Leonel. — Até este maldito Rip perderá a sua fama de habilidade!

— Silêncio, Leonel! Isso não nos diz respeito.

— Esse João-Sem-Nome está por certo acostumado a desnortear a polícia? — perguntou o viajante..

— É como diz. Se se deixasse prender, seria uma grande perda para o Partido Franco-Canadense...

— Não lhe falta gente de ação, Sr. Nick, e um homem pouco vale.

— Não importa! — respondeu o notário. — Tenho ouvido dizer que seria uma grande perda! No fim de contas ocupo-me tanto de política como Leonel, e o melhor é mesmo não se falar mais nisso.

— Mas — continuou o viajante — fomos interrompidos no momento em que o seu companheiro se entregava à inspiração poética...

— Creio que já tinha acabado de se inspirar!

— Ainda não, Sr. Nick — respondeu Leonel, agradecendo com um sorriso ao seu benévolo ouvinte.

— Pois tu ainda não estás esfalfado? — exclamou o notário. — Temos um fogo-fátuo que tem sido silfo, duende, alma luminosa, miragem, relâmpago, bólido, raio, borboleta, alma brilhante, hidrogénio, e ainda não achas bastante? Que demónio mais pode ele ser?

— Tenho curiosidade de o saber! — disse o viajante.

— Nesse caso continua, Leonel, e acaba com isso, se é que tal nomenclatura pode ter fim!

Leonel, habituado às brincadeiras do Sr. Nick, não se estimulou e continuou:

Ou relâmpago ou suspiro,
Ou alma, desejaria
Ser por ti, em que me inspiro
Absorvido; saberia
Os mil segredos que encerras!
Ir contigo no teu giro,

Ou quando pousas, etéreo,
No cimo do arvoredos.
Ou quando vais, no mistério
Da solidão, em segredo,
Beijar de manso a brancura
Das pedras do cemitério!

— Lá isso é triste — murmurou o notário.

Ou quando vais docemente
Para o navio batido
P'lo vasto mar inclemente,
Pelo vento desabrido,
Pairando como se fosses
Uma gaiivota luzente!

Tal união que reclama
O meu desejo, imagino
Seria pura, sem lama...

Assim quisesse o destino
Dar-me em ti a vida e a morte,
Fogo-fátuo, doida chama!

— Assim mesmo! — exclamou Nick. — Quadra-me esse final, que se pode cantar:

Fogo-fátuo, Doida chama!
Que me diz cá ao poeta?

— Que lhe faço os meus sinceros cumprimentos e que lhe desejo que obtenha o prémio do concurso. Mas, quer tenha ou não o prémio, a verdade é que os seus versos nos fizeram passar alguns momentos agradáveis e que nunca viagem alguma me pareceu tão curta.

Leonel, extremamente lisonjeado, sorveu a taça dos louvores que lhe oferecia o viajante. No fundo, o velho Nick estava satisfeitíssimo pelos elogios dirigidos ao seu escrevente.

Entretanto, o carrão tinha andado bem; estavam batendo onze horas e já ele tinha chegado ao ramo setentrional do rio.

Nesta época já tinham feito a sua aparição no rio S. Lourenço os primeiros *steamboats*. Não eram nem grandes nem ligeiros, e faziam lembrar, pelas suas acanhadas dimensões, essas chalupas a vapor, as quais atualmente no Canadá se chamam *tug-boat* ou, mais vulgarmente, *toc*.

Em poucos minutos um *toc* transportou Nick, o seu escrevente e o viajante através do curso intermediário do rio, cujas águas esverdeadas se misturavam ainda com as águas negras da ribeira Outaouais.

Ali separaram-se, depois de muitos cumprimentos e apertos de mão de parte a parte. Em seguida, enquanto o viajante se dirigia diretamente para as ruas de Laval, Nick e Leonel, dando a volta à cidade, dirigiram-se para leste, para a ilha de Jesus.

Capítulo 4 — Na Quinta de Montcalm

A ilha de Jesus, reclinada entre os dois braços superiores do S. Lourenço, menos extensa do que a ilha de Montreal, contém um certo número de freguesias. Circunscreve no seu perímetro o condado de Laval — cujo nome pertence também à grande Universidade católica de Quebeque, em memória do primeiro bispado instituído no Canadá.

Laval é igualmente o nome da principal povoação da ilha de Jesus, situada na margem meridional. A casa do Sr. de Vaudreuil, embora fizesse parte desta paróquia, achava-se a uma légua dali descendo o curso do S. Lourenço.

Era uma casa de agradável aspeto, cercada por um parque que ocupava uns quarenta hectares, coberto de prados, de grandes matas, orlado pelo rio. Tanto pela sua disposição arquitetónica como pelos pormenores da sua ornamentação, contrastava com o estilo anglo-saxónico do pseudogótico, tanto do agrado dos Ingleses. Dominava ali o gosto francês, e, se não fosse o curso rápido e ruidoso do S. Lourenço que tumultuava a seus pés, podia pensar-se que a quinta de Montcalm — que assim se chamava — se estendia pelas margens do Loire, a algumas léguas de Chenonceaux ou de Amboise.

Tendo-se envolvido demasiadamente nas últimas insurreições reformistas do Canadá, o Sr. de Vaudreuil figurara na conspiração à qual a traição de Simão Morgaz tinha dado tão trágico desenlace, com a morte de Walter Hodge, Roberto Farran e Francisco Clerc e prisão de outros conjurados. Alguns anos depois, tendo uma amnistia restituído a liberdade àqueles, o Sr. de Vaudreuil voltou para a sua propriedade da ilha de Jesus.

A propriedade estava, pois, à beira do rio. Na corrente do fluxo e do refluxo banhavam-se os primeiros degraus do seu terraço anterior, abrigado por uma ligeira cobertura na frente da fachada da casa. À parte de trás, sob as sombras tranquilas do parque, a brisa do rio conservava uma frescura aérea, que tornava um pouco mais suportáveis os quentes dias do verão canadense. Para quem gostasse de caça ou de pesca, tinha ali em que se ocupar desde pela manhã até à noite. A caça abundava nos plainos da ilha, o peixe no fundo das quebradas do rio, ao qual as longínquas ondulações da cadeia dos Laurentinos faziam, sobre a margem esquerda, um largo emoldurado de verdura.

Ali, naquela zona constantemente francesa, os Franco-Canadenses consideravam-se como se vivessem ainda na Nova França. Os costumes continuavam a ser os do século XVII. Um autor inglês, Russel, disse com grande acerto e justiça: «O Baixo Canadá continua a ser uma velha França do tempo em que tremulava a bandeira das flores-de-lis.» Um autor francês, Eugénio Réveillard, escreveu: «É o campo de asilo do antigo regime. É uma Bretanha ou uma Vendeia de há sessenta anos que se prolonga para além do oceano. Neste continente da América o habitante conservou com cuidado ciumento os hábitos de espírito, as crenças ingénuas e as superstições dos pais.» E isto ainda hoje é exato, como é igualmente certo que a raça francesa se conservou muito pura no Canadá, sem mistura estrangeira.

De volta à sua propriedade em Montcalm, em 1829, o Sr. de Vaudreuil achou-se nas condições de viver felizmente. Muito embora a sua fortuna não fosse considerável, assegurava-lhe uma certa abastança, que poderia ter gozado tranquilamente se o seu patriotismo, sempre ardente, não o tivesse arremessado às agitações da política militante.

Na época em que começa esta história, o Sr. de Vaudreuil tinha quarenta e sete anos. Os seus cabelos grisalhos davam-lhe uma aparência de mais velho; mas o seu olhar vivo, os seus olhos de um azul-escuro de grande brilho, a sua estatura acima do ordinário, a sua robusta construção que lhe assegurava uma saúde a toda a prova, a sua fisionomia simpática e afável, faziam dele o tipo por excelência do fidalgo francês. Era um verdadeiro descendente dessa audaciosa nobreza que atravessou o Atlântico no século XVIII, o filho desses fundadores da mais bela das colónias do ultramar que a odiosa indiferença de Luís XV abandonou às exigências da Grã-Bretanha.

O Sr. de Vaudreuil estava viúvo havia uns doze anos. A morte de sua mulher, a quem amava profundamente, dei xou uma irreparável lacuna na sua existência. Toda a sua vida se concentrou então na sua única filha, na qual revivia alma enérgica e generosa de sua mãe.

Nessa época, Clary de Vaudreuil tinha vinte anos. A sua figura elegante, os seus cabelos fartos e qua se negros, os seus

grandes olhos ardentes, a cor pálida mas quente, as suas maneiras graves, faziam-na talvez mais bela que bonita, mais majestosa do que atraente, como certas heroínas de Fenimore Cooper. Habitualmente, conservava-se numa fria reserva, ou, para melhor dizer, toda a sua vida se concentrava no único amor que ela até então tinha sentido — o amor da terra natal.

De facto, Clary de Vaudreuil era uma patriota. Durante o período dos movimentos que se realizaram em 1832 e em 1834, seguiu de perto as diversas fases da insurreição. Os chefes da oposição consideravam-na como a mãe valorosa dessas numerosas meninas, cuja dedicação estava consagrada à causa nacional. Portanto, quando os amigos políticos do Sr. de Vaudreuil se reuniam na quinta de Montcalm, Clary tomava parte nas suas conferências, não falando, mas ouvindo, observando e ocupando-se da sua correspondência com os centros reformistas. Todos os franco-canadenses tinham nela a mais absoluta confiança, porque a merecia, e a mais respeitosa amizade, porque era digna dela.

Contudo, naquele coração apaixonado um outro amor tinha vindo confundir-se com o amor que lhe inspirava o seu país — amor ideal e vago que nem sequer conhecia aquele a quem se dirigia.

Em 1831 e 1834 uma personagem misteriosa viera representar um papel preponderante no meio das tentativas de rebelião daquela época. Tinha arriscado a sua cabeça com uma audácia, uma coragem, um desinteresse, de molde a atuar sobre as imaginações sensíveis. Desde então, em toda a província do Canadá se repetia o seu nome com entusiasmo — ou antes o que restava desse nome, pois que lhe chamavam João-Sem-Nome. Nos dias de motim surgia no mais forte da sarrafusca, depois, acabada a luta, desaparecia. Mas sentia-se que ele trabalhava na sombra e que a sua mão não cessava de preparar o futuro. Em vão as autoridades tinham procurado descobrir o seu esconderijo. A própria casa Rip & C.^a não o pudera conseguir. Além de que nada se sabia dos antecedentes deste homem, nem da sua vida passada ou presente.

Contudo, o que todos reconheciam é que a sua influência era poderosíssima sobre a população franco-canadense. Por isso a sua pessoa andava envolvida numa lenda, e os patriotas esperavam vê-lo aparecer de um momento para o outro, agitando a bandeira da independência.

Tal era o herói anónimo, cujos atos tinham feito tão profunda impressão no espírito de Clary de Vaudreuil. Os seus mais íntimos pensamentos iam involuntariamente para ele. Invocava-o como um ser sobrenatural. Vivía completamente nessa comunidade mística. Amando João-Sem-Nome com o mais ideal dos amores, parecia-lhe que amava assim ainda mais o seu país. Mas ao mesmo tempo encerrava este sentimento no mais íntimo do seu coração. E, quando seu pai a via afastar-se através do parque e errar pensativa, mal podia pensar que ela andava devaneando com o moço patriota que simbolizava a seus olhos a revolução canadense.

Entre os amigos políticos que com mais frequência se reuniam em Montcalm encontravam-se numa perfeita intimidade alguns daqueles cujos pais tinham tomado parte com o Sr. de Vaudreuil na funesta conspiração de 1825.

Entre esses amigos convém citar André Farran e William Clerc, cujos irmãos Roberto e Francisco tinham subido ao cadafalso em 28 de setembro de 1825; depois, Vicente Hodge, filho de Walter Hodge, o patriota americano morto pela causa do Canadá depois de ter sido traído com os seus colegas por Simão Morgaz. E com estes vinha também ali um advogado de Quebeque, o deputado Sebastião Gramont — aquele mesmo em casa de quem tinha sido falsamente indicada a presença de João-Sem-Nome à agência Rip.

O mais ardente contra os opressores era por certo Vicente Hodge, de trinta e dois anos de idade então. De sangue americano por seu pai, era de sangue francês por sua mãe, morta de dor pouco tempo depois do suplício de seu marido. Vicente Hodge não tinha podido viver junto de Clary sem se deixar dominar, primeiro pela admiração e depois pelo amor — o que não desagradava ao Sr. de Vaudreuil. Vicente Hodge era um homem distinto, de fisionomia simpática, maneiras agradáveis, embora o seu todo denunciasse imediatamente o ianque das fronteiras. Pela segurança de sentimentos, solidez das afeições e coragem a toda a prova, Clary de Vaudreuil não podia escolher um marido mais digno dela. Mas Clary nem sequer tinha notado as atenções de que era objeto. Entre Vicente Hodge e ela não podia existir outro laço senão o do patriotismo. Ela apreciava as suas qualidades, mas não o podia amar. A sua vida, os seus pensamentos e as suas aspirações pertenciam a um outro, ao desconhecido que ela esperava lhe aparecesse de um dia para outro.

No entanto, o Sr. de Vaudreuil e seus amigos observavam com atenção o movimento dos espíritos nas províncias canadenses. A opinião andava em extremo sobrecitada por causa dos lealistas. Ainda se não tramava, como em 1825, uma conspiração no rigor da palavra, entre personagens políticas, tendo por fim tentar uma surpresa violenta contra o governador-geral. Não! Era antes uma conspiração universal em estado latente.

Para que a rebelião rebentasse bastaria que um chefe chamasse a si os liberais, sublevando as paróquias nos diversos condados. Não restava a menor dúvida de que, dado o caso, o Sr. de Vaudreuil e os seus amigos se colocariam nas primeiras linhas dos insurgentes.

E, efetivamente, nunca as circunstâncias tinham sido tão favoráveis. Os reformistas, levados aos extremos, faziam violentos protestos, denunciando as exações do governo, que se dizia autorizado pelo gabinete britânico a lançar mão dos dinheiros públicos sem o consentimento das câmaras. Os jornais — entre outros o *Canadense*, fundado em 1806, e o *Vindicator*, de criação mais recente — fulminavam contra a Coroa e seus agentes. Reproduziam os discursos pronunciados no parlamento ou nos comícios populares pelos Papineau, Viger, Quesnel, Saint-Réal, Bourdages e tantos outros que rivalizavam de talento e de audácia nas suas patrióticas reivindicações. Neste estado de coisas, uma faísca bastaria para provocar a explosão popular. E por demais o sabia *lord* Gosford, bem como o não ignoravam os partidários da reforma.

Ora, estavam as coisas neste ponto quando, na manhã de 3 de setembro, chegou uma carta a Montcalm. Esta carta, deixada na véspera na caixa de Montreal, prevenia o Sr. de Vaudreuil que seus amigos Vicente Hodge, André Farran e William Clerc tinham sido convidados a ir ter com ele na tarde daquele dia. O Sr. de Vaudreuil não reconheceu a mão que lhe escrevera e assinara estas únicas palavras: *Um Filho da Liberdade*.

O Sr. de Vaudreuil ficou bastante surpreendido com esta comunicação, e muito mais pela maneira como lhe era feita. Na véspera tinha estado em Montreal em casa de cada um dos seus amigos, e, à despedida, não tinham combinado encontrar-se no dia seguinte. Vicente Hodge, Farran, Clerc teriam recebido carta de igual proveniência avisando-os para irem a Montcalm? Assim devia ser, mas podia também temer-se que em tudo aquilo andasse alguma maquinação da polícia. Esta desconfiança era fácil de explicar depois da traição de Simão Morgaz.

Fosse o que fosse, só tinha que esperar. Quando Vicente Hodge, Farran e Clerc chegassem a sua casa — dado o caso que viessem —, eles lhe explicariam, por certo, o que havia de inexplicável nesta singular entrevista. Foi também a opinião de Clary assim que teve conhecimento da carta. Fixando os olhos naquela letra, examinava-a atentamente. Extraordinária disposição do seu espírito! Onde seu pai pressentia uma cilada armada aos seus amigos políticos e a ele próprio, parecia-lhe a ela, ao contrário, só ver uma intervenção poderosa em favor da causa nacional.

Iria enfim dar-se a conhecer a mão que prendia os fios de uma nova sublevação, que a dirigisse e a levasse a cabo?

— Eu tenho confiança nesta carta, meu pai.

Contudo, como a reunião era indicada só para a noite, o Sr. de Vaudreuil determinou, antes disso, ir a Laval. Talvez que aí soubesse alguma notícia que tivesse motivado a urgência da projetada entrevista. E ao mesmo tempo achar-se-ia ali para esperar seus amigos quando desembarcassem na ilha de Jesus. Mas, no momento em que ia dar ordem para lhe aparelharem os animais, veio o criado preveni-lo de que acabava de chegar uma visita.

— Quem é? — perguntou logo o Sr. de Vaudreuil.

— Aqui está o seu bilhete de visita — respondeu o criado.

O Sr. de Vaudreuil pegou no bilhete, leu o nome e exclamou:

— É o nosso bom amigo Nick. Que seja bem-vindo! Mande-o já entrar.

Momentos depois o notário achava-se na presença do Sr. de Vaudreuil e de sua filha.

— O senhor por aqui! — disse o Sr. de Vaudreuil.

— Em carne e osso, pressuroso por apresentar-lhe os meus respeitos e aqui à nossa morgadinha! — declarou Nick.

E apertou a mão ao Sr. de Vaudreuil, depois de ter feito a Clary um desses cumprimentos oficiais, cuja tradição parece ter sido conservada pelos velhos tabeliães.

— Confesso-lhe que estava longe de esperar a sua visita — continuou o Sr. de Vaudreuil —, mas nem por isso me é menos agradável!

— Agradável principalmente para mim! — retribuiu Nick. — E como passa a menina? E o senhor? O parecer dos dois não pode ser melhor! Não há nada como viver em Montcalm! Não tenho remédio senão levar para a minha casa do Largo do Bom Socorro um pouco do ar que aqui se respira!

— Pode fazer a provisão que quiser. O caso é vir aqui mais vezes...

— E demorar-se alguns dias — acrescentou Clary.

— E o escritório... e as escrituras? — exclamou o loquaz notário. — Não tenho um momento de meu! E não são os testamentos que me tomam o tempo! Morre-se tão velho no Canadá que ainda há de vir tempo em que não morra ninguém. É incrível a quantidade de octogenários e mesmo de centenários que nós temos! Passa até os limites habituais da estatística! Mas em compensação não tenho mãos a medir para os contratos de casamento! Daqui a seis semanas tenho de ir a casa de um dos meus clientes — um dos melhores, pode crê-lo — porque já é a décima nona escritura de casamento de filhos seus que eu lavro.

— Deve ser por força o meu rendeiro Tomás Harcher; aposto! — afirmou o Sr. de Vaudreuil.

— Sem tirar nem pôr, é precisamente na sua granja de Chipogan que sou esperado.

— Que excelente família aquela!

— Por certo; e olhe que ainda desta vez não é de crer que ponha ponto final nos contratos que lhe dizem respeito.

— Nesse caso é possível que nos encontremos lá — declarou Clary. — Tomás Harcher tem de tal modo insistido connosco para irmos assistir ao casamento de sua filha que meu pai e eu, se nada nos obrigar a ficar aqui, tencionamos dar-lhe esse prazer.

— E será dar-mo a mim também! — respondeu Nick —, porque sinto verdadeira alegria todas as vezes que os vejo! Só tenho uma queixa da menina Clary.

— Qual?

— É que sempre me recebe aqui como amigo e nunca me manda chamar como tabelião.

Clary sorriu da insinuação e quase instantaneamente a sua fisionomia retomou a habitual gravidade.

— E, contudo — observou o Sr. de Vaudreuil —, se não é como amigo, é como notário que vem hoje a Montcalm?

— Exatamente! — respondeu Nick —, mas ainda não é por conta da menina Clary! Enfim, um dia será! Não vale desperar! A propósito, Sr. de Vaudreuil, desejo preveni-lo de que não venho só...

— Pois teve um companheiro de viagem e deixou-o na saleta? Vou já dar ordem para o fazerem entrar.

— Não merece a pena! É o meu segundo escrevente apenas, um rapaz que faz versos. Viu-se já uma coisa assim? Um rapaz que corre atrás dos fogos-fátuos! Pode lá alguém imaginar um escrevente poeta ou um poeta escrevente, menina Clary! Como tenho de falar consigo em particular, disse-lhe que fosse passear para o parque.

— Fez bem. Mas é preciso refrescar esse filho das musas.

— É, inútil! Não bebe senão néctar, e, a menos que lhe reste algum da última colheita...

O Sr. de Vaudreuil não pôde deixar de dar uma enorme gargalhada das facécias daquele bom homem, que ele conhecia de longa data e cujos conselhos tão preciosos lhe tinham sido sempre muito úteis para a direção de alguns negócios pessoais.

— Vou deixá-lo com meu pai, Sr. Nick — anunciou então Clary.

— Pelo contrário — voltou o notário —, peço-lhe que fique! Bem sei que posso falar na sua presença, mesmo das causas que, como esta, têm suas relações políticas, pelo menos pelo que julgo... porque, como sabem, não me envolvo nessas trapalhadas...

— Muito bem. Nesse caso Clary assistirá à nossa conversa. Assentemo-nos e assim falará mais à sua vontade!

O notário sentou-se numa das cadeiras de bambu que mobilavam o salão, enquanto o Sr. de Vaudreuil e sua filha se instalavam no canapé que ficava em frente.

— E agora, meu querido Nick — perguntou o Sr. de Vaudreuil —, porque é que veio até cá?

— Para lhe entregar isto — informou o notário.

E tirou da algibeira um maço de notas do banco.

— Dinheiro? — exclamou o Sr. de Vaudreuil, que não pôde ocultar a sua extrema surpresa.

— Dinheiro e bom dinheiro, e, quer queira quer não, é uma bela soma!

— Uma bela soma!

— Pudera não! Cinquenta mil piastras em boas notas com o curso legal.

— E esse dinheiro é destinado?

— Ao senhor.

— E quem mo manda?

— Não lho posso dizer, pela excelente razão de eu próprio não saber quem seja.

— E para que fim é esse dinheiro destinado?

— Iguualmente o não sei!

— E quem o encarregou de mo entregar?

— Leia.

O notário apresentou Uma carta com apenas as seguintes linhas:

Sr. Nick, notário em Montreal, queira remeter ao presidente do centro reformista de Laval, na quinta de Montcalm, o restante da soma que salda a nossa conta em sua casa.

2 de setembro de 1837.

J. B. J.

O Sr. de Vaudreuil olhou para o notário sem compreender o que significava esta remessa de fundos.

— Onde é que esta carta foi deixada no correio? — perguntou ele.

— Em S. Carlos, condado de Verchères!

Clary tinha agarrado na carta e examinava a letra. Quem sabe se não seria a mesma que tinha escrito a outra prevenindo o Sr. de Vaudreuil da visita dos seus amigos Vicente Hodge, Clerc e Farran? Não, era. Não havia a menor semelhança entre os dois manuscritos — o que Clary fez observar a seu pai.

— E não suspeita — disse ela a Nick — quem possa ser o signatário desta carta, que se oculta atrás destas simples três letras: J. B. J.?

— De maneira alguma.

— E, contudo, não é a primeira vez que se acha em relações com essa pessoa?

— Evidentemente.

— Ou mesmo com essas pessoas, porque a carta não diz «minha», mas sim «nossa conta» — o que dá lugar a pensar que estas três iniciais pertencem a três nomes diferentes.

— Pode ser.

— Observo mais — tornou o Sr. de Vaudreuil — que, visto tratar-se de um saldo, é porque o senhor já anteriormente dispôs...

— Sr. de Vaudreuil, eis o que posso e até julgo dever-lhe dizer.

E, tomando um momento de fôlego antes de entrar no assunto, o Sr. Nick contou o que se segue:

— Em 1825, um mês depois do julgamento que custou a vida a alguns dos meus amigos mais íntimos e ao senhor a liberdade, recebi um pacote registado, contendo em notas a enorme soma de cem mil piastras. O pacote em questão tinha sido posto no correio de Quebeque e continha uma carta concebida nestes termos: «Esta soma de cem mil piastras vai ficar a cargo

do Sr. Nick, notário em Montreal, para que lhe dê destino segundo as ordens que posteriormente receber. Conta-se com a sua discricção para nada dizer acerca do depósito que é confiado aos seus cuidados, nem do uso que depois terá de fazer dele.»

— E estava assinada? — perguntou Clary.

— Com J. B. J. —olveu Nick.

— As mesmas iniciais? — observou o Sr. de Vaudreuil.

— As mesmas? — repetiu Clary.

— As mesmas. Devem imaginar como fiquei surpreso com a missiva e com o depósito. Mas o caso é que, como não podia reenviar aquele dinheiro ao cliente desconhecido que o tinha mandado, também não cuidei de prevenir a autoridade e contentei-me em depositar as cem mil piastras no Banco de Montreal e esperar.

Clary de Vaudreuil e seu pai escutavam Nick com a maior atenção. Não tinha já dito o notário que estava convencido de que aquele dinheiro talvez tivesse um destino político? E, efetivamente, como vai ver-se, não se enganara.

— Seis anos depois — continuou ele — foi-me pedida uma soma de vinte e duas mil piastras, por meio de uma carta assinada com as enigmáticas iniciais, pedindo-me que a enviasse à povoação de Berthier, no condado deste nome.

— A quem? — perguntou o Sr. de Vaudreuil.

— Ao presidente do centro reformista, e pouco tempo depois rebentava a revolta que sabem. Passaram-se quatro anos e carta idêntica veio prescrever-me que mandasse vinte e oito mil piastras a Santa Martinha, mas, então, ao presidente do centro de Chateauguai. Um mês depois produziu-se a violenta reação que tornou notáveis as eleições do ano 1834, provocou a prorrogação da câmara e foi seguida do pedido de acusação contra o governador *lord Aylmer!*

O Sr. de Vaudreuil refletiu alguns instantes no que acabava de ouvir e, dirigindo-se ao notário:

— Visto isso, meu caro Nick — disse ele —, o senhor vê uma correlação entre estas diversas manifestações e as remessas de dinheiro aos centros reformistas?

— Eu, Sr. de Vaudreuil, não vejo nada — replicou o tabelião. — Sou por acaso um homem político? Sou apenas um simples oficial público! Não fiz mais do que restituir as quantias que tinha recebido em depósito, e segundo o destino indicado! Digo-lhe as coisas tal qual são. Quanto às consequências a tirar, isso é consigo.

— Muito bem, meu prudente amigo! — respondeu o Sr. de Vaudreuil, sorrindo. — Deixe estar que não o comprometeremos. Mas, enfim, se veio hoje aqui...

— Foi para fazer, pela terceira vez, o que já fiz em duas outras. Hoje, 3 de setembro, fui avisado: 1.º, para dispor do resto da soma que me tinha sido confiada; 2.º, para a entregar nas mãos do presidente do centro reformista de Laval. Ora, sendo o Sr. de Vaudreuil o presidente do dito centro, por isso lhe vim trazer a dita quantia como saldo de contas. Agora quanto ao uso que tenha a fazer dela, não sei nem quero saber. É nas mãos do mencionado presidente que tenho de entregar o dinheiro (cinquenta mil piastras), e se o não mandei pelo correio foi porque quis aproveitar a ocasião para ver o meu amigo Sr. de Vaudreuil e sua encantadora filha.

Nick pôde terminar o seu discurso sem ter sido interrompido. E então, tendo dito o que tinha a dizer, levantou-se, aproximou-se da janela aberta que dava para o terraço e examinou as embarcações que subiam ou desciam o rio.

O Sr. de Vaudreuil, mergulhado nas suas reflexões, guardava silêncio. Um igual trabalho de dedução se operava no espírito de sua filha. Não havia dúvida de que esse dinheiro, misteriosamente depositado na caixa do notário Nick, já tinha sido empregado no serviço da grande causa; e ainda era menos duvidoso que lhe reservavam o mesmo uso em vista de uma próxima insurreição.

Ora, tendo aquela remessa sido feita no mesmo dia em que *Um Filho da Liberdade* acabava de convocar para a quinta de Montcalm os amigos mais íntimos do Sr. de Vaudreuil, não havia em tudo isto uma conexão um tanto ou quanto singular?

A conversação prolongou-se ainda durante algum tempo. E como havia de ser por menos com o palavroso Nick? Conversou com o Sr. de Vaudreuil do que o Sr. de Vaudreuil sabia tanto ou melhor do que ele, isto é, da situação política, principalmente no Baixo Canadá. E estas coisas — não cessava ele de repetir — apenas as dizia com uma extrema reserva,

não tendo por costume meter-se onde não era chamado. O que ele fazia era pôr o Sr. de Vaudreuil de prevenção, porque, por certo, havia de dar-se aumento de vigilância da parte dos agentes policiais nas paróquias do condado de Montreal.

A este respeito, Nick chegou a dizer:

— O que as autoridades temem particularmente é que um chefe venha colocar-se à frente de um movimento popular, e que esse chefe seja precisamente o famoso João-Sem-Nome.

A estas últimas palavras Clary levantou-se e foi encostar-se à janela aberta sobre o parque.

— Conhece esse agitador audacioso, meu caro Nick? — perguntou o Sr. de Vaudreuil.

— Não — respondeu o notário —, nunca o vi, nem nunca encontrei alguém que o conhecesse! Mas que existe, lá isso existe, não tenho dúvidas a esse respeito! E imagino-o como um herói de romance... um rapaz alto, feições distintas, fisionomia simpática, voz atraente... a menos que não seja algum bom patriarca, velho, enrugado e curvado ao peso dos anos! Com essa gente nunca se pode fazer juízo algum seguro.

— Quem quer que seja — declarou o Sr. de Vaudreuil —, praza a Deus que bem depressa se decida a vir colocar-se à nossa frente, que nós o seguiremos aonde quer que nos conduza!

— E olhe que isso pode acontecer de um dia para o outro — advertiu Nick.

— Porquê? — perguntou Clary, que veio vivamente até ao meio da sala.

— Eu digo, menina Clary... ou antes não digo nada! É melhor!

— Insisto — continuou Clary. — Fale, suplico-lhe que diga o que sabe.

— O que por cá se sabe por certo. Que João reapareceu no condado de Montreal. Pelo menos é esse o boato que corre... infelizmente...

— Infelizmente? — repetiu Clary.

— Por certo, porque, sendo assim, receio que o nosso herói não possa escapar às pesquisas da polícia. Hoje mesmo, quando atravessava a ilha, encontrei os rafeiros que o ministro Gilberto Argall lançara na pista de João-Sem-Nome, e, entre eles, o chefe da casa Rip & C.^a.

— O quê? Rip? — perguntou o Sr. de Vaudreuil.

— Em pessoa. É um homem hábil, e que deve andar no engodo de grande espórtula. Se ele conseguir deitar a mão a João-Sem-Nome, a condenação desse moço patriota (porque decididamente deve ser um rapaz!), a sua condenação, digo eu, é certa e o partido nacional contará uma vítima a mais!

A despeito da força que tinha em si própria, Clary empalideceu repentinamente, os olhos fecharam-se-lhe, e foi a custo que conseguiu comprimir o bater do coração. O Sr. de Vaudreuil, pensativo, passeava de cá para lá através da vasta sala.

O tabelião, querendo remediar o terrível efeito produzido pelas suas últimas palavras, ajuntou:

— No fim de contas, é um homem de uma audácia pouco vulgar este misterioso João-Sem-Nome! Até hoje tem conseguido subtrair-se às mais severas pesquisas... Caso, porém, seja perseguido de perto, todas as casas do condado lhe darão asilo, todas as portas se abrirão na sua frente... mesmo até a porta do escritório do tabelião Nick se ele for pedir-lhe um refúgio... embora o tal tabelião não queira de maneira alguma envolver-se em embrulhadas políticas!

Dizendo isto, o notário despediu-se do Sr. de Vaudreuil e de sua filha. Que não tinha tempo, se quisesse estar em Montreal à hora do jantar — aquela regular e sempre bem-vinda hora, na qual ele realizava um dos atos mais importantes da sua existência.

O Sr. de Vaudreuil quis mandar pôr a carruagem para reconduzir Nick a Laval. Mas este, como homem prudente que era, recusou. Era melhor que não se soubesse que ele tinha ido a Montcalm. Tinha boas pernas, louvado Deus! E mais légua menos légua não era coisa que assustasse um dos primeiros andarilhos do notariado canadense. E, para além disso, não tinha ele nas veias sangue dos Sagamoros, não era descendente desses robustos povos índios cujos guerreiros seguiam durante meses inteiros o trilho da guerra, etc., etc.?

Imediatamente Nick chamou Leonel que, sem dúvida, corria atrás do batalhão sagrado das musas através das alamedas

do parque, e ambos, subindo pela margem esquerda do S. Lourenço, retomaram o caminho de Laval.

No fim de três quartos de hora de marcha chegaram à estação na ocasião em que desembarcavam Vicente Hodge, Clerc e Farran, que iam para Montcalm.

Ao encontrarem-se, Nick foi cumprimentado por eles com um inevitável e cordial «bons-dias», depois, atravessando o rio, subiu para o carrão e entrou na sua casa da Praça do Bom Socorro no momento em que a velha criada, *mistress* Dolly, punha na mesa a sopa fumegante.

Nick sentou-se imediatamente no seu largo *fauteuil*, e Leonel na sua frente, enquanto aquele cantarolava:

Dar-me em ti a vida e a morte,
Fogo-fátuo, doida chama!

— E toma conta — ajuntava ele —, vê se engoles algum verso e se te engasgas com as espinhas!

Capítulo 5 — O Desconhecido

Mal chegaram a Montcalm, Vicente Hodge, William Clerc e André Farran foram recebidos pelo Sr. de Vaudreuil.

Clary tinha subido para o seu quarto. Pela janela aberta sobre o parque, ela deixou vaguear a vista através das planícies fechadas no horizonte pelos Laurentinos. O pensamento do ser misterioso, tão vivamente recordado no seu espírito, ocupava-a inteiramente. Tinham-no visto por ali.

Era procurado ativamente na ilha de Montreal... Para que a ilha de Jesus lhe oferecesse um asilo bastava-lhe apenas atravessar um braço do rio! Não viria ele pedir refúgio a Montcalm? Tanto mais que não podia duvidar de que tinha ali amigos prontos a acolhê-lo. Mas ir abrigar-se sob o teto do Sr. de Vaudreuil, presidente de um dos centros reformistas, não seria ir expor-se a perigos ainda maiores? Não devia estar a quinta particularmente vigiada? Sem dúvida! E, com tudo isto, Clary tinha o pressentimento de que João-Sem-Nome havia de ir ali, quanto mais não fosse por um dia, por uma hora! E, com a imaginação sobre-excitada, desejando estar só, tinha saído da sala antes que os amigos de seu pai tivessem entrado.

William Clerc e André Farran — pouco mais ou menos da mesma idade que o Sr. de Vaudreuil — eram dois antigos oficiais da milícia canadense. Destituídos dos seus postos depois do julgamento de 25 de setembro, que enviou ao cadafalso seus irmãos, condenados eles próprios a prisão perpétua, recuperaram a liberdade graças à amnistia de que também tinha aproveitado o Sr. de Vaudreuil. O Partido Nacional podia contar neles dois homens de ação, que não desejavam mais nada do que arriscar, pela segunda vez, a sua vida numa nova revolta armada. Eram enérgicos, costumados às ásperas fadigas pelo uso que tinham das grandes caçadas através das florestas e das planícies dos condados das Três Ribeiras, onde possuíam vastas propriedades.

Assim que Vicente Hodge apertou a mão do Sr. de Vaudreuil, fez-lhe esta pergunta: «Sabia ele, Vaudreuil, que tanto ele como Farran e Clerc tinham sido convocados por meio de cartas pessoais?»

— Sei — respondeu o Sr. de Vaudreuil —, e sem dúvida a carta que recebeu a esse respeito, como aquela que me avisou, era assinada: *Um Filho da Liberdade?*

— Exatamente — confirmou André Farran.

— Não viu nisso nenhuma cilada? — perguntou William Clerc, dirigindo-se ao Sr. de Vaudreuil. — Não quererá alguém, provocando esta entrevista, apanhar-nos em flagrante delito de conciliábulo?

— O conselho legislativo — retorquiu o Sr. de Vaudreuil — ainda não roubou, que eu saiba, aos Canadenses o direito de se reunirem uns em casa dos outros.

— Ainda não — disse André Farran —, mas, enfim, o signatário desta carta, tão suspeita como se fosse uma carta anónima, quem é, e porque não assinou com o seu verdadeiro nome?

— É evidentemente singular — concordou de Vaudreuil —, tanto mais que essa personagem nem sequer diz se tem ou não a intenção de vir à conferência. A carta que recebi informa-me simplesmente que vocês haviam de vir aqui todos três esta noite.

— E as nossas não contêm mais nenhuma informação — ajuntou William Clerc.

— Bem pensando — observou Vicente Hodge —, porque é que esse desconhecido nos daria este aviso se não tencionasse assistir à nossa conferência? Por isso, estou levado a acreditar que vem..

— Pois que venha! — exclamou Farran. — Veremos que qualidade de homem é, primeiro; ouviremos o que nos diz, e pô-lo-emos a andar se não nos convier entrar em relações com ele.

— Diz cá, Vaudreuil — inquiriu Clerc —, tua filha viu essa carta? Qual foi a sua opinião?

— Boa.

— Esperemos! — decidiu Vicente Hodge.

Em todo o caso, se viesse à conferência o signatário da carta, quis tomar algumas precauções, visto que já seria noite

quando chegasse a Montcalm — o que era prudentíssimo nas atuais circunstâncias.

A conversa do Sr. de Vaudreuil e de seus amigos recaiu sobre a situação política, muito tensa em consequência das disposições opressivas que manifestava o Parlamento inglês. Todos estavam de acordo que tal estado de coisas não podia durar.

E, a propósito, o Sr. de Vaudreuil fez conhecer como, na sua qualidade de presidente do centro reformista de Laval, tinha recebido, por intermédio do tabelião Nick, uma soma considerável, certamente destinada a prover às necessidades da causa.

Enquanto passeavam no parque esperando a hora de jantar, Vicente Hodge, William Clerc e André Farran confirmaram ao Sr. de Vaudreuil o que lhe tinha dito Nick. Os agentes de Gilberto Argall andavam em ativo serviço. Não só o pessoal da casa Rip, mas as esquadras da polícia regular percorriam o campo e as paróquias do condado, lançando mão de todos os meios para descobrir João-Sem-Nome. Evidentemente, a aparição desta personagem bastaria para provocar uma insurreição. Não era pois impossível que o desconhecido viesse dar informações ao Sr. de Vaudreuil a esse respeito.

Por volta das seis horas, o Sr. de Vaudreuil e os seus amigos entraram na sala, para onde Clary acabava de descer. William Clerc e André Farran fizeram-lhe o cumprimento paternal que a sua idade autorizava, Vicente Hodge, mais reservado, apertou respeitosa mente a mão que ela lhe estendeu. Depois, ofereceu-lhe o braço e passaram todos para a casa de jantar.

O jantar foi abundantemente servido, como então era de uso tanto nas modestas como nas casas ricas canadenses. Compunha-se de peixe do rio, caça das florestas vizinhas, legumes e frutos colhidos no pomar da quinta.

Durante o jantar a conversa não se referiu à entrevista tão impacientemente esperada. Mais valia não falar em tal diante dos criados, muito embora fossem velhos e fiéis servidores, de há muito ao serviço da família de Vaudreuil.

Depois do jantar, como a noite estava bela, a temperatura suave, Clary foi sentar-se na varanda. O S. Lourenço acariciava os primeiros degraus do terraço, banhando-os com as suas águas, que a preia-mar immobilizava na sombra. O Sr. de Vaudreuil, Vicente Hodge, Clerc e Farran fumavam ao longo das balaustradas, trocando apenas palavras isoladas e em voz baixa.

Eram pouco mais de sete horas. A noite começava a obscurecer as baixas profundezas do vale. Enquanto o longo crepúsculo se retirava através dos plainos do oeste, as estrelas começavam a fuzilar na zona oposta do céu.

Clary olhava para todo o curso do S. Lourenço. Viria o desconhecido pela via fluvial? Isto parecia indicado, se acaso não quisesse deixar vestígios da sua passagem. Efetivamente era fácil a uma embarcação ligeira deslizar ao longo do rio, entrar por entre as ervas e caniços da margem. Assim que tivesse desembarcado no terraço, a misteriosa personagem podia penetrar na quinta sem ter sido vista, e deixá-la depois sem que os serviçais da casa tivessem a mais leve suspeita.

Em todo o caso, como era possível que o visitante não viesse pelo S. Lourenço, o Sr. de Vaudreuil tinha dado ordem de introduzirem imediatamente qualquer pessoa que se apresentasse na quinta. Um candeeiro aceso na sala apenas deixava filtrar uma ténue claridade através das cortinas da janela, abrigadas pelas vidraças opacas da varanda. De fora não se poderia ver nada do que se passava lá dentro.

No entanto, se tudo estava tranquilo do lado do parque, já o mesmo não sucedia do lado do rio. De tempos a tempos apareciam algumas embarcações, que se aproximavam ora da margem direita ora da esquerda. Abordavam umas a outras; trocavam-se palavras rápidas, depois, afastavam-se em diferentes direções.

O Sr. de Vaudreuil e os seus amigos observavam com atenção aquelas idas e vindas, cujo motivo compreendiam.

— São agentes de polícia — declarou William Clerc.

— São — confirmou Vicente Hodge. — Vigiam o rio mais ativamente que de costume.

— E talvez também a quinta de Montcalm!

Estas últimas palavras acabavam de ser pronunciadas em voz baixa, e não fora nem Vaudreuil, nem sua filha, nem nenhum dos seus hóspedes que as proferira.

Nesse momento, um homem oculto entre as ervas e por baixo da balaustrada punha pé na escada, subia os degraus e

avançava a passo rápido através do terraço, tirava o gorro e dizia, depois de se ter inclinado ligeiramente:

— Sou o *Filho da Liberdade* que lhes escreveu, meus senhores.

O Sr. de Vaudreuil, Clary, Vicente Hodge, Clerc e Farran, surpreendidos por esta brusca aparição, procuravam ver o homem que acabava de se introduzir na quinta de maneira tão singular. Além de que a sua voz era tão desconhecida como a sua pessoa.

— Sr. de Vaudreuil — continuou o desconhecido —, queira desculpar-me se me apresento em sua casa em tais condições. Mas era preciso que ninguém me visse chegar aqui, como será preciso que ninguém me veja partir.

— Venha! — respondeu de Vaudreuil.

Depois dirigiram-se todos para a sala, cuja porta logo se fechou.

O homem que acabava de chegar a Montcalm era o moço viajante, em cuja companhia o Sr. Nick tinha feito a viagem de Montreal à ilha de Jesus. O Sr. de Vaudreuil e os seus amigos observaram o mesmo que já tinha observado o notário, isto é, que pertencia à raça franco-canadense.

Eis o que ele tinha feito, depois de se ter despedido de Nick, à entrada das ruas de Laval.

Em primeiro lugar, dirigiu-se a uma modesta taberna dos bairros ínfimos da cidade. Lá, sentado ao canto da sala, tinha, enquanto esperava o jantar, percorrido os jornais postos à sua disposição. O seu rosto impassível nada deixara perceber dos sentimentos que lhe produzia a leitura, embora estas folhas fossem redigidas com extrema violência, quer a favor, quer contra a Coroa. A rainha Vitória acabava de suceder a seu tio Guilherme IV, e de uma e de outra parte discutiam-se, em artigos apaixonados, as modificações que o novo regime imporia ao governo das províncias canadenses. Mas, embora fosse a mão de uma mulher que sustentasse o cetro do Reino Unido, era escusado pensar que ela deixaria de pesar duramente sobre a colónia do ultramar.

Até às seis horas da tarde o mancebo tinha ficado na taberna, onde jantou. Depois, às sete da noite pôs-se a caminho.

Se então um espião o tivesse seguido, tê-lo-ia visto dirigir-se para a praia, esgueirar-se pelos juncais e chegar à quinta de Montcalm, onde se encontrava três quartos de hora depois.

Ali, o desconhecido tinha esperado ocasião de subir ao terraço; e já sabemos como ele interveio na conversa que o Sr. de Vaudreuil travara com os seus amigos.

Agora, naquela sala, com as portas e janelas fechadas, podiam falar à sua vontade.

— Senhor — observou o Sr. de Vaudreuil dirigindo-se ao novo hóspede —, não se deve admirar se lhe perguntar quem é?

— Já lho disse assim que cheguei, Sr. de Vaudreuil. Sou, como os senhores todos, um *Filho da Liberdade!*

Clary fez um gesto involuntário de desapontamento. Talvez esperasse um outro nome e não uma qualificação então comuníssima entre os partidários da causa franco-canadense. Estaria aquele homem resolvido a guardar o incógnito mesmo em casa do Sr. de Vaudreuil?

— Se o senhor — interveio então André Farran — marcou esta entrevista em casa de Vaudreuil, foi por certo para tratar de coisas de muita importância. Antes de nos explicarmos abertamente, deve achar naturalíssimo que saibamos com quem o vamos fazer.

— Teriam sido imprudentes se não me tivessem feito essa pergunta — concordou o mancebo — e eu não teria desculpa se não lhes respondesse.

E apresentou uma carta.

Esta carta informava o Sr. de Vaudreuil da visita do desconhecido, no qual tanto ele como todos os partidários podiam ter absoluta confiança, mesmo «no caso de ele não dizer o seu nome». Era assinada por um dos principais chefes da opposição no parlamento, o advogado Gramont, deputado por Quebeque, um dos correligionários políticos do Sr. de Vaudreuil. O advogado Gramont ajuntava que, se o visitante lhe pedisse hospitalidade por alguns dias, o Sr. de Vaudreuil lha podia conceder com a máxima confiança e em proveito da causa.

De Vaudreuil comunicou esta carta a sua filha e a Farran. Depois ajuntou:

— Peço-lhe que se considere aqui como em sua casa e por tanto tempo quanto quiser.

— Dois dias, quanto muito, Sr. de Vaudreuil — respondeu o desconhecido. — Daqui a quatro devo estar com os meus companheiros na foz do S. Lourenço. Agradeço-lhe o acolhimento que acabo de receber. E agora peço-lhes que me deem atenção.

O desconhecido tomou a palavra. Falou com precisão do estado dos ânimos, naquele momento, nas províncias canadenses. Mostrou o país pronto a insurgir-se contra a opressão dos lealistas e dos agentes da Coroa.

Acabava de o verificar ele próprio, na campanha reformista que durante muitas semanas fizera através dos condados do alto S. Lourenço e do Outaouais. Daqui a dias iria de novo percorrer, pela última vez, as paróquias dos condados de Leste a fim de ligar os elementos de uma próxima insurreição, que se estenderia desde a foz do rio até aos territórios do Ontário.

A este levantamento em massa nem *lord* Gosford, com os representantes da autoridade, nem o general Colborne, com alguns milheiros de fardas encarnadas que formavam o efetivo anglo-canadense, estariam em condições de opor forças suficientes, e o Canadá — não lhe restava a menor dúvida — subtrair-se-ia, enfim, ao jugo de seus opressores.

— Uma província arrancada ao seu país é um filho arrancado a sua mãe! Tal deve ser o objeto das nossas reivindicações sem trégua, de lutas sem mercê! Tal nunca mais se pode esquecer!

Ao pronunciar estas palavras o desconhecido falava com tal sangue-frio que mostrava como ele era e devia ter sido sempre senhor de si. Apesar disto, porém, sentia-se que o fogo ardia oculto em sua alma, que os seus pensamentos se inspiravam no mais ardente patriotismo. Enquanto ele fornecia certos pormenores minuciosos acerca do que tinha feito e sobre o que ia fazer, Clary não deixava de o fixar. Tudo lhe dizia que tinha na sua presença o herói que na sua imaginação encarnava a revolução canadense.

Assim que os Srs. de Vaudreuil, Vicente Hodge, Clerc e Farran ficaram ao facto do que ele tinha a dizer-lhes, acrescentou:

— A todos estes partidários da nossa autonomia, meus senhores, será preciso um chefe, e esse chefe surgirá quando soar a hora de vir colocar-se à frente do movimento. Enquanto esperamos é preciso que se forme um *comité* de ação para concentrar os esforços individuais. Aceitam o Sr. de Vaudreuil e os seus amigos fazer parte desse *comité*? Todos os senhores já têm sofrido nas suas famílias, nas suas pessoas, pela causa nacional. Esta causa custou a vida aos nossos melhores patriotas, a seu pai, Vicente Hodge, a seus irmãos, William Clerc e André Farran...

— Pela traição de um miserável! — respondeu Vicente Hodge.

— De um miserável — repetiu o mancebo.

E Clary julgou surpreender uma ligeira alteração na sua voz, até ali tão serena.

— Mas — ajuntou ele — esse homem morreu.

— E há a certeza disso? — perguntou William Clerc.

— Afirmo que morreu! — replicou o desconhecido, que não hesitou em responder de uma maneira afirmativa sobre um facto de que até ali se não tinha podido provar a materialidade.

— Morto! Esse Simão Morgaz!

— E não foi às minhas mãos! — exclamou Vicente Hodge.

— Meus amigos — disse o Sr. de Vaudreuil —, não falemos mais desse traidor e deixem-me responder à proposta que nos foi comunicada. Senhor — continuou ele, voltando-se para o seu hóspede —, o que os nossos fizeram já, nós estamos ainda resolvidos a fazer. Arriscaremos a nossa vida, como eles arriscaram a sua. Pode, pois, dispor de nós e comprometemo-nos a centralizar em Montcalm os esforços de que tiver tomado a iniciativa. Estamos em comunicação quotidiana com os diversos centros do distrito, e, ao primeiro sinal, responderemos com as nossas pessoas. A sua intenção, disse, é de tornar a partir nestes dois dias para visitar as paróquias de Leste? Seja! Quando voltar, achar-nos-á prontos a seguir o chefe, qualquer que ele seja, que desfralde a bandeira da independência.

— O Sr. Vaudreuil falou por nós — ajuntou Vicente Hodge. — Não temos senão um pensamento: arrancar o nosso país à opressão, assegurar-lhe o direito que tem de ser livre!

— E que desta vez saberá conquistar — afirmou Clary de Vaudreuil, avançando para o mancebo.

Mas este acabava de se dirigir para a porta da sala, do lado do terraço.

— Ouçam, meus senhores — advertiu ele.

Um vago ruído se fazia ouvir ao longe, na direção de Laval, um rumor afastado, cuja natureza ou a causa era difícil reconhecer.

— Que é isto? — perguntou William Clerc.

— Será já o começo da insurreição? — lembrou André Farran.

— Deus queira que tal vão seja! — murmurou Clary. — Seria começar muito cedo.

— Muito cedo... diz bem! — apoiou o mancebo.

— Que demónio poderá ser? — perguntou o Sr. de Vaudreuil. — Ouçam, o ruído aproxima-se.

— Ouve-se o som de cornetas! — disse André Farran.

Com efeito, notas metálicas, atravessando o espaço, chegavam com intervalos regulares até Montcalm. Seria algum destacamento armado que se dirigia para casa do Sr. de Vaudreuil?

Este acabava de abrir a porta da sala e os seus amigos seguiam-no ao terraço.

As vistas voltaram-se logo para o oeste. Nenhuma luz suspeita desse lado. Evidentemente, esse rumor não se propagava através dos plainos da ilha de Jesus. E, contudo, aproximava-se cada vez mais uma espécie de algazarra, que chegava à ilha ao mesmo tempo que se ouviam os sons das trombetas.

— É daquele lado... Ali! — indicou Vicente Hodge.

E apontava para o S. Lourenço, subindo para Laval. Nessa direção, alguns archotes lançavam uma claridade ainda pouco acentuada, que era reverberada pelas águas ligeiramente nevoentas do rio.

Passaram-se dois ou três minutos. Um barco que descia com a maré veio entrar nos redemoinhos da corrente, próximo da praia, a um quarto de milha a jusante.

Esse barco continha uma dúzia de pessoas, das quais à luz dos archotes era fácil reconhecer o fardamento. Era um *constable*, acompanhado de polícias.

De tempos a tempos o barco parava. Imediatamente uma voz, precedida de um toque de cornetas, se elevava nos ares; mas era ainda impossível ouvir de Montcalm distintamente o que ela dizia.

— Deve ser uma proclamação — sugeriu William Clerc.

— E que deve conter coisa importante — acrescentou André Farran — para que as autoridades a façam publicar a esta hora!

— Esperemos — disse o Sr. Vaudreuil — e não tardaremos em saber o que é...

— Não seria prudente entrar para casa? — observou Clary, dirigindo-se ao mancebo.

— Para quê, minha senhora? — respondeu este. — O que as autoridades acham conveniente proclamar deve ser conveniente ouvir!

Entretanto o barco, impelido a remos e seguido de algumas canoas que lhe faziam cortejo, achava-se ao largo, em frente do terraço.

Soou a trombeta, e eis o que o Sr. de Vaudreuil e seus amigos puderam então distintamente ouvir:

Proclamação do lord governador-geral das províncias canadenses.

Hoje, 3 de setembro de 1837.

Está posta a prémio a cabeça de João-Sem-Nome, que acaba de reaparecer nos condados do alto S.

Lourenço. São oferecidas seis mil piastras a quem o prender ou fizer prender.

Por *lord* Gosford

O ministro da polícia,

Gilberto Argall

Depois o barco, continuando o seu caminho, deixou-se ir ao sabor da corrente do rio.

De Vaudreuil, Farran, Clerc, Vicente Hodge, tinham ficado imóveis no terraço, que uma escuridão profunda envolvia.

Nem um único movimento tinha escapado ao desconhecido enquanto a voz do *constable* repetia os termos da proclamação.

Somente Clary, quase inconscientemente, tinha dado alguns passos, aproximando-se dele.

De todos, foi o Sr. Vaudreuil o que primeiro tomou a palavra:

— Mais um prémio oferecido aos traidores! Mas desta vez será de balde, assim o espero pela fama de lealdade das paróquias canadenses.

— Já foi de mais um Simão Morgaz! — exclamou Hodge.

— Que Deus proteja João-Sem-Nome! — respondeu Clary, com voz profundamente comovida.

Houve alguns instantes de silêncio.

— Entremos e vamos para os nossos quartos — disse o Sr. de Vaudreuil. — Vou pôr um à sua disposição — ajuntou ele, dirigindo-se ao moço patriota.

— Agradeço-lhe, Sr. Vaudreuil — volveu o desconhecido —, mas é-me impossível ficar por mais tempo em sua casa...

— E porquê?

— Quando há uma hora aceitei a hospitalidade que me oferecia em Montcalm, não me achava ainda na situação em que esta proclamação me veio colocar.

— Que pretende dizer?

— Que a minha presença agora podia comprometê-lo visto que o governador-geral acaba de pôr a preço a cabeça de João-Sem-Nome!

E João-Sem-Nome, depois de se ter inclinado, dirigia-se para a beira do rio quando Clary o deteve com a mão, dizendo-lhe:

— Fique!

Capítulo 6 — O S. Lourenço

O vale de S. Lourenço é talvez um dos mais vastos que as convulsões geológicas têm traçado na superfície do Globo. O Sr. Humboldt atribui-lhe uma superfície de duzentas e setenta mil léguas quadradas — superfície aproximadamente igual à da Europa inteira. O rio no seu curso caprichoso, semeado de ilhas, atravessando cachoeiras, acidentado de saltos, atravessa esse vale riquíssimo que constitui o Canadá francês por excelência. Estes territórios, onde se estabeleceram os primeiros senhorios da nobreza emigrante, estão divididos agora em condados e distritos. Na foz do S. Lourenço, nessa grande baía, além do estuário, emerge o arquipélago da Madalena, as ilhas de cabo Breton e do Príncipe Eduardo, e a grande ilha de Anticosti que as costas, tão diversas de aspeto do Lavrador, da Terra Nova e da Acádia ou Nova Escócia, abrigam dos terríveis ventos do Atlântico setentrional.

É em meados de abril somente que começa o quebramento dos gelos acumulados pelo aspérrimo e longo período invernos do clima canadiano. O S. Lourenço torna-se então navegável. Os navios de grande tonelagem podem, pois, subi-lo até à região dos lagos — esses mares de água doce, cuja enfiada se estende através dessa poética zona, que com tanta propriedade foi chamada «a terra de Cooper». Naquela época, o rio, servido pelo fluxo e refluxo das marés, anima-se como um porto a que um tratado de paz vem levantar o bloqueio. Navios de vela, paquetes, *steamboats*, jangadas de madeira, barcos pilotos, de cabotagem, navios de pesca, embarcações de recreio, botes de toda a espécie, deslizam pela superfície de suas águas, livres da sua espessa couraça. É a vida para meio ano depois de seis meses de morte.

No dia 13 de setembro, por volta das seis horas da manhã, uma embarcação, armada em cúter, deixava o pequeno porto de Sant'Ana, situado na embocadura do S. Lourenço, na margem do sul, na parte arredondada do golfo. Esta embarcação era tripulada por cinco desses pescadores que exerciam o seu rendoso ofício desde as cachoeiras de Montreal até ao estuário do rio. Depois de terem lançado redes e linhas onde o instinto da profissão os guiava, iam vender o peixe de água doce ou salgada de povoação em povoação, ou, para melhor dizer, de casa em casa, porque o rio, tanto de um como de outro lado, é marginado por uma continuação de casas até o limite oeste da província.

Estes pescadores eram de origem canadiana. Um estrangeiro tê-los-ia reconhecido quanto mais não fosse pela maneira de falar e pelo tipo que tão puro ficou naquela Nova Escócia, onde a raça francesa tão extraordinariamente se tem desenvolvido. Subindo a escala dos tempos, encontrar-se-iam por certo entre os seus avós alguns desses proscritos que, um século antes, foram dizimados pelas tropas reais, e dos quais Longfellow contou as desgraças no seu tão tocante poema de *Evangelina*. Quanto ao ofício de pescador, é talvez o mais honroso do Canadá — principalmente nas paróquias do litoral, onde se contam dez a quinze mil barcos de pesca, e mais de trinta mil marinheiros explorando as águas do rio e dos seus afluentes.

O barco trazia um certo passageiro, vestido como os companheiros, mas que de pescador só tinha o fato. E, contudo, teria facilmente enganado a qualquer e teria sido difícil adivinhar nele o mancebo ao qual a quinta de Montcalm tinha dado abrigo durante quarenta e oito horas.

Era, com efeito, João-Sem-Nome.

Enquanto ali se demorou nada disse acerca do seu incógnito e de sua família — João foi o único nome que lhe deram o Sr. de Vaudreuil e sua filha.

Na noite de 3 de setembro, acabada que foi a conferência, Vicente Hodge, William Clerc e André Farran retiraram-se e voltaram a Montreal. Foi somente dois dias depois da sua chegada à quinta que João se despediu do Sr. de Vaudreuil e de Clary.

Durante esta curta hospedagem que horas passadas a falar da nova tentativa que ia ser feita para arrancar o Canadá à dominação inglesa! Com que paixão Clary ouvia o proscrito glorificar a causa que tão querida era para ambos! Ele tinha perdido um pouco a frieza dos primeiros momentos e que parecia propositada. Talvez tivesse sentido a influência daquela

alma vibrante de mulher, cujo patriotismo tão estreitamente se ligava com o seu.

Em todo o caso ninguém na casa suspeitava que a quinta de Montcalm asilava João-Sem-Nome. Além de que, o chefe da casa Rip & C.^a, farejando uma falsa pista, não tinha conseguido descobrir o lugar onde ele se ocultava. João tinha podido sair dali às escondidas, tal qual tinha chegado, atravessar o S. Lourenço no vau da passagem à extremidade da ilha de Jesus e entranhar-se no interior do território, dirigindo-se para a fronteira americana, a fim de a atravessar, se isso se tornasse necessário para sua segurança. Como era nas paróquias do alto rio que então se realizavam as pesquisas — e com razão porque João acabava de as percorrer todas —, tinha chegado, sem ter sido reconhecido nem perseguido, ao rio de S. João, cujo curso serve -de limite em parte ao Novo Brunswick. Ali, no pequeno porto de Sant'Ana, era esperado pelos ousados companheiros, associados à sua obra, e com a dedicação dos quais podia contar absolutamente e sem reservas.

Eram cinco irmãos — os mais velhos, dois gémeos, Pedro e Remy, de trinta anos de idade, e os outros três, Miguel, Tony e Jacques, de vinte e nove, vinte e oito e vinte e sete anos —, cinco dos numerosos filhos de Tomás Harcher e de sua mulher Catarina, do condado de Laprairie, rendeiros de Chipogan.

Alguns anos antes, logo depois da revolução de 1831, João-Sem-Nome, apertado de perto pela polícia, tinha achado asilo naquela granja, que ele não sabia que pertencia ao Sr. de Vaudreuil. Tomás Harcher recebeu o fugitivo, admitiu-o na família como filho. Se ele não ignorava que dava refúgio a um patriota, ignorava, porém, que esse patriota era João-Sem-Nome.

Durante todo o tempo que esteve na granja, João — tinha-se apresentado com este único nome — ligou-se estreitamente com os filhos mais velhos de Tomás Harcher. Os sentimentos destes correspondiam aos seus. Eram intrépidos partidários da reforma, tendo no coração esse ódio instintivo contra tudo o que pertencia à raça anglo-saxónica, «contra tudo quanto cheirava a ingleses», como então se dizia no Canadá.

Quando João deixou Chipogan, foi a bordo do barco dos cinco irmãos que percorria o rio de abril a setembro. Fazia ostensivamente profissão de pescador, o que lhe dava entrada em todas as casas das povoações ribeirinhas. Foi assim que ele conseguiu despistar a polícia e preparar um novo movimento insurrecional. Antes da sua chegada a Montcalm, tinha visitado os condados do Outaouais, na província de Ontário. Presentemente, agora que ia rio acima desde a sua foz até Montreal, daria as últimas ordens aos habitantes dos condados do Baixo Canadá, que não se fartavam de dizer: «Quando veremos a nossa boa gente?», recordando-se dos franceses de outrora!

O barco acabava de deixar o porto de Sant'Ana. Embora a maré começasse a vazar, uma brisa fresca, do lado de leste, permitia subi-lo à vontade, com a vela grande, joanete e cutelos que tinha feito largar Pedro Harcher, patrão do *Champlain*, que assim se chamava o cúter de pesca.

O clima do Canadá, menos temperado do que o dos Estados Unidos, é muito quente no verão, frigidíssimo no inverno, embora o seu território se ache na mesma latitude do que o da França. Atribui-se isto a que as águas mornas do Gulf Stream, afastadas do seu litoral, não moderam os excessos da sua temperatura.

Durante esta primeira quinzena do mês de setembro o calor tinha sido forte, e as velas do *Champlain* eram enfunadas por uma brisa ardente.

— O dia será áspero — advertiu Pedro —, principalmente se o vento cair ao meio-dia!

— Com certeza — concordou Miguel —, e que o diabo leve estas moscas e estes mosquitos pretos! Neste porto estão às nuvens.

— Deixem estar que vão acabar estes calores e gozaremos bem depressa das doçuras do verão indiano, meus irmãos!

Era João quem assim acabava de dar aquele doce tratamento fraternal aos seus companheiros, que bem dignos dele eram. E razão tinha para louvar as belezas do *indian summer* do Canadá, que compreende mais particularmente os meses de setembro e de outubro.

— Vamos esta manhã à pesca — perguntou Pedro Harcher —, ou continuamos a subir o rio?

— Deitemos as linhas até às dez horas — decidiu João. — E iremos depois vender o peixe a Matana.

— Nesse caso bordejemos para a ponta de Mons — replicou o patrão do *Champlain*. — As águas ali são melhores e voltaremos a Matana à feição da maré.

Largaram-se as amarras, o cúter veio ao vento, e, bem levado pela brisa, enquanto a corrente o tomava por debaixo, dirigia-se obliquamente para a ponta de Mons, situada na margem setentrional do rio, cuja largura naquele sítio anda por umas nove a dez léguas.

Ao fim de uma hora de navegação o *Champlain* pôs-se à capa, e, com o cutelo só, começou a pescar, andando lentamente. Achava-se no centro desse magnífico estuário, a que faz quadro uma zona de terras cultiváveis que se estendem, ao norte, até ao sopé das primeiras ondulações da cadeia dos Laurentinos e, ao sul, até aos montes de Nossa Senhora, cujos cimos mais elevados dominam de mil e trezentos pés o nível do mar.

Pedro Harcher e seus irmãos eram hábeis no seu ofício, que exerciam em todo o curso do rio. No meio dos saltos e barragens de Montreal procuravam grande quantidade de sáveis por meio de faxinas. Nos arredores de Quebeque faziam a pesca do salmão, que é arrastado nas épocas da desova para as águas mais a montante. Raro era que as suas marés não fossem remuneradoras.

Naquela manhã o peixe acudiu em abundância. Por umas poucas de vezes as redes se encheram a romper. Portanto, por volta das dez horas, o *Champlain* pôde largar as velas e aproar ao nordeste para ir fundear em Matana.

Melhor valera, efetivamente, ganhar a costa meridional do rio. Ao norte as povoações e as aldeias são muito espalhadas, a população é rara naquela região árida. A bem dizer, este território é formado por uma aglomeração de rochas caóticas. À exceção do vale do Saguenay, pelo qual se escoam os trasbordamentos do lago S. João e cujo solo é de aluvião, a produção vegetal é pouco remuneradora, fora as ricas florestas, de que a zona é abundantemente coberta.

Ao sul do rio, pelo contrário, a terra é fecunda, e, como já se disse, é como um panorama de habitações que se desdobra desde a bacia de S. Lourenço até às alturas de Quebeque. Se os turistas são atraídos pelo pitoresco cenário do vale do Saguenay, ou de Malbaie, os banhistas canadenses e americanos — principalmente estes, expulsos pelas ardentes temperaturas da Nova Inglaterra para as frescas regiões do grande rio — frequentam de melhor grado a sua margem meridional.

Foi lá, ao mercado de Matana, que, em primeiro lugar, o *Champlain* foi levar as cargas de peixe. João e os dois irmãos Harcher, Miguel e Tony, foram de porta em porta oferecer o produto da sua pesca. Porque seria que João se demorava em algumas casas mais do que era preciso para um negócio daquele género, porque penetrava no interior das habitações e trocava algumas palavras, não com os criados? E, também, porque é que em algumas casas de condição modesta ele deixava mais dinheiro do que aquele que seus camaradas recebiam pela venda da mercadoria?

E assim se continuou nos dias seguintes pelas povoações meridionais, em Rimouski, em Bic, nas Três Pistolas, na praia de Caconna, uma das estações balneares da moda, naquela margem do S. Lourenço.

Na Ribeira do Lobo — pequena cidade onde João se demorou na manhã de 17 de setembro — o *Champlain* foi visitado pelos funcionários especialmente encarregados da vigilância do rio. Mas tudo decorreu maravilhosamente.

Havia já anos que João estava inscrito na matrícula do cúter como sendo um dos filhos de Tomás Harcher. Nunca a polícia teria suspeitado que sob a roupa de um pescador canadense se ocultava o proscrito, cuja cabeça valia agora seis mil piastras a quem a entregasse.

Depois, assim que os agentes acabaram a sua visita:

— Talvez que não fizéssemos mal — observou Pedro Harcher — em ir procurar refúgio do outro lado do rio.

— É também a minha opinião — declarou Miguel.

— E porquê? — perguntou João. — Dar-se-á o caso que o nosso navio parecesse suspeito a essa gente? Pois não se passou tudo como de costume? Haverá quem duvide de que eu sou da família Harcher como tu e teus irmãos?

— Eu até imagino que tu és realmente — exclamou Jacques, o mais novo dos cinco, que era um carácter folgazão. — Nosso pai tem tantos filhos que um de mais pouco o embaraçaria, e até ele próprio se podia enganar.

— Além de que — juntou Tony —, ama-te como filho, e nós somos tão teus amigos como se fosses do mesmo sangue.

— Não somos nós, como tu, de raça francesa? — observou Remy.

— É claro! — concordou João. — Portanto, não me parece que tenhamos que recear da polícia...

— Nunca se é prudente de mais! — ponderou Tony.

— Sem dúvida que não — admitiu João —, e é unicamente por prudência que Pedro propõe que se atravesse o rio...

— Por prudência, sim — respondeu o mestre do *Champlain* —, porque o tempo vai mudar!

— Isso então já é outro caso — respondeu João.

— Olha — tornou Pedro. — Não tardará que descarregue a borrasca de nordeste e palpita-me que há de ser valente! E creio que não me engano! Temos aguentado muitas outras, mas devemos pensar no barco, e não me faz conta ir dar com ele nas rochas da Ribeira do Lobo ou de Kamouraska!

— Seja! — acedeu João. — Ganhemos a margem ao norte do lado de Tadoussac, se é possível. Subiremos depois pelo Sanguenay até Chicoutimi, e lá não perderemos nem o tempo nem o trabalho.

— Então depressa! — gritou Miguel. — Pedro tem razão! Este velhaco do nordeste não vem longe. Se ele apanhasse o *Champlain* de través, andaríamos cem vezes mais caminho para Quebeque do que é preciso fazer para chegar a Tadoussac!

As velas do *Champlain* foram orientadas, e, aproando na direção do norte, o cúter começou a cair sobre o vento.

Estas tempestades do nordeste não são infelizmente raras no verão. Quer durem duas ou três horas, quer se desencadeiem durante uma semana, trazem as cerrações glaciais do golfo e inundam o vale chuvas torrenciais.

Eram oito horas da noite. Pedro Harcher não se tinha enganado à vista de certas nuvens, delgadas como flechas, que anunciavam a borrasca. Era tempo e mais que tempo de ir procurar o abrigo da costa setentrional.

Cinco, quando muito seis léguas, separam a Ribeira do Lobo da foz do Saguenay. Foram trabalhosas de galgar. O pé de vento caiu sobre o *Champlain* como um furacão ainda ele não estava a um terço do caminho. Foi preciso meter pano nos rizes, e ainda assim o cúter viu-se ameaçado de ver os mastros quebrarem ao rés do convés. A superfície do rio, bravo como é o mar dentro de um golfo, elevava-se em ondas enormes, que rebentavam no costado do *Champlain* e o alagavam de popa à proa. Era forte para uma embarcação de uma dúzia de toneladas. Mas a equipagem era dotada de sangue-frio e hábil na manobra. Não era a primeira tempestade que tinha aguentado quando se aventurava ao largo, entre a Terra Nova e a linha do cabo Breton. Portanto era lícito contar tanto com as qualidades marítimas de tais marinheiros como com a solidez do casco.

Contudo, Pedro Harcher teve de trabalhar para chegar à foz do Saguenay e de lutar durante três longas horas. Logo que começou a vazante, se se tornou mais fácil o descair, foi, pelo contrário, mais perigoso o quebrar das ondas. Quem nunca experimentou uma dessas borrascas do nordeste, através do vale tão largamente descoberto do S. Lourenço, não pode avaliar a violência daqueles embates. São um verdadeiro flagelo para os condados situados a jusante de Quebeque.

Felizmente, o *Champlain*, depois de ter encontrado o abrigo da margem setentrional, pôde refugiar-se, antes que fechasse a noite, na embocadura do Saguenay.

A borrasca tinha apenas durado algumas horas. Portanto a 19 de setembro, mal raiou a aurora, João pôde continuar a sua campanha, subindo o Saguenay, cujo curso se desenvolve por entre as rochas a prumo dos cabos da Trindade e da Eternidade, que medem mil e oitocentos pés de altura.

Ali a vista tem para se deliciar as mais formosas paisagens, os mais singulares pontos de vista da província canadiana, e, entre outros, essa maravilhosa baía de Ha-Ha! — aplicação onomatopaica que lhe consagra a admiração dos turistas. O *Champlain* chegou a Chicoutimi, onde João conseguiu pôr-se em contacto com os membros do *comité* reformista, e, no dia seguinte, aproveitando-se da maré da noite, retomou a direção de Quebeque.

Entretanto, Pedro Harcher e seus irmãos não esqueciam que o seu officio era o de pescador. E todas as noites lançavam redes e linhas; depois, pela manhã, costeavam as numerosas povoações das duas margens. Foi assim que, na margem setentrional, de um aspeto quase selvagem, ao longo do condado de Charlevoix, desde Tadoussac até à baía de S. Paulo, eles visitaram Malbaie, Santo Ireneo, Nossa Senhora das Derrocadas, cujo nome significativo é por demais justificado pela sua situação no meio de um caos de rochedos. Depois seguiram-se as costas de Beauport e de Beaupré, onde João não perdeu

tempo, desembarcando em Chateau-Richer; depois a ilha de Orleães, situada a jusante de Quebeque.

Na margem meridional o *Champlain* molhou sucessivamente em S. Miguel e em Ponta Levis. Foi preciso tomar certas precauções, porque a vigilância naquele ponto do rio era extremamente severa. Talvez mesmo fosse prudente não aportar em Quebeque, onde o cúter chegou na tarde de 22 de setembro. Mas João tinha uma entrevista com o advogado Sebastião Gramont, um dos mais ardentes deputados da oposição canadense.

Quando a noite ficou cerrada, João esgueirou-se para os bairros altos da cidade e conseguiu chegar, pela Rua do Petit-Champlain, a casa de Sebastião Gramont.

As relações entre João e o advogado datavam já de anos. Sebastião Gramont, então de trinta e seis anos de idade, tinha-se ativamente envolvido em todas as manifestações políticas dos últimos anos — em 1835, muito particularmente, o que tinha pago com o corpo. Daí, veio a sua ligação com João-Sem-Nome, que, apesar de tudo, nada lhe tinha dito nem da sua origem nem da sua família. Sebastião Gramont apenas sabia uma coisa: é que, assim que soasse a hora, o moço patriota se poria à testa da revolução. Portanto, não o tendo tornado a ver desde que abortou a tentativa de 1835, esperava-o com viva impaciência.

Quando João chegou, foi cordialmente acolhido.

— Apenas me posso demorar algumas horas — declarou ele.

— Sendo assim — respondeu o advogado —, aproveitemo-las falando do passado e do presente.

— Do passado, não! — retorquiu João. — Do presente... do futuro... do futuro principalmente!

Desde que se conheciam, Sebastião Gramont bem percebia que na vida de João devia haver um sofrimento qualquer, cuja causa não conseguira adivinhar. Na sua presença João afetava uma tal reserva que Sebastião Gramont nunca tinha insistido em sondar o seu passado. Quando conviesse ao seu amigo confiar-lhe os seus segredos, ali estava pronto a ouvi-lo.

Durante as poucas horas que passaram juntos não falaram senão da situação política. De uma parte, o, advogado fez conhecer a João qual era o estado dos espíritos no Parlamento. Por outra, João pôs Sebastião Gramont ao corrente das medidas já tomadas na previsão de uma insurreição, da formação de um *comité* de concentração na quinta de Montcalm e dos resultados da sua viagem através do Alto e do Baixo Canadá. Faltava-lhe apenas percorrer o distrito de Montreal para dar por finda a sua campanha.

O advogado ouviu-o com extrema atenção e augurou bem dos progressos que a causa nacional tinha feito nas últimas semanas. Não havia povoação nem aldeia onde não tivesse sido distribuído dinheiro para compra de munições e de armamento, e que não estivesse à espera do sinal.

João ficou sabendo quais tinham sido as últimas disposições combinadas pela autoridade em Quebeque.

— E agora, meu querido João — disse-lhe Sebastião Gramont —, há coisa de um mês correu o boato de que tinha estado aqui. Fizeram-se pesquisas para o descobrir e até aqui vieram esquadrinhar, onde se dizia ter sido visto. Recebi a visita dos agentes, e, entre outros, a de um tal Rip...

— Rip! — exclamou João, com voz cava, como se aquele nome lhe queimasse os lábios.

— Ele próprio, o chefe da casa Rip & C.^a — continuou Sebastião Gramont. — Não se esqueça que este beleguim é um homem perigosíssimo.

— Perigosíssimo! — murmurou João.

— E de quem deve muito particularmente desconfiar — ajuntou Sebastião Gramont.

— Desconfiar dele! — tornou João. — Desconfiar tanto quanto se deve desconfiar de um miserável.

— Conhece-o?

— Eu conheço — replicou João, que tinha readquirido o seu sangue-frio —, mas ele é que ainda me não conhece.

— Isso é o importante! — ajuntou Sebastião Gramont, bastante surpreendido com a atitude do seu hóspede.

Depois, João, desviando a conversa, interrogou o advogado acerca da política do Parlamento nas últimas sessões.

— Na câmara — informou Sebastião Gramont — a oposição tem sido forte. Papineau, Cuvillier, Viger, Quesnel,

Bourdages, atacam os atos do governo. *Lord* Gosford queria prorrogar a sessão, mas viu claramente que seria sublevar o país...

— Deus queira que ele o não faça antes que estejamos prontos! —olveu João. — Que os chefes não tenham a imprudência de precipitar as coisas.

— Serão prevenidos, João, e nada farão que possa contrariar os seus projetos. Contudo, na previsão de uma insurreição possível e que rebentaria num prazo próximo, certas medidas foram tomadas pelo governador-geral. *Sir* John Colborne concentrou todas as tropas de que podia dispor, de maneira a poder mobilizá-las rapidamente para as principais povoações dos condados de S. Lourenço, onde, diz-se, provavelmente se travará a luta...

— Lá e em vinte outros lugares ao mesmo tempo... pelo menos assim o espero — respondeu João. — É preciso que toda a população canadense se insurja no mesmo dia e à mesma hora e que os burocratas sejam esmagados pelo número! Se o movimento fosse unicamente local, arriscava-se a ser paralisado logo ao nascer. Foi para o generalizar que visitei as províncias de Leste e Oeste e que vou percorrer as do Centro. Conto partir ainda esta noite.

— Parta, mas não se esqueça de que os soldados e os voluntários de *sir* John Colborne estão particularmente aquartelados ao redor de Montreal, sob o comando dos coronéis Gore e Witherall. É ali que sem dúvida teremos de suportar um encontro terrível...

— Tudo há de estar completo para que se obtenham vantagens aos primeiros tiros — declarou João. — Precisamente o centro de Montcalm está bem colocado na perspectiva de uma ação comum, e conheço a energia do seu diretor, o Sr. de Vaudreuil. Além disso, nos condados de Verchères, S. Jacinto, Laprairie, que confinam com o de Montreal, os mais ardentes dos *Filhos da Liberdade* comunicaram às cidades, vilas e aldeias o fogo do seu patriotismo...

— E até o clero assopra esse fogo! — acrescentou Sebastião Gramont. — Tanto em público como em particular, quer nos sermões, quer nas conversas, os nossos padres pregam contra a tirania anglo-saxónica. Há dias, ainda, na própria cidade de Quebeque, na catedral, um pregador, moço ainda, não receou apelar para o sentimento nacional, e as suas palavras tiveram tal eco que o ministro da polícia quis mandá-lo prender. Mas, por prudência, *lord* Gosford, desejoso de poupar o clero canadense, opôs-se a essa medida de rigor. Somente conseguiu do bispo que este pregador saísse da cidade, e agora anda prossequindo na sua missão pelas paróquias do condado de Montreal. É um verdadeiro tribuno do púlpito, de uma eloquência avassaladora, que não atende a considerações pessoais e que parece disposto a fazer, em favor da nossa causa, o sacrificio da sua liberdade e da sua vida!

— É moço, disse, esse padre de que falou? — perguntou João.

— Trinta anos, quando muito.

— A que ordem pertence?

— A de S. Sulpício.

— E chama-se?

— O padre Joann.

Despertaria este nome alguma recordação no espírito de João?

Pelo menos assim o julgou Sebastião Gramont, ao vê-lo ficar silencioso durante momentos. Depois, despediu-se do advogado, embora este lhe oferecesse hospitalidade até ao dia seguinte.

— Agradeço-lhe, meu querido Gramont. É preciso que eu vá ter com os meus companheiros antes da meia-noite. Devemos partir com a enchente.

— Vá, João — retorquiu o advogado. — Que a sua empresa seja bem ou mal sucedida, nem por isso deixará de ser um dos que tenham trabalhado mais em favor do nosso país!

— Nada terei feito enquanto ele estiver sob o jugo inglês — exclamou o patriota — e, se conseguisse libertá-lo desse jugo, a preço que fosse da minha vida...

— Ele lhe ficaria reconhecedor de uma recompensa eterna! — respondeu Sebastião Gramont.

— Engana-se, não me ficaria devendo nada!

Dada esta resposta, os dois amigos separaram-se. Depois, João, tendo embarcado no *Cbamplain*, ancorado num recôncavo da margem, retomou com a corrente o caminho de Montreal.

Capítulo 7 — De Quebeque a Montreal

À meia-noite, o cúter tinha já feito algumas milhas para montante. No meio daquela noite, iluminada pelo luar da plena lua cheia, Pedro Harcher manobrava com segurança, embora corresse o risco de descair para uma ou outra margem, porque o vento soprava com brisa fresca do lado de oeste.

O *Champlain* não parou senão um pouco antes do nascer da aurora. Ligeiros nevoeiros inundavam os vastos prados para além das duas margens. Bem depressa os cimos das árvores, agrupadas lá nos últimos planos, emergiram do meio destes vapores que o sol começava a desfazer, e o curso do rio ia tornar-se visível.

Muitos pescadores estavam já entregues à faina, levando redes e linhas a reboque das suas pequenas embarcações, que quase nunca abandonavam o alto curso do S. Lourenço ou os seus afluentes da esquerda e direita. O *Champlain* foi perder-se no meio daquela flotilha, entregue às suas ocupações matinais entre as margens dos condados de Porto Novo e de Lotbinière. Os irmãos Harcher entregaram-se logo ao trabalho, após terem deitado a âncora do lado do norte. Precisavam de alguns cestos de peixe para irem vender nas vilas assim que a corrente permitisse subir o rio, apesar do vento contrário.

Durante a pesca muitas canoas cavadas em troncos vieram atracar ao *Champlain*. Eram desses barquitos leves que se podem pôr às costas quando se trata de atravessar qualquer *portage*, isto é, o espaço em que um curso de água é inavegável por causa dos rochedos que o obstruem, as cachoeiras que o atravessam, os saltos e turbilhões que tão frequentemente perturbam os rios canadianos.

Os homens que tripulavam estas canoas eram na maior parte de raça índia. Vinham comprar peixe, que levavam depois para as vilas e aldeias do interior, onde penetravam as suas embarcações pelos múltiplos rios do território. Por muitas vezes foram canadenses que vieram atracar ao *Champlain*. Conversavam alguns segundos com João; depois volviam à praia, a fim de cumprirem a missão de que acabavam de ser encarregados.

Naquela manhã, se os irmãos Harcher não tivessem procurado na pesca senão o lucro ou o prazer, o seu desejo teria sido amplamente satisfeito. Redes e linhas fizeram maravilhas, e todos os peixes, em que tão abundantes são as águas canadianas, passaram destas para o convés do cúter. Apanharam também grande quantidade daquele *peixe branco* que os entendidos apreciam pela excelência da sua carne. Era de esperar, o que deveras aconteceu, um bom acolhimento ao *Champlain* nos casais ribeirinhos.

Além disso, tinham sido favorecidos por um tempo magnífico — esse tempo peculiar, por assim dizer, a esse feliz e inconfundível vale do S. Lourenço. Que delicioso aspeto o dos campos vizinhos, desde a beira do rio até ao sopé das cadeias dos Laurentinos! Segundo a poética expressão de Fenimore Cooper, não deixavam de ser mais belos por terem envergado a sua libré de outono — a libré verde e amarela dos derradeiros dias bons.

O *Champlain* aproximou-se da beira do condado do Porto Novo, na margem esquerda. Na vila deste nome, como nas de Sant'Ana e de Santo Estanislau, fez-se bom negócio. Talvez que, em certos pontos o *Champlain* deixasse mais dinheiro do que o que recebia pelos produtos da pesca; mas os irmãos Harcher nem pensavam em se queixar.

Durante os dois dias seguintes João andou assim navegando de uma a outra margem. No condado de Lotbinière, na margem direita, foi a Lotbinière e a S. Pedro dos Bosques; no condado de Champlain, na margem oposta, foi a Batican; depois, no outro lado, foi a Guitilli e a Doucette, onde os principais reformistas receberam a sua visita. Foi até uma das personagens mais influentes de Nicolet, no condado deste nome, o Sr. Aubineau, juiz de paz, que se pôs em relações com ele. Ali, como em Quebeque, João soube que o padre Joann acabava de percorrer as paróquias, onde os seus sermões tinham inflamado os espíritos. Depois, tendo-se o Sr. Aubineau referido à falta de armas e de munições:

— há de recebê-las quanto antes — informou ele. — Uma jangada de madeira devia ter partido de Montreal na noite passada, e não pode tardar a chegar com espingardas, pólvora e balas. Estarão todos armados a tempo. Mas não se insurjam antes da hora marcada. Se for necessário, pode pôr-se em relações com o *comité* de Montcalm, na ilha de Jesus, e

corresponder-se com o seu presidente.

— O Sr. de Vaudreuil?

— Esse mesmo.

— Fica assente.

— Não me disse que o padre Joann passou por Nicolet?

— Esteve aqui há de haver seis dias.

— E sabe para onde foi?

— Para o condado de Verchères, e deve, se não me engano, dirigir-se depois para o de Laprairie!

Dito isto, João despediu-se do juiz de paz e voltou para bordo do *Champlain* no momento em que igualmente chegavam os irmãos Harcher depois de terem vendido o seu peixe. O rio foi então obliquamente atravessado na direção do condado de S. Maurício.

Na embocadura do rio deste nome eleva-se uma das mais amplas vilas do país, a vila das Três Ribeiras, na entrada de um vale fértil. Naquela época acabava de ser criada ali uma fundição de canhões, dirigida por uma sociedade franco-canadense, e que só ocupava operários franco-canadenses.

Era aquele um centro antilealista que João não poderia desprezar. O *Champlain* subiu, portanto, durante algumas milhas o curso de S. Maurício; o moço patriota pôs-se em relação com os *comités* instituídos nas paróquias.

É verdade que aquela fundição, de criação recente, se achava ainda no período de organização. Alguns meses depois, talvez os reformistas se pudessem ter fornecido ali de bocas de fogo, de que, infelizmente, estavam privados. Era possível, contudo — dado o caso que se trabalhasse dia e noite —, que eles pudessem opor à artilharia das tropas reais os primeiros canhões fundidos na fábrica de S. Maurício. João teve uma longa conversa a esse respeito com os chefes dos *comités*. Que algumas dessas peças fossem fundidas a tempo, e não faltariam braços para se servirem delas!

Depois de ter saído das Três Ribeiras, o *Champlain* percorreu a margem esquerda do condado de Maskinongé, ancorou na pequena cidade deste nome, depois entrou, na noite de 24 para 25 de setembro, num largo bojo do S. Pedro.

Ali desenvolve-se, efetivamente, uma espécie de lago de seis léguas de comprimento, limitado a montante por uma série de ilhéus que se estendem desde Berthier, vila do condado deste nome, até Sorel, que já pertence ao condado de Richelieu.

Neste lugar os irmãos Harcher deitaram as redes, ou, por outra, puseram-nas arrastando, e, servidos pela corrente, continuaram a subir o rio com pequena velocidade. Espessas nuvens cobriam o céu, e a escuridão era bastante fechada para que se pudessem ver as margens ao norte e ao sul.

Pouco depois da meia-noite, Pedro Harcher, de vigia à proa, notou uma luz que brilhava a montante do rio.

— É sem dúvida o farol de algum navio que desce — disse Remy, que se tinha aproximado de seu irmão.

— Atenção às redes! — gritou Jacques. — Temos trinta braças lançadas, e seriam perdidas se aquele nos caísse de lado!

— Orcemos para estibordo — disse Miguel. — Felizmente, não falta espaço...

— O vento não se presta — advertiu Pedro.

— O melhor seria recolher as redes — observou Tony. — Era mais seguro...

— E já, sem perda de tempo — aprovou Remy.

Os irmãos Harcher preparavam-se para puxar as redes quando João observou:

— Estão bem certos de que é um navio que vai com a corrente do rio?

— Não sei bem — respondeu Pedro. — Em todo o caso aproxima-se lentamente e o farol está colocado quase raso com a água.

— É talvez uma jangada! — lembrou Jacques.

— Se assim é — tornou Remy —, razão demais para nos livrarmos dela. Venha lá a rede!

Efetivamente, o *Champlain* arriscava-se a comprometer as suas redes se os irmãos Harcher não se tivessem apressado

em colhê-las, sem mesmo demorarem tempo em aproveitar o peixe apanhado. Não havia um instante a perder, porque a luz assinalada via-se então a pouco menos de umas duzentas e cinquenta braças.

Era uma jangada, isto é, um trem de madeira composto de setenta *cribs*, cujo conjunto forma pelo menos mil pés cúbicos. A partir do dia em que o degelo torna o rio navegável, muitas destas jangadas descem para Montreal ou para Quebeque. Vêm das imensas florestas de oeste, que constituem umas das inesgotáveis riquezas da província canadiana. São um conjunto flutuante, emergindo uns cinco ou seis pés, como um enorme pontão sem mastros composto de troncos, que foram postos em esquadria no mato pelo machado do rachador ou aparelhados em vigas ou tabuado pelas serrarias estabelecidas nas cachoeiras das Caldeiras, na ribeira Outaouais. A partir do mês de abril descem destes trens aos milheiros até meados de outubro, evitando os saltos e as cachoeiras por meio de planos inclinados construídos sobre o fundo de estreitos canais e com declives muito fortes. Se alguma destas jangadas para em Montreal para fornecer carga aos navios que têm de as transportar aos mares da Europa, a maior parte desce até Quebeque. Ali é o centro das explorações florestais, cujo rendimento se cifra todos os anos em vinte e cinco a trinta milhões de francos em proveito do comércio canadiano.

Escusado será dizer que estas jangadas embarçam a navegação do rio, principalmente quando passam pelos braços intermediários, cuja largura é muitas vezes medíocre. Abandonadas à corrente vazante, enquanto ela dura, é quase impossível dirigi-las. São portanto os navios, os barcos de pesca, ou outros, que têm de se livrar delas, se não querem arriscar-se a uma abordagem que lhes poderia causar grandes avarias. E compreende-se porque os irmãos Harcher não tinham que hesitar em recolher as redes, deitadas no caminho da jangada que descia o rio. Uma luz colocada na frente indicava a direção que ela seguia.

Já não estava a vinte braças quando o *Champlain* acabou de colher as suas redes.

Neste momento, no silêncio da noite, uma voz timbrada entoou aquela canção do país que se tornou, como nota o Sr. Réveilland, num verdadeiro canto nacional — e mais pela música do que pelas palavras. No cantor, que era o patrão da jangada, era fácil reconhecer um canadense de origem francesa pelo seu sotaque e pela maneira muito aberta como pronunciava o ditongo *ai*.

Cantava ele:

De tal sorte vim da boda
Tão moído e fatigado
Qu'à fresca da clara fonte
Fui deitar-me sossegado!

Sem dúvida João reconheceu a voz do cantador, porque se aproximou de Pedro Harcher no momento em que o *Champlain* abaixava os croques para evitar a jangada.

— Atraca — diz-lhe ele.

— Atracar? — perguntou Pedro.

— Atraca! É Luís Lacosse.

— Mas vamos descair com ele.

— Cinco minutos, quando muito — respondeu João. — Tenho apenas algumas palavras a dizer-lhe.

Num instante, Pedro Harcher, com um movimento de leme, chegou-se ao flanco da jangada, onde o *Champlain* deitou uma espia que a amarrou avante.

O marinheiro, vendo esta manobra, tinha interrompido a canção e gritado:

— Olá do cúter... tomem conta!

— Não há perigo, Sr. Lacosse — voltou Pedro Harcher. — É o *Champlain*.

Com um pulo, João tinha saltado por cima da jangada e achava-se junto do patrão, que, assim que o reconheceu à luz do

farol, disse logo:

— Às ordens, Sr. João!

— Obrigado, Lacosse.

— Esperava encontrá-lo em viagem; e estava mesmo resolvido a esperar o *Champlain*, mas, visto que ele já aqui está...

— Vem tudo a bordo? — perguntou João.

— Tudo entre as vigas e entre as vigotas... E olhe que arrumado que é um primor, por essa fico eu! — ajuntou Luís Lacosse, ferindo o isqueiro para acender o cachimbo.

— Os guardas da alfândega já vieram?

— Vieram em Verchères! E os raios dos homens estiveram aí conversando mais de meia hora! Eles não viram nada! Tal qual como se viesse tudo numa boceta.

— E o que vai ali? — perguntou João.

— Duzentas espingardas.

— E sabres?

— Duzentos e cinquenta.

— De onde vêm?

— De Vermont. Os nossos amigos americanos trabalharam bem e barato. O mais difícil foi transportar a carga até ao forte Ontário, onde nos foi entregue. Agora já não há dificuldades.

— E as munições?

— Três toneladas de pólvora e alguns milheiros de balas. Se cada uma matar um homem, bem depressa não haverá uma única farda vermelha no Canadá. Terão sido todos comidos pelos comedores de rãs, como eles nos chamam.

— E sabes a que paróquias são destinadas essas armas e munições? — perguntou João.

— Perfeitamente — declarou o marinheiro. — E nada tem que temer! Durante a noite, na baixa-mar, encalho a jangada e as canoas virão cada uma buscar a sua parte. Somente não desço mais além de Quebeque, onde tenho de carregar a madeira a bordo do *Moravian*, com destino a Hamburgo.

— De acordo — respondeu João. — Antes de chegares a Quebeque já terás entregado a última espingarda e a última barrica de pólvora.

— Então tudo vai bem.

— Diz cá, tens confiança nos homens da campanha?

— Tanta como em mim próprio! São verdadeiros João Batistas e, se for preciso dar um tiro, olhe que não é gente para ficar à ré!

João entregou-lhe então uma certa quantidade de piastras, que o valente marítimo deixou cair, sem contar, na algibeira do seu largo varino.

Depois foram trocados vigorosos apertos de mão com a tripulação do cúter.

João voltou ao *Champlain*, que se afastou para a margem esquerda. E, enquanto a jangada continuava a descer com a corrente, ouvia-se a voz sonora de Luís Lacosse que entoava:

Qu'à fresca da clara fonte

Fui deitar-me sossegado!

Uma hora mais tarde, a brisa começou a soprar com a enchente. O *Champlain* embrenhou-se por entre os numerosos ilhéus que limitam o lago Pedro e foi abeirando o litoral dos condados de Juliette e de Richelieu, situados em face um do outro. Depois fez escala nas povoações ribeirinhas do condado de Verchères, cujas mulheres tão corajosamente se bateram no fim do século XVII para defenderem um forte atacado pelos selvagens.

Enquanto o barco estacionava, João ia visitar os chefes reformistas para se assegurar por si próprio do espírito dos habitantes. Muitas vezes falavam da cabeça de João-Sem-Nome posta a prêmio. Onde estava ele então?

Reapareceria quando se tivesse travado a peleja? Os patriotas contavam com ele. A despeito do édito do governador-geral, ele podia ir sem receio ao condado, e lá, quer por uma, quer por vinte e quatro horas, todas as casas se lhe abririam!

Em presença destas provas de uma dedicação capaz de ir até ao extremo sacrifício, João sentia-se profundamente comovido. Sim! Ele era esperado como um Messias pela população canadense! E então limitava-se a responder:

— Não sei onde para João-Sem-Nome; mas assim que chegar o grande dia ele estará onde for do seu dever!

Pelo meio da noite de 26 para 27 de setembro, o *Champlain* tinha chegado ao braço meridional do S. Lourenço que separa a ilha de Montreal da margem do sul.

O *Champlain* chegava então ao termo da sua viagem. Daí a alguns dias os irmãos Harcher iam desarmá-lo para a estação do inverno, que torna impraticável a navegação do rio. Depois, João e eles voltariam para o condado de Laprairie, à granja de Chipogan, onde toda a família do rendeiro se acharia reunida para as grandes festas do casamento.

Entre a ilha de Montreal e a margem direita, o braço do S. Lourenço é formado de cachoeiras que podem ser consideradas como uma das curiosidades do país. Neste sítio desenvolve-se uma espécie de lago, semelhante ao de S. Pedro, onde o *Champlain* tinha encontrado a jangada do patrão Luís Lacosse. Chama-se, a este segundo, o salto de S. Luís e está situado em frente de Lachine, pequena vila a montante de Montreal, que é um lugar de ares muito apetecido dos Montrealenses. É como um mar tumultuoso, no qual entram as águas de um dos braços do Outaouais. Espessas florestas eriçam ainda a margem direita, em volta de uma aldeia de iroqueses cristãos, chamada Caughnawaga, cuja pobre igreja ergue o seu modesto campanário por cima do maciço de verdura.

Neste trecho do S. Lourenço, se a subida é muito difícil, a descida arrisca-se a ser mais rápida do que se deseje, porque basta uma volta em falso da cana do leme para atirar com uma embarcação para cima das cachoeiras. Mas os marinheiros, habituados a estas perigosas passagens — os pescadores principalmente, que vão ali apanhar sáveis por miríades —, são habilíssimos na manobra pelo meio daquelas águas furiosas.

Desde que o barco se abeira da margem meridional do rio e se deixe ir puxado à espia da terra, não é impossível chegar a Laprairie, capital do condado deste nome, onde o *Champlain* costumava invernar.

Perto do meio-dia, Pedro Harcher achava-se um pouco a jusante de Lachine. Donde vem a esta povoação este nome de um vasto império asiático? Simplesmente dos primeiros navegadores do S. Lourenço.

Chegados à vizinhança da zona dos grandes lagos, julgaram-se no litoral do oceano Pacífico, e, por conseguinte, não longe do reino do Celeste Império.

O patrão do *Champlain* navegou de maneira a ganhar a margem direita do rio e aí chegou por volta das cinco horas da tarde aproximadamente, no limite que separa o condado de Montreal do de Laprairie.

Foi nesse momento que João lhe participou:

— Eu vou desembarcar, Pedro.

— Pois não vens connosco até Laprairie? — perguntou Pedro Harcher.

— Não vou, preciso visitar a paróquia de Chambly, e, desembarcando em Caughnawaga, tenho só de andar metade do caminho.

— Olha que é arriscar muito — observou Pedro —, e, francamente, não te verei afastar sem inquietação. Para que nos queres deixar, João? Fica ainda mais dois dias e partiremos em seguida todos juntos depois do desarmamento do *Champlain*.

— Não é possível — tornou João. — Preciso estar esta noite ainda em Chambly.

— Queres que um de nós te acompanhe? — perguntou Pedro.

— Obrigado... Prefiro ir só.

— E demoras-te em Chambly?

— Horas apenas, Pedro; tanto que conto tornar a partir antes de ser dia.

Como João não parecia desejar dar mais explicações sobre o que ia fazer a Chambly, Pedro Harcher não insistiu e contentou-se em ajuntar:

— Queres que te esperemos em Laprairie?

— É inútil. Façam o que têm a fazer sem se inquietarem comigo.

— E quando nos tornaremos a ver?

— Na granja de Chipogan.

— Sabes que devemos aí estar todos para a primeira semana de outubro?

— Bem sei.

— Vê lá não faltes, João! A tua ausência seria um grande desgosto para o pai, para a mãe e para todos nós. Somos esperados em Chipogan para uma festa de família, e, visto que te fizeste nosso irmão, é preciso que compareças para que a festa seja completa.

— Conta comigo, Pedro!

João apertou a mão dos filhos de Harcher. Depois, desceu ao beliche do *Champlain*, vestiu o mesmo fato que trazia no dia da visita a Montcalm e despediu-se dos seus companheiros.

Um instante depois João saltava na praia, e, dado o último «até à vista!», desapareceu por entre as árvores, cujas massas profundas cercavam o aldeamento iroquês.

Pedro, Remy, Miguel, Tony e Jacques voltaram de novo à manobra. Foi depois de grandes esforços e de rudes fadigas que conseguiram alar o barco contra a corrente, aproveitando os redemoinhos que se formam ao revés das pontas.

Às oito horas da noite o *Champlain* estava solidamente amarrado numa pequena enseada junto das casas de Laprairie.

Os irmãos Harcher tinham terminado a sua campanha de pesca, depois de terem, durante seis meses e sobre duzentas léguas de percurso, subido e descido as águas do grande rio.

Eram cinco horas da tarde quando João desembarcou do *Champlain*. Três léguas aproximadamente o separavam de Chambly, para onde se dirigia.

Que ia ele fazer a Chambly? Não estava já terminada a sua obra de propaganda através dos extremos condados do Sudoeste antes da sua chegada a Montcalm? Com certeza. Mas esta paróquia não tinha recebido a sua visita. Porquê? Ninguém o sabia. Não o tinha dito a ninguém, e muito pouco a si próprio. Ia para ali como que atraído e repellido ao mesmo tempo, tendo, contudo, a consciência do combate que se travava no seu íntimo.

Tinham decorrido doze anos desde que João saíra da terra em que vira a luz, e nunca mais tinha ali voltado. Não o podiam reconhecer. Ele próprio, passada tão longa ausência, não teria também já esquecido a rua onde em criança brincou, a casa onde passara a infância?

Não! Essas recordações da primeira idade não podiam ter-se apagado da sua vívida memória! Ao sair da floresta ribeirinha reviu-se no meio dos prados que percorrera outrora quando ia tomar o vau no S. Lourenço. Não era um estranho que penetrava naquele território, era um filho do país. Não hesitava quando se achava numa encruzilhada de caminhos e tomava sem pensar os atalhos que lhe encurtavam o caminho. Por isso, assim que chegasse a Chambly, não hesitaria em reconhecer o pequeno largo onde se achava a casa paterna, e a rua estreita por onde de normalmente ia para a igreja, aonde sua mãe o levava, o colégio onde tinha começado os estudos antes de os ir terminar a Montreal!

João tinha querido rever todos esses lugares, de que havia tanto tempo se achava ausente. No momento de arriscar a sua cabeça numa luta suprema, sentiu-se tomado do irresistível desejo de voltar ali, onde tinha começado para ele aquela miserável existência. Não era João-Sem-Nome que se ia apresentar aos reformistas do condado, era um filho que voltava à terra que o vira nascer.

João caminhava com passo rápido, a fim de chegar a Chambly antes da noite e poder partir antes do dia. Absorvido pelas crudelíssimas recordações, os seus olhos nada viam do que outrora teria atraído a sua atenção, nem os casais de veados que atravessavam por entre as árvores, nem os pássaros de mil variedades que volteavam nas ramagens, nem a caça que fugia pelos trilhos.

Alguns lavradores ocupavam-se de trabalhos campestres. Afastava-se deles para não ter de corresponder aos seus cordiais cumprimentos, querendo passar despercebido através da campina e rever Chambly sem aí ter sido visto.

Eram sete horas quando a torre da igreja apontou entre a verdura. Dali a meia hora teria chegado. O tilintar do sino, levado pelo vento, chegava até ele.

E, em vez de exclamar «Sim! Sou eu! Que quero de novo ver-me no meio de tudo que outrora tanto amei! Eu que volto ao ninho! Eu que volto ao berço!», calava-se, não respondia sequer a si próprio, e, pelo contrário, perguntava com espanto:

— Mas que vim eu aqui fazer?

Contudo, ao badalar interrompido daquele sino, João observou que não eram ave-marias que soavam. Que devoção seria que àquela hora chamava os fiéis de Chambly à igreja?

— Tanto melhor! — disse João de si para si. — Toda a gente estará na igreja! Não terei de passar por diante das portas abertas! Ninguém me verá! Ninguém me falará! E, visto que não tenho de pedir hospitalidade a pessoa alguma, ninguém saberá que eu vim aqui!

E, dizendo isto, continuava o seu caminho quando sentiu ímpetos de voltar para trás. Mas era impossível. Uma força que não podia vencer obrigava-o a avançar.

À medida que se ia aproximando de Chambly, João começava a reparar mais atentamente. Apesar das mudanças que durante doze anos se tinham operado, reconheceu as casas, os quintais e as granjas dos arrabaldes da vila.

Quando chegou à rua direita, foi andando encostado às paredes das casas, cujo aspeto era tão francês que alguém ao vê-

las podia julgar-se na capital de algum bailiado do século XVII. Aqui morava um amigo de sua família, em casa de quem João costumava passar os dias feriados, ali o cura da freguesia, que lhe tinha dado as primeiras lições.

Viveria ainda essa gente? Depois, à direita, elevava-se uma edificação maior. Era o colégio aonde ia todas as manhãs, a uns cem passos de sua casa, quando se sobe para o bairro alto de Chambly.

Esta rua ia dar ao largo da igreja. A casa paterna ocupava um dos ângulos, à esquerda, com a fachada voltada para o largo e as traseiras deitando sobre um jardim que se ligava à mata que cercava a povoação.

A noite estava muito escura. A grande porta da igreja, entreaberta, deixava ver lá dentro uma multidão vagamente iluminada pelo lustre suspenso da abóbada.

João, não tendo que temer ser reconhecido — admitindo que alguém se recordasse dele —, teve por um instante o pensamento de se misturar com aquela gente, de entrar na igreja, de assistir ao ofício noturno e de ir ajoelhar-se onde outrora tinha feito as suas orações. Mas, antes disso, sentindo-se solicitado para o lado oposto da praça, tomou à esquerda e chegou ao ângulo onde se achava a casa de sua família...

Lembrava-se perfeitamente. Era ali que ela estava. Todas as minúcias lhe vieram à memória, o ripado que fechava o pequeno pátio da frente, o pombal que dominava a empena da direita, as quatro janelas do rés do chão, a porta do meio, a janela do primeiro andar à esquerda, onde sua mãe tantas vezes lhe tinha aparecido entre as flores e trepadeiras que a cercavam.

Tinha ele quinze anos quando deixou Chambly pela última vez. Naquela idade as coisas estão já profundamente gravadas na memória. Era pois naquele largo que devia estar a sua casa, construída pelos antepassados da sua família, no começo da colônia canadiana.

Não havia casa alguma ali. No local onde ela existira, apenas ruínas. Ruínas tétricas, não das que faz o tempo, mas das que deixa após si algum violento sinistro. E aqui ninguém se podia enganar. Pedras calcinadas, paredes enegrecidas, pontas de vigamento carbonizadas, montões de cinzas, agora brancas, atestando que, numa época que ia longe, a casa tinha servido de pasto às chamas.

Um horrível pensamento atravessou o espírito de João. Quem teria lançado o incêndio? Teria sido obra do acaso ou da imprudência? Seria a mão de um justiceiro?

João, irresistivelmente arrastado, meteu-se por entre as ruínas. Algumas corujas levantaram voo. Verificou que ninguém ia ali. Porque pois, nesta parte tão frequentada da povoação, deixavam subsistir estas ruínas? Como, depois do incêndio, não se tinham dado ao trabalho de limpar o terreno?

Havia doze anos que João tinha dali saído e não tinha sabido que a casa de sua família fora destruída, e que não era mais do que um montão de pedras enegrecidas pelo fogo.

Imóvel, com o coração apertado, pensava naquele triste passado e no presente ainda mais triste!

— Olá! Que faz aí? — perguntou-lhe um velho que passava para a igreja e que acabava de parar.

João, não o tendo ouvido, não respondeu.

— Então é surdo! — gritou o velho. — Não se demore aí! Se alguém o visse, arriscava-se a ouvir o que não queria!

— É comigo que está falando? — perguntou João.

— Consigo mesmo, pois é proibido entrar aí dentro.

— E porquê?

— Porque é um lugar maldito!

— Maldito! — murmurou João.

Mas isto foi dito em voz tão baixa que o velho não o conseguiu ouvir.

— É daqui?

— Não sou — respondeu João.

— E, sem dúvida, há muitos anos que não vem a Chambly?

— Sim, há muitos!

— E, contudo, é para admirar que não saiba. Acredite no que lhe digo e siga o meu conselho! Não volte a estas ruínas.

— Mas porquê?

— Porque basta pisar essas cinzas para se ficar manchado. É a casa do traidor!

— Do traidor?

— Do traidor, sim, de Simão Morgaz!

De mais o desgraçado o sabia! Portanto, da casa donde sua família tinha sido expulsa havia doze anos, dessa casa que ele queria tornar a ver pela última vez, que ele julgava ainda de pé, não restavam mais do que alguns bocados de paredes destruídas pelo fogo! E a tradição tinha feito dali um lugar tão infame que ninguém ousava aproximar-se dele sem que ficasse amaldiçoado pelo povo de Chambly! Tinham-se já passado doze anos e ainda naquela vila, como por toda a parte das províncias canadianas, nada tinha podido diminuir o horror que inspirava o nome de Simão Morgaz!

João tinha baixado os olhos, as suas mãos tremiam e sentia-se desfalecer. Se não fosse a obscuridade, o velho teria visto o vermelho da vergonha subir-lhe às faces.

Este continuou:

— É canadense?

— Sou — respondeu João.

— Então como é que ignora o crime de Simão Morgaz?

— Quem é que o ignora no Canadá?

— Ninguém, por certo. É, sem dúvida, dos condados de Leste?

— Sou... sou de Leste... do Novo Brunswick.

— Como é longe! Por isso talvez não soubesse que esta casa tinha sido destruída?

— Ignorava-o! Um acidente... por certo?

— Isso sim! — continuou o velho. — Talvez tivesse sido melhor que ela fosse queimada pelo fogo do céu! E, se Deus é justo, ainda há de acontecer um dia! Mas adiantaram-se à sua justiça! E no próprio dia seguinte àquele em que Simão Morgaz foi expulso daqui com sua família... o povo arremessou-se a esta casa e largou-lhe o fogo. Depois, para exemplo, a fim de que a recordação se não perdesse, deixaram as ruínas no estado em que vê! Somente é proibido aproximar-se delas, e ninguém quereria macular-se com a poeira desta casa!

Imóvel, João ouvia tudo isto. A animação com que o velho falava mostrava-lhe evidentemente que o horror por tudo o que tinha pertencido a Simão Morgaz estava ainda no seu auge!

Onde João vinha procurar lembranças de família, não encontrava senão recordações de vergonha!

Contudo, o velho, à medida que ia conversando, ia-se afastando da casa maldita e dirigindo-se para a igreja. O sino acabava de lançar as suas últimas badaladas através do espaço. Ia começar o officio divino. Já se ouviam alguns cânticos interrompidos por longos silêncios.

O velho disse então:

— Agora vou deixá-lo, a não ser que tenha intenção de me acompanhar até à igreja. Se for, não perde o tempo, porque vai ouvir um grande sermão.

— Não posso — respondeu João. — Preciso estar em Laprairie antes que seja dia...

— Nesse caso não tem tempo a perder. Em todo o caso os caminhos estão seguros. Há já tempo que a polícia percorre noite e dia os condados de Montreal, sempre à procura de João-Sem-Nome, que eles nunca encontram... e Deus continue a fazer esse favor à nossa querida terra! Todos contam com esse herói, e com razão... É que, se devo acreditar o que se diz aqui, encontrará toda a gente pronta a segui-lo.

— Como em todo o condado — acrescentou João.

— Mais ainda! Pois não temos nós de resgatar a vergonha de ter por compatriota um Simão Morgaz?

Via-se que o velhote gostava de conversar; mas sempre se resolveu a despedir-se definitivamente, e acabava de dar as boas-noites a João quando este, detendo-o, lhe disse:

— Diga-me, o senhor conheceu talvez a família de Simão Morgaz!

— Conheci e muito! Tenho setenta anos; tinha portanto cinquenta e oito quando se deu aquela infâmia abominável. Tenho sempre aqui vivido e nunca pude acreditar que Simão Morgaz fosse capaz daquilo! O que foi feito dele, não sei. Morreu talvez! Passou talvez para o estrangeiro com outro nome, a fim de que não se lhe pudesse escarrar na cara. Mas a mulher e os filhos! É desses que eu tenho pena; e a Sra. Bridget, que eu vi tantas vezes, sempre boa e generosa apesar da sua modesta condição! Todos aqui gostavam dela! O seu coração trasbordava do mais ardente patriotismo! Como não teria sofrido aquela mulher! Como não teria sofrido!

Como pintar o que se passava na alma de João? Em presença das ruínas da casa destruída, ali onde se tinha realizado o último ato da traição, ali onde os companheiros de Simão Morgaz tinham sido entregues, ouvir evocar o nome de sua mãe e rever na memória todas as misérias da sua vida era mais do que pode suportar a natureza humana. Era necessário que João fosse dotado de uma extraordinária energia para se poder conter, para que um grito de angústia não se lhe escapasse do peito.

E o velho continuava dizendo:

— Assim como conheci a mãe, conheci também os dois filhos! Pareciam-se com ela! Pobre gente! Onde estão eles agora? Todos aqui éramos seus amigos, pelo seu caráter, pela sua franqueza, pelo seu coração. O mais velho já era um rapaz sério, muito estudioso; o mais novo mais alegre, mais decidido, tomando a defesa dos fracos contra os fortes! Chamava-se João! É seu irmão, Joann, precisamente como o padre que vou daqui ouvir...

— O padre Joann? — exclamou João.

— Conhece-o?

— Não conheço! Mas tenho ouvido falar muito dos seus sermões.

— Pois se o não conhece, devia conhecê-lo! Percorreu os condados de Oeste, e de todas as partes o povo se precipitava para o ouvir. Veria que entusiasmo ele provoca! E se pudesse demorar a sua partida por uma hora...

— Está dito, demoro! — declarou João.

O velho e ele dirigiram-se para a igreja, onde já lhes foi difícil encontrar lugar.

Tinham sido rezadas as primeiras orações e o pregador acabava de subir ao púlpito.

O padre Joann tinha trinta anos; com a sua fisionomia apaixonada, o seu olhar penetrante, a sua voz quente e persuasiva, parecia-se com seu irmão, sendo como ele imberbe. Nele se mostravam as feições características da mãe.

Quem o visse e ouvisse compreenderia a influência que o padre Joann exercia nas multidões, atraídas pela sua fama. Pregador da fé católica e da fé nacional, era um apóstolo, no verdadeiro sentido da palavra, um filho dessa forte raça de missionários capazes de darem o seu sangue pela confissão das suas crenças.

Joann começava o sermão. Tudo quanto ele dizia do seu Deus, todos compreendiam que ele queria dizer do seu país. As suas alusões ao estado atual do Canadá eram de molde a apaixonar os ouvintes, nos quais o patriotismo apenas esperava uma ocasião para se declarar por atos. Seu gesto, suas palavras, sua atitude faziam correr surdos frémios através daquela modesta igreja da aldeia quando ele implorou o socorro do céu contra os espoliadores das liberdades públicas. Dir-se-ia que a sua voz vibrante soava como um clarim, que o seu braço estendido agitava do alto do púlpito a bandeira da independência.

João, perdido na sombra, ouvia. Parecia-lhe que era ele que estava falando pela boca de seu irmão. É que as mesmas ideias, as mesmas aspirações, se encontravam naqueles dois entes tão semelhantes pelo coração. Ambos lutavam pelo seu país, cada qual de sua maneira, um pela palavra, outro pela ação, ambos igualmente dispostos aos últimos sacrifícios.

Naquela época o clero católico possuía no Canadá uma real influência, tanto social como intelectual. Os padres eram considerados como pessoas sagradas. Era a luta das velhas crenças católicas, implantadas pelo elemento francês, contra os dogmas protestantes que os Ingleses procuravam introduzir em todas as classes. As paróquias concentravam-se então em torno dos seus curas, verdadeiros chefes paroquiais, e a política que tendia a livrar as províncias canadenses das mãos anglo-

saxônicas não era alheia a esta aliança do clero com os fiéis.

Como se sabe, Joann pertencia à Ordem de S. Sulpício. Mas o que o leitor talvez ignore é que esta Ordem, senhora e possuidora de uma parte dos territórios desde o começo da conquista, ainda atualmente tira dali grandes rendimentos. Diversas servidões, criadas principalmente em Montreal, em virtude de direitos de senhorio que lhe tinham sido concedidos pelo cardeal de Richelieu, ainda hoje se exercem em proveito da congregação. Donde se segue que os sulpicianos formam uma corporação tão respeitada como poderosa no Canadá, e que os padres, tendo ficado ricos proprietários do país, são por isso dos mais influentes.

O sermão, ou antes a arenga patriótica do padre Joann, durou aproximadamente três quartos de hora. Entusiasmou os seus ouvintes a tal ponto que, se não fosse a santidade do lugar, teria sido recebida com repetidas aclamações. A fibra nacional tinha-se sentido profundamente vibrada nesta assistência tão patriótica.

Talvez se admirem de como as autoridades deixam livre curso a estas prédicas em que a propaganda reformista se fazia a coberto do Evangelho?

Mas teria sido difícil apurar uma provocação direta à insurreição, e, além disso, o púlpito gozava de uma liberdade na qual o governo não se atreveria a tocar senão com extrema reserva.

Acabado o sermão, João retirou-se para um canto da igreja enquanto a multidão saía. Queria ele fazer-se reconhecer do pregador, apertar-lhe a mão, trocar com ele algumas palavras antes de ir ter com os seus companheiros à granja de Chipogan? De certeza. Os irmãos havia meses que se não viam, andando cada um para seu lado a cumprir a mesma obra de dedicação nacional.

João esperava, pois, atrás dos últimos pilares da nave, quando um veemente tumulto rebentou fora. Eram gritos, pragas e urros. Uma espécie de cólera pública que se manifestava com extraordinária violência. Ao mesmo tempo um grande clarão iluminava o espaço, penetrando a sua reverberação no interior da igreja.

A onda dos ouvintes saiu, e João, arrastado a pesar seu, seguiu-a até ao meio da praça.

Que se passava ali?

Em frente das ruínas da casa do traidor acabava de ser ateadada uma grande fogueira. Alguns homens, aos quais bem depressa se juntaram mulheres e crianças, arremessavam-lhe braços de lenha.

Juntamente com os gritos de horror retiniam no ar palavras de ódio:

— Ao fogo o traidor! Ao fogo Simão Morgaz!

E então uma espécie de manequim, vestido de farrapos, foi arrastado para o meio das chamas.

João compreendeu. A população de Chambly procedia à execução, em effigie, do miserável, assim como em Londres ainda hoje é arrastada pelas ruas a imagem de Guy Faukes, o criminoso herói da conspiração das pólvoras.

Naquele dia, 27 de setembro, passava o aniversário do dia em que Walter Hodge e seus companheiros Francisco Clerc e Roberto Farran tinham morrido no cadafalso.

Transido de horror, João quis fugir... Não podia, porém, mover-se do solo, onde parecia que tinha os pés pregados. E revia seu pai, oprimido pelas injúrias, crivado de pancadas, cheio da lama que lhe arremessava a multidão, presa de um delírio de ódio. E parecia-lhe que todo aquele opróbrio caía sobre ele, João Morgaz. Nesse momento apareceu o padre Joann. A multidão afastou-se para lhe dar passagem.

Também ele tinha compreendido o sentido daquela manifestação popular. E, naquele instante, reconheceu seu irmão, cuja figura lívida lhe apareceu num reflexo das chamas, enquanto cem vozes berravam, com a data odiosa de 27 de setembro, o nome infamante de Simão Morgaz!

O padre não foi senhor de si. Estendeu os braços e avançou para a fogueira no momento em que o manequim ia ser arremessado ao braseiro.

— Em nome do Deus de misericórdia — exclamou ele —, piedade para a memória desse desgraçado! Não tem Deus perdão para todos os crimes?

— Não há perdão para o traidor à pátria! — responderam os assistentes.

E, num momento, o fogo devorou, como acontecia em todos os aniversários, a efígie de Simão Morgaz.

Os clamores redobraram e não cessaram senão quando as chamas se extinguiram.

Na sombra, ninguém podia ver que João e Joann se tinham juntado, e que, dadas as mãos, curvavam a cabeça.

Depois, sem pronunciarem uma única palavra, abandonaram o teatro daquela horrível cena e fugiram de Chambly, aonde nunca deviam ter ido.

Capítulo 9 — A Casa Fechada

A seis léguas de S. Dinis eleva-se o arrabalde de S. Carlos na margem norte de Richelieu, no condado de S. Jacinto, confinando com o de Montreal. É descendo pelo Richelieu, um dos mais consideráveis afluentes do S. Lourenço, que se chega à pequena cidade de Sorel, onde o *Champlain* tinha ancorado durante a sua última campanha de pesca.

Naquela época, elevava-se uma casa isolada a algumas centenas de passos antes do cotovelo que faz bruscamente a grande rua de S. Carlos quando envereda por entre as primeiras casas do arrabalde. Modesta e triste moradia. Apenas um rés do chão com uma porta e duas janelas, precedido de um pátio, onde cresciam as ervas daninhas. Quase sempre a porta estava fechada e nunca se viam abertas as janelas, nem mesmo as portas de dentro. Se a claridade entrava na casa, era unicamente por duas outras janelas, abertas na fachada oposta e que davam para um jardim.

A bem dizer, este jardim era um pátio cercado de altos muros, cobertos de trepadeiras, com um poço de balde, colocado a um dos cantos. Ali, numa superfície de um quinto de acre, cresciam vários legumes, vegetavam uma dúzia de árvores de fruto, pereiras, nogueiras ou macieiras, abandonadas aos cuidados da natureza. Uma pequena capoeira, contígua à casa, encerrava cinco ou seis galinhas que forneciam a quantidade de ovos necessários ao consumo diário.

O interior da casa era dividido em três peças guarnecidas com alguns móveis — o estritamente necessário. Uma dessas peças, entrando à esquerda, servia de cozinha; as outras duas, à direita, serviam de quarto de dormir. O estreito corredor que as separava estabelecia comunicação entre o pátio e o jardim.

Esta habitação era humilde e miserável, mas sentia-se que o era propositadamente, que quem ali residia tinha querido viver naquelas condições de miséria e humildade. Os habitantes de S. Carlos não se enganavam a esse respeito. Efetivamente, se algum mendigo batia à porta da Casa Fechada — era assim conhecida no arrabalde —, nunca se ia sem ter recebido uma pequena esmola. A Casa Fechada podia chamar-se Casa de Caridade, porque a caridade fazia-se ali a toda a hora.

Quem morava ali? Uma mulher sempre só, sempre vestida de preto, sempre coberta com o longo véu de viúva. Raras vezes saía de casa — uma ou duas vezes por semana — quando alguma compra indispensável a obrigava a isso, ou quando, no domingo, ia à igreja. Quando se tratava de compras, esperava que fosse noite, ou à tardinha, escolhia as ruas sombrias, encostava-se às paredes, entrava rapidamente na loja, pedia em voz baixa, com os olhos no chão, como uma pobre criatura que tivesse vergonha de ser vista. Quando ia à igreja era de madrugada, à missa das almas. Ficava afastada, num canto escuro, como concentrada em si própria. Sob as pregas do seu véu era terrível a sua imobilidade. Podiam julgá-la morta se dolorosos suspiros não se escapassem do seu peito. Que não vivesse na miséria, de acordo, mas era por certo um ente muito miserável. Uma ou duas vezes algumas boas almas quiseram ajudá-la, ofereceram-lhe os seus serviços, pretenderam interessar-se por ela, fazer-lhe ouvir palavras de simpatia... E então, embrulhando as mãos apertadamente no seu traje de luto, tinha vivamente recusado, como se tivesse sido um objeto de horror.

Os habitantes de S. Carlos não conheciam esta estrangeira — podia dizer-se esta reclusa. Havia doze anos que tinha ali chegado, a fim de ir morar para aquela casa, comprada por sua conta a baixo preço, porque a comuna, a quem a casa pertencia, pretendia a todo o custo desfazer-se dela e não achava comprador.

Um dia soube-se que a nova proprietária tinha chegado de noite, mas ninguém a vira. Quem lhe tinha ajudado a transportar a pobre mobília? Não se soube. Além de que não tomou criada para a ajudar no serviço caseiro. Nunca entrava ninguém ali. Tal vivia então, tal tinha vivido desde que chegara a S. Carlos, numa espécie de isolamento cenobítico. As paredes da Casa Fechada eram as de um claustro e ninguém ali tinha penetrado até então.

Os habitantes do arrabalde também não tinham feito grande empenho em penetrar na vida desta mulher e em conhecer os segredos da sua existência. Durante os primeiros dias andaram um tanto ou quanto curiosos. Uma ou outra coscuvilhice sobre a nova proprietária. Estas e aquelas suposições. Depois ninguém mais se importou com ela. No limite das suas posses ela mostrava-se caritativa para com os pobres, e tanto bastou para lhe conquistar a estima geral.

Alta, mais curvada pela dor do que pela idade, a estrangeira podia ter atualmente uns cinquenta anos. Sob o véu que a envolvia até meio corpo ocultava-se um rosto que devia ter sido formoso, de fronte elevada e grandes olhos negros. Os cabelos brancos de neve, o olhar como que impregnado dessas lágrimas indeléveis que por tanto tempo o tinham afogado, faziam agora com que o caráter desta fisionomia, outrora risonha e meiga, fosse de uma energia sombria, de uma vontade implacável.

Contudo, se a curiosidade pública se tivesse mais estreitamente dedicado a espreitar a Casa Fechada, teria adquirido a prova de que ela não era completamente fechada a todos. Três ou quatro vezes por ano, invariavelmente à noite, a porta abria-se umas vezes para um, outras vezes para dois estranhos, que não desprezavam nenhuma precaução para chegarem e partirem sem ser vistos. Ficavam eles alguns dias ali ou apenas algumas horas? Ninguém o saberia dizer. Em todo o caso, quando se iam, era antes da manhã. Ninguém podia duvidar de que esta mulher tivesse ainda relações fora.

Foi precisamente o que aconteceu pelas onze horas da noite de 30 de setembro de 1837. A estrada real, depois de ter atravessado o condado de S. Jacinto de oeste para leste, passa em S. Carlos e continua para diante. Estava então deserta. Uma profunda escuridão envolvia a vila adormecida. Nenhum habitante podia ver dois homens descer a estrada, esconderem-se com as paredes até à Casa Fechada, abrirem a grade do pátio, que apenas era fechada por uma aldraba, e baterem à porta de maneira que devia ser um sinal de reconhecimento.

A porta abriu-se e fechou-se imediatamente. Os dois visitantes entraram no primeiro quarto da direita, iluminado por uma vela, cuja fraca luz não podia ser vista de fora.

A mulher não manifestou nenhuma surpresa à chegada destes dois homens. Abraçaram-na e beijaram-na na fronte com uma afeição filial.

Eram João e Joann. Aquela mulher era sua mãe, Bridget Morgaz.

Doze anos antes, depois da expulsão de Simão Morgaz pela gente de Chambly, ninguém tinha duvidado de que aquela miserável família tivesse deixado o Canadá para se expatriar para alguma província da América do Norte ou do Sul, ou que tivesse ido para alguma parte longínqua da Europa. A quantia recebida pelo traidor devia-lhe permitir viver regularmente, para onde quer que se tivesse retirado. E então, tomando outro nome, assim escaparia ao desprezo que devia persegui-la por todo o mundo.

Já sabemos que as coisas não se passaram assim. Uma noite Simão Morgaz fez justiça a si próprio, e ninguém sabia que o seu cadáver repousava num lugar perdido da margem setentrional do lago Ontário.

Bridget Morgaz, João e Joann tinham compreendido todo o horror da sua situação. Se a mãe e os filhos estavam inocentes do crime do marido e do pai, os rancores eram tais que em parte alguma teriam encontrado dó ou perdão. No Canadá, ou em qualquer outro ponto do mundo, o seu nome seria objeto de uma reprovação universal. Resolveram renunciar a esse nome, sem mesmo pensarem em tomar outro. Que precisão tinham de nome esses miseráveis para quem a vida não podia ter mais vergonhas?

Contudo, a mãe e os filhos não se tinham expatriado. Antes de deixarem o Canadá, restava-lhes uma missão a cumprir, e essa missão, embora tivessem de sacrificar a vida, estavam todos resolvidos a levá-la a cabo.

O que eles queriam era reparar o mal que Simão Morgaz tinha feito ao seu país. Sem a traição provocada pelo odioso Rip, a conspiração de 1825 tinha todas as probabilidades de êxito. Depois do rapto do governador-geral e dos chefes do exército inglês, as tropas não teriam podido resistir à população franco-canadense, que se teria levantado em massa. Mas uma ação infame tinha entregado o segredo da conspiração e o Canadá continuou sob a mão dos opressores.

Então João e Joann recomeçaram a obra interrompida pela traição de seu pai. Bridget, cuja energia fez face a esta terrível situação, mostrou-lhes que devia ser esse o único fim da sua existência. E assim o compreenderam esses dois irmãos, que então ainda não tinham feito dezassete e dezoito anos, e consagraram-se de todo em todo a esse trabalho de reparação.

Bridget Morgaz — decidida a viver do pouco que era seu — não quisera guardar o dinheiro que fora anteriormente encontrado na carteira do suicida. Este dinheiro não podia nem devia ser empregado senão a favor da causa nacional. Um

depósito secreto foi colocado nas mãos do notário Nick, de Montreal, nas condições em que se sabe. Uma parte ficou em poder de João para ser distribuída diretamente aos reformistas.

Foi por isso que em 1831 e em 1835 os *comités* receberam o dinheiro necessário para a compra de armas e munições. Em 1837 o saldo deste depósito, uma quantia considerável ainda, foi mandado ao *comité* de Montcalm e confiado ao Sr. de Vaudreuil. Era tudo quanto restava do preço da traição.

Entretanto, naquela casa de S. Carlos, para onde Bridget se tinha retirado, seus filhos iam visitá-la em segredo sempre que isso lhes era possível. Havia anos que cada qual seguia o seu caminho para chegarem ao mesmo fim.

Joann, o mais velho, disse que as felicidades da existência lhe estavam todas vedadas. Sob a influência de ideias religiosas, mais desenvolvidas pela amargura da sua situação, quis ser padre, mas padre militante. Entrara na congregação de S. Sulpício, na intenção de sustentar pela palavra os imprescritíveis direitos do seu país. Uma eloquência natural, esteada pelo mais ardente patriotismo, atraía para ele as populações das cidades e das aldeias, da serra e do campo. Nestes últimos tempos a sua fama não tinha feito senão crescer, e estava então no apogeu. João tinha-se lançado no movimento reformista, não com a palavra mas com ações.

Embora a rebelião tivesse gorado tanto em 1831 como em 1835, nem por isso a sua reputação tinha diminuído. As massas consideravam-no como o chefe misterioso dos *Filhos da Liberdade*. Ele nunca aparecia senão no momento em que era precisa a sua pessoa, e desaparecia depois para ir continuar a sua obra. Já se sabe a que alto lugar ele tinha chegado no partido da oposição liberal. Parecia que a causa da independência estava nas mãos de um só homem, desse João-Sem-Nome, como ele a si próprio se chamava, e que era dele só que os patriotas esperavam o sinal de uma nova insurreição.

A hora aproximava-se. Contudo, antes de se lançarem nessa tentativa, João e Joann, que o acaso acabava de reunir em Chambly, tinham querido ir à Casa Fechada, a fim de tornarem a ver sua mãe — quem sabe se pela última vez.

E agora estavam ali, junto dela, sentados a seu lado. Seguravam-lhe as mãos e falavam em voz baixa. João e Joann diziam em que estado estavam as coisas. A luta seria terrível, mas devia ser a luta suprema.

Bridget, compenetrada dos sentimentos que lhe transbordavam do coração, deixava-se enlevar na esperança de que o crime do pai seria reparado pelos seus filhos e tomou a palavra:

— Meu João e meu Joann, tenho necessidade de partilhar as vossas esperanças e de acreditar no êxito da nossa empresa.

— É preciso crer nele, mãe — disse João. — Daqui a alguns dias estará começado o movimento.

— E que Deus nos dê o triunfo que é dado às causas santas! — ajuntou Joann.

— Que Nosso Senhor venha em nosso auxílio —olveu Bridget — e talvez eu tenha então o direito de rezar por...

Até então, nunca uma oração tinha saído dos lábios desta infeliz mulher por alma daquele que tinha sido seu marido.

— Minha mãe — suspirou Joann —, minha mãe...

— E tu, meu filho, tens tu rezado por alma de teu pai, tu, sacerdote de um Deus de perdão?

Joann baixou a cabeça sem responder. Bridget continuou:

— Meus filhos, até hoje tendes sempre cumprido o vosso dever; mas nunca se esqueçam de que, dedicando-se à pátria, não fazem mais do que cumprir um dever. Ao mesmo tempo, se o nosso país tiver de recobrar um dia a sua independência, o nome que outrora tivemos, esse nome Morgaz...

— Nunca mais deve existir, minha mãe! — respondeu João. — Não há reabilitação possível para ele! Não se lhe pode restituir a honra perdida, como se não pode dar a vida aos patriotas que a traição do nosso pai levou ao cadafalso! O que eu e Joann fazemos não é para que a infâmia ligada ao nosso nome desapareça! Isso é impossível! Não foi um mercado desse género que ajustámos! Os esforços tendem apenas a reparar o mal feito! Não é assim, Joann?

— É claro — concordou o sacerdote. — Se Deus pode perdoar, eu sei que isso é vedado aos homens, e, enquanto a honra for uma das leis humanas, o nosso nome será dos votados à execração pública!

— Visto isso, nunca mais esquecerão? — disse Bridget, que beijava seus filhos na cara, como se quisesse apagar-lhes o

estigma indelével.

— Esquecer! — exclamou João. — Vá a Chambly, minha mãe, e lá verá então o que é o esquecimento.

— João — disse logo Joann —, cala-te...

— Não, Joann... É preciso que a nossa mãe o saiba! Ela tem bastante energia para ouvir tudo, e não quero deixar-lhe a esperança de uma reabilitação completamente impossível.

E João, em voz baixa, sufocando-lhe a comoção as palavras, fez-lhe a narrativa fiel do que se tinha passado em Chambly, berço da família Morgaz, e na frente das ruínas da casa paterna.

Bridget ouvia sem que uma lágrima lhe chegasse aos olhos. Nem sequer já podia chorar.

Era então verdade que uma tal situação não tinha saída? Era pois possível que a lembrança de uma traição fosse inolvidável e que recaísse em inocentes a responsabilidade do crime? Estava portanto escrito, na consciência humana, que nada podia lavar aquela mancha impressa na frente de uma família?

Durante minutos não se trocou uma única palavra entre a mãe e os filhos. Não se olhavam. Tinham largado as mãos até ali unidas. Sofriam horrivelmente. Em toda a parte, como em Chambly, seriam párias, uns *outlares* a quem a sociedade repele, que ela exclui da humanidade.

Pelas três horas da madrugada, João e Joann deliberaram deixar sua mãe. Queriam partir sem se arriscarem a serem vistos. A sua intenção era a de se separarem à saída da povoação. Era conveniente que os não vissem juntos pela estrada por onde iriam através do condado. Ninguém devia saber que, naquela noite, a porta da Casa Fechada se tinha aberto para os dois únicos visitantes que a tinham transposto.

Os dois irmãos levantaram-se. No momento de uma separação, que podia ser eterna, sentiram deveras quanto os ligavam entre si laços de família. Felizmente Bridget ignorava que a cabeça de João estava posta a prémio. Conquanto Joann o não ignorasse, esta terrível notícia não tinha ainda chegado pelo menos à solidão da Casa Fechada. João nada quis dizer a este respeito a sua mãe. Para que servia esse acréscimo de sofrimento? E tinha, por acaso, Bridget precisão de o saber para temer não tornar a ver o seu filho?

Tinha chegado o momento de se separarem.

— Aonde vais, Joann? — perguntou Bridget.

— Às paróquias do Sul, minha mãe. E lá esperarei que chegue o momento de me juntar a meu irmão, quando ele estiver à frente dos Canadenses.

— E tu, João?

— Vou à granja de Chipogan, no condado de Laprairie. É lá que me devo encontrar com os meus companheiros e tomar as minhas primeiras medidas... no meio dessas alegrias de família que nos são recusadas, minha mãe! Essa gente acolheu-me como filho! Dariam a sua vida pela minha! E, no entanto, se eles soubessem qual o meu nome... Ah! Que miseráveis somos, que até o nosso contacto enxovalha! Mas nunca o saberão... nem eles... nem ninguém!

João tinha-se deixado cair numa cadeira, com a cabeça entre as mãos, esmagado pelo fardo que dia a dia mais pesado lhe parecia.

— Levanta-te, irmão! Coragem para sofrer a expiação! Levanta-te e partamos!

— Quando os tornarei a ver, meus filhos? — perguntou Bridget.

— Não tornará a ser aqui, minha mãe — respondeu João. — Porque, se triunfamos, deixaremos todos três o Canadá! Iremos para muito longe... para onde ninguém nos possa reconhecer! Se libertarmos a nossa terra, que ela não saiba nunca que deve a sua independência aos filhos de um Simão Morgaz! Oh! Nunca!

— E se tudo se perder? — observou Bridget.

— Nesse caso, minha mãe, não nos tornaremos a ver nem aqui nem noutra qualquer parte. Estaremos mortos!

Os dois irmãos lançaram-se pela última vez nos braços de sua mãe. A porta abriu-se e fechou-se.

João e Joann andaram uns cem passos pela estrada; depois separaram-se, lançando um derradeiro olhar à Casa Fechada,

onde a mãe orava pelos filhos.

Capítulo 10 — A Granja de Chipogan

A granja de Chipogan, situada a sete léguas de Laprairie, no condado deste nome, ocupava uma ligeira ondulação do solo sobre a margem direita de um pequeno ribeiro, tributário do S. Lourenço. O Sr. de Vaudreuil possuía ali, numa superfície de uns quarenta hectares, uma grande e bela propriedade de rendimento, administrada por Tomás Harcher.

Antes de chegar às habitações, do lado do rio, estendiam-se vastos campos, um xadrez de prados verdejantes, cercados dessas sebes entrelaçadas, conhecidas no Reino Unido pelo nome de *fewces*. Era a vitória do desenho regular — saxónio ou americano — em todo o seu rigor geométrico. Quadrados, depois outros quadrados de barreiras cercando essas belas culturas que prosperavam graças aos ricos elementos de um húmus negro, cuja camada, da espessura de três ou quatro pés, assenta quase igualmente sobre um leito de argila impenetrável à água. Tal é pouco mais ou menos a composição do solo canadense até às primeiras rampas dos Laurentinos.

Sobre esses quadrados, cultivados com um cuidado minucioso, cresciam diversas espécies desses produtos que o cultivador recolhe nos campos do Meio-Dia da Europa, trigo, milho, arroz, linho, tabaco, etc. Ali brotava também esse arroz silvestre, impropriamente chamado *folie avoine*, que se multiplica nos campos meio alagados nas margens do pequeno curso de água, e cujo grão, cozido, dá um excelente caldo.

Pastagens forneciam uma erva succulenta, desenvolvendo-se para além da casaria até à extremidade da granja, orlada de altos fetos, aglomerados numa ligeira ondulação do terreno, e que se estendiam até se perderem de vista. Estas pastagens chegavam com fartura para a alimentação dos animais domésticas que sustentavam a granja de Chipogan, podendo ainda Tomás Harcher tomar de parceria a criação de uma quantidade mais considerável de toiros, vacas, bois, carneiros, porcos, sem contar esses cavalos da vigorosa raça canadense tão procurados pelos criadores americanos.

Não eram de menor importância as matas ao redor da fazenda. Cobriam outrora todos os terrenos limítrofes do S. Lourenço, a partir do seu estuário até à vasta região dos lagos. Mas, há já muitos anos, que grandes clareiras têm sido praticadas pela mão do homem! Que árvores soberbas, nascidas nas províncias canadenses, cujo cimo se meneia muitas vezes a cento e cinquenta pés no ar, caem ainda hoje aos golpes de milhares de machados, perturbando o silêncio dos bosques imensos, onde pululam melharucos, picanços, rouxinóis, cotovias, aves-do-paraíso de penas resplandcentes e também encantadores canários! Os *lumbermen*, madeireiros, fazem ali um rendoso, mas deplorável trabalho, derrubando carvalhos, bordos, castanheiros, faias, bétulas, ulmeiros, nogueiras, carpinos, pinheiros, os quais, serrados e postos em esquadria, vão formar essas jangadas que descem o curso do rio. Se, pelos fins do século XVIII, um dos mais famosos heróis de Cooper, Nathaniel Bumpoo, alcunhado Olho-de-Falcão ou Longa-Carabina, já lastimava o destroço do arvoredado, seria capaz de dizer que os lavradores que esgotam, por processos viciosos, a fecundidade das terras, as assassinam!

Convém fazer observar, contudo, que esta censura se não podia aplicar ao administrador da propriedade de Chipogan. Tomás Harcher era habilíssimo no seu ofício, servido por um pessoal inteligentíssimo, e tratava com grande honradez dos interesses de seu amo para poder ser alcunhado de assassino. A sua propriedade passava, e com justiça, por um modelo de exploração agronómica numa época em que a velha rotina fazia lei, como se a agricultura canadense tivesse duzentos anos de atraso.

A propriedade de Chipogan era uma das mais bem tratadas do distrito de Montreal. Os métodos de afolhamento impediam que as terras se empobrecessem. Não se contentavam em as deixar de pousio. Variavam constantemente a cultura, o que produzia um excelente resultado. Quanto às árvores de fruto, cujas variadas espécies que prosperam na Europa se achavam contidas num vasto pomar, eram limpas, podadas e cuidadas a tempo e com inteligência. Todos os frutos ali se davam, à exceção talvez do abrunheiro e do pessegueiro, que produziam melhor no Sul da província de Ontário do que no Leste da de Quebeque. Mas os outros faziam honra ao caseiro, e muito principalmente as macieiras, que produzem umas maçãs de casca vermelha e transparente conhecidas pelo nome de «famosas». Quanto aos legumes, aos repolhos, às abóboras, aos

melões, às batatas e a essas espécies de tamarinos bravos com que se enchem pratos e pratos de sobremesa, apanhavam-se com que alimentar duas vezes por semana o mercado de Laprairie. Enfim, com as centenas de alqueires de trigo e outros cereais recolhidos em Chipogan, o rendimento dos frutos e legumes, a exploração de alguns hectares de floresta, esta propriedade assegurava ao Sr. de Vaudreuil uma parte importante dos seus bens. Além disso, graças aos cuidados de Tomás Harcher e de sua família, não era para temer que estas terras, sujeitas a um excesso de produção agrícola, acabassem por se depauperar, transformando-se em áridas charnecas invadidas pelos matagais.

O clima canadense concorre por seu lado e favorece a cultura. Em vez de chuva, é neve que costuma cair do fim de novembro ao fim de março, o que protege o tapete verde dos prados. E, finalmente, esse frio mordente e seco é preferível às bátegas de água contínuas, por que deixa os caminhos praticáveis para os trabalhos da terra. Em parte alguma, na zona temperada, se encontra uma tal rapidez de vegetação, pois que os trigos semeados em março estão já maduros em agosto e os fenos se fazem em

Junho e julho. Por isso, na época atual, se há para alguém futuro seguro no Canadá, é para os agricultores.

As edificações da granja estavam aglomeradas num recinto de paliçadas, da altura de uma dúzia de pés. Uma única porta, solidamente engatada em ombreiras de cantaria, dava serventia. Então os índios viviam em boa harmonia com a população campineira, e até a duas léguas para leste, na aldeia de Walhatta, prosperava a tribo honrosa dos Mahogannis, que por vezes iam visitar Tomás Harcher a fim de trocarem o produto das suas caçadas por produtos da granja.

A principal edificação compunha-se de um largo quadrilátero de dois andares, dividido interiormente nos quartos que eram precisos para alojamento da família Harcher. Grande parte do pavimento térreo era ocupada por uma vasta sala, tendo de um lado a cozinha e a despensa e do outro o quarto especialmente reservado ao administrador, a sua mulher e aos mais novos dos seus filhos.

Ao redor, no pátio reservado em frente da casa, e, por detrás, no pomar, as outras casas estavam colocadas em esquadria e encostadas às paliçadas. Eram ali as cavalariças, estábulos, arribanas e celeiros. Depois, seguiam-se as capoeiras, onde havia às centenas coelhos da América, cuja pele, cortada em tiras tecidas, serve para confecionar um estofado extremamente quente, e essas galinhas de campo e os faisões, que se multiplicam mais abundantemente no estado doméstico do que no selvagem.

A grande sala do rés do chão era simplesmente, mas confortavelmente, guarneçada de móveis de fabricação americana. Era ali que a família almoçava, jantava e passava as noites. Confortável ponto de reunião para os Harcher de todas as idades, que gostavam de estar juntos quando acabavam as ocupações quotidianas. Não será pois para admirar que o primeiro lugar fosse ali ocupado por uma biblioteca de livros usuais e o segundo por um piano, no qual, todos os domingos, rapazes ou raparigas tocavam com entusiasmo valsas e quadrilhas francesas, que todos dançavam, revezando-se o tocadour.

A exploração desta propriedade exigia evidentemente um numerosíssimo pessoal. Mas Tomás Harcher tinha-o encontrado na sua própria família. E, de facto, na granja de Chipogan não havia um único empregado a jornal.

Tomás Harcher tinha então cinquenta anos. Acadiano de origem francesa, descendia desses atrevidos pescadores que, um século atrás, colonizaram a Nova Escócia. Era o tipo perfeito do lavrador canadense, desse que é chamado não o aldeão, mas o «habitante» nas campinas da América do Norte.

De alta estatura, ombros largos, tronco reforçado, membros vigorosos, cabeça forte, cabelos que mal começavam a ficar ruços, olhar vivo, dentes sólidos, boca grande como é próprio do trabalhador cujo trabalho exige uma copiosa alimentação, tal era o administrador de Chipogan. Ao mesmo tempo bom patriota, implacável inimigo dos anglo-saxónicos, sempre pronto a fazer o seu dever e a sacrificar a sua pessoa.

Tomás Harcher teria de balde procurado em todo o vale do S. Lourenço uma companheira melhor e mais de feição do que sua mulher Catarina. Tinha então quarenta e cinco anos, forte como seu marido, como ele tinha-se conservado moço de corpo e de espírito, talvez um pouco rude de cara e de modos, mas boa naquela rudeza, tendo coragem para o trabalho, numa palavra, «a mãe», assim como ele era «o pai» em toda a aceção da palavra. Ambos um belo par, como se diz, e de tão boa

saúde que prometiam fazer ainda um dia desses numerosos centenários, cuja longevidade honra o clima canadense.

Talvez se pudesse fazer uma censura a Catarina Harcher, mas essa censura todas as mulheres do Canadá a mereciam, a dar-se crédito às coscuvilhices do público. Efetivamente, se as canadenses são boas donas de casa é com a condição de que seus maridos se encarreguem do arranjo interno, façam as camas, ponham a mesa, depenem as galinhas, ordenhem as vacas, batam a manteiga, descasquem as batatas, acendam o lume, lavem a louça, vistam os filhos, varram a casa, limpem a poeira, coem a barreira, etc. Contudo, Catarina não levava ao extremo este espírito de dominação que tornava o marido escravo da mulher na maioria das casas da colônia. Para se ser justo deve dizer-se que ela tomava parte nos trabalhos diários. Mas nem por isso Tomás Harcher deixava de se submeter voluntariamente às suas vontades e caprichos. Por isso que bela família lhe tinha dado Catarina, desde Pedro, mestre do *Champlain*, seu filho mais velho, até ao último pequeno, apenas com algumas semanas de vida, e que naquele dia se preparavam para batizar!

É sabido quão extraordinária é, no Canadá, a fecundidade dos casamentos. São vulgares as famílias de doze a quinze filhos. E não são raras aquelas em que se contam vinte filhos. Citam-se outras com mais de vinte e cinco. Não são famílias, são tribos que se desenvolvem à sombra de costumes patriarcais.

Se Ismael Busch, o velho pioneiro de Fenimore Cooper, uma das personagens do romance de *La Prairie*, podia mostrar com orgulho os sete filhos, sem contar as filhas, todos do casamento com a robusta Ester, com que sentimento de superioridade Tomás Harcher o teria desbancado, ele pai de vinte e seis filhos, todos são e escorreitos!

Quinze filhos e onze filhas de todas as idades, desde três semanas até trinta anos. Dos quinze filhos, quatro estavam casados. E desses casamentos havia já dezassete netos — o que, juntando o pai e a mãe, fazia um total de cinquenta e dois membros, em linha reta, da família Harcher.

Já conhecemos os cinco mais velhos. Eram os que compunham a tripulação do *Champlain*, os dedicados companheiros de João. É inútil perder tempo a enumerar o nome dos outros filhos, ou a precisar com um traço a originalidade dos caracteres. Rapazes, raparigas, cunhados e noras nunca saíam da granja. Lá viviam, lá trabalhavam sob a direção do chefe. Uns eram empregados no campo, e o trabalho nunca faltava. Outros exploravam a floresta, exerciam o ofício de *lumbermen*, e tinham igualmente que fazer. Dois ou três dos mais velhos caçavam nas matas vizinhas a Chipogan, e não tinham grande trabalho em fornecer a caça precisa para a enorme mesa da família. Naqueles territórios abundam a grã-besta, o rangífero — duas espécies de renas de grande corpo —, os búfalos, gamos, cabritos monteses, alces, sem falar da diversidade de caça miúda de pelo e pena, como mergulhadores, patos-bravos, patos-marrecos, galinholas, narcejas, perdizes, codornizes, tarambolas.

Quanto a Pedro Harcher e a seus irmãos Remy, Miguel, Tony e Jacques, na época em que o frio os obrigava a abandonar as águas do S. Lourenço, vinham invernar para a granja e faziam-se caçadores de peles. Eram citados entre os mais intrépidos *squatters*, os mais infatigáveis batedores de mato, e forneciam de peles mais ou menos preciosas os mercados de Montreal e Quebeque. Naquele tempo os ursos pretos, os lince, os gatos-bravos, as martas, raposas, castores, herminias, lontras, não tinham ainda emigrado para as zonas do Norte, e era um bom negócio o comércio daquelas peles quando ainda não era preciso tentar fortuna nas longínquas paragens da baía de Hudson.

Compreende-se que para alojar esta família de pais, filhos e netos era quase precisa uma caserna. Por isso aquela casa era um verdadeiro quartel que dominava com os seus dois andares as dependências de Chipogan. Além disso, tinha sido necessário reservar alguns quartos para os hóspedes que Tomás Harcher recebia de passagem, amigos do condado, rendeiros e caseiros das vizinhanças, «viajantes», isto é, marinheiros que dirigiam as jangadas de madeira pelos afluentes para as conduzirem ao grande rio. Enfim, havia os quartos reservados para quando o Sr. de Vaudreuil e sua filha vinham visitar a família Harcher.

E, precisamente, o Sr. de Vaudreuil e Clary acabavam de chegar naquele dia — 5 de Outubro. Não eram somente as relações de amo e de empregado que uniam o Sr. de Vaudreuil a Tomás Harcher e aos seus: existia uma afeição recíproca, amizade de uma parte, dedicação da outra, que o correr dos anos nunca tinha desmentido. E como, principalmente, eles se sentiam ligados pelos laços do patriotismo! Tanto um como o outro tinham-se dedicado de corpo e alma à causa nacional.

Agora achava-se completa a família. Havia três dias que Pedro e seus irmãos, depois de terem deixado o Champlain desarmado no cais de Laprairie, tinham vindo habitar os seus quartéis de inverno na granja. Apenas faltava o filho adotivo e o não menos querido dos hóspedes de Chipogan.

Mas esperava-se que ele chegasse durante o dia. Para que João faltasse a esta festa de família seria necessário que tivesse caído nas mãos de Rip, e a notícia da sua prisão já teria soado.

É que João tinha de cumprir um dever para ele tão importante como para Tomás Harcher.

Não ia longe o tempo em que o fidalgo da paróquia aceitara ser padrinho de todos os filhos dos seus rendeiros — o que elevava a centenas o número dos afilhados. O Sr. de Vaudreuil, seja dito em abono da verdade, ainda não contava a senão dois na descendência de Tomás. Desta vez era Clary que ia ser a madrinha do vigésimo sexto filho, ao qual João ia servir de padrinho. E ele sentia-se feliz por esse laço que os uniria um ao outro durante curtos instantes.

Mas não era só por causa de um batizado que a granja estava em festa.

Quando Tomás Harcher recebeu os seus cinco filhos:

— Meus rapazes — disse-lhes ele —, sejam bem-vindos, porque chegam mesmo ao pintar.

— Como sempre! — respondeu Jacques.

— Hoje melhor do que nunca. Se hoje nos reunimos para o batismo do último bebé, amanhã será a primeira comunhão do Clemente e de Cecília, e, depois de amanhã, o casamento de tua irmã Rosa com Bernardo Miquelon.

— Não se vai mal cá por casa! — disse Tony.

— Graças a Deus, meus rapazes — exclamou Tomás —; e não me responsabilizo que para o ano os não convoque para iguais festas!

E Tomás Harcher ria com o seu riso sonoro, vibrante de boa alegria gaulesa, enquanto Catarina beijava os cinco vigorosos rapagões que ela primeiro tinha deitado cá para este mundo.

O batismo devia fazer-se às três horas da tarde. João ainda não tinha tempo de chegar.

Assim que ele aparecesse, seguia a procissão para a igreja, dali distante meia légua.

Tomás, sua mulher, seus filhos, filhas, genros e netos, tinham envergado os fatos domingueiros, e era de crer que durante três dias os não largassem. As filhas tinham corpete branco, saias de cores vivas e cabelos caídos. Os rapazes, tendo largado os fatos do trabalho e o barrete normando de todos os dias, traziam a roupa de domingo, gabão preto, cinta de cores e sapatos de couro de boi.

Na véspera, depois de ter atravessado o rio em frente de Laprairie, o Sr. de Vaudreuil e sua filha tinham sido recebidos por Tomás Harcher, que os esperava com o seu carro puxado por dois excelentes trotadores.

Durante as três léguas que restava fazer para chegar Chipogan, o Sr. de Vaudreuil tinha prevenido Tomás de que precisava acautelá-lo. A polícia não podia ignorar que ele, Vaudreuil, tinha saído de Montcalm, e era muito possível que fosse objeto de vigilância especial.

— Temos bom olho — respondeu Tomás.

— Até hoje ainda não apareceu por aqui nenhuma figura suspeita?

— Nenhum desses *canouaches* foi visto por cá, com seu respeito, Sr. de Vaudreuil.

— E o seu filho adotivo — perguntou Clary de Vaudreuil —, já chegou?

— Ainda não, senhora morgadinha, e confesso-lhe que a demora já começa a inquietar-me.

— Nunca mais tiveram notícia dele depois que se separou de seus companheiros em Laprairie?

— Nunca mais!

Ora, depois que o Sr. de Vaudreuil e sua filha já estavam instalados nos melhores quartos de Chipogan, escusado seria dizê-lo, João não tinha ainda chegado; mas achava-se tudo pronto para a cerimónia, e se o padrinho não chegasse, era difícil prever o que se faria.

Por isso, Pedro e dois ou três outros tinham ido pela estrada fora coisa de uma légua, mas não tinham visto João, e

acabava de dar meio-dia no relógio de Chipogan.

Tomás e Catarina conversaram então a respeito desta inexplicável demora.

— O que é que devemos fazer se ele não chegar antes das três horas? — perguntou ele.

— Esperaremos — respondeu simplesmente Catarina.

— Esperar o quê?

— Por certo que não será a chegada de um vigésimo sétimo filho! — voltou ela.

— Tanto mais — replicou Tomás — que, sem que tivessem que nos censurar, esse vigésimo sétimo podia muito bem deixar de vir.

— Brinque, brinque, Sr. Tomás.

— Palavra que não brinco! Mas, enfim, se João tardar de mais, não teremos remédio senão passar sem ele...

— Passar sem ele! — gritou Catarina. — Nunca, e como quero que seja ele o padrinho de um de nossos filhos, esperaremos que ele chegue.

— Mas se ele não vier? — insistiu Tomás, que não estava resolvido a adiar indefinidamente o batismo. — Se qualquer coisa o colocasse na impossibilidade de vir?

— Não estejas com ruins prognósticos — tornou Catarina —, e, com os diabos, mais um bocado de paciência! Se não se batizar hoje, batiza-se amanhã.

— Mas amanhã é a primeira comunhão de Clemente e de Cecília, o décimo sexto e a décima sétima.

— Será então depois de amanhã.

— Depois de amanhã é o casamento de Rosa com Bernardo.

— Basta, basta, basta! Se for possível, faz-se tudo no mesmo dia. Mas quando uma criança deve ter um padrinho como João e uma madrinha como Clary, não nos devemos apressar em ir procurar outros.

— O cura está prevenido! — observou ainda Tomás à intratável metade.

— Deixa estar! É um bom homem o nosso cura! Ele bem sabe que não perde a espórtula, e que fregueses como nós não são vulgares!

E, de facto, em toda a paróquia não havia paroquianos que tivessem dado tanto que fazer ao seu pároco como Tomás e Catarina.

Contudo, à medida que iam passando as horas, a inquietação tornava-se mais viva. Se a família Harcher ignorava que o seu filho adotivo fosse o patriota João-Sem-Nome, o Sr. de Vaudreuil e sua filha sabiam-no e temiam tudo por ele.

Portanto, quiseram saber de Pedro Harcher em que circunstâncias João se tinha separado dele e de seus irmãos quando desembarcaram do *Champlain*.

— Foi na aldeia de Caughnawaga que nós o desembarcámos — informou Pedro.

— E em que dia?

— A 26 de setembro, por volta das cinco horas da tarde.

— Há, portanto, nove dias que estão separados? — observou o Sr. de Vaudreuil.

— Exatamente.

— E ele não disse o que ia fazer?

— A sua intenção era de visitar o condado de Chambly, onde não tinha ido durante toda a nossa estação de pesca.

— É uma razão — admitiu o Sr. de Vaudreuil — e, contudo, temo que se tenha aventurado só através de um território onde os agentes de polícia deviam estar de atalaia.

— Eu quis que ele fosse acompanhado por Jacques e Tony, mas recusou terminantemente.

— E que pensa você de tudo isto, Pedro? — perguntou Clary.

— A minha ideia é que João pensava de há muito em ir a Chambly, mas que nunca me quis dizer nada. Ora como tínhamos combinado desembarcar em Laprairie e voltarmos todos juntos aqui depois de termos desarmado o *Champlain*, ele

não nos disse nada senão no momento em que chegámos defronte de Caughnawaga.

— E quando os deixou, prometeu estar aqui para o batizado?

— Deu-nos a sua palavra. Ele bem sabe que deve levar o pequeno à pia batismal, com a menina, e que sem ele a família

Harcher não estaria completa!

À vista de uma promessa tão formal, convinha esperar com paciência.

Deve dizer-se que, se o dia terminasse sem João ter aparecido, os receios seriam perfeitamente justificados. Para que um homem tão decidido como ele faltasse à palavra dada, era porque a polícia lhe tinha deitado a mão... E então o Sr. e a menina de Vaudreuil julgá-lo-iam perdido.

Nesse momento abriu-se a porta que dava para o grande pátio e um selvagem apareceu no limiar.

Um selvagem — é ainda assim que no Canadá se chama aos índios, mesmo nos atos oficiais, como se chama às suas mulheres, que na língua iroquesa ou hurona se chamam *squaws*.

Este selvagem era precisamente um hurão, e de raça pura — o que se via pela sua cara imberbe, pelas maçãs do rosto salientes e quadradas, olhos pequenos e vivos. A sua grande altura, o seu olhar vivo e penetrante, a cor da sua pele, a disposição dos cabelos, faziam dele um tipo em que se reconhecia a raça indígena do Oeste da América.

Se os índios têm conservado os costumes de outrora, os costumes das tribos do tempo passado, o hábito de se aglomerarem nos seus aldeamentos, uma pretensão tenaz em conservarem certos privilégios que as autoridades lhes não contestam em parte alguma, enfim, uma propensão natural para viverem sempre apartados dos «caras-pálidas», têm-se contudo um tanto ou quanto modernizado, muito principalmente na forma de trajar. Só em certas circunstâncias é que vestem o traje guerreiro.

Este hurão, aproximadamente vestido à moda canadense, pertencia à tribo dos Mahogannis, que ocupa uma povoação de mil e quatrocentos a mil e quinhentos fogos ao norte do condado. Esta tribo, já se disse, tinha certas relações com a granja, onde era sempre bem recebida.

— O que é que temos, hurão? — gritou Tomás, assim que o índio se adiantou e lhe deu solenemente o aperto de mão tradicional.

— Tomás Harcher quer responder à pergunta que eu lhe vou fazer? — replicou o índio, com essa voz gutural peculiar aos da sua raça.

— E porque não —olveu Tomás —, se a resposta o pode interessar?

— O meu irmão vai ouvir-me e depois julgará o que deve dizer-me!

Bastava esta forma de linguagem, na qual o selvagem só empregava a terceira pessoa, o ar digno da sua atitude para perguntar, muito provavelmente, uma coisa muito simples, para se reconhecer nele o descendente das quatro grandes nações que possuíram outrora o território da América do Norte. Eram então divididos em Algonquinos, Hurões, Montanheses e Iroqueses, que compreendiam as seguintes diversas tribos: Mohawks, Oneidas, Onondagas, Tuscaroras, Delawares, Moicanos, que se veem particularmente figurar nas novelas de Fenimore Cooper. Atualmente, já não existem senão restos dispersos destas antigas raças.

Depois de uns momentos de silêncio, o índio, dando ao gesto uma amplidão característica, continuou:

— Meu irmão conhece, segundo nos disseram, o notário Nicolau Sagamoro de Montreal?

— Tenho essa honra, hurão.

— Não é ele esperado aqui?

— É.

— Meu irmão, podia-me dizer se ele já chegou?

— Ainda não — respondeu Tomás Harcher. — Só o esperamos amanhã para lavrar a escritura de casamento da minha filha Rosa com Bernardo Miquelon.

— Agradeço ao meu irmão o ter-me dito o que eu queria.

— Tem alguma comunicação importante a fazer ao Sr. Nick?

— Importantíssima — respondeu o hurão. — Amanhã, pois, os guerreiros da tribo deixarão a nossa aldeia de Walhatta, e virão visitá-lo.

— E serão aqui bem recebidos — assegurou Tomás Harcher.

E logo o hurão, estendendo de novo a mão a Tomás, se retirou gravemente.

Ainda não havia um quarto de hora que tinha partido quando a porta se abriu de novo. Desta vez era João, cuja presença foi acolhida por unânimes gritos de alegria.

Tomás e Catarina Harcher, seus filhos e netos, precipitaram-se para ele, e pouco era o tempo para corresponder aos cumprimentos de toda aquela gente, feliz por tornar a vê-lo. Os apertos de mão e os abraços duraram uns bons cinco minutos.

— A caminho! A caminho! — gritou Catarina, que ia de um a outro grupo, resmungando e mandando. — Vamos, meu filho — disse ela a João —, dá o braço à menina Clary. E Tomás? Onde estás tu metido, homem de Deus? Tomás?

— Pronto.

— Tu agarra na criança.

— Está dito.

— E vê lá não a deixes cair.

— Vai sossegada, mulher. É já o vigésimo quinto que levo ao cura, já tenho prática...

— Muito bem! — replicou Catarina, cortando-lhe totalmente a palavra. — A caminho!

O cortejo saiu da granja pela ordem seguinte: na frente Tomás com a criança nos braços e Catarina ao lado dele, seguidos do Sr. de Vaudreuil, sua filha e João; depois, atrás, toda a família, compreendendo três gerações, onde as idades estavam por tal sorte entremeadas que a criança que acabava de nascer tinha já entre os filhos de seus irmãos e irmãs muitos sobrinhos e sobrinhas mais velhos do que ela.

O tempo estava bom; mas naquela época do ano a temperatura seria bastante baixa se não caísse do céu sem nuvens uma bátega de sol. Passavam por debaixo das ramagens das árvores, através de caminhos sinuosos, no fim dos quais se avistava a torre da igreja. Um tapete de folhas secas cobria o solo. Todos os amarelos, tão variados, do outono se misturavam no cimo dos castanheiros, das faias, dos carvalhos, dos freixos, cujos esqueletos começavam agora a aparecer, enquanto os pinheiros conservavam ainda a sua coroa de penachos verdes.

À medida que o cortejo avançava, alguns amigos e vizinhos de Tomás Harcher iam engrossando o acompanhamento. A fila aumentava a olhos vistos, e já não eram menos de cem pessoas as que chegaram à igreja.

Havia até estranhos que, por curiosidade, ou por não terem que fazer, se metiam no farrancho e seguiam.

Pedro Harcher notou até um homem que lhe pareceu suspeito. Evidentemente, aquele desconhecido não era dali. Pedro nunca o tinha visto, e pareceu-lhe que tal intruso procurava reconhecer a gente da granja.

Pedro tinha razão em desconfiar daquele homem. Era um dos polícias que tinham recebido ordem para espionar o Sr. de Vaudreuil desde que ele saiu de Montcalm. Rip, lançado na pista de João-Sem-Nome, que se supunha escondido nos arredores de Montcalm, tinha destacado aquele agente com ordem de observar não só o Sr. de Vaudreuil como também a família Harcher, cujas opiniões reformistas eram bem conhecidas.

Entretanto, caminhando juntos, o Sr. de Vaudreuil, sua filha e João iam conversando da demora que este tinha tido para chegar à granja.

— Eu soube por Pedro — disse Clary — que o tinha deixado para ir visitar Chambly e as paróquias vizinhas.

— Exatamente — confirmou João.

— E vem diretamente de Chambly?

— Não venho, porque tive de ir ao condado de S. Jacinto, donde não pude voltar tão depressa como projetara. Tive de ir dar volta pela fronteira, o que só consegui com dificuldade.

— Era vigiado pela polícia? — perguntou o Sr. Vaudreuil.

— Era, mas consegui, sem muito trabalho, desnor-teá-la mais uma vez.

— Cada hora da sua vida é um perigo! — atalhou Clary de Vaudreuil. — Não se passa um único instante sem que os seus amigos não estejam em sobressalto por sua causa. Desde que saiu de Montcalm nunca mais cessaram as nossas inquietações!

— Por isso — respondeu João — já me tarda acabar com esta existência, que preciso disputar sem descanso, tarda-me a luta à luz do dia, face a face com o inimigo! É pois tempo que se trave a peleja, e sem demora! Mas neste momento esqueçamos o futuro pelo presente! Seja isto como uma trégua, um momento de descanso antes da batalha! Aqui, Sr. de Vaudreuil, não sou mais do que o filho adotivo desta honrada família.

O cortejo tinha chegado. A igreja era pequena para conter a multidão que se tinha ido juntando pelo caminho.

O cura esperava à porta, junto da modesta pia de pedra que servia aos inumeráveis batismos dos recém-nascidos da paróquia.

Tomás Harcher apresentou, não sem um bocado de vaidade, o vigésimo sexto rebento do seu casamento com a não menos vaidosa Catarina. Clary de Vaudreuil e João colocaram-se um junto do outro, enquanto o cura celebrava as cerimónias do costume.

— E como se chama? — perguntou ele.

— João, como seu padrinho — respondeu Tomás Harcher, estendendo a mão ao mancebo.

É para notar que os antigos costumes franceses se encontram ainda no meio das cidades e aldeias da campina canadense. Nas paróquias rurais, muito particularmente, são os dízimos que sustentam o clero católico. O dízimo consta da vigésima sexta parte de todos os frutos e colheitas da terra. E — em observância de uma tradição tão tocante como curiosa — não é somente sobre as colheitas que se cobram dízimos.

Por isso, Tomás Harcher não se admirou quando, acabado que foi o batismo, o cura disse em voz alta:

— Esta criança pertence à igreja. Se é afillado do padrinho e da madrinha que escolheram, é nosso pupilo. Não serão os filhos a colheita da família? Pois bem, assim como me têm dado a vigésima sexta parte de cada espiga do seu trigo, é o seu vigésimo sexto filho que a igreja lhes cobra hoje.

— Nós reconhecemos esse direito, Sr. Cura — respondeu Tomás Harcher —, e tanto minha mulher como eu submetemo-nos a ele com todo o gosto!

A criança foi levada, então, ao presbitério, onde foi triunfalmente acolhida.

Segundo as tradições dos dízimos, o pequeno João pertencia à igreja. Como tal, seria educado à custa da paróquia.

E assim que o cortejo se pôs em marcha para voltar à granja, irromperam por centenas as aclamações em honra de Tomás e Catarina Harcher.

Capítulo 11 — O Último dos Sagamoros

No dia seguinte recomeçaram as festas. Novo cortejo se dirigiu à igreja logo de manhã. O mesmo recolhimento na ida, a mesma folia na volta.

Clemente e Cecília Harcher, um de casaca preta, o que fazia dele um homenzinho, a outra de vestido branco, o que parecia a uma noiva, figuravam entre os primeiros comungantes vindos das granjas vizinhas. Se os outros «habitantes» não eram tão ricos em prole como Tomás Harcher, de Chipogan, nem por isso deixavam também de ter um respeitável número de filhos. O condado de Laprairie era verdadeiramente o predileto das bênçãos do Senhor, e, a esse respeito, podia lutar com as mais fecundas povoações da Nova Escócia.

Naquele dia Pedro não tornou a ver o indivíduo estranho, cuja presença tanto o tinha inquietado na véspera. Efetivamente, o espião tinha partido. Teria suspeitado alguma coisa a respeito de João? Teria ido fazer o seu relatório ao chefe de polícia de Montreal? Dentro em pouco se saberia a verdade.

Quando a família voltou à granja, foram logo todos direitos para a mesa. O almoço estava pronto graças às múltiplas reprimendas que Tomás Harcher tinha recebido de Catarina. Ele tivera de se ocupar da mesa, da despensa, da adega, da cozinha, com a ajuda de seus filhos, bem entendido, que tiveram uma boa parte nos ralhos maternos.

— É bom que se vão acostumando — repetia Catarina —, que é para não estranharem quando se casarem.

Excelente aprendizagem, na verdade.

Mas se tanto trabalho tinha dado o almoço daquele dia, o que seria o jantar do dia seguinte! Uma mesa para cem convidados! Que era a conta que davam os parentes, amigos e vizinhos dos noivos. E era preciso não esquecer o notário Nick e o seu escrevente, que eram esperados para a assinatura do contrato. Era uma boda incomparável, na qual Tomás Harcher pretendia rivalizar com Gamache, de cervantesca memória.

Mas isso era para o outro dia. Hoje do que se tratava era de receber nas palminhas o Sr. Nick. Um dos filhos de Tomás devia ir buscá-lo a Laprairie às três horas em ponto, no carro da casa.

A propósito de Nick, Catarina recordou a seu marido que este excelente homem era um grande comilão e de boca muito delicada, e ela não esperava — era a sua maneira habitual de admoestar — que o honrado tabelião deixasse de ser servido à medida dos seus desejos.

— Deixa estar que o há de ser! Fica descansada, minha boa Catarina.

— Não estou —olveu a matrona —, nem estarei enquanto se não acabar tudo isto. À última hora sempre falta alguma coisa, e eu não espero que tal aconteça!

Tomás Harcher foi continuar a lide, repetindo:

— Excelente mulher! Um pouco exagerada nas precauções! Ela espera isto! Ela não espera aquilo!

Entretanto desde a véspera que o Sr. de Vaudreuil e Clary tinham podido conversar mais longamente com João acerca da sua viagem através dos condados do Baixo Canadá. Por seu lado, João tinha ficado ao corrente do que o condado de Montcalm tinha feito depois da sua partida. André Farran, William Clerc e Vicente Hodge tinham voltado frequentes vezes à quinta, onde igualmente o Sr. de Vaudreuil recebera a visita do advogado Sebastião Gramont. Depois, este partira para Quebeque, onde se devia encontrar com os principais deputados da oposição.

Naquele dia, depois do almoço, que foi servido à volta da igreja, o Sr. de Vaudreuil quis aproveitar-se do carro para ir à vila. Teria tempo de conferenciar com o presidente do conselho reformista de Laprairie e voltar com o notário.

Clary e João acompanharam-no pela formosa estrada de Chipogan, sombreada por grandes ulmeiros que cresciam à beira de um pequeno riacho, tributário do S. Lourenço. Tinham saído adiante, e só foram alcançados pelo carro a meia légua da granja.

O Sr. de Vaudreuil instalou-se com Pedro Harcher, e bem depressa desapareceu ao trote largo da parelha.

João e Clary voltaram para trás, subindo através do bosque sombrio e sossegado da beira do rio. Nada lhes embarçava o passeio, nem as moitas, nem as ramarias, que nas florestas canadenses se elevam em vez de penderem para o solo. De tempos a tempos o machado do rachador soava de encontro aos velhos troncos. Alguns tiros se ouviam ao longe, e por vezes casais de gamos apareciam junto das balças, que galgavam de um salto. Mas caçadores e rachadores não saíam das espessuras dos fetais e era no meio de uma profunda solidão que os dois voltavam vagarosamente para a granja.

Ambos iam bem depressa separar-se! Quando poderiam tornar a ver-se, e onde? Seus corações confrangiam-se dolorosamente só em pensarem nessa próxima separação.

— Pensa voltar brevemente a Montcalm? — perguntou Clary.

— A casa do Sr. Vaudreuil deve estar particularmente vigiada — respondeu João —, e, em seu próprio interesse, mais vale que se ignorem as nossas relações.

— E, contudo, o senhor não pode procurar asilo em Montreal?

— Não posso, embora seja mais fácil escapar à espionagem no meio de uma grande cidade. Estarei em mais liberdade em casa de Vicente Hodge, de Farran ou de Clerc do que na quinta de Montcalm...

— Mas não será aí mais bem recebido! — afirmou Clary.

— Bem sei, e nunca me esquecerei de que, durante os poucos dias que aí passei, seu pai e a senhora me trataram sempre como filho e irmão!

— Como era do nosso dever — volveu Clary. — Não une tanto o mesmo sentimento patriótico como o mesmo sangue? Parece-me até, por vezes, que o senhor sempre fez parte da nossa família! E agora se é só no mundo...

— Só no mundo — repetiu João, que tinha baixado a cabeça. — Sim, sou só... só!

— Pois bem, assim que a causa tiver triunfado, a nossa casa será sua! Mas, entretanto, compreendo que procure um refúgio mais seguro do que a quinta de Montcalm. E há de encontrá-lo, tanto mais que não há um único canadense que recuse guarida a um proscrito...

— Bem sei que não há — concordou João —, nenhum seria tão miserável que me traísse...

— Traí-lo! — exclamou Clary. — Nunca! O tempo das traições já passou. Em todo o Canadá não se encontrará nem um Black nem um Simão Morgaz!

Este nome, pronunciado com muito horror, fez subir o sangue às faces de João, que teve de se voltar para esconder a sua perturbação. Clary de Vaudreuil não a percebeu, porém, mas quando João se aproximou de novo, a sua fisionomia denotava tão visível sofrimento que cheia de inquietação exclamou:

— Valha-me Deus! Que tem?

— Nada... não é nada! — respondeu João. — São umas palpitações a que há tempos ando atreito! Parece que me vai estalar o coração! Acabou já!

Clary olhou para ele longamente, como para ler até ao fundo do seu pensamento.

Ele continuou, a fim de mudar o curso dessa conversa cheia de torturas:

— O mais prudente será refugiar-me numa aldeia dos condados vizinhos, onde ficarei em comunicação com o Sr. de Vaudreuil e seus amigos...

— Sem contudo se afastar de Montreal? — observou Clary.

— Certamente; porque provavelmente será nas paróquias vizinhas que há de rebentar a sublevação. E, daí, pouco importa aonde eu vá ou não!

— Quem sabe se não seria ainda em Chipogan que estaria mais seguro?

— É possível...

— E seria difícil descobrir o seu refúgio no meio daquela numerosa família...

— Sem dúvida, mas, se tal acontecesse, poderia isso ter graves consequências para Tomás Harcher! Ele ignora que eu sou esse João-Sem-Nome, cuja cabeça foi posta a prémio.

— Julga que, se o soubesse — acudiu Clary —, hesitaria...

— É claro que não. Seus filhos e ele são verdadeiros patriotas! Tive centenas de provas quando fizemos juntos a nossa campanha de propaganda. Mas eu é que não quero que Tomás Harcher seja vítima da sua dedicação por mim! E, se a polícia me encontrasse em sua casa, ele seria preso! Nunca! Antes ir entregar-me eu próprio...

— Entregar-se! — murmurou Clary, com voz que traduzia dolorosamente as agonias que lhe iam na alma.

João baixou a cabeça. Compreendia de que natureza era o sentimento a que, com pesar seu, se abandonava. Sentia que laço o ligava cada vez mais a Clary de Vaudreuil. E, todavia, podia ele amá-la? O amor de um filho de Simão Morgaz! Que opróbrio! E que traição também, visto que não tinha direito de dizer que família era a sua! Nunca! Mais valia fugir, nunca mais tornar a vê-la! E assim que foi senhor de si:

— Amanhã — disse — assim que for noite, sairei de Chipogan, e não tornarei a reaparecer senão na hora da luta! E então não terei de me esconder.

A fisionomia de João, que por um momento se animara, readquiriu a habitual serenidade.

Clary olhou para ele com uma indefinível expressão de tristeza. Por sua vontade teria penetrado mais na vida do moço patriota. Mas como interrogá-lo sem o suscetibilizar com uma ou outra pergunta indiscreta?

Contudo, depois de lhe estender a mão, em que ele tocou de leve, disse-lhe:

— João, perdoe-me se a minha simpatia me faz talvez sair de uma reserva que eu devia guardar! Existe um mistério na sua vida... um passado de desgraças! Tem sofrido muito, João?

— Muito!

E, como se esta confissão lhe tivesse escapado involuntariamente, acrescentou logo:

— Tenho sofrido muito... porque ainda não pude fazer ao meu país todo o bem que ele tem direito de exigir de mim!

— Direito de exigir — repetiu Clary —, direito de exigir?

— De mim — respondeu João —, como de todos os canadenses, cujo dever é sacrificarem-se para tornarem a sua pátria independente!

Clary compreendeu que havia um abismo de ocultas agonias sob aquele entusiasmo patriótico. Por vontade sua desejava conhecê-las para as partilhar, para as minorar talvez! Mas o que podia ela fazer quando ele persistia em não dar senão respostas evasivas?

Em todo o caso, Clary julgou dever ajuntar, sem sair da reserva que lhe impunha a situação do mancebo:

— João, tenho esperança de que a causa nacional em breve triunfará! E esse triunfo será devido à sua dedicação, à sua coragem e ao ardor que tem inspirado aos seus partidários! Então terá direito ao seu reconhecimento...

— Ao seu reconhecimento, Clary de Vaudreuil? — respondeu João, afastando-se com um movimento brusco. — Nunca! Nunca!

— Como assim? Se os Franco-Canadenses, a quem restituir a liberdade, lhe pedirem que fique à testa deles...

— Recusarei!

— Não poderá fazê-lo!

— Recusarei, já lhe disse! — repetiu João num tom tão afirmativo que Clary ficou interdita. E então, mais docemente, continuou: — Clary de Vaudreuil, não podemos prever o futuro. Espero, porém, que os acontecimentos nos serão favoráveis. Em todo o caso, o melhor que me podia acontecer seria sucumbir na luta.

— Sucumbir! — exclamou Clary, cujos olhos se arrasaram de lágrimas. — Sucumbir, João! E os seus amigos?

— Amigos, eu! Os meus amigos! — volveu João.

E a sua atitude era a de um miserável a quem uma vida de opróbrio tivesse excluído da humanidade.

— João — continuou Clary —, outrora devia ter sofrido horrivelmente e ainda hoje sofre! E o que torna a sua situação mais dolorosa é de não poder... não!... de não querer confiar em ninguém... nem mesmo em mim, que de boa vontade partilharia os seus sofrimentos! Pois bem, saberei esperar, e só lhe peço que acredite na minha amizade...

— A sua amizade! — murmurou João.

E recuou alguns passos, como se bastasse a sua amizade para enxovalhar aquela pura criatura! E, contudo, as únicas consolações que teriam feito suportável aquela horrível existência seriam as encontradas na intimidade de Clary de Vaudreuil! Durante o tempo passado em Montcalm o seu coração tinha-se sentido penetrado dessa ardente simpatia que ele lhe inspirava e que ele sentia por ela... Mas não! Era impossível... Desgraçado! Se um dia Clary viesse a saber de quem ele era filho, por certo o repeliria com horror! Um Morgaz! Por isso, como ele dissera a sua mãe, no caso de Joann e ele sobreviverem a esta última tentativa, ambos desapareceriam! Sim! Assim que o dever estivesse cumprido, a família desonrada iria tão longe, tão longe que nunca mais ninguém ouviria falar dela!

Silenciosa e tristemente, Clary e João voltaram ambos à granja.

Às quatro horas da tarde um grande tumulto ouviu-se à porta do pátio. Entrava o carro. Assinalado ao longe pelos gritos de alegria dos convidados, trazia o Sr. de Vaudreuil, Nick e Leonel.

Que recepção se fez ao amável notário de Montreal — recepção que ele merecia —, tanto se julgavam felizes com a sua chegada à granja!

— Bons dias, Sr. Nick! — gritavam os mais velhos enquanto os mais novos o abraçavam e os pequenos se lhe agarravam às pernas.

— Sim, meus amigos, sou eu! — disse ele, sorrindo. — Sou eu mesmo e não outro! Mas sosseguem! Para se certificarem de que sou eu não precisam rasgar-me o fato!

— Saiam daí, crianças! — gritou Catarina.

— Sinto-me deveras feliz por vê-los e por me ver em casa do meu querido Harcher!

— Como tenho que lhe agradecer o ter-se incomodado! — respondeu Tomás.

— E de mais longe, do fim do mundo até se fosse preciso, eu teria vindo — do sol, das estrelas... até, Tomás, até das estrelas.

— É uma honra para nós — disse Catarina, fazendo sinal às suas onze filhas para que a acompanhassem na mesura.

— É para mim um gosto! Está cada vez melhor, Sra. Catarina! Não me dirá quando acabará de se fazer bonita e de remoçar?

— Nunca! Nunca! — exclamaram ao mesmo tempo os quinze filhos da rendeira.

— Preciso dar-lhe um abraço, Sra. Catarina! Se dá licença — disse ele, voltando-se para Tomás, depois de ter dado dois beijos na dona da casa.

— À vontade! — autorizou Tomás. — Pode até repetir se lhe apraz!

— Agora tu, Leonel — disse o notário, dirigindo-se ao escrevente —, um beijo na nossa patroa...

— Com todo o gosto! — respondeu Leonel, que recebeu dois beijos em troca do seu.

— E agora — continuou Nick — espero que há de ser alegre a boda da encantadora Rosa, que tantas vezes me brincou em cima dos joelhos quando era criança! Onde está ela?

— Aqui, Sr. Nick — respondeu Rosa, florida de saúde e de bom humor.

— Encantadora deveras — declarou o notário —, e tanto que tenho de lhe dar dois beijos nas faces, que são dignas do nome que ela tem!

E, se bem o disse, melhor o fez.

Mas, desta vez, Leonel, com grande pesar seu, não foi convidado a partilhar dos privilégios do amo.

— E o noivo? — disse Nick. — Dar-se-á o caso de se ter esquecido que tem de assinar hoje o contrato?

— Aqui estou — respondeu Bernardo.

— Viva lá, seu rapagão! Venha de lá também um beijo, que é para acabar com isto.

— Como queira —olveu Bernardo, abrindo-lhe os braços.

— Pois sim, mas imagino que tu preferias um beijo de Rosa a uma dúzia dos meus. Portanto, Rosa, dá por mim um beijo

ao teu marido, e que retina bem.

O que Rosa, um pouco envergonhada, fez no meio do aplauso geral.

— E agora é de crer que tenha sede, Sr. Nick, e mais o seu escrevente...

— Muita sede, minha boa Catarina.

— Uma sede pindárica — ajuntou Leonel.

— Eh!... e tu — gritou ela para Tomás —, o que fazes aí de boca aberta a olhar para a gente? Marcha já para a despensa e traz um bom *toddy* para o Sr. Nick, vamos, e outro, em nada inferior, para Leonel! Será preciso que eu repita as coisas duas vezes?

Nunca! Uma só bastava para que Tomás, seguido de dois ou três filhos, se apressasse em correr para a despensa.

Entretanto, Nick, que acabava de ver Clary, dirigiu-se para ela.

— Na minha última visita a Montcalm — disse ele — ficou combinado que nos encontraríamos aqui, e cá estamos... e sinto-me deveras feliz.

A frase do notário foi interrompida por uma exclamação de Leonel, cuja surpresa era naturalíssima. Não se encontrava ele na presença do desconhecido que tão simpaticamente, semanas antes, tinha acolhido os seus ensaios poéticos?

— Mas..., não me engano... é o senhor — repetia ele.

O Sr. de Vaudreuil e Clary olharam um para o outro com viva inquietação. Como é que Leonel conhecia João, e, se o conhecia, saberia ele o que a própria família Harcher ignorava ainda, isto é, que aquele a quem dava asilo era João-Sem-Nome, perseguido pelos agentes de Gilberto Argall?

— Efetivamente — disse por sua vez o notário, que se voltou para o mancebo. — Agora é que eu o reconheço! Foi o senhor o nosso companheiro de viagem quando eu e Leonel, em princípios de setembro, tomámos a diligência para irmos a Montcalm?

— Sou eu, efetivamente, Sr. Nick — confirmou João —, e acredite que tenho imenso gosto em o encontrar em Chipogan, bem, como ao nosso poeta...

— Cuja poesia recebeu uma menção honrosa da Lira de Amizade! — exclamou o notário. — É decididamente um filho das musas que eu tenho a honra de possuir no meu escritório para rabiscar escrituras à rasa!

— Receba os meus cumprimentos, meu amigo — disse João. — Ainda não esqueci o estribilho:

Dar-me em ti a vida e a morte,
Fogo-fátuo, doida chama!

— Então! — respondeu Leonel, vaidoso com os elogios que lhe valiam aqueles dois versos retidos na memória por um verdadeiro conhecedor.

Ouvindo esta troca de amenidades, o Sr. de Vaudreuil e sua filha ficaram tranquilos a respeito do proscrito. Nick contou-lhes então em que circunstâncias se tinham encontrado no caminho de Montreal à ilha de Jesus, e João foi-lhe apresentado como filho adotivo da família Harcher. A explicação terminou por bons apertos de mãos de parte a parte.

Entretanto, Catarina gritava com voz imperiosa:

— Então, Tomás, acabas com isso ou não! Onde estão esses dois *toddys*? Queres que o Sr. Nick e o Sr. Leonel morram de sede?

— Estão prontos, Catarina, estão prontos! — respondeu Tomás. — Não te impacientes!

E Tomás Harcher, aparecendo à porta, convidou os dois a segui-lo à sala de jantar.

Nem Nick nem Leonel se fizeram rogar, e ambos se sentaram a uma mesa guarnecida de copos coloridos e de guardanapos de uma alvura deslumbrante, e refrescaram-se com esse *toddy* — agradável bebida composta de genebra, açúcar, canela e flanqueada de duas côdeas de pão torrado. Esta refeição permitiria esperar a hora do jantar sem se sentir a fraqueza.

Depois, cada qual foi tratar dos últimos preparativos para a grande festa do dia seguinte, enquanto de Vaudreuil, Clary e João tratavam de coisas mais sérias, passeando sob as grandes árvores do jardim.

Por volta das cinco horas, todos, parentes e convidados, se reuniram na grande sala para a assinatura do contrato de casamento. Escusado será dizer que Nick devia presidir a esta importante cerimónia, não se podendo, porém, imaginar o gasto que ao mesmo tempo fazia de dignidade e graça tabelionesca.

Por essa ocasião diversos presentes de núpcias foram entregues aos noivos. Não houve irmão, irmã, cunhado ou cunhada que não tivesse comprado alguma prenda para oferecer a Rosa e Bernardo. E tanto em joias de valor, como utensílios úteis, estes presentes eram mais do que bastante para o começo da casa dos noivos. Tanto assim que Rosa, quando fosse a Sra. Miquelon, não pensava em sair da granja. Bernardo e os filhos, que por certo não faltariam, viriam aumentar o pessoal, que seria bem acolhido por Tomás Harcher.

Escusado será dizer que os mais preciosos presentes foram os oferecidos pelo Sr. de Vaudreuil e seu filha. Para Bernardo uma excelente espingarda de caça; para Rosa um colar, que a fazia parecer mais encantadora ainda. Quanto a João, entregou à irmã dos seus honrados companheiros um cofre munido com todos os utensílios necessários de costura, bordado, matiz, que deviam dar grande alegria a uma boa dona de casa.

E a cada presente rebentavam os aplausos, e os gritos de alegria juntavam-se aos aplausos! E — quem tal diria? — redobram quando o Sr. Nick — solenemente — colocou nos dedos dos noivos os seus anéis de casamento, que ele tinha comprado no melhor ourives de Montreal, e cujo duplo aro de ouro já trazia os seus nomes pela parte de dentro.

Depois foi lido o contrato — em alta e inteligível voz, como se diz em frase tabelioa. Houve um tal ou qual enternecimento quando o Sr. Nick fez saber que o Sr. de Vaudreuil, pela amizade que tinha a Tomás Harcher e para reconhecer os seus bons serviços, juntava uma soma de quinhentas piastras ao dote da noiva.

Quinhentas piastras! Quando, meio século antes, uma noiva, com o dote de cinquenta francos, passava por um rico partido nas províncias canadenses.

— E agora, meus amigos — disse Nick —, vamos proceder à assinatura do contrato: primeiro os noivos, depois os pais e as mães, depois o Sr. de Vaudreuil e a menina Clary, depois...

— Assinamos todos! — gritaram todos com tal entusiasmo que o notário ficou surdo.

E então, grandes e pequenos, amigos e parentes, foram uns após outros pôr o seu nome no fim do contrato que assegurava o futuro dos dois noivos.

Isto levou tempo! Efetivamente os que passavam, atraídos pela algazarra alegre, entravam na granja, e assinavam também. Folhas e folhas de papel se iam juntando ao contrato. Era um nunca acabar. E porque não só toda a vila, mas também todo o condado, não teria afluído se Tomás Harcher oferecia à escolha dos visitantes as mais variadas bebidas? *Cocktail*, *vight caps*, *tom-jerries*, *hot-scotchs*, e principalmente cabazes desse *whisky* que corre tão naturalmente pelas goelas canadenses como o S. Lourenço para o Atlântico.

— Acabou-se? — perguntou Nick, depois de uma hora de trabalho.

— Ainda não! — exclamou Pedro Harcher, que se tinha adiantado até ao limiar da porta, a fim de ver se não passava mais ninguém pela estrada.

— Quem temos ainda mais? — gritou Nick.

— Um bando de hurões!

— Que entrem, que entrem! — respondeu o notário.

As suas assinaturas não farão menos honra aos noivos. Que escritura, meus amigos, que escritura! Tenho lavrado centenas delas na minha vida, mas nunca reuni, como nesta, tantos nomes de gente honrada no fim da última página!

Nesse momento apareceram os selvagens e foram recebidos por atroadores gritos de boa-chegada. Não tinha sido preciso convidá-los a entrar no pátio. Eram uns cinquenta, entre homens e mulheres, e no meio deles Tomás reconheceu o hurão que se tinha apresentado na véspera a perguntar se Nick se achava na granja.

Porque é que aquele bando de mahogannis tinha deixado a sua aldeia de Walhatta? Porque é que esses índios chegavam com tanto cerimonial para virem visitar o notário de Montreal?

Era por um motivo da mais alta importância, como bem depressa veremos.

Estes hurões — e não o fazem senão em circunstâncias solenes — vestiam os seus trajes guerreiros. A cabeça estava cercada de penas multicolores, os longos e espessos cabelos caíam até aos ombros, onde assentava um manto de lã de cores, o busto envolvido num corpete de pele de gamo, os pés calçados em borzeguins de couro de alce, todos armados com essas longas espingardas que, há já muitos anos, substituíram nas tribos índias o arco e as flechas dos antepassados. Mas o machado tradicional, o *tomahawk* de guerra, pendia sempre do cinto de casca que lhes cingia a cintura.

Além disso — pormenor que acentuava ainda mais a gravidade do motivo que ali os trazia —, uma camada de pintura fresca iluminava-lhes o rosto. O azul, o preto, o vermelhão acentuavam com um relevo espantoso os seus narizes, as suas grandes bocas, orladas de duas ordens de dentes curvos e regulares, as maçãs do rosto salientes e quadradas, os olhos pequenos e vivos, cuja órbita negra flamejava como uma brasa.

A esta deputação da tribo tinham-se juntado algumas mulheres de Walhatta — sem dúvida as mais novas e as mais bonitas das mahogannis. Estas *squaws* traziam um corpete de pano bordado, cujas mangas deixavam a descoberto o antebraço, uma saia de cores vivas, nas pernas braçadeiras de couro de rangífero ornadas de picos de ouriços, e os pés, que fariam inveja a uma francesa pela sua pequenez, calçados de borzeguins bordados a missanga.

Estes índios tinham duplicado, se tal é possível, o seu habitual ar grave. Avançaram cerimoniosamente até à entrada da sala grande, onde se achavam o Sr. de Vaudreuil e sua filha, o notário, Tomás e Catarina Harc her, enquanto o resto da assistência se aglomerava em chusma no pátio.

E, então, aquele que parecia ser o chefe do bando — um hurão muito alto, de uns cinquenta anos de idade, tendo na mão um manto de fabrico indígena — disse, dirigindo-se a Tomás com voz grave:

— Está aqui Nicolau Sagamoro?

— Está — respondeu Tomás.

— E sou eu em pessoa — exclamou o notário, muito surpreendido por se ver alvo de tal visita.

O hurão voltou-se para ele, levantou com altivez a cabeça, e, num tom ainda mais imponente:

— O chefe da nossa tribo — disse ele — acaba de ser chamado pelo grande Wacondah, o Mitsimanitu de nossos pais. Já passaram cinco luas desde que ele percorre os felizes territórios de caça. O herdeiro direto do seu sangue é agora Nicolau, o último dos Sagamoro. A ele pertence de hoje para o futuro enterrar o *tomahawk* de paz ou desenterrar o machado de guerra!

Um profundo silêncio de estupefação acolheu esta tão inesperada declaração. Todos sabiam que Nick era de origem hurona, que descendia dos grandes chefes da tribo dos Mahogannis; mas ninguém nunca pensara, ele menos do que ninguém, que a sequência hereditária poderia chamá-lo a governar uma tribo selvagem.

E, então, no meio de um silêncio que ninguém se atrevia a interromper, o índio continuou:

— Quando é que meu irmão quererá vir sentar-se ao fogo do grande conselho da sua tribo, revestido do tradicional manto dos seus avós?

O orador da deputação não admitia sequer a suspeita de uma recusa por parte do notário de Montreal, e apresentou-lhe o manto mahogannis.

E, como Nick, absolutamente interdito, não sabia o que responder, um grito retiniu, seguido de cinquenta outros em unísono:

— Honra, honra a Nicolau Sagamoro!

Fora Leonel que tinha levantado o grito do entusiasmo. Se ele se lisonjeava da alta mercê que tinha sido feita a seu patrão, se ele pensava que o brilho se refletiria nos escreventes do seu escritório, e mais especialmente sobre ele próprio, se ele se alegrava à ideia que de ora em diante andaria ao lado do chefe dos Mahogannis, seria perder o tempo insistir nisso.

Contudo, o Sr. de Vaudreuil e sua filha não podiam deixar de sorrir, vendo a cara estupefacta de Nick. Pobre homem!

Enquanto todos o felicitavam, ele não sabia a quem responder.

Então o índio fez de novo a pergunta, que não admitia escapatória:

— Nicolau Sagamoro consente em seguir seus irmãos ao *wigwam* de Walhatta?

Nick estava boquiaberto. Bem entendido que não consentiria em se demitir das suas funções para ir reinar numa tribo de selvagens. Mas, por outro lado, não queria suscetibilizar com uma recusa os índios da sua raça, que o chamavam a tal honra por direito de sucessão.

— Mahogannis — disse ele por fim —, estava tão longe de esperar... Sou deveras indigno! Bem compreendem, meus amigos, que me acho aqui na qualidade de notário!

E balbuciava e procurava as palavras e não encontrava nada claro para dar como resposta.

Tomás Harcher veio em seu auxílio.

— Hurões — disse ele —, o Sr. Nick não pode deixar de ser tabelião, pelo menos enquanto a cerimónia do casamento não tiver acabado. Finda ela, se lhe convier, deixará a granja de Chipogan e poderá ir com os seus irmãos para Walhatta!

— Sim, depois do casamento! — exclamaram todos, que só tinham em vista conservar ali o tabelião.

O hurão abanou docemente a cabeça, e, depois de ter consultado a deputação:

— Meu irmão não pode hesitar — disse ele. — O sangue dos Mahogannis corre nas suas veias e impõe-lhe direitos e deveres que ele não poderia recusar...

— Direitos, direitos... vá que seja! — murmurou Nick. — Mas deveres...

— Aceita ou não? — perguntou o índio.

— Se aceita! — exclamou Leonel. — Mas isso não se pergunta. E, para testemunho dos seus sentimentos, é preciso que se revista imediatamente com o manto real dos Sagamoro.

— Este pateta não se calará! — resmungava Nick, entre dentes.

E, da melhor vontade, o honrado Nick teria feito esfriar com um bom carolo o entusiasmo intempestivo do seu escrevente.

O Sr. de Vaudreuil percebeu imediatamente que Nick o que queria era ganhar tempo. Portanto, dirigindo-se ao índio, disse-lhe que, com toda a certeza, o descendente dos Sagamoro não desejaria esquivar-se aos deveres que lhe impunha o seu nascimento. Mas que lhe eram necessários alguns dias, talvez algumas semanas, a fim de liquidar as suas coisas em Montreal. Convinha, pois, dar-lhe tempo para isso.

— É bem pensado — concordou o índio — e, visto que meu irmão aceita, que ele receba como penhor de sua anuência o *tomahawk* do grande chefe, chamado pelo Wacondah a caçar nos prados luminosos, e que ele o cinja à sua cintura!

Nick não teve remédio senão receber a arma favorita das tribos indianas, e, pesaroso, como não tinha cinto, pô-la ao ombro. A deputação fez então ouvir o *bugh* tradicional dos selvagens do Far West, espécie de aclamação aprovativa em uso na linguagem índia.

Quanto a Leonel, não cabia em si de contente, embora lhe parecesse que seu patrão não se achava muito à vontade numa situação que ia dar motivo para sonoras gargalhadas à confraria dos tabeliães canadenses. Através da sua natureza de poeta entrevia já que seria ele o chamado a celebrar os altos feitos dos Mahogannis e a pôr em versos líricos o canto de guerra dos Sagamoro, preocupado, porém, com a dificuldade de encontrar uma rima para *tomahawk*.

Os hurões iam para se retirar, lamentando que Nick, impossibilitado pelas suas funções, não pudesse abandonar a granja e segui-los quando Catarina teve uma ideia, que o notário por certo não lhe agradeceu.

— Mahogannis — disse ela —, o que nos reuniu hoje aqui foi uma festa de casamento. Querem ficar connosco em companhia do vosso novo chefe? Oferecemos-lhes hospitalidade por hoje, e amanhã participareis do festim, no qual Nicolau Sagamoro ocupará o lugar de honra.

Uma tempestade de aplausos rebentou mal Catarina Harcher acabou de formular a sua proposta, prolongando-se quando os índios declararam que aceitavam o convite que de tão boa vontade lhes era feito.

Quanto a Tomás Harcher, só tinha de arranjar mesa para mais cinquenta talheres — o que lhe não dava muito cuidado porque a sala era grande e mais do que era preciso para aquele acréscimo de convidados.

O Sr. Nick teve de resignar-se, visto que era o único recurso que lhe restava, e recebeu o abraço dos guerreiros da sua tribo, que de boa vontade mandaria para as profundezas do inferno.

Durante a noite organizaram-se danças, repetindo-se, entre outras, *as rodas* à moda francesa, acompanhadas do alegre estribilho:

Vá de roda, vá de roda,

À roda, à roda.

Dancemos todos em roda

bem como *os scotch-reels* de origem escocesa, que tanta voga tiveram no começo do século.

E foi assim que terminou o segundo dia de festa na granja de Chipogan.

Capítulo 12 — O Banquete

Chegou finalmente o grande dia — e também o último das sucessivas festas do batismo, da comunhão e do casamento que tinham alegrado os hóspedes do Chipogan. O casamento de Rosa Harcher e de Bernardo Miquelon, depois de ter sido celebrado pela manhã civilmente, sê-lo-ia em seguida na igreja. Depois, de tarde, o jantar da boda reuniria os convidados, cujo número tinha consideravelmente aumentado nas circunstâncias que já se conhecem. Também já era tempo de acabar com a festa, aliás não só o condado de Laprairie como todo o distrito de Montreal acabaria por tomar lugar à mesa hospitaleira de Tomás Harcher.

No dia seguinte todos se separariam e o Sr. de Vaudreuil e sua filha voltariam à quinta de Montcalm. João abandonaria a granja e não tornaria a reaparecer senão no dia em que viesse colocar-se à frente do Partido Reformista. Quanto aos seus companheiros do *Champlain*, continuariam o seu ofício de caçadores, que exerciam durante o inverno, esperando a hora de se juntarem a seu irmão adotivo, enquanto a família retomaria os trabalhos habituais da granja.

Os hurões, esses, voltariam à aldeia de Walhatta, onde a tribo contava fazer a Nicolau Sagamoro uma recepção triunfal quando pela primeira vez fosse fumar o cachimbo no lugar de seus avós. Já se viu que o notário tinha ficado muito pouco encantado com as homenagens de que era objeto, estando, aliás, muito decidido a não trocar o seu escritório pelo lugar de chefe de tribo. O seu espanto era tal, tão desnorteado estava, que era impossível deixar de provocar o riso com a singular aventura.

— Vocês riem! — dizia ele. — Bem se vê que nunca viram abrir-se-lhe um trono aos pés!

— Meu querido Nick, é preciso não tomar estas coisas a sério! — respondia-lhe o Sr. de Vaudreuil.

— E como é que hei de tomá-las de outra sorte?

— Essa gente deixará de insistir quando vir que o senhor não tem empenho em se apresentar no *wigwam* dos Mahogannis!

— É que o senhor não os conhece — exclamava Nick. — Deixarem eles de insistir! Mas irão ter comigo a Montreal! Farão demonstrações tais que não me poderei libertar! Cercar-me-ão a porta da casa! E o que dirá a minha velha Dolly? hão de ver que acabarei por andar de argolas nas pernas e penas na cabeça.

E o bom homem, que no fundo não tinha vontade de rir, acabava por partilhar da hilaridade dos seus ouvintes.

Mas era com o seu escrevente que ele tinha sérias contas a ajustar. Leonel — por malícia — já o tratava como se ele tivesse aceitado a sucessão do defunto hurão, já não lhe chamava Sr. Nick! Isso sim! Só lhe falava na terceira pessoa, à maneira enfática dos índios. E, como convinha a um guerreiro dos Prados, dava-lhe a escolher entre as antonomásias de «Chavelho-de-grã-besta» ou de «Lagarto-Subtil» — o que bem equivalia a «Olho-de-Falcão» ou «Longa-Carabina»!

Pelas onze horas formou-se no pátio da granja o cortejo que devia acompanhar os noivos. Estava tão bem organizado que se tornava digno de inspirar um poeta se a musa de Leonel não se tivesse já elevado a mais altas poesias.

Na frente marchavam Bernardo Miquelon e Rosa Harcher, dando um ao outro o dedo mínimo enganchado, ambos encantadores, ambos radiantes. Depois o Sr. de Vaudreuil e sua filha, ao lado de João; em seguida os pais e mães, irmãos e irmãs dos noivos; por fim Nick e o seu escrevente, escoltados pelos membros da deputação hurona. Com grande mágoa de Leonel, só faltava ao seu patrão trajo indígena, o busto sarapintado, a face colorida, para representar dignamente a raça dos Sagamoro.

As festas fizeram-se com toda a pompa que comportava a situação da família Harcher. Os sinos tocaram alegremente, no coro solenes cantos acompanhados a órgão e no adro descargas de espingardas. E neste atroz concerto de tiros os hurões tomaram a sua parte com um a-propósito e um conjunto quê não teria deixado de merecer os aplausos de Nathaniel Bumpoo, o célebre amigo dos Moicanos.

Depois, o cortejo voltou à granja, processionalmente, e, desta vez, Rosa Miquelon pelo braço de seu marido.

A manhã não fora perturbada por nenhum acidente.

Cada qual se dispersou a seu gosto. É possível que Nick se visse um pouco atrapalhado para deixar os seus irmãos mahogannis e ir respirar mais à vontade em companhia dos seus amigos de raça canadense. E, mais apoquentado que nunca, não cessava de repetir ao Sr. de Vaudreuil:

— A falar a verdade, não sei como me hei de ver livre destes selvagens!

Entretanto, se alguém andava atarefado, sobrecarregado, censurado do meio-dia às três horas — hora que estava marcada para o jantar, conforme as antigas usanças — era Tomás Harcher. Verdade seja que Catarina e os filhos e filhas vieram em seu auxílio! Mas os cuidados que exigia um banquete daquela ordem não lhe deixavam um momento de sossego.

Porque não era só a diversidade dos estômagos imperiosos que se tinha de contentar, eram outros tantos gostos a que se devia satisfazer. Por isso a lista do jantar compreendia toda a variedade de comidas ordinárias e extraordinárias que compõem a cozinha canadense.

Sobre a mesa imensa, à qual iam sentar-se cento e cinquenta convidados, estavam postas outras tantas colheres e garfos embrulhados num guardanapo branco e um copo de metal. Não havia facas, cada qual se serviria com a navalha que trazia na algibeira. Nem tão-pouco havia pão, visto que o biscoito adocicado de bordo era o único admitido nos jantares de casamento. Os pratos frios, cuja nomenclatura vai ser indicada, já figuravam na mesa, enquanto os quentes seriam servidos por sua vez. Eram terrinas de sopa a ferver, de onde se expandia um vapor perfumado; variedade de peixe fritos ou cozidos, vindos das águas doces do S. Lourenço e dos lagos, tais como: trutas, salmões, eirós, lúcios, sáveis e salmonetes; enfiadas de patos, pombos, codornizes, galinholas, narcejas e fricassés de esquilo; depois, como peças de resistência, abetardas, perus, gansos engordados na capoeira da granja, uns dourados ao fogo esperto das assadeiras, outros afogados num mar de molhos aromatizados de especiarias; depois as empadas quentes de ostras, pastelões de carne picada com grandes cebolas, pernas de carneiro, lombo de javali assado, guisados de origem indígena, postas de cabrito montês e de gamo grelhadas; por fim essas duas maravilhas da caça por excelência, que deveriam atrair ao Canadá os apreciadores dos dois mundos: a língua de búfalo, tão apetecida pelos caçadores dos Prados, e o churrasco de giba do mesmo ruminante, guarnecido de folhas odoríferas!

Ajuntem-se a esta nomenclatura as molheiras onde oscilavam os *relishes* de vinte espécies, as montanhas de legumes, amadurecidos nos últimos dias do verão índio, os doces de toda a qualidade, e particularmente os sonhos ou filhós, em cuja confeção as filhas de Catarina Harcher gozavam de reputação sem igual, os variados frutos do pomar, que tinham fornecido uma verdadeira colheita, e, finalmente, em centenas de garrafas de formas diversas, a sidra, a cerveja, enquanto não chegava o vinho, a aguardente, o rum, a genebra, bebidas reservadas para as libações da sobremesa.

A vasta sala tinha sido artisticamente armada em honra de Bernardo e de Rosa Miquelon. Frescas grinaldas de folhagem pendiam das paredes. Alguns arbustos pareciam ter nascido expressamente aos cantos. Centenas de ramos de flores cheirosas ornavam os vãos das janelas, sobressaindo nas paredes, por entre flores e verduras, espingardas, carabinas — todas as armas da família, onde se contavam três caçadores — formando brilhantes panóplias.

Os noivos ocupavam o meio da mesa, disposta em ferradura, como essas cataratas do Niágara que a cento e cinquenta léguas para sudoeste precipitavam as suas águas atroadoras. E eram outras tantas cataratas as que se iam sumir no abismo daqueles estômagos franco-canadenses.

Aos lados dos casadinhos tinham-se sentado o Sr. de Vaudreuil e sua filha, João e seus companheiros do *Champlain*. Na frente, entre Tomás e Catarina Harcher, Nick com os principais guerreiros da sua tribo, desejosos, por certo, de verem como funcionava o seu novo chefe. E, a este respeito, Nicolau Sagamoro tencionava desenvolver um apetite digno da sua geração. Escusado será dizer que, ao contrário do uso e costume, e por exceção, as crianças tiveram licença de se sentarem à grande mesa, entre pais e amigos, por detrás dos quais circulava uma nuvem de negros especialmente contratados para o serviço da mesa.

Às cinco horas estava vencido o primeiro assalto. Às seis concedeu-se uma suspensão de armas, não para levantar os mortos, mas para dar aos vivos tempo para respirarem.

Foi então que começaram as saúdes aos noivos e os discursos em honra da família Harcher.

Seguiram-se depois as alegres canções de boda, porque, segundo a antiga moda, em qualquer reunião, tanto ao jantar como à ceia, homens e mulheres tinham por costume cantar alternadamente, com especialidade as velhas cantigas de França.

Por fim Leonel recitou um galante epitalâmio, expressamente composto para a festa.

— Bravo, Leonel, bravo! — gritou Nick, que tinha afogado no copo as mágoas da sua futura soberania.

No fundo, o bom homem estava lisonjeado pelo triunfo obtido pelo seu escrevente, e propôs beber à saúde do laureado da Lira de Amizade!

A esta proposta, os copos tocaram-se estendidos para Leonel, satisfeito e meio envergonhado ao mesmo tempo. Portanto, julgou que não podia corresponder melhor do que fazendo a seguinte saúde:

— A Nicolau Sagamoro! A última vergôntea do nobre tronco ao qual o Grande Espírito quis suspender os destinos da nação dos Hurões!

Os aplausos retumbaram. Os Mahogannis tinham-se levantado, brandindo os *tomahawks*, como se estivessem a ponto de se arremessarem contra os Iroqueses, os Mungos ou outra qualquer tribo inimiga do Far West. Nick, com a sua boa figura serena, parecia pacífico de mais para tão belicosos guerreiros! A falar a verdade, aquele estouvado do Leonel teria feito muito melhor se se tivesse calado.

Depois, assim que a efervescência sossegou, foi atacado o segundo serviço com denodado entusiasmo.

Entretanto, no meio destas ruidosas manifestações, João, Clary de Vaudreuil e seu pai tinham toda a facilidade de conversar em voz baixa. À noite separar-se-iam. Se o Sr. de Vaudreuil e sua filha não deviam retirar-se senão no dia seguinte, João tinha resolvido partir antes da noite, a fim de procurar um refúgio mais seguro do que a granja de Chipogan.

— E, contudo — observou o Sr. de Vaudreuil —, como é que a polícia se lembraria de procurar João-Sem-Nome entre os membros da família de Tomás Harcher? É quase inadmissível.

— Quem sabe se não sou espionado pelos agentes? — respondeu João, como se um pressentimento o tivesse assaltado.

— E, se tal acontecer, quando Tomás e seus filhos souberem quem eu sou...

— hão de defendê-lo — assegurou vivamente Clary — e darão as suas vidas pela sua.

— Bem sei — disse João — e então, em paga da hospitalidade que me têm dado, eu deixaria após mim a ruína e a desgraça! Tomás Harcher e os seus filhos, obrigados a homiziarem-se por me terem defendido! E Deus sabe até onde iriam as represálias! Por isso, tenho pressa de sair daqui!

— Porque não volta secretamente a Montcalm? — sugeriu então o Sr. de Vaudreuil. — Não é a minha obrigação expor-me aos riscos que quer poupar a Tomás Harcher? Em minha casa será bem guardado o seu segredo.

— Essa proposta, Sr. de Vaudreuil — volveu João —, já sua filha me fez em seu nome e eu rejeitei-a.

— Contudo — tornou o Sr. de Vaudreuil com insistência —, isso seria utilíssimo para as últimas medidas que tenha de tomar. Todos os dias podia estar em comunicação com os membros do centro. À hora da revolução, Farran, Clerc, Vicente Hodge e eu estaríamos prontos a segui-lo. Não é provável que o primeiro movimento tenha de produzir-se no condado de Montreal?

— É provável, efetivamente — declarou João —, ou pelo menos num dos condados vizinhos, segundo as posições que forem ocupadas pelas tropas reais.

— Pois bem — insistiu Clary —, porque não aceita o oferecimento de meu pai? Não tenciona percorrer as freguesias do distrito? Não tem de acabar a sua campanha de propaganda?

— Está acabada, e só me resta dar o sinal...

— E que espera para isso? — inquiriu o Sr. de Vaudreuil.

— Uma circunstância que acabará de exasperar os patriotas contra a tirania anglo-saxónica — replicou João — e essa circunstância vai apresentar-se dentro em pouco. Daqui a alguns dias os deputados da oposição vão recusar ao governador-geral o direito, que ele pretende ter, de dispor das rendas públicas sem autorização da Câmara. Além disso, eu sei de fonte

certa que o Parlamento inglês tenciona votar uma lei que permita a *lord* Gosford suspender a constituição de 1781. Então os canadenses franceses não teriam garantias algumas no regime representativo concedido à colônia, e que, ainda assim, tão pouca liberdade de ação lhes deixa!

Os nossos amigos, e com eles os deputados liberais, tentarão resistir a esse excesso de poder. Provavelmente, *lord* Gosford, para pôr um freio às reivindicações dos reformistas, decretará a dissolução, ou, pelo menos, o adiamento da Câmara. Nesse dia o país levantar-se-á, como um só homem, e só teremos que dirigi-lo.

— Assim é — aprovou o Sr. de Vaudreuil —, não resta dúvida de que uma tal provocação da parte dos lealistas conduzirá a uma revolta geral. Mas ousaria ir até aí ao Parlamento inglês?

— E, dado o caso que tal atentado contra os franco-canadenses se realizasse, tem a certeza de que seria em breve trecho?

— Dentro em poucos dias — disse João. — Sebastião Gramont assim me avisou.

— E daqui até lá — perguntou Clary — como há de escapar?

— Saberei fazer perder a pista aos agentes.

— Tem em vista algum refúgio?

— Tenho um.

— É seguro?

— Mais que noutra qualquer parte.

— Longe daqui?

— Em S. Carlos, no condado de Verchères.

— Seja — admitiu o Sr. de Vaudreuil. — Ninguém pode ser mais juiz do que o senhor acerca do que exigem as circunstâncias. Se julga que deve conservar absolutamente secreto o lugar para onde se retira, não insistimos mais. Mas não se esqueça de que, a qualquer hora do dia ou da noite, a quinta de Montcalm lhe está aberta.

— Bem sei, Sr. de Vaudreuil — declarou João — e agradeço-lho.

Escusado é dizer que, no meio das exclamações incessantes da sala, ninguém tinha podido ouvir coisa alguma desta conversa em voz baixa. Por vezes ela tinha sido interrompida por uma ou outra saude mais ruidosa, por um dito cintilante ou por alegre canção dedicada aos noivos.

E, agora, parece que aquela conversa ia findar depois das últimas palavras trocadas entre João e o Sr. de Vaudreuil quando uma última pergunta de Clary provocou uma resposta adrede a surpreender seu pai e ela própria.

A que sentimento obedecia ela fazendo esta pergunta? Seria, se não uma suspeita, pelo menos uma queixa dessa reserva em que João julgava de seu dever conservar-se? Talvez, porque ela disse-lhe:

— E haverá noutra qualquer parte um asilo mais seguro, uma casa mais hospitaleira do que a nossa?

— Mais hospitaleira? Não, mas tanto, sim — respondeu João, um tanto ou quanto comovido.

— E qual é?

— A de minha mãe!

João pronunciou estas palavras com tal sentimento de afeição filial que Clary se sentiu profundamente enternecida.

Era a primeira vez que João, cujo passado era tão misterioso, fazia uma alusão à sua família. Não vivia, portanto, só no mundo, como seus amigos julgavam. Tinha mãe, que morava secretamente em S. Carlos. Sem dúvida, João ia vê-la algumas vezes. A casa materna estava-lhe sempre aberta quando ele necessitava de tranquilidade e descanso!

E, agora, era ali que iria esperar a hora de se arremessar à luta.

Clary nada respondeu. O seu pensamento arrastava-a para essa casa longínqua. Que alegria não seria a sua em conhecer a mãe do proscrito! Fazia dela mulher heroica, como seu filho, uma patriota a quem amaria, a quem já amava.

Por certo havia de vê-la um dia. Pois não estava a sua vida indissolúvelmente ligada daí para o futuro a João-Sem-Nome e por um laço que ninguém conseguiria quebrar? Estava. No momento de se separar, talvez para sempre, ela sentia esse

poder do sentimento que os ligava um ao outro.

O jantar ia-se aproximando do fim e a alegria dos convivas, sobre-excitada pelas libações da sobremesa, propagava-se de mil formas. Saúdes aos casadinhos partiam de todos os lados da mesa. Era um tumulto extremamente alegre, do qual saíam por vezes estes gritos:

— Honra e felicidade aos noivos!

— Vivam Bernardo e Rosa Miquelon!

E bebia-se depois à saúde do Sr. de Vaudreuil e de sua filha, à de Catarina e Tomás Harcher...

O nosso bom amigo Nick tinha feito honras de rei ao jantar.

Se não tinha podido conservar a dignidade fria de um mahogannis é porque, verdade seja, isso era absolutamente contrário à sua natureza franca e comunicativa. Mas deve dizer-se que os representantes da sua tribo tinham também deixado perder um pouco a gravidade atávica sob a influência dos bons bocados e do excelente vinho.

Tocavam os copos à moda francesa para brindarem a família Harcher, de quem eram hóspedes de um dia.

Nesse momento Leonel, que não podia estar quieto, circulava à roda da mesa fazendo brindes especiais a cada um dos comensais.

Foi então que se lembrou de dizer, com voz retumbante, a Nick:

— Nicolau Sagamoro não se dignará pronunciar algumas palavras em nome da tribo dos Mahogannis?

Na feliz disposição de espírito em que se achava, Nick não recebeu mal a proposta do seu ajudante, embora este tivesse empregado para com ele a linguagem enfática dos índios.

— Julgas então, Leonel, que eu devo? — inquiriu o notário.

— Julgo, grande chefe, que é chegado o momento de tomar a palavra para felicitar os noivos.

— Já que julgas que é ocasião — respondeu Nick —, vou experimentar.

E o excelente notário reclamou silêncio com um gesto impregnado de dignidade hurona.

Todos se calaram.

— Jovens noivos — disse ele —, um velho amigo da vossa família não pode sair daqui sem manifestar o seu reconhecimento pela...

Repentinamente, Nick calou-se. A frase começada ficou suspensa nos lábios.

Seus olhos, espantados, dirigiram-se para a porta da grande sala.

Um homem estava parado no limiar, sem que ninguém tivesse dado pela sua chegada.

E Nick acabava de reconhecê-lo, exclamando num tom em que a surpresa se misturava ao receio.

— O Sr. Rip!

Capítulo 13 — Sobremesa a Tiro

O chefe da casa Rip desta vez não vinha acompanhado pelo seu pessoal.

Fora rondava uma dúzia de agentes de Gilberto Argall, acompanhados de uns quarenta voluntários reais que ocupavam a principal entrada do pátio. Era mais do que provável que a casa estivesse cercada.

Tratava-se de uma simples visita domiciliária, ou era uma prisão que ameaçava o chefe da família Harcher?

Em todo o caso, era necessário um motivo de gravidade excepcional para que o ministro da polícia julgasse preciso enviar um tão forte destacamento à granja de Chipogan.

Ao nome de Rip, pronunciado pelo notário, o Sr. de Vaudreuil e sua filha ficaram aterrados. E les sabiam que João-Sem-Nome estava na sala. Sabiam que era particularmente Rip quem estava encarregado da sua prisão. E que podiam eles pensar senão que Rip, tendo enfim descoberto o seu esconderijo, vinha para prendê-lo? Se João caísse nas mãos de Gilberto Argall, estava perdido.

Contendo-se por um supremo esforço de vontade, João nem sequer tinha estremecido. Apenas a palidez das suas faces se tinha acentuado um pouco mais. Nenhum movimento, involuntário que fosse, o tinha traído. E, contudo, ele acabava de reconhecer Rip, com quem já se tinha encontrado no dia em que fez a viagem de Montreal à ilha de Jesus, em companhia de Nick e Leonel! Rip, o agente que o perseguia havia dois meses! Rip, o agente provocador que tinha causado a infâmia da sua família, impelindo à traição Simão Morgaz, seu pai!

Pois, apesar de tudo isto, conservou o sangue-frio, nada deixou transparecer do ódio que lhe fervia na alma, ao passo que Vaudreuil e sua filha tremiam a seu lado!

Mas se João conhecia Rip, este não o conhecia. Ignorava que o viajante com quem se tinha encontrado por alguns momentos na estrada de Montreal fosse o patriota cuja cabeça tinha sido posta a prémio. O que ele sabia é que João-Sem-Nome devia achar-se na granja de Chipogan, e eis como ele tinha podido encontrar o seu rasto.

Alguns dias antes, o proscrito, encontrado a cinco ou seis léguas de S. Carlos, depois de ter deixado a Casa Fechada, tinha sido assinalado, à saída do condado de Verchères, como um desconhecido suspeito. Vendo-se descoberto, tinha-se escondido para o interior do condado, e, escapando quase por milagre de cair nas mãos da polícia, conseguira refugiar-se na granja de Tomás Harcher.

Mas os agentes da casa Rip não lhe tinham perdido a pista, como ele pensava, e dentro em pouco tiveram a quase certeza de que a granja de Chipogan lhe dava guarida. Rip foi imediatamente prevenido disso. Sabendo que ele ali se achava naquela ocasião, não duvidou de que o desconhecido que lá estava fosse João-Sem-Nome. Depois de ter ordenado a alguns dos seus homens que se misturassem com os convidados de Tomás Harcher, fez o seu relatório a Gilberto Argall, que pôs à sua disposição uma esquadra de polícia, bem como um destacamento de voluntários de Montreal.

Eis, pois, em que condições Rip acabava de chegar à entrada da porta, tendo como certo que João-Sem-Nome se achava no número dos hóspedes de Chipogan.

Eram mais de seis horas. Embora os candeeiros ainda não estivessem acesos, ainda se via dentro regularmente. Num instante Rip percorreu a assistência com a vista, sem que João-Sem-Nome tivesse atraído a sua atenção mais especialmente do que outro qualquer dos comensais.

Contudo, Tomás Harcher, vendo o seu pátio invadido, acabava de se levantar, e, dirigindo-se a Rip:

— Quem é o senhor? — perguntou-lhe.

— Um agente encarregado de uma missão do ministro da polícia — respondeu Rip.

— E o que veio aqui fazer?

— Vai já sabê-lo. É o Sr. Tomás Harcher, de Chipogan?

— Sou, e é por isso que lhe pergunto com que direito invadiu a minha casa!

— Em conformidade com o mandado que me foi dado, venho proceder a uma captura.

— Uma captura — exclamou o rendeiro —, uma captura em minha casa! E a quem é que vem prender?

— Um homem cuja cabeça foi posta a prêmio por um decreto do governador-geral e que está aqui!

— E como se chama?

— Chama-se — respondeu Rip com voz forte — ou antes faz-se chamar João-Sem-Nome!

Esta resposta foi seguida de um longo murmúrio. O quê? Pois era João-Sem-Nome que Rip vinha prender, e para isso vinha procurá-lo a Chipogan.

A atitude de Tomás, de sua mulher, de seus filhos, de todos os hóspedes, foi de tão profunda estupefação que Rip chegou a julgar que os seus homens se tinham enganado. No entanto, reiterou a pergunta, e, desta vez, ainda de maneira mais afirmativa.

— Tomás Harcher — repetiu ele —, o homem que procuro está aqui, e intimo-o a que mo entregue!

A estas palavras, Tomás Harcher olhou para sua mulher, e Catarina, agarrando-lhe no braço, exclamou:

— Mas responde ao que te perguntam!

— Ande, Tomás, responda! — ajuntou Nick. — Parece-me que a resposta é fácil.

— Muito fácil, efetivamente! — disse ele.

E voltando-se para Rip:

— João-Sem-Nome, que o senhor busca, não está na granja de Chipogan.

— E eu afirmo que está — redarguiu friamente Rip.

— Já lhe disse que não está! Que nunca aqui pôs os pés... E que nem sequer o conheço... Mas, digo mais, se ele tivesse vindo pedir-me asilo, tê-lo-ia recebido, e que se estivesse em minha casa, não o entregaria!

Perante as demonstrações significativas que acolheram esta declaração, Rip não se podia enganar. Tomás Harcher tinha-se feito o intérprete dos sentimentos de todos. Admitindo que João-Sem-Nome se tivesse refugiado na granja, nem um só dos seus hóspedes teria a cobardia de o trair.

João, sempre impassível, ouvia.

O Sr. de Vaudreuil e Clary nem sequer se atreviam a encará-lo, com receio de atraírem para ele a atenção de Rip.

— Tomás Harcher — continuou este —, não ignora, por certo, que uma proclamação, datada de 3 de setembro de 1837, oferece um prêmio de seis mil piastras a quem prender ou indicar onde se esconde João-Sem-Nome?

— Não o ignoro, e ninguém o ignora no Canadá. Mas até hoje ainda não se encontrou um canadense tão miserável que seja capaz de cometer tão odiosa traição... e não se encontrará nunca!

— Muito bem, Tomás! — aplaudiu Catarina, à qual se juntaram os seus filhos e amigos.

Rip não se deu por vencido.

— Tomás Harcher — continuou ele —, se conhece a proclamação de 3 de setembro de 1837, talvez não saiba que um novo decreto do governador-geral foi publicado ontem, datado de 6 de outubro?

— Não o conheço — respondeu o rendeiro — mas se é do mesmo teor do outro, escusa de se dar ao incômodo de mo fazer conhecer!

— Pois há de ouvi-lo! — replicou Rip.

E, desdobrando um papel assinado por Gilberto Argall, leu o que se segue:

Ficam intimados todos os habitantes das cidades, vilas e aldeias canadenses a recusar asilo e proteção ao proscrito João-Sem-Nome. Quem o fizer será condenado à morte.

Pelo governador-geral,

O ministro da polícia,

GILBERTO ARGALL.

Assim pois o Governo inglês ousava lançar mão de tais meios! Depois de ter posto a prêmio a cabeça de João-Sem-Nome, acabava por pronunciar a pena de morte contra quem quer que lhe desse ou viesse a dar asilo!

Este ato inqualificável provocou os mais violentos protestos da parte dos presentes. Tomás Harcher, seus filhos, seus convidados, começavam a abandonar o seu lugar para se atirarem a Rip quando Nick os deteve com um gesto.

A fisionomia do notário tinha-se tornado grave. Como todos os patriotas reunidos naquela sala, sentia o horror tão natural que devia inspirar o decreto de *lord* Gosford, cuja comunicação Rip acabava de fazer.

— Sr. Rip — disse ele —, aquele que procura não está aqui. Tomás Harcher já lho afirmou e eu reitero a sua declaração. O que o senhor tem a fazer é guardar esse desgraçado documento na algibeira. Acredite-me, Sr. Rip, que bem avisado andarás não nos impondo por mais tempo a sua presença.

— Perfeitamente, Nicolau Sagamoro! — exclamou Leonel.

— É isso mesmo! Retire-se... no mesmo instante — repetiu Tomás, cuja voz tremia de cólera. — João-Sem-Nome não está aqui! Mas que venha pedir-me asilo, que, apesar das ameaças do governador, hei de recebê-lo... Agora, saia de minha casa... Saia, já lhe disse!

— Saia! Saia! — repetiu Leonel, de quem Nick, em vão, queria acalmar o desespero.

— Tome conta, Tomás Harcher! — ameaçou Rip. — O senhor nada pode contra a lei nem contra a força que é encarregada de apoiá-la! Entre agentes e voluntários, tenho cinquenta homens comigo... A sua casa está toda cercada...

— Saia! Saia!

E estes gritos elevaram-se unânimes, acompanhados de ameaças diretas contra Rip.

— Não sairei daqui sem ter verificado a identidade de todas as pessoas presentes! — declarou Rip.

A um sinal seu, os agentes agrupados no pátio aproximaram-se da porta, decididos a penetrar na sala. Através das janelas, o Sr. Vaudreuil e sua filha viam os voluntários dispersos em volta da casa.

Prevendo uma colisão iminente, as crianças e as mulheres, à exceção de Clary e Catarina, tinham-se retirado para um quarto vizinho. Pedro Harcher, seus irmãos e seus amigos tinham-se armado com as armas das panóplias.

E, contudo, tão inferiores em número, como haviam eles de impedir que Rip cumprisse o seu mandado?

Assim, pois, o Sr. Vaudreuil, indo de uma janela a outra, procurava verificar se João teria a possibilidade de se escapar pelas traseiras da casa, atravessando o jardim. Mas tanto desse como do outro lado era totalmente impossível a fuga.

No meio do tumulto, João tinha ficado imóvel junto de Clary, que o não tinha querido deixar.

Nick tentou um último esforço de conciliação no momento em que a polícia ia invadir a sala.

— Sr. Rip, Sr. Rip — tornou ele —, asseguro-lhe que vai fazer correr sangue inutilmente! Repito-lhe, dou-lhe a minha palavra! João-Sem-Nome, contra quem tem um mandado de captura, não está na granja.

— E, embora estivesse, havíamos de defendê-lo até à morte! — gritou Tomás Harcher.

— Perfeitamente! — exclamou Catarina, entusiasmada pela declaração de seu marido.

— Não se meta em negócios que não são da sua conta, Sr. Nick! — intimou Rip. — O senhor não tem nada com isto, e pode ter de arrepender-se mais tarde! hei de cumprir o meu dever, custe lá o que custar! Agora, mãos à obra!

Uma dúzia de polícias entraram na sala, enquanto Tomás e seus filhos se arremessavam para eles a fim de os repelir e fechar a porta.

E, mexendo-se e remexendo-se sem descanso, Nick repetia, sem conseguir fazer-se ouvir:

— João-Sem-Nome não está aqui, já lhe disse que não está, Sr. Rip...

— Está — disse uma voz forte, que dominou o tumulto.

Todos estacaram.

João, imóvel, com os braços cruzados, encarando Rip, continuou simplesmente:

— João-Sem-Nome está aqui, e sou eu!

O Sr. de Vaudreuil já tinha agarrado o moço patriota, enquanto Tomás Harcher e os outros gritavam:

— Ele! Ele! João-Sem-Nome!

João indicou com um gesto que desejava falar. Reinou imediatamente profundo silêncio.

— Eu sou aquele a quem procura — declarou ele, dirigindo-se a Rip. — Sou João-Sem-Nome.

Depois, voltando-se para Tomás e seus filhos:

— Peço-lhes perdão, meus valentes companheiros, se lhes ocultei quem era, obrigado pela hospitalidade que há cinco anos aqui recebo. E, se aceitei essa hospitalidade, foi enquanto ela não representava um perigo; mas hoje, que pode custar a vida a quem ma concede, não posso continuar a aceitá-la! Ainda uma e mil vezes, obrigado por parte daquele que não foi aqui senão um filho e que é João-Sem-Nome para o seu país.

Um movimento de indescritível entusiasmo acolheu esta declaração.

— Viva João-Sem-Nome! Viva João-Sem-Nome! — gritavam de todos os lados centenas de vozes.

Depois, quando os gritos cessaram:

— E agora — continuou Tomás Harcher —, visto que eu disse que havíamos de defender João-Sem-Nome, defendamo-lo, meus filhos! Mas defendamo-lo até à morte!

João quis de balde opor-se, a fim de impedir uma luta desigual. Não o atenderam. Pedro e os mais velhos lançaram-se sobre os agentes que obstruíam o limiar da porta e repeliram-nos, ajudados pelos seus amigos. A porta foi logo fechada e barrada com os móveis grandes. Para se entrar na sala, e mesmo na casa, seria preciso penetrar pelas janelas, que se abriam a uma dúzia de pés acima do chão.

Era pois necessário dar um assalto — e na obscuridade, porque a noite começava a cair. Rip, que não era homem que recuasse, tendo, além disso, o número por si, tomou medidas para executar o mandado, ordenando aos voluntários que atacassem a casa.

Pedro Harcher, seus irmãos e companheiros, postados às janelas, estavam preparados para começar o fogo.

— Havemos de defender-te, quer tu queiras quer não — diziam eles a João, que não conseguira detê-los.

Entretanto Tomás tinha obtido de Clary de Vaudreuil e de Catarina que fossem com as outras mulheres e crianças para um dos quartos laterais, onde estariam ao abrigo dos tiros.

Não ficariam na sala senão os homens em estado de combater — uns trinta ao todo.

Não se podia contar com os mahogannis entre os defensores da granja. Indiferentes a esta cena, os índios não tinham saído da sua habitual reserva. Era negócio que não lhes dizia respeito — bem como a Nick e ao seu ajudante, que não podiam envolver-se em resistências à autoridade. Por isso o que o tabelião determinara conservar no meio da desordem era uma absoluta neutralidade. Tratando de se livrar de algum golpe, visto que não tencionava dar nenhum, não cessava de gritar para Leonel, que estava todo inflamado. Mas o escrevente não fazia caso do que ele dizia, excitado como estava em defender esse João-Sem-Nome, não somente o herói popular, mas também o simpático ouvinte que tão bom acolhimento tinha feito às suas tentativas poéticas.

— Pela última vez te proíbo que te envolvas na briga! — gritava Nick.

— E pela última vez — respondeu Leonel — eu me admiro de que um descendente dos Sagamoro recuse seguir-me nos trilhos guerreiros!

— Não sigo trilho nenhum senão o da paz, rapaz do inferno, e vais já fazer-me o favor de sair desta sala, onde não te pode acontecer senão mal.

— Nunca! — exclamou o belicoso poeta.

E, correndo para um dos mahogannis, tirou-lhe o machado que lhe pendia à cintura.

Contudo, assim que João viu que os seus companheiros estavam decididos a repelir a força pela força, tratou de organizar a resistência.

Durante a refrega podia ele talvez conseguir escapar-se e agora, fosse qual fosse o resultado daquele ataque, tanto

Tomás como seus filhos, em rebelião aberta com os agentes da autoridade, não podiam ficar mais comprometidos do que já estavam. Tratava-se, em primeiro lugar, de repelir Rip e a sua gente. Depois se veria o conviria fazer. Se os assaltantes pretendessem arrombar as portas da casa, isso levaria tempo. E, antes que tivessem recebido reforços de Laprairie ou de Montreal, agentes ou voluntários poderiam ter sido postos fora do pátio.

João, pois, decidiu-se a fazer uma surtida, a fim de limpar os arredores da granja.

Para isso tomaram-se as precisas disposições. Desde logo vinte tiros foram disparados das janelas — o que obrigou Rip e os seus homens a retirarem-se para junto e ao longo da paliçada. Depois abriu-se a porta rapidamente e João, seguido do Sr. Vaudreuil, de Tomás Harcher, de Pedro e seus irmãos e seus amigos, precipitou-se no pátio.

Já alguns voluntários jaziam no chão. Não tardou porém em haver feridos entre os defensores, que, no meio do lusco-fusco da noite, se tinham arremessado aos assaltantes.

Travou-se luta corpo a corpo, e na qual Rip tomou parte valente. Apesar disso, os seus homens começavam a perder terreno.

Se fossem expulsos do pátio, só a muito custo podiam escalar as altas paliçadas da granja.

Era para isso que tendiam os esforços de João, perfeitamente secundado pelos seus valentes companheiros. Talvez que então, livres os arredores da campina, pudesse passar a fronteira canadense, esperando a hora de vir colocar-se à frente dos insurgentes.

Escusado será dizer que Leonel se tinha agregado intrepidamente ao grupo dos combatentes. Nick não tinha querido sair da sala. Firmemente decidido a conservar a mais estrita neutralidade, nem por isso deixava de fazer votos por João-Sem-Nome e por todos os seus defensores, entre os quais contava tantos amigos pessoais.

No entanto, apesar da sua coragem, os habitantes da granja não puderam vencer o número de agentes e de voluntários, que conseguiram tomar a ofensiva. Foram obrigados a retirar pouco a pouco, e por fim a refugiar-se em casa. A sala não tardou a ser invadida. As saídas estavam fechadas e João-Sem-Nome tinha de render-se.

Efetivamente, as forças dos cercados diminuían sensivelmente.

Já dois filhos de Tomás Harcher, Miguel e Jacques, bem como três ou quatro dos seus companheiros, tinham sido transportados para um dos quartos contíguos, onde foram pensá-los Clary de Vaudreuil, Catarina e as outras mulheres. Mas a partida estava perdida se não viesse algum reforço em auxílio de João e de seus companheiros, e tanto mais perdida estava que as munições iam bem depressa faltar.

Repentinamente, produziu-se um reviramento.

Leonel acabava de precipitar-se na sala, coberto de sangue, em consequência de uma ferida, felizmente de pouca gravidade, que trazia no ombro.

Nick viu-o.

— Leonel! Leonel! — exclamou ele. — Não me quiseste ouvir, criança insuportável!

E, agarrando o escrevente pelo braço, quis levá-lo para um dos quartos dos feridos.

Leonel recusou.

— Não é nada! Não é nada! — disse ele. — Mas, Nicolau Sagamoro, deixarás tu sucumbir os teus amigos quando os teus guerreiros apenas esperam uma palavra para os socorrer?

— Nunca! Nunca! — exclamou Nick. — Não lenho esse direito! Não devo tomar parte contra as autoridades regulares!

E, querendo tentar um último esforço, lançou-se ao meio dos combatentes para fazer cessar o combate com as suas objurgações.

Baldado empenho. Foi imediatamente envolvido pelos agentes, que o socaram a valer e brutalmente o levaram para o pátio.

Era demais para os guerreiros mahogannis, cujos instintos belicosos não puderam sofrer um tal atentado. O grande chefe preso, maltratado!

Um Sagamoro nas mãos dos seus inimigos, os Caras-Pálidas!

Tanto bastou, e o grito de guerra da tribo retiniu no meio do combate.

— Avancem! Avancem, hurões! — berrou Leonel, que já não era senhor de si.

A intervenção dos índios veio bruscamente mudar a face das coisas.

De machado na mão, precipitaram-se sobre os assaltantes.

Estes, cansados por uma luta que durava havia mais de uma hora, recuaram por sua vez.

João-Sem-Nome, Tomás Harcher e seus amigos perceberam que um último esforço conseguiria lançar Rip e a sua gente para fora do recinto, e retomaram a ofensiva. Os hurões correram em seu auxílio, depois de terem libertado Nick, que se encontrou, sem saber como, a animá-los com o braço ainda inábil para manejar o *tomahawk* de seus avós.

E eis como um notário de Montreal, o mais pacífico dos mortais, se comprometeu, tomando a defesa de uma causa que não dizia respeito nem aos Mahogannis nem ao seu chefe.

Agentes e voluntários bem depressa se viram obrigados a tornar a sair a porta do pátio e, como os índios os perseguiram para além de uma milha, os arredores da granja de Chipogan ficaram inteiramente livres.

Mau negócio, decididamente, e que figuraria como prejuízo no balanço da casa Rip & C.^a. Nesse dia, se a lei ficou sem força, foi porque esta se pôs ao serviço do patriotismo!

Capítulo 14 — Primeiras Escaramuças

O caso da granja de Chipogan teve um eco considerável. Do condado de Laprairie propagou-se rapidamente através das províncias canadenses. A opinião pública não podia encontrar melhor ocasião para se manifestar. Não se tratava apenas de uma colisão entre a polícia e os «habitantes» do campo — colisão na qual os agentes da autoridade e os voluntários reais tinham ficado de pior partido. O que era mais grave era a circunstância que tinha determinado a marcha da força contra Chipogan. João-Sem-Nome acabava de reaparecer na província. O ministro Gilberto Argall, avisado da sua presença na granja, tinha querido prendê-lo aí mesmo. A prisão falhara e a personagem, na qual estava encarnada a reivindicação nacional, achava-se livre e presentia-se que saberia proximamente fazer uso da sua liberdade.

Onde se poderia ter refugiado João-Sem-Nome depois de ter saído de Chipogan? As mais ativas, as mais minuciosas, as mais severas buscas não tinham podido descobrir o lugar onde se achava escondido. Rip, contudo, embora descoroçoado pelo fracasso das primeiras diligências, não perdia a esperança de tirar a desforra.

Além do interesse pessoal, estava comprometida a honra da sua firma. Havia de sustentar o jogo até ganhar. A esse respeito o governo sabia com quem contava. Não lhe tinha retirado a confiança nem poupado animações. Agora Rip conhecia João, por se ter encontrado cara a cara com ele. Já não seria às cegas que se lançaria em sua perseguição.

Em todo o caso, depois que falhou a tentativa de Chipogan, já quinze dias — de 7 a 23 — se tinham passado. A última semana de outubro acabava de findar e Rip, apesar de tudo quanto tinha feito, ainda não tinha conseguido coisa alguma.

Eis, porém, o que se passara depois dos incidentes que tiveram a granja por teatro.

No dia seguinte, Tomás Harcher vira-se na contingência de sair de Chipogan. Depois de ter posto a possível ordem nos negócios mais urgentes, lançou-se com seus filhos através das florestas do condado de Laprairie; e assim que transpôs a fronteira americana, tinha-se refugiado numa aldeia limítrofe, impaciente por saber que feição tomavam os acontecimentos. Santo Albans, nas margens do lago Champlain, oferecia-lhe completa segurança. Os agentes de Gilberto Argall não podiam ali chegar. Se o movimento nacional, preparado por João-Sem-Nome, fosse coroado pelo êxito, se o Canadá, recobrando a sua autonomia, se libertasse da opressão anglo-saxónica, Tomás Harcher voltaria tranquilamente para Chipogan. Se o movimento gorasse, tinha a esperar que o tempo trouxesse o esquecimento. Por certo que uma amnistia viria cobrir os atos do passado e as coisas retomariam, pouco mais ou menos, o antigo curso.

Todavia, ficara na granja uma mulher às direitas. Durante a estação invernos, que suspendia os trabalhos agrícolas, os negócios do Sr. de Vaudreuil não teriam que sofrer sob a direção de Catarina Harcher. Por seu lado, Pedro e seus irmãos não deixariam de exercer o seu ofício de caçadores nos territórios vizinhos da colónia canadense. E era provável que dali a seis meses nada houvesse que os impedisse de recomeçar a sua campanha de pesca entre as duas margens do S. Lourenço.

No fim de contas, Tomás Harcher tinha feito muito bem em se colocar em lugar seguro. No dia seguinte Chipogan fora ocupada militarmente por um destacamento de tropa de linha vindo de Montreal.

Catarina Harcher, não tendo já que temer por seu marido e seus filhos mais velhos, os mais diretamente comprometidos, fez-lhes boa cara. Por fim, a polícia, mantida pelo governador-geral num hábil sistema de indulgência, não exerceu represálias de espécie alguma contra ela. A enérgica mulher soube fazer-se respeitar e aos seus pela soldadesca.

Em Montcalm aconteceu o mesmo que em Chipogan. As autoridades trataram de o vigiar, sem contudo o ocupar. Mas o Sr. de Vaudreuil, convencido de ter tomado partido pelo proscrito, tinha tido cuidado de não voltar à sua casa da ilha de Jesus. Um mandado de prisão fora expedido contra ele pelo ministro Gilberto Argall. Se não tivesse fugido, tinha dado entrada na prisão de Montreal e não poderia ir tomar o seu lugar nas fileiras da insurreição. Onde teria ele encontrado refúgio? Em casa de um dos seus amigos políticos, sem dúvida. Em todo o caso, aí se dirigiu tanto em segredo que foi impossível descobrir a casa que lhe deu asilo.

Apenas Clary de Vaudreuil voltou a Montcalm. De lá, pôs-se em correspondência com Vicente Hodge, Farran e Clerc.

Quanto a João-Sem-Nome, sabia ela que estava em casa de sua mãe, em S. Carlos, e, portanto, em segurança. Além disso, por várias vezes, por intermédio de mãos amigas, recebia bastantes cartas dele. E se João não se ocupava senão da situação política, ela bem sentia que um outro sentimento perturbava o coração do patriota.

Falta só contar o que foi feito do Sr. Nick e do seu escrevente.

Não está esquecida a parte que os Hurões tomaram na sarrafusca de Chipogan. Sem sua intervenção, os voluntários não teriam sido repelidos e João-Sem-Nome teria caído nas mãos dos agentes de Rip.

Ora, esta intervenção dos Mahogannis, quem a tinha provocado? Fora o pacífico notário de Montreal? Não, por certo. Pelo contrário, todos os seus esforços foram para evitar a efusão de sangue. Não se tinha envolvido na contenda senão para apaziguar os dois partidos. Nesse momento, se os guerreiros de Walhatta se tinham intrometido na luta, foi unicamente porque Nicolau Sagamoro, agarrado pelos assaltantes, se arriscava a ser tratado como um rebelde. Nada mais natural, pois, que os guerreiros índios fossem em auxílio do seu chefe. É verdade, também, que isto tinha provocado a retirada, depois a dispersão do destacamento no momento em que ia forçar as portas da casa. Daí a fazer Nick responsável deste desenlace não havia senão um passo, e ele temeu, e não sem razão, que esse passo se desse em detrimento da sua pessoa.

Segue-se, portanto, que o digno notário tinha motivos para se julgar seriamente comprometido por causa de um simples motim que, afinal, não lhe dizia respeito. Portanto, não pensando em voltar ao seu escritório de Montreal antes que este negócio estivesse esquecido, deixou-se arrastar sem objeção à aldeia de Walhatta, ao *wigwam* dos seus antepassados. O escritório ficaria fechado durante um lapso de tempo cuja duração seria difícil de calcular. A freguesia havia de sofrer com isso, a velha Dolly ficaria desesperada. Mas que remédio? Mais valia ainda ser Nicolau Sagamoro no meio da sua tribo mahoganniana do que Nick prisioneiro em Montreal, acusado de rebelião contra os agentes da força pública.

Leonel, escusado é dizer-se, acompanhou o seu patrão ao fundo dessa aldeia índia, perdida sob as espessas florestas do condado de Laprairie. Ele, então, que se tinha batido a valer contra os voluntários, não podia de maneira alguma escapar ao castigo. Contudo, se Nick intimamente se lamentava, o seu escrevente aplaudia a feição que o negócio tinha tomado.

Não se arrependia de ter defendido João-Sem-Nome, o herói aclamado pelas populações franco-canadenses. Esperava até que as coisas não ficassem por ali e que os índios se declarariam a favor dos insurgidos. Nick já não era o notário Nick: era o chefe dos Hurões. Leonel já não era o seu segundo escrevente: era o braço direito do último dos Sagamoro.

Havia, porém, a temer que o governador-geral quisesse castigar os Mahogannis, culpados de terem intervindo em Chipogan. Mas a prudência impôs então a *lord* Gosford uma reserva plenamente justificada pelas circunstâncias. Quaisquer represálias que se fizessem teriam fornecido às populações indígenas uma ocasião para correrem em auxílio de seus irmãos e de se sublevarem em massa — terrível complicação nas atuais conjunturas. Portanto, *lord* Gosford julgou mais acertado não perseguir os guerreiros de Walhatta, nem tão-pouco o seu novo chefe, chamado a comandá-los por direito de sucessão. Nem Nick nem Leonel foram incomodados no seu retiro.

Lord Gosford, porém, seguia com extrema atenção todos os atos dos reformistas, que continuavam a agitar as paróquias do Alto e do Baixo Canadá. O distrito de Montreal era o que mais particularmente estava submetido à vigilância da polícia. Era esperado um movimento insurrecional nas paróquias vizinhas do Richelieu. Foram tomadas medidas para o sufocar ao nascer, se fosse possível preveni-lo. Os soldados do exército real, de que *sir* John Colborne pudera dispor, tinham acampado nos territórios de Montreal e dos condados confinantes. Os partidários da reforma não duvidavam, pois, que a luta seria difícil de sustentar. Mas isso não os detinha. A causa nacional, pensavam eles, arrastaria os Canadenses em massa. Estes não esperavam senão um sinal para correrem às armas, além de que o acontecido em Chipogan tinha revelado a presença de João-Sem-Nome.

Se o popular agitador ainda não tinha dado esse sinal, era porque as decisões antiliberais a que ele previa se socorreria o Governo britânico ainda se não tinham realizado.

Contudo, no fundo daquela misteriosa Casa Fechada, onde tinha ido ter com sua mãe, João não cessava de observar atentamente o estado dos espíritos. Durante as seis semanas que se tinham passado desde a sua chegada a S. Carlos o padre

Joann tinha vindo visitá-lo frequentes vezes durante a noite. Por intermédio de seu irmão, João estava ao corrente das eventualidades políticas; o que ele esperava das tendências opressivas das câmaras inglesas, isto é, a suspensão da Constituição de 1791 depois a dissolução ou a prorrogação da assembleia canadense que daí resultaria, estava ainda apenas em projeto. Portanto, no seu ardor, João esteve mais de vinte vezes prestes a deixar a Casa Fechada para atravessar publicamente o condado, chamar a si os patriotas, na esperança de que as populações se levantariam à sua voz, que todos fariam bom uso das armas fornecidas pelos centros reformistas por ocasião do seu último período de pesca no S. Lourenço. Era possível que de começo os lealistas fossem dominados pelo número, e então as autoridades ver-se-iam obrigadas a submeter-se. Mas o padre Joann tinha-o desviado destes projetos, mostrando-lhe que se o primeiro revés fosse desastroso, produziria o aniquilamento de todas as probabilidades futuras.

E, efetivamente, as tropas reunidas nos arredores de Montreal estavam prestes a marchar para qualquer ponto que fosse dos condados limítrofes onde rebentasse a rebelião.

Convinha, visto isso, trabalhar com extrema circunspeção, e mais valia esperar que o exaspero público chegasse ao seu auge pelas tirânicas medidas do Parlamento e pelas exações dos agentes da Coroa.

Daí provinham essas delongas, que se prolongavam indefinidamente, com extrema impaciência dos *Filhos da Liberdade*.

Quando João fugiu de Chipogan, ia contando que não se acabaria o mês de outubro sem ter rebentado no Canadá uma insurreição geral.

Ora, a 23 desse mês ainda nada indicava as proximidades desse movimento quando a ocasião, prevista por João, provocou uma primeira manifestação.

Em conformidade com o parecer de três comissários novamente designados pelo Governo inglês, a Câmara dos Lordes e a dos Comuns tinham-se apressado em votar os seguintes projetos de lei: emprego dos dinheiros públicos sem autorização da assembleia canadense; processo dos principais deputados reformistas; modificação da constituição, exigindo do eleitor francês o dobro do censo do eleitor inglês; irresponsabilidade dos ministros perante as câmaras.

Estas medidas injustas e violentas perturbaram o país, provocando a revolta dos sentimentos patrióticos da raça franco-canadense.

Era mais do que os cidadãos podiam suportar, e as paróquias das margens do S. Lourenço correram aos *meetings*.

Em 15 de outubro, em Laprairie, reuniu-se uma assembleia à qual assistiu um delegado de França, que a esse respeito tinha recebido ordens do Governo francês, e o encarregado de negócios dos Estados Unidos em Quebeque.

Em Santa Escolástica e em Santo Urso, e principalmente nos condados do Baixo Canadá, pedia-se o rompimento imediato com a Grã-Bretanha, incitaram-se os reformistas a passar das palavras às obras e a apelar para o concurso dos Americanos.

Fundou-se uma caixa para recolher desde as mais insignificantes às mais generosas quotizações, para sustentar a causa popular.

Desfilaram cortejos, de bandeiras desfraldadas, com as seguintes legendas, que eram unanimemente aclamadas:

«Fugi, tiranos! O povo desperta!»

«A união do povo é o terror dos grandes!»

«Mais vale uma luta sangrenta do que a opressão de um poder corrompido!»

Uma bandeira negra, sobre a qual se via uma caveira com os ossos em cruz, tinha escritos os nomes de Craig, Dalhousie, Aylmer e Gosford, esses detestados governadores. Por fim, em honra da antiga França, uma bandeira branca tinha de um lado a águia americana cercada de estrelas e do outro a águia canadense, tendo no bico um ramo de bordo com a seguinte divisa: — «O nosso futuro! Livres como o ar!»

Por aqui se pode ver a que grau de sobre-excitação tinham chegado os espíritos. A Inglaterra tem razão para temer que a sua colônia quebre de vez os laços que a ligam a ela. Os representantes da sua autoridade no Canadá tomam importantes

medidas na previsão de uma luta suprema, pretendendo apenas ver tramas de uma facção no que era um ímpeto nacional.

Em 24 de outubro reuniu-se uma assembleia em S. Carlos, nessa povoação onde João-Sem-Nome se tinha refugiado em casa de sua mãe, e que ia ser o teatro de acontecimentos tristemente célebres. Os seis condados de Richelieu, S. Jacinto, Rouville, Chambly, Verchères e Acádia enviaram representantes. Treze deputados aí deviam falar, e entre eles Papineau, então no ponto culminante da sua popularidade. Mais de seis mil pessoas, homens, mulheres, crianças, vindas de dez léguas em redor, estão acampadas no meio de um vasto prado, pertencente ao Dr. Duvert, em volta de uma coluna sobre a qual assenta o barrete da Liberdade. E para que se compreendesse sem dúvidas que o elemento militar fazia causa comum com o elemento civil, uma companhia de milicianos fazia a guarda de honra à coluna.

Papineau pronuncia um discurso, depois de outros oradores mais fogosos do que ele, que pareceu muito moderado, aconselhando os presentes que se mantivessem no terreno da agitação constitucional. Por isso o Dr. Nelson, presidente da assembleia, lhe respondeu no meio de frenéticas aclamações dizendo «que tinha chegado o tempo de derreter as colheres para fundir balas!» O que o Dr. Côte, representante da Acádia, acentuou com estas enérgicas e excitantes palavras:

— O tempo dos discursos já passou! O que devemos enviar aos nossos inimigos não são palavras, são tiros!

Treze proposições foram então adotadas, enquanto ao som de hurras se misturavam as descargas dos mosquetes milicianos.

Estas proposições, tais como as resume O. David no seu folheto *Os Patriotas*, começando por uma discussão dos direitos do homem, afirmam o direito e a necessidade de resistir a um governo tirânico, convidam os soldados ingleses a desertar em massa, animam o povo a recusar obedecer aos magistrados e aos oficiais da milícia nomeados pelo governo e a organizar-se como os *Filhos da Liberdade*.

Enfim, Papineau e os seus colegas passam em continência pela frente da coluna simbólica, enquanto um coro de rapazes e raparigas entoa em plena voz um hino patriótico.

Parecia, neste momento, que o entusiasmo não podia ser maior.

E, contudo, isso aconteceu quando, depois de alguns momentos de silêncio, apareceu um mancebo, de olhar apaixonado e rosto ardente. Trepou ao soco da coluna, e, dominando os milhares de espectadores juntos no *meeting* de S. Carlos, agitou a bandeira da independência canadense. Alguns reconheceram-no. Mas, antes deles, o advogado Gramont disse o seu nome e a multidão repetiu no meio de hurras:

— João-Sem-Nome! João-Sem-Nome!

João acabava de deixar a Casa Fechada. Pela primeira vez, desde a insurreição de 1835, se apresentava publicamente; depois, tendo junto o seu nome aos dos signatários do protesto, desapareceu... Mas tinham-no visto, e o efeito foi enorme.

Estes diversos incidentes, que se tinham produzido em S. Carlos, foram logo conhecidos de todo o Canadá. Não se pode imaginar o efeito que isso produziu. Outros *meetings* se reuniram na maior parte das paróquias do distrito. Em vão o bispo de Montreal, Mr. Sartigue, tentou acalmar os espíritos por meio de uma pastoral cheia de moderação evangélica. A explosão estava próxima. O Sr. de Vaudreuil, no seu homizio, Clary na quinta de Montcalm, foram avisados disso por dois bilhetes cuja letra logo reconheceram. A mesma informação chegou a Tomás Harcher e a seus filhos, reunidos em Santo Albans, essa povoação americana onde eles se conservavam prontos a passar a fronteira.

Naquela época do ano já o inverno se tinha anunciado com essa impetuosidade particular ao clima da América do Norte. Ali as longas planícies não oferecem nenhum obstáculo aos tufões vindos das regiões polares, e o Gulf Stream, afastando-se dali para a Europa, não os amorna com as suas águas generosas. Não tinha havido transição, por assim dizer, entre os calores do verão e os frios do período invernosos. A chuva caía quase sem descanso, atravessada raras vezes por um fugitivo raio de sol desprovido de calor! Em poucos dias as árvores, despojadas até às extremidades dos seus troncos, tinham inundado a terra com uma bâtega de folhas que a neve ia bem depressa cobrir em toda a extensão do território canadense. Mas nem os assaltos da borrasca, nem a áspera temperatura daquele clima poderiam impedir os patriotas de se insurgirem ao primeiro sinal.

Foi nestas condições que no dia 6 de novembro uma colisão provocou a luta dos dois partidos em Montreal.

Na primeira segunda-feira de cada mês, os *Filhos da Liberdade* reuniam-se nas grandes cidades para fazerem uma demonstração pública. Naquele dia, os patriotas de Montreal quiseram que essa demonstração tivesse um eco considerável. Por isso foi marcado o coração da cidade para o lugar da reunião, dentro de um quintal confinando com a Rua de S. Jacques.

Ao saberem isto, os membros do Doric Club fizeram afixar uma proclamação dizendo que tinha chegado o momento «de esmagar a rebelião à sua nascença». Os lealistas, os constitucionais, os burocratas, foram convidados a concentrar-se na Praça de Armas.

A reunião popular realizou-se à hora e no sítio indicados. Papineau foi calorosamente aplaudido. Outros oradores, e, entre eles, Brown, Ouimet, Edouard Rodier, provocaram entusiásticas aclamações.

De repente, uma chuva de pedras caiu no quintal. Eram os realistas que atacavam os patriotas. Estes, armados de cacetes, formaram-se em quatro colunas, saíram para a rua, atiraram-se aos membros do Doric Club e fizeram-nos retroceder até à Praça de Armas. Então soaram tiros de pistola de um e de outro lado, e Brown recebeu um choque violento, que o prostrou por terra, e um dos mais audazes reformistas, o Sr. de Lorinnier, ficou com uma coxa atravessada por uma bala.

Entretanto os membros do Doric Club, embora repelidos, não se davam por vencidos. Aos aplausos dos burocratas, sabendo que os soldados iam chegar em seu auxílio, dispersaram-se através das ruas de Montreal, quebraram à pedrada as vidraças da casa de Papineau, destruíram a tipografia do *Vindicator*, folha liberal que desde há muito combatia pela causa franco-canadense.

As consequências desta escaramuça foi o serem os patriotas ainda mais vexados. Mandados de prisão, expedidos por ordens de *lord* Gosford, obrigaram os principais chefes a homiziar-se. Todas as casas, porém, se abriram para lhes oferecer abrigo. O Sr. de Vaudreuil, que tinha estado no motim, foi obrigado a retirar-se para o seu secreto asilo, onde a polícia em vão o tinha procurado depois do conflito de Chipogan.

Outro tanto aconteceu a João-Sem-Nome, que outra vez reapareceu nas circunstâncias seguintes:

Depois da sanguinolenta manifestação de 6 de novembro, alguns cidadãos qualificados tinham sido presos nos arredores de Montreal — entre outros, contava-se o Sr. Demaray e o Dr. Davignon, de S. João de Iberville, aos quais um destacamento de cavalaria se propunha reconduzir no dia 23 de novembro.

Um dos mais atrevidos partidários da causa nacional, o representante do condado de Chambly, L. M. Vigier — «o belo Vigier», como lhe chamavam nas fileiras da insurreição —, foi avisado da prisão dos seus dois amigos. O homem que veio preveni-lo era-lhe desconhecido.

— Quem é? — perguntou ele.

— Pouco importa quem eu seja! — respondeu o tal homem. — Os presos, acorrentados numa carruagem, vão atravessar a paróquia de Longueuil. É preciso libertá-los!

— Está só?

— Esperam-me uns amigos.

— Aonde iremos ter com eles?

— À estrada.

— Vamos.

E assim foi. Os partidários não faltaram nem a Vigier nem ao seu companheiro. Chegaram à entrada de Longueuil, seguidos de um bando de patriotas que se dispuseram para o ataque antes de entrarem na povoação. Mas o alarme tinha sido dado, e um destacamento de reais correu para auxiliar a cavalaria que escoltava a carruagem. O comandante advertiu os habitantes de que, se se juntassem a Vigier, a povoação seria pasto das chamas.

— Não temos nada que fazer aqui — disse o desconhecido, mal soube das ameaças feitas. — Vamos...

— Aonde? — perguntou Vigier.

— A duas milhas de Longueuil — explicou ele. — Não dêmos aos burocratas pretexto para represálias. Bem basta as que hão de vir, talvez mais cedo do que se espera!

— Partamos! — concordou Vigier.

Ambos retomaram o caminho através dos campos, seguidos da sua gente. Chegados que foram perto da granja Trudeau, colocaram-se num campo vizinho. Era tempo. Uma nuvem de poeira elevava-se a um quarto de milha, anunciando a aproximação dos prisioneiros e a da sua escolta.

A carruagem chegou.

Imediatamente Vigier, avançando para o comandante da escolta:

— Alto! — disse-lhe ele — e entregue-nos os prisioneiros, em nome do povo.

— Atenção! — gritou o oficial, voltando-se para os seus soldados. — Em frente...

— Alto! — repetiu o desconhecido.

Repentinamente, um homem avançou de um salto para o prender. Era um agente da casa Rip & C.^a, um dos que tinham ido a Chipogan.

— João-Sem-Nome! — exclamou ele, mal se encontrou face a face com o proscrito.

— João-Sem-Nome! — repetiu Vigier, que se lançou para o seu companheiro.

E, imediatamente, com um arrebatamento irresistível, retumbaram os gritos de entusiasmo.

No momento em que o oficial ordenava à sua gente que se apoderasse de João, um vigoroso canadense, que tinha saído do campo, derrubou-o do cavalo, enquanto os outros, formados atrás da sebe, esperavam as ordens de Vigier, ordens que ele multiplicava com voz retumbante, como se dispusesse de combatentes.

Entretanto, João tinha-se aproximado da carruagem, cercado de alguns partidários, tão decididos a defendê-lo como a soltarem Demaray e Davignon.

Mas tão depressa se levantou, o oficial deu voz de fogo. Seis ou sete tiros partiram. Vigier ficou ferido com duas balas — não mortalmente —, uma roçou-lhe pela perna e a outra levou-lhe a cabeça do dedo mínimo. Ripostou com um tiro de pistola, que acertou no joelho do oficial.

Então o pânico apoderou-se dos soldados do destacamento, alguns dos quais já estavam feridos, e fugiram, bem como os reais, que imaginavam que tinham contra si alguns milhares de homens. A carruagem ficou livre. João-Sem-Nome e Vigier dirigiram-se para as portinholas, que abriram. Os prisioneiros foram desamarrados e conduzidos em triunfo até Boucherville.

Mas, depois, quando Vigier e os outros procuraram João-Sem-Nome, já não o encontraram. Sem dúvida tinha imaginado conservar o incógnito até à resolução do encontro, e nada lhe tinha feito supor que se encontraria cara a cara com um agente de Rip e que a sua personalidade seria revelada aos seus companheiros. Portanto, assim que o combate terminou, apressou-se a desaparecer, sem que ninguém visse para que lado fora. Contudo, do que nenhum patriota desde então pôde duvidar é de que ele apareceria no momento em que se travasse a peleja que decidiria da independência do Canadá.

O dia da revolução armada não podia estar longe. Os dois partidos achavam-se já em frente um do outro. Qual seria o teatro do combate? Evidentemente, os condados confinantes de Montreal, nos quais a efervescência tomara mais rapidamente proporções assustadoras para o governo, e, entre outros, os condados de Verchères e de S. Jacinto. Assinalavam-se mais particularmente duas das ricas paróquias atravessadas pelo curso do Richelieu e situadas a algumas léguas uma da outra: S. Dinis, onde os reformistas tinham centralizado as suas forças, e S. Carlos, onde João, que tinha voltado à Casa Fechada, se preparava para dar o sinal da insurreição.

O governador-geral tinha tomado as medidas que as circunstâncias aconselhavam. Surpreendê-lo, no seu palácio, prendê-lo, substituir a autoridade popular à real, era uma eventualidade com que os reformistas não podiam contar. Era preciso igualmente prever que o ataque seria feito pelos burocratas. Nessa eventualidade os seus adversários tinham-se concentrado em posições onde a resistência se podia organizar nas melhores condições e os seus esforços tendiam a poderem passar da defensiva à ofensiva. Uma primeira vitória ganha no condado de S. Jacinto era a insurreição das populações ribeirinhas do S. Lourenço, o aniquilamento da tirania anglo-saxónica desde o lago Ontário até à foz do rio.

Lord Gosford não o ignorava. Disponha apenas de forças limitadas, que seriam subjugadas pelo número se a revolta se generalizasse. Convinha portanto ferir no coração com um duplo golpe em S. Dinis e em S. Carlos — o que foi tentado depois do caso de Longueuil.

Sir John Colborne assumiu o comando-em-chefe, e dividiu o exército anglo-canadense em duas colunas.

À testa da primeira colocou o tenente-coronel Witherall; à da segunda, o coronel Gore.

O coronel Gore fez os seus preparativos rapidamente e partiu para Montreal em 22 de novembro. A sua coluna, composta de cinco companhias de infantaria e de um esquadrão de cavalaria, contava apenas uma peça de campanha. Era toda a sua artilharia. Chegou a Sorel nesse mesmo dia à noite. Embora o tempo estivesse horrível, a estrada quase impraticável, não hesitou em pôr-se a caminho através de uma noite escuríssima.

O seu projeto era de ir pôr-se em contacto com os insurgentes de S. Carlos, depois de ter derrotado os de S. Dinis, e, antes de toda e qualquer agressão, proceder a prisões regulares por meio do *deputado sheriff* que o acompanhava.

Havia horas que o coronel Gore tinha saído de Sorel quando o tenente Weir, do 32.º regimento, aí chegou para lhe entregar um ofício de *sir* John Colborne. O ofício era urgente. Por isso o tenente partiu logo, tomou o caminho do atalho e com tanta pressa andou que chegou a S. Dinis antes dos soldados de Gore e caiu nas mãos dos patriotas.

O Dr. Nelson, encarregado da defesa, interrogou o oficial, arrancou-lhe a confissão de que os reais estavam em marcha, que chegariam pela manhã e entregou-o à guarda de alguns homens, com ordem de terem para com ele todas as atenções devidas a um prisioneiro.

Os preparativos acabaram-se a toda a pressa. Entre outras companhias de patriotas havia aquelas que se designavam com o nome de «castores» e de «raquetas», hábeis no manejo das armas e cujo procedimento foi brilhantíssimo em todo este período. Às ordens do Dr. Nelson encontravam-se Papineau e alguns deputados, o comissário-geral Philippe Pacaud e os Srs. de Vaudreuil, Vicente Hodge, André Farran, William Clerc e Sebastião Gramont. A uma palavra recebida de João, todos eles tinham vindo juntar-se aos reformistas, escapando-se, não sem grandes riscos, à polícia de Montreal.

Clary de Vaudreuil acabava, igualmente, de chegar em seguida a seu pai, que ela não tinha tornado a ver desde a sua partida de Chipogan. Depois do mandado de prisão que foi passado contra ele, o Sr. de Vaudreuil viu-se obrigado a suspender todas as relações com a quinta de Montcalm, e por isso achava-se extremamente inquieto por saber que sua filha estava ali sozinha e exposta a todos os perigos. Por isso, assim que resolveu ir para S. Dinis, propôs-lhe que fosse ter com ele. Foi o que Clary fez sem hesitar, não duvidando do êxito da tentativa, pois que João — ela sabia-o — se ia pôr à frente dos patriotas. O Sr. de Vaudreuil e sua filha estavam portanto reunidos naquela vila, onde a casa de um amigo, o juiz Froment, lhes dava asilo.

Contudo, foi adotada uma medida à qual Papineau teve de submeter-se bem contra vontade. O Dr. Nelson e alguns outros, apoiando estas medidas com seus conselhos, mostraram a este corajoso deputado que o seu lugar não era no teatro da luta e que a sua vida era muito preciosa para que ele a expusesse sem necessidade. Viu-se portanto obrigado a sair de S. Dinis, a fim de se transportar para um lugar seguro, onde os agentes de *sir* Gilberto Argall não o pudessem ir descobrir.

Toda a noite foi ocupada a fundir balas e a fabricar cartuchos.

O filho do Dr. Nelson e os seus companheiros, o Sr. de Vaudreuil e seus amigos, entregaram-se ao trabalho sem perda de um minuto. Por infelicidade, o armamento deixava muito a desejar. As espingardas, pouco numerosas, eram de pederneira, que não davam fogo a maior parte das vezes e cujo alcance se limitava a uma centena de passos. Já sabemos que, durante a campanha do S. Lourenço, João tinha distribuído armas e munições. Mas, como cada condado tinha tido a sua parte na previsão de uma insurreição geral, estas armas não puderam ser concentradas num ponto determinado — o que teria sido tão necessário em S. Dinis e em S. Carlos, onde se ia dar o primeiro encontro.

Entretanto, o coronel Gore ia avançando no meio dessa noite escura e fria. Pouco antes de chegar a S. Dinis, dois canadenses franceses que lhe caíram nas mãos fizeram-lhe saber que não poderia atravessar a paróquia, que ali todos lutariam até à morte.

Imediatamente o coronel Gore, sem dar um instante de descanso aos seus soldados, fez-lhes um discurso, dizendo-lhes que eles não tinham de esperar quartel de ninguém. Depois, dividindo-os em três destacamentos, colocou um na pequena mata que cobre a vila pelo lado de leste, outro ao longo da margem, enquanto o terceiro, arrastando a sua única boca de fogo, continuou a seguir a estrada real.

Às seis horas da manhã o Dr. Nelson, Vicente Hodge e de Vaudreuil montaram a cavalo, a fim de fazerem um reconhecimento na estrada de Santo Urso. A escuridão era tão profunda ainda que os três por um pouco que não foram cair nas guardas avançadas das tropas regulares. Voltando imediatamente para trás, entraram em S. Dinis. Deram-se logo ordens para se cortarem as pontes e se tocarem a rebato os sinos da igreja.

Dentro de alguns minutos os patriotas acharam-se reunidos na praça.

Quantos eram? De setecentos a oitocentos, quando muito; um pequeno número armado de espingardas, os outros de foices, forcados, lanças, mas todos decididos a fazerem-se matar para repelir os soldados do coronel Gore.

Eis como o Dr. Nelson dispôs aqueles dos seus homens que estavam em estado de fazer fogo: no segundo andar de uma casa de pedra, à borda da estrada, uns sessenta, e entre eles de Vaudreuil e Hodge; a vinte e cinco passos dali, atrás de um muro de uma fábrica de destilação que lhe pertencia, uns trinta, e entre eles William Clerc e André Farran; no fundo de um armazém que tinha para ali comunicação, uma dúzia de partidários, sob o comando do deputado Gramont. Os outros, reduzidos a combater à arma branca, tinham-se entrincheirado na igreja e estavam prestes a precipitarem-se sobre os assaltantes.

Foi nesse momento — seriam nove e meia da manhã — que se realizou um acontecimento trágico que nunca se conseguiu explicar completamente, mesmo por ocasião do processo criminal a que ele deu lugar.

O tenente Weir, que era conduzido por uma escolta, tendo visto a barda avançada do coronel Gore, tentou fugir para ir ter com ela; mas, tendo escorregado, não teve tempo de se levantar e foi morto a sabre.

Os tiros soaram então. Uma primeira bala, lançada contra a casa de pedra, matou dois canadenses, colocados no segundo andar, no momento em que um terceiro era mortalmente ferido a uma janela. Durante alguns minutos trocaram-se tiros de parte a parte. Os soldados, fáceis de servir de alvo, pagaram caro a desdenhosa imprudência com que se expunham ao fogo daqueles «campónios», como lhes chamava o seu chefe.

Foram dizimados pelos defensores da casa de pedra, e três dos seus artilheiros caíram, com o morrão na mão, junto da peça que serviam.

Mas as balas iam fazendo brecha, e o segundo andar da casa já não oferecia segurança alguma.

— Para as lojas! — gritou o Dr. Nelson.

— Pronto — respondeu Vicente Hodge — e dali atiraremos mais de perto sobre os fardas-encarnadas.

Todos desceram e a fuzilaria recomeçou com bastante violência. Os reformistas mostravam uma coragem extraordinária. Saíam até à estrada e expunham-se a descoberto. O Dr. Nelson enviou o seu ajudante de campo, O. Perrault, de Montreal, com ordem para os fazer recolher. Perrault, ferido com duas balas, caiu morto.

Durante uma hora, as balas cruzaram-se, com desvantagem para os assaltantes, embora estivessem abrigados atrás de pilhas de madeira.

Foi então que o coronel Gore, vendo as suas munições quase esgotadas, deu ordem ao capitão Markman para cercar a posição dos patriotas.

Este oficial tentou cumprir a ordem, não sem perder a maior parte dos seus homens. Ele próprio, ferido por uma bala, caiu do cavalo e teve de ser levado em braços pelos seus soldados.

A ação ia sendo desastrosa para os reais. Nesse momento ouviu-se uma gritaria enorme na estrada, e eles compreenderam que estavam cercados. Um homem acabava de surgir, aquele mesmo em redor de quem os franco-canadenses tinham por costume juntar-se como à roda de uma bandeira.

— João-Sem-Nome! João-Sem-Nome! — gritavam eles, agitando as armas.

Era João, à frente de uma centena de insurgentes, vindos de Santo António, Santo Urso e de Contrecoeur. Tinham atravessado o rio debaixo das balas que voavam por sobre a superfície da água, e uma das quais chegou a quebrar o barco em que João se achava.

— Em frente, «raquetas» e «castores»! — gritou ele, avançando com os seus companheiros.

À sua voz os patriotas atiraram-se aos reais. Os que resistiam ainda na casa cercada, animados por esse reforço inesperado, fizeram uma surtida. O coronel Gore teve de bater em retirada na direção de Sorel, deixando muitos prisioneiros e a sua peça de artilharia nas mãos dos vencedores. Contava uns trinta feridos e outros tantos mortos, contra doze mortos e quatro feridos do lado dos reformistas.

Tal foi a batalha de S. Dinis. Em algumas horas, a notícia desta vitória espalhou-se através das paróquias vizinhas do Richelieu e até mesmo aos condados ribeirinhos de S. Lourenço.

Era um começo animador para os partidários da causa nacional, mas apenas um começo. Por isso, no momento em que eles esperavam as ordens dos seus chefes, João disse estas palavras, como para lhes indicar o lugar de uma nova vitória:

— Patriotas, para S. Carlos!

Não está esquecido ainda que esta povoação estava ameaçada pela brigada de Witherall.

Uma hora decorrida, o Sr. de Vaudreuil e João, depois de se terem despedido de Clary, que soube por eles o êxito do dia, foram ter com os seus companheiros que se dirigiam para S. Carlos.

Ali, dois dias depois, ia-se decidir a sorte da insurreição de 1837.

Esta vila, graças à concentração dos reformistas, tinha-se tornado o principal teatro da rebelião, e foi para ela que o tenente-coronel Witherall se dirigiu com forças relativamente consideráveis.

Ali Brown, Desvières, Gauvain e outros tinham fortemente organizado a defesa. Podiam contar com essa ardente população, que já se tinha pronunciado, expulsando um dos principais habitantes, acusado de ser favorável aos anglo-canadenses. Foi mesmo em redor da casa desse expulso, convertida em fortaleza, que Brown, chefe dos insurgentes, estabeleceu o acampamento onde deviam reunir-se as forças de que dispunham.

A distância que há entre S. Dinis e S. Carlos não excede as seis milhas; as detonações da artilharia ouviram-se de uma a outra povoação durante o dia 23. Antes da noite, os habitantes de S. Carlos souberam que os reais tinham sido obrigados a bater em retirada para Sorel. A impressão produzida por esta primeira vitória foi profunda. De todas as casas se abriam as portas de par em par, e as famílias saíam, animadas por uma espécie de delírio patriótico.

Uma só porta não se abriu, a da Casa Fechada, situada na extremidade da rua que volta para a estrada real, e por isso mesmo um pouco distante do acampamento. A casa de Bridget estava por isso menos ameaçada do que as habitações vizinhas, caso o acampamento fosse atacado e levado de assalto pelos ingleses.

Bridget esperava, preparada para receber seus filhos, se as circunstâncias os obrigassem a ir pedir-lhe abrigo. Mas neste momento o padre Joann visitava as paróquias do Alto Canadá, pregando a insurreição, e João, não se ocultando mais, tinha reaparecido à testa dos patriotas. O seu nome corria agora através dos condados de S. Lourenço. Por mais isolada que estivesse a Casa Fechada, esse nome tinha aí chegado, e, com ele, a notícia da vitória de S. Dinis, à qual ele estava intimamente ligado.

Por isso Bridget perguntava a si própria se João não viria ao acampamento de S. Carlos, se não a iria visitar, se não passaria o limiar da sua porta para lhe dizer o que tinha feito e o que ia fazer, para a abraçar ainda mais uma vez. Isso, porém, a bem dizer, dependia das fases da insurreição; portanto, Bridget estava prevenida a toda a hora da noite para receber seu filho.

Entretanto, assim que *lord* Gosford soube da derrota de S. Dinis, temendo que os vencedores fossem juntar-se aos patriotas de S. Carlos e aumentar as suas forças, tinha dado ordem para fazer retroceder a coluna de Witherall.

Era tarde. Os correios, enviados de Montreal por *sir* John Colborne, foram presos na estrada, e a coluna, em vez de voltar para trás, continuou o seu movimento para S. Carlos.

Agora já ninguém podia impedir o encontro entre os insurgentes desta vila e os soldados do exército regular.

A 24, João-Sem-Nome tinha vindo juntar-se aos defensores do acampamento de S. Carlos.

Juntamente com João tinham vindo o Sr. de Vaudreuil, Farran, Clerc, Hodge e Sebastião Gramont. Dois dias antes Harcher e os seus cinco filhos, depois de terem deixado a aldeia do homizio, passaram a fronteira americana e dirigiram-se para S. Carlos, muito resolvidos a cumprir o seu dever até à última extremidade.

Além de que, deve dizer-se, ninguém duvidava do êxito definitivo, nem os chefes do partido da oposição, nem o Sr. de Vaudreuil e seus amigos, nem Tomás Harcher, nem Pedro, Rémy, Miguel, Tony e Jacques, seus valentes filhos, nem nenhum dos habitantes da vila, sobre-entusiasmados pelo pensamento de que seriam eles quem daria o último golpe na tirania anglo-saxónica.

Contudo, antes de atacar S. Carlos, o tenente-coronel Witherall tinha avisado Brown e seus companheiros de que, se se quisessem submeter, nada lhes aconteceria.

Esta proposta foi unanimemente repelida pelos companheiros de Brown. Para que os reais a tivessem feito, era preciso que se sentissem incapazes de atacar o acampamento. Nunca! Não lhes seria permitido chegar a S. Dinis para aí exercerem sangrentas represálias! Assim que a coluna Witherall se apresentasse seria repelida e dispersa. Era uma nova derrota que esperava os realistas — derrota completa, desta vez, e que assegurava a vitória definitiva.

Assim se pensava nas fileiras dos patriotas.

Seria também querer desconhecer a situação acreditar que os defensores do acampamento fossem numerosos. Apenas um punhado de homens, mas eram o escol do partido. Entre chefes e soldados haveria uns duzentos, quando muito, armados de foices, lanças, paus, espingardas de pederneira, e para responder à artilharia real não havia senão duas peças quase inutilizadas.

Enquanto se preparavam para receber a coluna de Witherall, esta caminhava rapidamente, sem ser detida pelos obstáculos que o inverno acumula nestas regiões. O tempo estava frio, a terra seca. Por isso, os homens marchavam com bom passo e as bocas de fogo rolavam por um chão duro, sem terem de se tirar das neves ou dos lameiros.

Os reformistas esperavam. Entusiasmados pela sua última vitória, eletrizados pela presença de chefes tais como Brown, Desvières, Gauvin, Vicente Hodge, de Vaudreuil, Amiot, A. Papineau, Marchessault, Maynant, e, principalmente, João-Sem-Nome, viu-se já o caso que eles fizeram das propostas do tenente-coronel Witherall. Ao seu pedido de se renderem e de entregarem as armas, eles prepararam-se para responder a tiro, à fougada ou a lançadas.

Mas o acampamento, estabelecido na extremidade da povoação, oferecia certas desvantagens que não era possível remediar rapidamente. Se de um lado estava protegido pelo rio e defendido de outro por uma espessa derrubada de árvores que cercava a casa de Debartzch, era dominado à retaguarda por uma colina.

Ora os insurgentes eram em número muito limitado para que pudessem ocupar essa colina. Se os reais conseguissem tomar ali posição, não havia outro abrigo contra os seus tiros senão a casa Debartzch, que tinha sido cortada de seteiras. Nesse caso poderia ela resistir a um assalto e, se eles ficassem reduzidos à condição de sitiados, Brown e os seus companheiros teriam força para resistir aos assaltantes?

Pelas duas horas da tarde ouviram-se longínquos clamores. Depois, uma grande desordem. Um bando de mulheres, de crianças e velhos fugia através dos campos para S. Carlos.

Eram os habitantes da campina que fugiam. Ao longe enovelavam-se espessas fumaças que se elevavam das casas incendiadas na estrada. Os casais ardiam até onde a vista podia alcançar. A coluna Witherall avançava pelo meio das ruínas e da carnificina que iam assinalando a sua passagem.

Brown conseguiu deter aqueles que fugiam e que ainda estavam em estado de combater, e, deixando o comando a Marchessault, precipitou-se para a estrada, a fim de juntar os homens válidos. Depois de ter tomado todas as suas disposições, no intuito de prolongar a resistência, Marchessault colocou os seus companheiros ao abrigo da derrubada que protegia o acampamento.

— É aqui — disse ele — que se vai decidir a sorte da nossa independência! É aqui que é preciso defender-se...

— Até à morte! — concluiu João-Sem-Nome.

Neste momento ouviram-se os primeiros tiros nas proximidades do acampamento, e logo se pôde perceber que, desde o começo, os reais iam manobrar com vantagem.

Efetivamente, expor-se ao fogo dos insurgentes, formados ao longo da derrubada e que já lhe tinham morto alguns homens, seria da parte de Witherall dar provas de ser um completo desastrado. Dispondo de trezentos a quatrocentos infantas e cavaleiros, de duas peças de artilharia, era-lhe fácil, depois de ter dominado o acampamento, aniquilar os seus defensores. Portanto, deu ordem para tornejear os entrincheiramentos e ocupar a colina situada à parte de trás.

Este movimento executou-se sem dificuldade. As duas bocas de fogo foram içadas ao cimo, colocadas em bateria, e o combate começou com igual energia de parte a parte. E isto foi feito tão rapidamente que Brown, ocupado em juntar os fugitivos que se espalhavam pela campina, não pôde entrar no acampamento e foi arrastado até S. Dinis.

Entretanto os patriotas, embora insuficientemente abrigados, defendiam-se com uma coragem admirável. Marchessault, de Vaudreuil, Vicente Hodge, Clerc, Farran, Gramont, Tomás Harcher, seus filhos, e todos os que estavam armados de espingardas, respondiam a tiro ao fogo dos sitiados. João-Sem-Nome excitava-os apenas com a sua presença. Ia de um a outro. Mas o que ele precisava era de um campo de batalha, era o combate corpo a corpo, para aí levar os valentes. O seu entusiasmo paralisava-se nesta luta a distância.

Ela durou tanto quanto os entrincheiramentos resistiram. Se os habitantes do campo tinham morto mais de um «farda-encarnada», não estavam livres de terem experimentado perdas muito sensíveis. Entre eles havia já Rémy Harcher, estendido numa poça de sangue, com o ventre furado por um biscainho. Quando os seus irmãos o vieram levantar para o transportarem para trás da casa, só levaram um cadáver. André Farran, com o ombro quebrado, já lá se achava. De Vaudreuil e Hodge, depois de o terem posto ao abrigo das balas, tinham voltado para o seu posto no combate. Mas bem depressa foi preciso evacuar este último refúgio. A derrubada, destruída pelas balas, deixava livre acesso ao campo. O tenente-coronel Witherall, tendo dado ordem de carregar os cercados à baioneta calada, fez «uma verdadeira carnificina», dizem as narrativas deste sanguinolento episódio da insurreição franco-canadense.

Ali morreram valorosos patriotas que, esgotadas as munições, se bateram à coronhada. Ali morreram os dois Herbert, menos felizes que A. Papineau, Amiot e Marchessault, que conseguiram abrir caminho pelo meio dos assaltantes, depois de uma resistência heroica. Ali caíram outros partidários da causa nacional, cujo número nunca foi conhecido, porque o rio arrastou um sem-número de cadáveres.

Entre as personagens que estão mais intimamente ligadas a esta história contam-se também algumas vítimas. Se João-Sem-Nome se bateu como um leão, sempre à frente dos seus, sempre na vanguarda da peleja, abertamente, e desta vez

conhecido dos que estavam com ele e eram contra ele, e foi um verdadeiro milagre que saísse sem uma arranhadura, outros foram menos felizes. Depois de Rémy, os seus dois irmãos, Miguel e Jacques, alcançados pela metralha e gravemente feridos, foram levados por Tomás Harcher e por Pedro para fora do acampamento, e subtraídos à carnificina atroz que seguiu a vitória dos reais.

William Clerc e Vicente Hodge também não se pouparam. Vinte vezes os viram lançar-se no meio dos sitiantes de espingarda e pistola na mão. No mais forte do combate seguiram João-Sem-Nome até à bateria colocada no cume da colina. E nessa ocasião João teria caído morto se Vicente Hodge não tivesse afastado o golpe que lhe atirara o servente de uma das peças.

— Obrigado, Sr. Hodge! — disse-lhe João. — Quem sabe se não fez mal! Teria sido melhor acabar aqui!

E, efetivamente, teria valido mais que o filho de Simão Morgaz tivesse ali sucumbido, visto que a causa da independência ia também sucumbir no campo de batalha de S. Carlos!

João tinha de novo voltado à carga quando viu no sopé da colina o Sr. de Vaudreuil, deitado por terra e banhado em sangue.

O Sr. de Vaudreuil tinha sido derribado por uma espadeirada quando os cavaleiros de Witherall carregaram as proximidades do acampamento, para efetuarem a dispersão dos insurgentes.

E então sentiu como se uma voz gritasse dentro dele:

— Salve meu pai!

No meio do fumo da fuzilaria, João arrastou-se até ao Sr. de Vaudreuil, desmaiado, quem sabe se não morto! Agarrou-o entre os braços, levou-o ao longo dos entrancheamentos; depois, enquanto a cavalaria perseguia os rebeldes com um encarniçamento incrível, conseguia chegar ao bairro alto de S. Carlos, no meio das casas incendiadas, e refugiar-se no pórtico da igreja.

Eram, então, cinco horas da tarde. O céu estava já sombrio, e as chamas elevavam-se por sobre as ruínas da vila.

A insurreição, vitoriosa em S. Dinis, acabava de ser vencida em S. Carlos. E nem se podia dizer que os dois partidos tinham ficado equilibrados. Esta derrota devia ter piores resultados para a causa nacional do que a vitória tinha tido vantagens reais: tanto mais que, acontecida depois, aniquilava todas as esperanças que os reformistas podiam ter concebido.

Os combatentes que não morreram foram obrigados a fugir, sem mesmo terem podido combinar qual o lugar de um encontro. William Clerc, acompanhado de André Farran, que apenas tinha ficado levemente ferido, partiram através da campina. Foi só à custa de mil perigos que ambos conseguiram atravessar a fronteira, sem saberem o que tinha sido feito do Sr. de Vaudreuil e de Vicente Hodge.

E, agora, o que ia ser de Clary de Vaudreuil na casa de S. Dinis, onde esperava notícias? Não tinha ela tudo a temer das represálias dos realistas se não conseguisse fugir?

Era nisso que pensava João, escondido no fundo da pequena igreja. Se o Sr. de Vaudreuil não tinha tornado a si, o seu coração ainda batia, embora fracamente. Com imediatos cuidados, quem sabe se não seria possível salvá-lo? Onde e como tratar dele?

Não tinha que hesitar. Devia transportá-lo naquela mesma noite para casa de sua mãe.

Efetivamente, a Casa Fechada não estava longe — algumas centenas de passos apenas, descendo pela rua direita da vila. Ao abrigo da escuridão e assim que os soldados de Witherall tivessem deixado S. Carlos ou depois de terem acampado para passarem a noite, João tomaria o ferido e iria pô-lo em casa de sua mãe!

Sua mãe! O Sr. de Vaudreuil em casa de Bridget... em casa da mulher de Simão Morgaz! E se ele viesse a saber sob que teto João o tinha transportado?

Que tinha isso? Não tinha ele, filho de Morgaz, sido hóspede de Montcalm? Não tinha ele sido o companheiro de armas do Sr. de Vaudreuil? Não acabava ele de o livrar da morte? Seria pior para o Sr. de Vaudreuil que ele devesse a vida aos cuidados de uma Bridget Morgaz?

Nunca o saberia. Nada trairia o incógnito em que se ocultava a miserável família.

João estava decidido, não tinha senão que esperar o momento de pôr o seu projeto em execução, isto é, algumas horas mais.

E então o seu pensamento voltou-se para essa casa de S. Dinis onde Clary de Vaudreuil ia saber a derrota dos patriotas. Não vendo voltar seu pai, não imaginaria ela que tinha sucumbido? Seria possível preveni-la de que o Sr. de Vaudreuil tinha sido transportado para a Casa Fechada, livrá-la a ela própria dos perigos que a ameaçavam naquela povoação entregue às vinganças dos vencedores?

Estas inquietações acabrunhavam João. E, também, que torturas na presença deste último desastre, tão terrível para a causa nacional! Todas quantas esperanças se pudessem ter concebido depois da vitória de S. Dinis, tudo quanto pudesse ter sido a sua consequência imediata, a insurreição alastrando-se pelo vale do Richelieu e do S. Lourenço, o exército real reduzido à impotência, a independência reconquistada, e João tendo reparado para com o seu país o mal que lhe tinha feito a traição paterna... tudo estava perdido... tudo!

Tudo? Mas não haveria meio de recomeçar a luta? O patriotismo estaria morto no coração dos franco-canadenses só porque algumas centenas de patriotas tinham sido esmagados em S. Carlos? Não! João recomeçaria a grande obra... Lutaria até à morte. Entretanto, embora a noite fosse já cerrada, ainda ressoavam na vila os hurras dos soldados, os gritos dos feridos, pelas ruas alumadas pelas espessas chamas. Depois de ter destruído o acampamento, o incêndio tinha-se comunicado às casas vizinhas. Onde pararia? Se ele se estendesse até à outra extremidade da povoação? Se a Casa Fechada fosse destruída? Se João não encontrasse nem casa nem mãe?

Este receio aterrou-o. Ele podia fugir a toda a hora, chegar às florestas do condado e escapar-se durante a noite. Antes de ser dia estaria fora de alcance. Mas o Sr. de Vaudreuil, que seria dele? Se caísse nas mãos dos reais, estava perdido, porque nesta ação nem os feridos foram poupados!

Enfim, por volta das oito horas pareceu que se realizara um apaziguamento. Ou os habitantes tinham sido expulsos, ou, depois da partida da coluna de Witherall, se tinham refugiado nalgumas casas poupadas pelo incêndio. As ruas estavam desertas. Era ocasião.

João adiantou-se até à porta da igreja. Depois, entreabrindo-a, lançou uma vista de olhos para a pequena praça e desceu os degraus do adro. Ninguém naquela praça, meio alumada pelo reflexo das chamas longínquas.

João voltou para junto do Sr. de Vaudreuil, que estava estendido junto de um pilar. Levantou-o e tomou-o nos braços. Era um pesado fardo esse corpo, mesmo para um homem tão vigoroso como João, e que era preciso transportar até ao cotovelo da estrada real, no sítio onde era a Casa Fechada.

João atravessou a praça e foi andando ao longo da rua vizinha.

Era tempo. Ainda João não teria dado uns vinte passos quando ressoaram novos clamores e ao mesmo tempo se ouviu o tropel de cavalos.

Era o esquadrão de cavalaria que voltava a S. Carlos. Antes de o lançar contra os fugitivos, o tenente-coronel Witherall tinha-lhe dado ordem para voltar à vila e de aí passar a noite. Era ali que ele acamparia até ao dia seguinte, e tinha sido a igreja o lugar escolhido para o bivaque!

Um momento depois os cavaleiros instalaram-se no templo, em seguida a terem tomado certas precauções contra uma tentativa de agressão. E não só o esquadrão ocupou o interior da igreja, mas também os cavalos para ali entraram. Escusado será insistir sobre as profanações a que se entregou essa soldadesca, embriagada de sangue e de *gin*, num edifício consagrado ao culto católico.

João continuou a descer pela rua deserta, parando apenas para respirar. E sempre com o mesmo receio, à medida que se ia aproximando da Casa Fechada, de a encontrar em ruínas!

Finalmente chegou à estrada e parou em frente da casa de sua mãe. O incêndio não se tinha alastrado para aquele lado. A casa estava intacta, perdida na sombra. Pelas janelas não saía um raio de luz sequer.

João, carregando com o Sr. de Vaudreuil, chegou em frente do ripado que fechava o quintalinho, abriu a cancela, arrastou-se até à porta e deu o sinal convencionado.

Um instante depois o Sr. de Vaudreuil e João estavam em segurança em casa de Bridget Morgaz.

Capítulo 16 — O Sr. de Vaudreuil em Casa de Bridget

— Minha mãe — observou João depois de ter deitado o ferido na cama que ele ou seu irmão costumavam ocupar quando iam passar a noite à Casa Fechada —, este homem pode morrer se não tiver quem trate dele.

— Eu cuidarei dele, João!

— Mas arrisca nisso a vida se os soldados o descobrem em sua casa!

— A minha vida! Olha que pouco arrisco, meu filho! — respondeu Bridget.

João não lhe quis dizer que o hóspede era o Sr. de Vaudreuil, uma das vítimas de Simão Morgaz. Seria trazer-lhe à memória infames recordações. Mais valia que Bridget não o soubesse. O homem a quem ela daria asilo era um patriota. Isso bastava para que ele tivesse direito à sua dedicação.

A primeira coisa que Bridget e João fizeram foi ir escutar à porta. Se os clamores longínquos ecoavam ainda do lado da igreja, o sossego reinava na estrada real. Os últimos clarões dos incêndios, do alto da vila, começavam a extinguir-se pouco a pouco, bem como os gritos da soldadesca.

Tinham acabado de incendiar, de roubar e assassinar. Em suma, umas vinte casas tinham sido reduzidas a cinzas. A Casa Fechada era do número daquelas que tinham escapado à destruição. Mas Bridget e João tinham tudo a temer dos vencedores assim que o sol viesse iluminar as ruínas de S. Carlos.

Além disso, tiveram mais de um sobressalto naquela noite. De hora em hora, rondas de soldados e de voluntários passavam diante da Casa Fechada, vigiando os arredores da vila na volta da estrada. Algumas vezes estugavam o passo e paravam. Dar-se-ia o caso que tivessem sido ordenadas revistas domiciliárias e que mandassem abrir a porta em nome da lei? E então não era por ele que João tremia, mas pelo Sr. de Vaudreuil, por esse ferido a quem seria arrancada a vida em casa de sua mãe!

Estes receios não se realizaram — naquela noite pelo menos.

Depois de deitado na cama o ferido, João e Bridget colocaram-se à cabeceira. Tudo quanto podiam fazer por ele já o tinham feito. Mas era preciso medicamentos, e como ir buscá-los? Havia necessidade de médico, e onde encontrar um a quem fosse prudente confiar, com a vida de um patriota, os segredos da Casa Fechada?

O peito do Sr. de Vaudreuil, posto a nu, foi examinado. Uma grande ferida, produzida por um golpe de sabre, estendia-se obliquamente na parte esquerda do tronco. Parecia, porém, que essa ferida não devia ser muito profunda a ponto de ter atingido algum órgão vital. E, contudo, o ferido respirava tão fracamente, tinha perdido tal quantidade de sangue que podia de um momento para outro morrer de uma síncope.

Depois de ter lavado a ferida com água fresca, Bridget ajuntou-lhe os bordos e pôs-lhe compressas. Reanimar-se-ia o Sr. de Vaudreuil sob a influência dos repetidos tratamentos que lhe fazia Bridget e do repouso que lhe assegurava a Casa Fechada se os soldados de Witherall deixassem a vila? João e sua mãe não se atreviam a esperá-lo.

Duas horas depois da sua chegada, embora não tivesse aberto os olhos, o Sr. de Vaudreuil deixou escapar algumas palavras. Evidentemente, não se sentia ligado à vida senão pela lembrança de sua filha. Chamava-a talvez para reclamar os seus cuidados, talvez também porque pensasse nos perigos que a ameaçavam agora em S. Dinis.

Bridget, estendendo-lhe a mão, escutava-o. João, de pé, procurava impedir que a ferida se abrisse com algum movimento brusco. Ele também procurava ouvir as suas palavras, entrecortadas de suspiros. O Sr. de Vaudreuil iria dizer a Bridget o que ela não devia ouvir?

E então um nome foi pronunciado, no meio dessas frases incoerentes. Era o nome de Clary.

— Este infeliz tem uma filha? — murmurou Bridget, olhando para João.

— Sem dúvida... minha mãe!

— E chama por ela! Não quer morrer sem a tornar a ver! Se sua filha estivesse junto dele, estaria mais tranquilo!

Poderia eu ver se a encontrava e trazê-la aqui... em segredo?

— Ela! — exclamou João.

— Porque não! Não será o seu lugar junto de seu pai no limiar da morte e que por ela chama?

Nesse momento, num acesso de delírio, o ferido quis-se levantar.

Depois, da sua boca saíram estas palavras que bem traduziam as suas agonias:

— Clary... só... em S. Dinis.

Bridget levantou-se.

— S. Dinis? — disse ela. — Foi lá que deixou sua filha... Ouviste, João?

— Os reais... em S. Dinis! — proferiu o ferido. — Não lhes poderá escapar! Os miseráveis vingarem-se-ão em Clary de Vaudreuil...

— Clary de Vaudreuil! — repetiu Bridget.

Depois, baixando a cabeça, ajuntou:

— O Sr. de Vaudreuil... aqui!

— É verdade, minha mãe — respondeu João —, e, já que está em sua casa, é preciso que sua filha aqui venha!

— Clary de Vaudreuil! — tornou Bridget.

Imóvel, junto do leito onde jazia o Sr. de Vaudreuil, olhava para aquele patriota cujo sangue corria pela causa da independência; aquele que, há doze anos, quase que pagara com a cabeça a traição de Simão Morgaz. Se o ferido soubesse que casa lhe tinha dado asilo, que mãos o tinham livrado da morte, não faria o horror com que ele se arrastasse para fugir dali, para se livrar do contacto infamante desta família?

Num longo gemido o Sr. de Vaudreuil deixou ainda escapar o nome de Clary.

— Ele pode morrer — advertiu João —, e é preciso que não morra sem ver sua filha!

— Irei buscá-la!

— Não, minha mãe; irei eu!

— Tu, que és perseguido em todo o condado? Queres tu sucumbir antes de cumprir a tua missão? Não, meu filho, ainda não tens direito de morrer! Eu irei buscar Clary de Vaudreuil!

— Clary recusará segui-la!

— Não recusará tal quando souber que seu pai está moribundo e que chama por ela! Onde está ela, em S. Dinis?

— Em casa do juiz Froment... Mas é muito longe, minha mãe. Não terá forças para andar doze milhas em ida e volta! Enquanto eu, partindo já, terei tempo de chegar a S. Dinis e de trazer Clary antes que seja dia! Ninguém me verá sair! Ninguém me verá entrar.

— Ninguém? — objetou Bridget. — E os soldados que patrulham as estradas, como é que os hás de evitar? E se caíres nas suas mãos, como te poderás livrar? Admitindo mesmo que te não reconheçam, imaginas que te vão deixar livre? Enquanto a mim, uma velha, ninguém prenderá! Basta de discussão, João! O Sr. de Vaudreuil quer ver sua filha! É preciso que a veja, e só eu posso ir buscá-la para junto dele. Vou partir!

João teve de ceder às instâncias de Bridget. Embora a noite estivesse escura, seria arriscar-se a não cumprir o seu intento meter-se ao caminho patrulado por piquetes de Witherall. Era preciso que Clary de Vaudreuil tivesse entrado em casa de Bridget antes do nascer do sol. Quem sabe se a vida de seu pai se prolongaria até então! Ele, João-Sem-Nome, conhecido como tal, agora que tinha combatido a rosto descoberto, poderia ir a S. Dinis? Poderia voltar com Clary de Vaudreuil? Não seria aventurar-se a entregá-la mais seguramente aos reais?

Esta última razão foi a que mais o resolveu a deixar partir sua mãe, porque ele pouco se importava com os perigos pessoais. Deu a Bridget as instruções necessárias para que ela pudesse falar com Clary em casa do juiz Froment. Entregou-lhe um bilhete que apenas continha estas palavras: «Confie em minha mãe, e siga-a!», e que devia inspirar toda a confiança a Clary. Feito isto, João entreabriu e fechou a porta mal Bridget saiu, e foi sentar-se junto do leito do Sr. de Vaudreuil.

Eram mais de dez horas quando Bridget começou a descer a estrada então deserta. O frio glacial das longas noites canadenses, envolvendo toda a campina, tornava o solo propício ao andar apressado. O quarto crescente, que ia desaparecer no horizonte, deixava luzir algumas estrelas por entre as nuvens altas.

Bridget caminhava com bom passo através daquelas obscuras solidões, sem medo nem fraqueza. Para cumprir um dever, tinha encontrado a sua energia de outrora, de que tantas provas tinha dado. Além de que conhecia bem a estrada, onde tantas vezes transitara em pequena. O que ela tinha a temer era o encontro de alguma patrulha de cavalaria.

Isso aconteceu duas ou três vezes num raio de duas milhas para lá de S. Carlos. Mas porque não deixariam passar aquela velha? Continuou, pois, o seu caminho depois de ter ouvido algumas grosserias a soldados mais ou menos ébrios. O tenente-coronel Witherall não tinha organizado reconhecimentos na direção de S. Dinis. Antes de ir castigar aquela desgraçada povoação, quis assegurar-se das disposições dos vencedores da véspera, e não queria comprometer a sua vitória com um ataque considerado.

Segue-se disto que durante dois terços da estrada Bridget não teve encontro algum perigoso. Os que ela encontrava ou lhe tomavam a dianteira, eram desgraçados fugitivos de S. Carlos que se espalhavam através das paróquias do condado, sem asilo, visto que as suas casas tinham sido incendiadas ou roubadas.

Mas — e isto era mais que certo — onde Bridget tinha podido passar livremente, João teria tido impossibilidade de o fazer. À aproximação dos destacamentos, teria sido obrigado a sair da estrada e tomar azinhagas e rodeios que não lhe teriam permitido ter voltado antes de dia à Casa Fechada. E se algum piquete de cavalaria o tivesse detido, não teria ficado quite ouvindo algumas grosserias. Quem sabe mesmo se o não teriam reconhecido, e portanto qual o grau de pena a que o teria condenado o tribunal de justiça militar de Montreal.

Meia hora antes da meia-noite, Bridget tinha chegado à margem do Richelieu.

A casa do juiz Froment, que ela conhecia, estava situada nesta margem, um pouco fora de S. Dinis. Bridget não tinha pois de atravessar o Richelieu — o que não poderia ter feito sem ter ido procurar uma embarcação. Bastava-lhe descer durante um quarto de milha para chegar à porta da casa.

O sítio estava absolutamente deserto. Um profundo silêncio reinava nesta parte do vale.

Ao longe apenas brilhavam algumas luzes por dentro das janelas das primeiras habitações da vila, então mergulhada num repouso que ruído algum vinha perturbar.

Devia concluir-se disto que a notícia da derrota de S. Carlos não tinha ainda chegado a S. Dinis?

Foi o que pensou Bridget. Clary de Vaudreuil não sabia portanto deste desastre, e ela seria a mensageira da má nova que lhe iria contar tudo.

Bridget subiu os degraus de uma pequena escada e bateu à porta.

A resposta demorou.

Bridget bateu de novo.

Ressoaram passos no interior de um vestíbulo, que se iluminou fracamente. Depois uma voz perguntou:

— Que quer?

— Falar ao Sr. juiz Froment.

— O Sr. juiz Froment não está em S. Dinis, e, na sua ausência, não tenho ordem de abrir.

— Tenho graves notícias a comunicar-lhe — insistiu Bridget.

— Pois comunique-lhas quando ele voltar!

A determinação de não abrir pareceu-lhe tão formal que Bridget não hesitou em servir-se do nome de Clary.

— Se o Sr. juiz Froment não está em casa — tornou ela —, deve estar a menina de Vaudreuil, e preciso falar-lhe.

— A menina de Vaudreuil já se foi — responderam-lhe, não sem uma certa hesitação.

— E quando se foi ela?

— Ontem...

— E sabe para onde?

— Por certo... Foi ter com seu pai!

— Com seu pai? — voltou Bridget. — Como assim, se é da parte de seu pai que eu venho buscá-la?

— Meu pai! — exclamou Clary, que se tinha conservado ao fundo do vestibulo. — Abra.

— Clary de Vaudreuil — continuou Bridget, abaixando a voz —, vi m aqui para conduzi-la para onde está seu pai, e foi

João que me enviou...

Já se tinham corrido os ferrolhos da porta quando Bridget recomendou em voz baixa:

— Não abra! Esperem!

E, descendo os degraus, escondeu-se com a parede. Convinha que não a vissem entrar naquela casa, e naquele momento um bando de homens, mulheres e crianças aproximava-se, seguindo a margem do Richelieu.

Era o primeiro bando de fugitivos que chegava a S. Dinis, depois de ter atravessado as campinas para evitar as estradas. Ali havia feridos que vinham amparados por seus pais ou amigos, pobres mulheres que arrastavam o que lhes restava de mobília, e também alguns patriotas válidos que tinham podido escapar ao incêndio e à mortandade. Muitos deles deviam conhecer Bridget, e ela empenhava-se em que ninguém soubesse que tinha saído da Casa Fechada. Por isso, agachada à sombra da parede, quis deixar passar esta primeira onda de fugitivos.

Mas, durante esses poucos minutos, que pensaria Clary ouvindo esses gritos de desespero? Havia algumas horas que ela esperava ansiosa notícias de S. Carlos. E por certo seu pai ou João se apressariam em vir trazer-lhas se não tivessem marchado imediatamente sobre Montreal depois de uma nova vitória.

Não! Através dessa porta que Clary não ousava abrir chegavam tristes gemidos até ela.

Por fim, os fugitivos, depois de terem passado pela frente da casa, continuaram a descer até à praia, esperando que lhes fosse possível atravessar o rio. A estrada ficou de novo tranquila, embora se fizessem ouvir outros gritos a montante.

Bridget levantou-se. No momento em que ia de novo a bater, a porta abriu-se e fechou-se sobre ela.

Clary de Vaudreuil e Bridget Morgaz achavam-se na presença uma da outra, num quarto de rés do chão alumiado por um candeeiro cuja luz não podia passar através das janelas hermeticamente fechadas.

As duas encararam-se, enquanto a criada ficava de lado.

Clary estava pálida, pressentindo alguma espantosa desgraça, não se atrevendo a perguntar coisa alguma.

— Os patriotas de S. Carlos? — disse ela por fim.

— Vencidos! — respondeu Bridget.

— E meu pai?

— Ferido...

— Mortalmente?

— Talvez!

Clary não pôde conter-se e Bridget teve de recebê-la nos braços.

— Coragem, Clary de Vaudreuil! — disse ela. — Seu pai deseja vê-la junto de si! É preciso que parta e que me siga sem perda de tempo!

— Onde está meu pai? — perguntou Clary, mal voltou a si da vertigem.

— Em minha casa... em S. Carlos!

— E quem é a senhora?

— Sou a mãe de João!

— A senhora! — exclamou Clary.

— Leia!

Clary tomou o bilhete que lhe apresentava Bridget. Era a letra de João-Sem-Nome, que ela conhecia perfeitamente.

«Confie em minha mãe...» — escrevera ele.

Mas como se achava o Sr. de Vaudreuil naquela casa?

Seria João que o tinha arrastado do campo de batalha de S. Carlos e levado para a Casa Fechada?

— Estou pronta, minha senhora! — afirmou Clary.

— Partamos!

E mais nada disseram uma à outra.

Os pormenores da derrota, Clary depois os saberia. Já sabia de mais, sabendo que seu pai estava esperando, que os patriotas tinham sido dispersos e que a vitória de S. Dinis fora anulada pela derrota de S. Carlos.

Clary tinha-se rapidamente embrulhado numa capa escura para acompanhar Bridget.

A porta do vestíbulo abriu-se e as duas saíram para a estrada.

As únicas palavras que Bridget pronunciou, estendendo a mão na direção de S. Carlos, foram:

— Temos seis milhas a andar. Para que ninguém saiba que foi para a Casa Fechada é preciso que ainda lá cheguemos com a noite.

Clary e Bridget subiram rapidamente a margem do rio, a fim de tomarem a estrada que vai diretamente para o norte, através do condado de S. Jacinto.

Clary desejava andar depressa, ansiosa como estava de se achar à cabeceira de seu pai. Mas teve de moderar o passo porque Bridget, ainda que mostrasse uma energia acima da sua idade, não podia acompanhá-la.

Além disso, havia demoras. Alguns bandos de fugitivos vinham em sentido oposto. Misturar-se com eles seria arriscarem-se a ser arrastadas até S. Dinis. Mais valia evitá-los. Bridget e Clary retiravam-se então para as sebes marginais. Não eram vistas, mas as duas viam e ouviam.

Aquela pobre gente caminhava miseravelmente. Alguns deixavam traços sangrentos pela terra. As mulheres levavam as crianças nos braços. Os mais válidos dos homens amparavam os velhos, que queriam deitar-se na estrada e pediam que os deixassem ali morrer. Depois, quando os gritos se ouviam ao longe, o bando desaparecia no meio da escuridão.

Dar-se-ia o caso de os soldados e os voluntários já virem em perseguição destes desgraçados que fugiam da sua vila em chamas, procurando nas granjas um abrigo que já não encontravam em S. Carlos? Ou estava já em marcha a coluna de Witherall para surpreender, ao romper do dia, os patriotas em fuga?

Não! Eram ainda outros fugitivos que erravam por meio do campo. Passaram centenas deles. E quantos não sucumbiriam durante essa horrível noite se algumas granjas não se tivessem aberto para os receber?

Clary, com o coração angustiado, assistia aos horrores desta debandada. E, contudo, ela não queria desesperar da causa da independência, pela qual seu pai acabava de cair mortalmente ferido.

Depois, assim que a estrada ficava livre, Clary e Bridget punham-se de novo a caminho. Durante hora e meia andaram nestas condições. À medida que se iam aproximando da povoação, as demoras eram menos frequentes, porque a estrada era menos percorrida. Todos quantos puderam fugir estavam já longe, do lado de S. Dinis, ou dispersos entre os condados de Verchères e de S. Jacinto.

O que havia a temer nas vizinhanças de S. Carlos era o encontro das patrulhas de voluntários, que era conveniente evitar.

Por tudo isto, às três horas da manhã, faltavam-lhes ainda duas milhas de caminho para chegarem à Casa Fechada.

Neste momento Bridget caiu extenuada.

Clary quis levantá-la.

— Deixe-me ajudá-la — disse ela. — Encoste-se a mim... Já não podemos estar longe...

— Falta-nos ainda uma hora de caminho — informou Bridget — e eu não posso mais...

— Descanse alguns minutos. Depois, tornaremos a pôr-nos a caminho! Tomará o meu braço! Não receie fatigar-me! Sou forte.

— Forte! Pobre criança... acabaria por cair também!

Bridget tinha-se posto de joelhos.

— Ouça-me — disse ela —, esforçar-me-ei por dar alguns passos, mas, se cair, deixe-me só...

— Deixá-la só? — exclamou Clary.

— É necessário que a senhora chegue ainda esta noite junto de seu pai... A estrada é direita... e a Casa Fechada é a primeira que se encontra à esquerda antes de se chegar à vila. Baterá à porta... Dirá quem é, e imediatamente João virá abrir.

— Não a abandonarei — repetiu Clary. — Não irei sem a senhora.

— Assim é preciso, Clary de Vaudreuil! — insistiu Bridget. — E então, assim que estiver em segurança, meu filho virá buscar-me... Levar-me-á, assim como levou o Sr. de Vaudreuil!

— Peço-lhe que veja se pode andar.

Bridget conseguiu pôr-se de pé. Mas apenas se arrastava. Ainda assim ambas andaram perto de uma milha.

Nesse momento, no horizonte, começou a despontar um clarão que se levantava de leste, do lado de S. Carlos.

Se fossem já os primeiros alvares da aurora, não seria possível chegar antes de dia à Casa Fechada.

— Parta! — insistiu Bridget. — Parta, menina Clary! Deixe-me!

— Não é o dia — respondeu Clary. — São apenas quatro horas da madrugada... Deve ser o reflexo de um incêndio...

Clary não acabou a frase. Tanto a ela como a Bridget lhes acudiu ao pensamento que a Casa Fechada podia estar a arder e que o asilo do Sr. de Vaudreuil tinha sido descoberto, que ele e João estavam prisioneiros dos soldados de Witherall, a menos que não tivessem encontrado a morte defendendo-se!

Este medo provocou em Bridget um supremo esforço de energia. Clary e ela, apressando o passo, conseguiram aproximar-se de S. Carlos.

A estrada fazia uma curva naquele sítio, e era para lá dessa curva que estava a Casa Fechada.

Clary e Bridget chegaram à volta da estrada.

Não era a Casa Fechada que estava a arder: era uma granja situada à direita da povoação e da qual o céu reverberava as chamas no horizonte.

— É ali! Ali! — exclamou. Bridget, indicando a sua casa com mão trémula.

Alguns minutos ainda e as duas mulheres teriam encontrado refúgio.

Nesse momento apareceu um grupo de três homens que desciam pela estrada — três voluntários cambaleando de bêbedos e manchados de sangue.

Clary e Bridget quiseram evitá-los, afastando-se para o lado. Era tarde.

Os voluntários tinham-nas visto. Precipitaram-se para elas. Destes miseráveis havia tudo a temer. Um deles tinha agarrado Clary e esforçava-se por arrastá-la, enquanto os outros dois seguravam Bridget.

Bridget e Clary gritaram por socorro. Mas quem poderia ouvir seus gritos senão outros soldados menos bêbedos do que aqueles, mas talvez mais para temer?

Repentinamente, um homem saltou para fora do valado à esquerda da estrada, e, com um soco vigoroso, estendeu por terra o miserável que arrastava Clary.

— Clary de Vaudreuil! — exclamou ele.

— Vicente Hodge!

E Clary agarrou-se ao braço de Hodge, que acabava de reconhecer ao clarão das chamas.

Quando o Sr. de Vaudreuil caiu no campo de batalha de S. Carlos, Hodge não pudera socorrê-lo; ignorando que, alguns momentos antes, João-Sem-Nome o tinha levado para fora da peleja, voltara depois dos últimos tiros e tinha-se conservado nas imediações da vila, arriscando-se a cair nas mãos dos reais. Depois, chegada a noite, procurara descobrir o Sr. de Vaudreuil entre os mortos e os feridos amontoados à beira do acampamento. Tendo-o em vão procurado até ao momento em que ia nascer a aurora, descia a estrada quando gritos o chamaram onde Clary se debatia para escapar a um perigo pior do que a morte.

Mas Vicente Hodge não teve tempo de saber que o Sr. de Vaudreuil tinha sido levado para aquela casa, a algumas centenas de passos. Teve de fazer face aos dois patifes que tinham largado Bridget para se atirarem a ele. Os seus gritos tinham sido ouvidos no cimo da estrada e cinco ou seis voluntários corriam para os socorrer. Era tempo de Clary e Bridget se refugiarem.

— Fujam! Fujam! — gritou Vicente Hodge. — Eu saberei escapar-me!

Bridget e Clary subiram rapidamente a estrada, enquanto Vicente

Hodge, tão ousado como vigoroso, derrubava os seus agressores, a quem a embriaguez tornara menos temíveis.

Depois, antes que os camaradas destes se aproximassem, saltou para o valado, sentindo zunir as balas de alguns tiros que lhe desfecharam sem resultado.

Instantes depois, Bridget batia à porta da Casa Fechada, que se abria imediatamente, fazia entrar Clary e caía nos braços de seu filho.

Capítulo 17 — Depois da Derrota

A Casa Fechada tinha aberto um abrigo — efêmero talvez — ao Sr. de Vaudreuil e a sua filha. Ambos se achavam agora sob o teto da «Família Sem Nome», junto da mãe e do filho do traidor. Se eles ignoravam ainda que laços ligavam a Simão Morgaz esta velha e aquele rapaz que arriscavam a sua vida dando-lhes asilo, por demais o sabiam Bridget e João! E o que eles principalmente receavam era que um acaso o fizesse saber aos seus hóspedes!

Na manhã deste dia — 26 de novembro — o Sr. de Vaudreuil deu algum acordo de si. A voz de sua filha tinha-o despertado do torpor. Abriu os olhos.

— Clary! — murmurou.

— Meu pai, sou eu! — respondeu Clary. — Estou aqui, junto de si! Não o abandonarei mais!

João conservava-se de pé junto do leito, na sombra, como se procurasse fazer com que não fosse visto.

A vista do ferido fitou-se nele e os seus lábios deixaram escapar estas palavras:

— João! Ah! Agora me lembro!

Depois, vendo Bridget que se inclinava para ele, pareceu perguntar quem era aquela mulher.

— É minha mãe — declarou João. — Está em casa de minha mãe, Sr. de Vaudreuil... E tanto os seus cuidados como os meus não lhe hão de faltar...

— Os seus cuidados! — repetiu o Sr. de Vaudreuil com voz sumida. — Sim... agora me lembro! Ferido... vencido!... Os meus companheiros em fuga... mortos talvez! Ah, minha pobre terra, minha pobre terra... mais do que nunca escravizada!

O Sr. de Vaudreuil deixou cair a cabeça e os seus olhos fecharam-se de novo.

— Meu pai! — exclamou Clary, caindo de joelhos.

Clary pegou-lhe na mão e sentiu que uma ligeira pressão correspondia à sua.

João disse então:

— É preciso mandar chamar um médico. Mas onde o vamos encontrar? A quem nos dirigirmos em toda a campina ocupada pelos reais? Talvez que indo a Montreal? Só ali seria possível encontrar algum! Indique-me um médico de confiança e eu irei a Montreal!

— A Montreal? — repetiu Bridget.

— Assim é preciso, minha mãe! A vida do Sr. de Vaudreuil vale bem a minha...

— Não é por ti que eu receio, João. Mas, indo a Montreal, podes ser espiado, e se alguém suspeita que o Sr. de Vaudreuil está aqui, fica irremediavelmente perdido!

— Perdido! — murmurou Clary.

— Igualmente o será se lhe faltarem os de socorros de que carece! — replicou João.

— Se a ferida é mortal, ninguém lha poderá curar — observou Bridget. — Se o não é, Deus há de permitir que sua filha e eu o salvemos. Esta ferida provém de uma espadeirada, que não fez senão retalhar as carnes. A fraqueza do Sr. de Vaudreuil quase que se deve atribuir à perda de sangue. Bastará, assim o espero, pensar a ferida e sustentar as compressas de água fria para provocar uma cicatrização que obteremos com o tempo. Acredita no que eu te digo, meu filho: o Sr. de Vaudreuil está relativamente em segurança aqui, e enquanto for possível convém evitar que se saiba o lugar do seu homizão!

Bridget falava com tal segurança que conseguiu, como primeiro efeito, dar esperanças a Clary. O que era absolutamente necessário é que pessoa alguma entrasse na Casa Fechada. A vida de João-Sem-Nome dependia disso; e mais ainda a do Sr. de Vaudreuil. Efetivamente, à mais pequena suspeita João poderia fugir, mas o Sr. de Vaudreuil é que não o podia fazer.

Desde o primeiro dia que o estado do ferido quis justificar a confiança que tinha inspirado a Bridget. Assim que a hemorragia foi estancada, o Sr. de Vaudreuil começou, se não menos fraco, a entrar em posse da sua razão. Do que ele principalmente necessitava era de calma moral, e essa tinha-a ele, visto que sua filha se achava junto de si, e de repouso, o

que lhe parecia assegurado na Casa Fechada.

Efetivamente, os soldados de Witherall deviam dentro em pouco sair de S. Carlos para irem percorrer o condado, e a vila ficaria livre deles.

Bridget tomou certas precauções a fim de instalar mais convenientemente os seus hóspedes na sua acanhada moradia. O Sr. de Vaudreuil ocupava o quarto destinado a qualquer de seus filhos quando vinham pernoitar a casa. O outro quarto, o de Bridget, foi dado a Clary. Ambas velariam alternadamente à cabeceira do doente.

Quanto a João, não havia motivo para inquietações — nem mesmo a respeito de Joann, caso se lembrasse de vir ver sua mãe. Em qualquer canto se acomodavam bem.

Além de que João não contava ficar muito tempo em S. Carlos. Assim que estivesse seguro a respeito do estado do Sr. de Vaudreuil, assim que pudesse conversar com ele, retomaria o seu papel. A derrota de S. Carlos não podia consumir definitivamente a ruína dos patriotas. João-Sem-Nome saberia arrastá-los à desforra.

O dia 26 passou-se pacificamente. Bridget pôde mesmo, sem despertar suspeitas, sair de casa, como tinha por costume, para ir comprar as provisões suplementares de que carecia, e também uma poção calmante. Assim que a vila foi evacuada, muitas casas logo se reabriram. Mas que desgraça, que ruínas, principalmente no bairro alto, incendiado e saqueado, do lado do campo, onde a defesa tinha chegado ao heroísmo! Uma centena de patriotas tinham derramado o seu sangue neste funesto combate, e a maior parte estavam mortos ou mortalmente feridos. Além disso, ainda uns quarenta tinham caído prisioneiros. O aspeto era lamentável em consequência dos excessos praticados pela soldadesca, que os chefes, em vão, procuraram deter.

Felizmente — e era a notícia que Bridget trouxe para casa — a coluna fazia os seus preparativos para se pôr em marcha.

Durante aquele dia, o Sr. de Vaudreuil, cujo estado não se agravou, pôde descansar algumas horas. O seu sono foi tranquilo. Acabando-se-lhe o delírio, não se lhe ouviram mais as palavras incoerentes com que chamava por sua filha. Tinha a consciência de que Clary estava junto de si e ao abrigo dos perigos a que estaria exposta quando os leais entrassem em S. Dinis.

Enquanto ele dormitava, João fez a Clary a narrativa dos acontecimentos da véspera. Ela ficou sabendo tudo quanto se tinha passado desde que seu pai a tinha deixado em casa do juiz Froment para ir ter com os seus companheiros a S. Carlos, como os patriotas foram derrotados, apesar de se terem batido como leões até ao último homem, e em que circunstâncias, enfim, o Sr. Vaudreuil tinha sido conduzido para a Casa Fechada.

Clary ouvia com o coração oprimido, olhos húmidos e procurando dominar o desespero.

A desgraça parecia querer ligá-los mais estreitamente a ela e a João. Ambos sentiam como se estavam unindo um ao outro.

Por muitas vezes João se levantou, profundamente perturbado, querendo fugir da intimidade que esta situação atual tornava cada vez mais perigosa. Depois dos dois dias passados em Montcalm em companhia de Clary, ele contara com os acontecimentos que se preparavam para se entregar a eles completamente. E eram esses mesmos acontecimentos que tinham trazido Clary a casa de sua mãe, obrigando-o a ficar junto dela!

Bridget reconheceu desde logo que sentimentos nutria seu filho. O terror que ela concebeu foi igual ao de João. Ele! O filho de Simão Morgaz! Mas a enérgica mulher nada deixou transparecer das suas angústias. E, contudo, que sofrimentos ela previa para o futuro!

No dia seguinte, o Sr. de Vaudreuil foi instruído da partida das tropas. Sentindo-se bastante forte, quis interrogar João a respeito das consequências da derrota de S. Carlos. O que tinha sido feito de seus companheiros, Vicente Hodge, Farran, Clerc, Sebastião Gramont, Harcher e seus cinco filhos, que com tanta valentia tinham combatido durante a jornada de 25?

Bridget, Clary e João vieram sentar-se junto do leito do Sr. de Vaudreuil.

À pergunta que ele fez, João rogou-lhe que se não fatigasse com reiteradas interrogações.

— Vou dizer-lhe o que sei dos seus amigos — disse-lhe ele. — Depois de terem lutado até à última extremidade foram obrigados a ceder ao número. Um dos meus valentes companheiros de Chipogan, o pobre Rémy, ficou morto logo no começo

da ação, sem que eu pudesse valer-lhe. Depois, Miguel e Jacques, feridos, tiveram de abandonar a peleja, levados por seu pai e seus irmãos. Para onde fugiram eles, desde que a resistência se tornou impossível? Ignoro-o, mas espero que tenham podido alcançar a fronteira americana. O deputado Gramont, feito prisioneiro, deve estar a esta hora na cadeia de Montreal, e já sabemos qual a sorte que lhe reservam os juizes de *lord* Gosford. Quanto a Farran e Clerc, julgo que se subtraíram às perseguições da cavalaria. Estarão sãos e salvos? Não me atreveria a afirmá-lo. Quanto a Vicente Hodge, é-me impossível dizer...

— Vicente Hodge pôde escapar à carnificina! — informou Clary. — A o cair da noite andou à sua procura, meu pai. A Sra. Bridget e eu encontrámo-lo na estrada, e graças a ele pudemos escapar às violências de uns soldados ébrios que nos insultavam, e assim pudemos chegar a casa. É de crer que esteja já em segurança em alguma povoação dos Estados Unidos.

— É um nobre coração e um valoroso patriota! — afirmou João. — O que ele fez por sua filha e minha mãe já o tinha feito por mim no maior calor da refrega! Salvou-me a vida, mas talvez tivesse feito melhor deixando-me morrer! Não teria sobrevivido à derrota dos *Filhos da Liberdade*.

— João — disse Clary —, então o que é isso? Começa a desesperar da nossa causa?

— Meu filho, desesperar! — respondeu Bridget. — É impossível.

— Diz bem, minha mãe! — exclamou João. — Depois da vitória de S. Dinis, a insurreição devia estender-se por todo o vale de S. Lourenço. Depois da derrota de S. Carlos temos de recomeçar tudo de novo, e recomeçarei. Os reformistas ainda não estão vencidos. É de crer até que já se tenham reorganizado para resistirem às colunas de *sir* John Colborne! Estou-me até demorando em ir ter com eles; por isso partirei esta noite.

— E aonde vai? — perguntou o Sr. de Vaudreuil.

— A S. Dinis, em primeiro lugar. Ali espero encontrar os principais chefes com quem com tanta felicidade repelimos os soldados de Gore...

— Parte quanto antes, João! — recomendou Bridget, lançando a seu filho um olhar penetrante. — Parte! O teu lugar não é aqui! É onde estiver o perigo e sempre na primeira fila...

— Deve partir, João! — ajuntou Clary. — É preciso ir ter com os seus companheiros e colocar-se à frente! Que os lealistas saibam que João-Sem-Nome não morreu.

Clary não pôde dizer mais.

O Sr. de Vaudreuil, meio levantado, tomou a mão de João e igualmente repetiu-lhe:

— Vá, João! Deixe-me entregue aos cuidados de sua mãe e de minha filha. Se encontrar os nossos amigos, diga-lhes que, assim que puder daqui sair, irei ter com eles! Mas — ajuntou ele com uma voz que indicava a sua extrema fraqueza —, se puder ter-nos ao corrente do que se prepara... se lhe for possível tornar à Casa Fechada... Ah! João! Tenho tanta necessidade de saber o que foi feito dos que me são caros e que talvez não tornarei a ver!

— há de sabê-lo, Sr. de Vaudreuil — prometeu João. — Agora sossegue! Esqueça-se... até ao momento em que for preciso combater!

Efetivamente, no estado em que se achava o ferido, convinha poupar-lhe qualquer emoção. Caiu numa modorra, que se prolongou pela noite fora. Ainda dormitava quando João, por volta das onze horas, saiu de casa, depois de ter dito adeus a Clary e de ter dado um beijo em sua mãe, cuja energia não se desmentiu até ao momento em que se separou de seu filho.

As circunstâncias, porém, já não eram as mesmas que dois dias antes, quando Bridget impediu João de ir a S. Dinis. Os perigos tinham diminuído com a retirada de Witherall. S. Dinis estava tão sossegada como S. Carlos. Tendo vencido os reformistas no combate de 25, o governo temporizava; causava até admiração não ter procurado completar a sua vitória lançando as tropas contra os vencedores de 23. *Sir* John Colborne, contudo, não era homem que recuasse em presença das represálias que provocaria uma manobra ofensiva, e o coronel Gore estava ansioso por vingar-se da derrota que sofrera.

Fosse como fosse, em S. Carlos, e por conseguinte na Casa Fechada, não se ouviu falar em coisa alguma. A confiança tinha vindo pouco e pouco aos habitantes da vila. Depois de se terem dispersado para bem longe, a maioria tinha voltado a

suas casas e tratava já de reparar os desastres causados pelo incêndio e pela ladroagem. Nas raras saídas que Bridget fazia, se não perguntava, ouvia, e depois ia contar tudo ao Sr. de Vaudreuil e sua filha. Não havia notícia grave, nem do lado de Montreal vinham novas ameaçadoras.

Durante os três dias seguintes, esta tranquilidade não foi perturbada, nem no condado de S. Jacinto, nem nos outros vizinhos. O governo consideraria a rebelião como definitivamente esmagada em S. Carlos? Podia ser. Pensaria ele apenas em perseguir os chefes da oposição que tinham dado o sinal da revolta? Era bastante provável. Mas o que ninguém poderia ter admitido era que os reformistas tivessem renunciado a continuar a luta, que se reconhecessem definitivamente vencidos e que só lhes restasse submeterem-se. Nunca! E na Casa Fechada, como em todo o Canadá, todos esperavam uma insurreição armada.

Entretanto, progrediam as melhoras do Sr. de Vaudreuil graças aos cuidados de Bridget e de Clary. Mas a sua fraqueza era ainda grande, a convalescença havia de ser prolongada e ainda vinha longe a ocasião em que o Sr. de Vaudreuil estivesse bastante forte para se levantar. No fim do terceiro dia pôde tomar algum alimento. A febre, que a princípio o devorava, quase que tinha completamente desaparecido. Nada de grave a temer, se não se manifestasse alguma complicação.

Nesses longos dias desocupados, Bridget e Clary, sentadas à cabeceira do Sr. de Vaudreuil, contavam-lhe tudo quanto se dizia por fora. O nome de João vinha constantemente à conversa. Teria ele conseguido unir-se aos seus companheiros em S. Dinis? Deixaria ele sem notícias os hóspedes da Casa Fechada?

E, enquanto Clary ficava calada, com os olhos no chão e o pensamento longe, o Sr. de Vaudreuil fazia sem reservas o elogio do patriota que simbolizava a causa nacional! Bridget devia sentir-se orgulhosa com um tal filho!

Bridget, curvando a cabeça, não respondia, ou, se o fazia, era para dizer que João nunca tinha feito mais do que cumprir o seu dever.

Não será para admirar saber-se que Clary sentisse uma viva amizade, quase amor filial por Bridget, e portanto que o seu coração estreitamente se uniu ao dela. Parecia-lhe natural chamar-lhe «minha mãe!» E, contudo, quando queria tomar-lhe as mãos, parecia-lhe que Bridget procurava retirá-las. Quando Clary a beijava, Bridget afastava bruscamente a cabeça. Clary não podia compreender tão singular retraimento. O que ela teria querido conhecer era o passado desta família, que nem sequer tinha nome. Mas Bridget ficava impenetrável a este respeito. A situação destas duas mulheres era a seguinte: de um lado a confiança e afeição quase filial; do outro, extrema reserva e por vezes um afastamento inexplicável da velha mãe para com a pobre Clary.

Na noite de 2 de dezembro receberam-se em S. Carlos notícias inquietantes — tão inquietantes que Bridget, que as tinha ouvido aqui e ali na povoação, não as quis contar ao Sr. de Vaudreuil. Clary aprovou esta cautela, porque era inútil perturbar o sossego de seu pai, que tanta precisão tinha dele.

Dizia-se que os reais acabavam de bater os patriotas.

Efetivamente, o governo não se tinha querido contentar com ter vencido a rebelião em S. Carlos. Queria também vingar o desastre sofrido pelo coronel Gore em S. Dinis. Se tal conseguisse, nada teria que recear dos reformistas perseguidos pelos beleguins de Gilberto Argall e reduzidos a dispersarem-se através das paróquias do distrito.

Bastava depois, para terminar, ferir os chefes do partido presos nas prisões de Quebeque e Montreal com as mais terríveis penas.

Duas peças de artilharia, cinco companhias de infantaria, um esquadrão de cavalaria, tinham sido postos às ordens do coronel Gore, que partira com estas forças, muito superiores em número às dos patriotas, e tinha chegado a S. Dinis no 1.º de dezembro.

A notícia desta expedição, a princípio vagamente espalhada, tinha chegado naquela mesma noite a S. Carlos. Alguns habitantes, que voltaram do campo, não tardaram em vir confirmá-la. Foi nestas condições que Bridget a soube, e, embora a ocultasse ao Sr. de Vaudreuil, não tinha hesitado em contá-la a Clary.

Imagina-se facilmente quais deviam ter sido a inquietação e as angústias daquelas duas mulheres.

Fora a S. Dinis que João tinha ido para se juntar aos seus companheiros, com o fim de reorganizar a insurreição. Seriam eles suficientemente numerosos e bastante armados para resistirem aos reais? Não era provável. E então os reais, uma vez entrados no caminho das represálias, não iriam até ao fim? Não iriam eles fazer devassas e buscas nas vilas e aldeias do condado que mais particularmente se tivessem comprometido na última insurreição? S. Carlos, especialmente, não seria submetido a rigores policiais, cujas consequências tão graves podiam ser? O mistério da Casa Fechada seria finalmente desvendado? O que seria do Sr. de Vaudreuil, pregado no seu leito, impossível de transportar para além das fronteiras?

Em que transe Bridget e Clary passaram aquela noite! Começavam a chegar notícias de S. Dinis e eram desesperadoras.

O coronel Gore tinha encontrado a povoação abandonada e sem defensores. Na contingência de uma luta tão desigual, estes tinham determinado bater em retirada.

Quanto aos moradores, tinham deixado suas casas, fugindo para os bosques, atravessando o Richelieu e procurando abrigo nas freguesias vizinhas. E, então, o que se tinha passado, assim que S. Dinis ficou entregue aos excessos da soldadesca, se os fugitivos o não sabiam, não era porém muito difícil imaginá-lo.

Caíra a noite. Bridget e Clary vieram sentar-se à cabeceira do Sr. de Vaudreuil. Por várias vezes foi preciso explicarlhe por que motivo nas ruas de S. Carlos, até então tão tranquilas, se ouviam tão amiudados ruídos e clamores. Clary cansava-se a imaginar explicações que não assustassem seu pai. Depois o seu pensamento, indo mais além, perguntava se a causa da independência não tinha recebido o derradeiro golpe, que seria de morte, se João e os seus companheiros não tivessem sido obrigados a recuar até à fronteira, se alguns de entre eles não teriam caído no poder das tropas... e se ele, João, poderia ter fugido? Ou se não procuraria voltar à Casa Fechada?

Clary tinha esse pressentimento, e então seria impossível esconder de seu pai a derrota dos patriotas.

Quem sabe se Bridget também o não temia? E ambas, absorvidas no mesmo pensamento e compreendendo-se sem trocarem uma palavra, ficavam silenciosas.

Seriam onze e meia quando se ouviram três pancadas na porta da Casa Fechada.

— É ele! — exclamou Clary.

Bridget tinha reconhecido o sinal. Era por força um dos seus filhos que batia.

Lembrou-se então que poderia ser Joann, que ela não tornara a ver havia mais de dois meses. Mas Clary não se tinha enganado e repetiu:

— É ele! Ele! João!

Assim que a porta se abriu, João apareceu e entrou rapidamente.

Capítulo 18 — Pesquisas

Mal a porta se fechou, João pregou o ouvido contra ela para ouvir o que se passava fora.

Com a mão fazia sinal a sua mãe e a Clary para que não dissessem uma única palavra nem fizessem um movimento.

E Bridget, que ia exclamar: «Porque voltaste, João?», calou-se.

Na rua ouviam-se passos indo e vindo. Ouviam-se as vozes de meia dúzia de homens que, parando em frente da casa, diziam:

— Mas por onde se safou ele?

— Aqui não passou!

— Foi-se esconder nalguma casa do bairro alto!

— O certo é que o perdemos de vista!

— E, contudo, pouco mais nos teria que cem passos de dianteira.

— Escapar-nos João-Sem-Nome!

— E mais as seis mil piastras que lhe vale a cabeça.

Ouvindo a voz daquele homem que acabava de pronunciar as últimas palavras, Bridget teve um estremecimento involuntário. Parecia-lhe que conhecia aquela voz, sem poder recordar-se de quem fosse.

Mas João tinha reconhecido nela a do homem encarniçado em persegui-o! Era Rip! E, se o não quis dizer a sua mãe, foi para lhe poupar as tristes recordações que tal nome podia despertar.

Contudo, restabeleceu-se o silêncio. Os agentes subiram a estrada sem terem suspeitado que João estivesse na Casa Fechada.

Então, João voltou-se para sua mãe e Clary, imóveis na sombra do corredor. Nesse momento, e ainda antes que Bridget tivesse interrogado seu filho, ouviu-se a voz do Sr. de Vaudreuil. Tinha percebido a chegada de João e dizia:

— É você, João?

João, Clary e Bridget tiveram de entrar imediatamente no quarto do doente e, profundamente perturbados, foram sentar-se junto da cama.

Tenho a coragem necessária para saber tudo, e quero saber tudo!

— Tudo saberá — respondeu João

E fez-lhe a narração seguinte, que Clary e Bridget ouviram sem o interromper:

— Na noite passada, duas horas depois de ter saído daqui, cheguei a S. Dinis. Ali encontrei alguns dos patriotas que tinham sobrevivido ao desastre e mais Marchessault, Nelson, Cartier, Vicente Hodge, Farran e Clerc, que tinham ido ter com eles. Tratavam de organizar a defesa, e a população estava decidida a ajudá-los. Mas ontem soubemos que Colborne tinha mandado partir do Sorel uma coluna de tropas regulares e voluntários para saquearem e incendiarem a povoação. Esta coluna chegou à noite. Em vão quisemos opor-lhe alguma resistência... Era inútil! Entrou em S. Dinis, de onde os habitantes fugiram em debandada. Mais de cinquenta casas foram destruídas pelas chamas. Então os meus companheiros tiveram de fugir para não serem trucidados por aqueles carrascos, e dirigiram-se para a fronteira, onde Papineau e outros os esperavam em Plattsbourg, Rouse's Point e Swanton. E agora os soldados de Witherall vão invadir os condados do sul do S. Lourenço, queimando e devastando, reduzindo mulheres e crianças à mendicidade, não lhes poupando nem as afrontas nem os maus tratos, podendo seguir-se o seu itinerário pelo clarão dos incêndios! Eis o que se passou, Sr. de Vaudreuil, e, contudo, eu ainda não desespero, nem quero desesperar da nossa causa!

Um doloroso silêncio seguiu-se à narrativa de João. O Sr. de Vaudreuil tinha-se deixado descair sobre o travesseiro.

Bridget tomou a palavra e, dirigindo-se a seu filho, a quem encarou de frente:

— Porque estás tu aqui? — disse ela. — Porque não estás onde estão os teus companheiros?

— Porque temi que os soldados voltassem a S. Carlos, que se dessem buscas, que o incêndio acabasse de destruir o que resta de...

— E podes tu impedir qualquer dessas coisas? Nesse caso, repito: para que vieste aqui?

— Porque quis ver se seria possível fazer com que o Sr. de Vaudreuil saísse desta casa, que não será mais poupada que as outras...

— Isso não é possível — respondeu Bridget.

— Não importa, ficarei, e far-me-ei matar defendendo-as.

— É pela pátria que deve morrer e não por nós — disse o Sr. de Vaudreuil. — O seu lugar é onde estiverem os chefes dos patriotas...

— Lá onde é também o seu, Sr. de Vaudreuil. Ouça-me. O senhor não pode continuar nesta casa, onde bem depressa virão descobri-lo. Esta noite, uma meia milha antes de chegar a S. Carlos, fui perseguido por uma escolta de agentes policiais. Esses homens não tenho dúvida alguma de que me reconheceram, pois que lhes ouvi pronunciar o meu nome. Vão com certeza esquadrihar toda a povoação, e, ainda que eu aqui não esteja, por certo não será poupada esta casa. E será o senhor a quem os beaguins encontrarão, a quem arrancarão daqui, e bem sabe que não tem de esperar deles nem dó nem compaixão!

— Que importa isso, João, se o senhor puder fugir, se puder ir ter com os nossos amigos à fronteira!

— Ouça ainda! — replicou João. — Tudo quanto for possível fazer pela nossa causa, fique certo que hei de fazê-lo. Agora, porém, trata-se do senhor. Talvez lhe não seja impossível passar para os Estados Unidos. Uma vez fora do condado de S. Jacinto, pode julgar-se livre de perigo; poucas milhas o separarão do território americano. Bem sei que não tem forças para essa viagem, mas aqui estou eu para o ajudar. Estendido num carro, deitado num colchão de palha, como se estivesse na cama, não terá o senhor a coragem precisa para suportar a viagem? Pois bem, minha mãe encarrega-se de procurar esse carro, sob qualquer pretexto — o de fugir como tantas outras, o de abandonar S. Carlos — ou, pelo menos, que ela veja se isso é possível. E, na próxima noite, sua filha e o senhor, minha mãe e eu deixaremos esta casa, e colocar-nos-emos fora de alcance antes que os assassinos de Gore venham fazer de S. Carlos um acervo de ruínas como fizeram de S. Dinis!

O projeto de João merecia ser tomado em consideração. A algumas milhas do sul do condado, o Sr. de Vaudreuil encontraria a segurança que não lhe podia prometer a Casa Fechada se os reais invadissem a povoação e fossem fazer buscas às casas.

O certo e mais que certo é que João-Sem-Nome tinha sido assinalado aos homens de Rip. Se lhes tinha escapado, eles tinham a certeza de que se refugiara nalguma casa da vila. E, então, empregariam todos os esforços para o descobrirem. A situação era ameaçadora. A todo o custo era preciso que não só João, mas também o Sr. de Vaudreuil e sua filha saíssem de S. Carlos.

A fuga não parecia impraticável, caso Bridget encontrasse um carro e o Sr. de Vaudreuil estivesse em estado de suportar o transporte durante algumas horas. Admitindo mesmo que ele se achasse muito fraco para ir até à fronteira, podia encontrar-se-lhe asilo em qualquer granja do condado de S. Jacinto.

Em resumo: havia necessidade de abandonar S. Carlos, porque a polícia ia começar as pesquisas. João facilmente convenceu o Sr. de Vaudreuil e sua filha, e Bridget aprovou o plano de seu filho.

Infelizmente, não se podia partir naquela mesma noite. Mal amanhecesse, Bridget procuraria um veículo qualquer. Portanto, o projeto ficou adiado para a noite seguinte.

Chegou o dia. Bridget pensou que mais valia tratar das coisas abertamente. Ninguém acharia extraordinário que ela quisesse fugir do teatro da insurreição. Muitos outros habitantes já tinham fugido também, e esta resolução de Bridget não surpreendeu pessoa alguma.

A sua primeira intenção foi de não acompanhar o Sr. de Vaudreuil, Clary e João. Mas seu filho facilmente lhe fez compreender que, uma vez anunciada a partida, se os vizinhos a tornassem a ver em S. Carlos, suporiam que o carro tinha sido alugado para algum patriota que estivesse escondido em sua casa, que os beaguins acabariam por sabê-lo, que iriam ter com

ela, e que, tanto pelo seu interesse como pelo do Sr. de Vaudreuil e de sua filha, não se devia dar motivo a que se procedesse a uma devassa.

Bridget teve de ceder em presença destas objeções por demais sérias. Quando o período turbulento tivesse finalizado, voltaria a S. Carlos e acabaria a sua miserável vida num canto daquela casa, de onde nunca mais esperara sair.

Definitivamente assente a fuga, Bridget tratou de arranjar o meio de transporte. Uma simples carroça era suficiente para chegar ao condado de Laprairie, que as colunas reais ainda não ameaçavam. Bridget saiu de casa logo pela manhã.

La munida de dinheiro preciso para o aluguer, ou, antes, para a aquisição do veículo — dinheiro que lhe fora dado pelo Sr. de Vaudreuil.

Na sua ausência João e Clary não se afastaram do quarto do doente. Este tinha readquirido toda a sua energia. Em presença do esforço que devia fazer para suportar a viagem, sentiu que não lhe faltaria a força física. Até mesmo uma espécie de reação começava a manifestar-se no seu estado.

Apesar da sua fraqueza, grande ainda, estava pronto a levantar-se, ir da cama para a rua assim que fosse preciso deixar a Casa Fechada. Respondia por si — pelo menos durante algumas horas. Depois tudo sofreria, contanto que tornasse a ver os seus companheiros, que tivesse garantido a segurança de sua filha e que João-Sem-Nome conseguisse decidir os patriotas a uma luta suprema.

Aquela partida era inevitável. Porque se o Sr. de Vaudreuil não sobrevivesse às suas feridas, que seria de sua filha, só no mundo, tendo apenas como auxílio aquela pobre velha? Na fronteira, em Swanton ou Plattsbourg, ele encontraria os seus irmãos de armas e os seus mais dedicados amigos.

E, entre eles, um cujos sentimentos para com Clary eram do agrado do Sr. de Vaudreuil.

Ele sabia que Hodge amava Clary, e esta não recusaria aceitar por esposo aquele que arriscara a sua vida para salvá-la.

A que outro mais generoso, a que mais ardente patriota podia ela confiar o seu futuro? Hodge era digno dela, e ela digna dele.

Com a ajuda de Deus, o Sr. de Vaudreuil teria forças para chegar ao fim da viagem. Não sucumbiria antes de ter posto pé no território americano, onde os sobreviventes do partido reformista esperavam o momento de novamente pegarem em armas.

Tais eram os pensamentos que sobre-excitavam o Sr. de Vaudreuil enquanto João e Clary, sentados junto do seu leito, poucas palavras trocavam um com outro.

De vez em quando João levantava-se e aproximava-se da janela que deitava para a rua, e cujas vidraças estavam fechadas.

Depois, escutava se se ouvia algum ruído estranho na estrada, nas imediações da vila.

Bridget voltou a casa depois de uma ausência de duas horas.

Tivera de dirigir-se a várias pessoas para arranjar um carro e um cavalo.

Como se tinha combinado não dissimular a sua intenção de sair de S. Carlos — o que não admirou pessoa alguma —, o proprietário de uma granja próxima, Lucas Archambaut, consentira em ceder por bom preço uma carroça que devia ser levada, atrelada e pronta, às nove horas da noite à porta da Casa Fechada.

O Sr. de Vaudreuil sentiu verdadeiro alívio quando soube que Bridget tinha arranjado transporte.

— Às nove horas partiremos — disse ele. — Então levantar-me-ei para ir tomar o meu lugar...

— Escusará de se fatigar inutilmente, Sr. de Vaudreuil — atalhou João. — Eu o levarei até à carroça e ali o deitarei em cima de uma enxerga de palha com o seu cobertor. Depois iremos devagar, a fim de evitar os solavancos, e assim espero que há de poder suportar a viagem. Mas, como a temperatura está muito baixa, há de ter o cuidado de se abafar. Quanto a temer algum mau encontro na estrada... Soube alguma coisa de novo, minha mãe?

— Nada — respondeu Bridget. — Contudo, espera-se uma nova entrada de tropas.

— E essa gente da polícia que me perseguiu até S. Carlos?

— Não vi nenhum, e é provável que seguissem o rasto de uma falsa pista.

— Mas podem voltar — lembrou Clary.

— Por isso partiremos assim que chegar a carroça — afirmou o Sr. de Vaudreuil.

— Às nove horas — concluiu Bridget.

— Tem confiança no homem com quem fez o negócio, minha mãe?

— Toda. É um honrado fazendeiro, e o que prometeu cumprirá!

Enquanto esperavam, o Sr. de Vaudreuil quis reconfortar-se. Bridget, ajudada por Clary, bem depressa arranhou um frugal almoço que todos partilharam em comum.

As horas foram-se passando sem incidentes. Nenhuma perturbação fora. De tempos a tempos, Bridget entreabria a porta e lançava uma vista de olhos rápida à direita e à esquerda.

Fazia um frio cortante. O céu cor de cinza indicava a calma absoluta da atmosfera. Verdade é que se o vento começasse a soprar de sudoeste, se as nuvens se condensassem em neve, isso tornaria penoso o transporte do Sr. de Vaudreuil — pelo menos até aos limites do condado.

Contudo, todas as probabilidades eram para que a viagem se fizesse em condições suportáveis quando, por volta das três horas da tarde, se ouviram sons estranhos em S. Carlos.

Um ruído afastado vinha lá do bairro alto da vila. João abriu a porta e escutou... Não pôde reprimir um gesto de cólera.

— Trombetas! — exclamou ele. — É algum regimento que se dirige para aqui, sem dúvida.

— Que havemos de fazer? — perguntou Clary.

— Esperar — respondeu Bridget. — É possível que os soldados apenas passem para S. Carlos.

João abanou a cabeça.

E, contudo, visto que o Sr. de Vaudreuil estava impossibilitado de partir durante o dia, forçoso era esperar, conforme Bridget dissera, a não ser que João se decidisse a fugir.

Efetivamente, se ele deixasse a Casa Fechada, talvez tivesse tempo, embrenhando-se nas matas que marginavam a estrada, de fugir aos reais.

Mas isso era abandonar o Sr. de Vaudreuil e sua filha, justamente quando estavam expostos aos mais graves perigos.

João nem sequer pensou em tal. Mas como poderia ele defendê-los se o lugar do homizio fosse descoberto?

A ocupação ia ser rapidamente feita. Era, de facto, uma parte das tropas de Witherall que, enviadas em perseguição dos patriotas, depois de terem caminhado ao longo do Richelieu, voltavam a S. Carlos.

Da Casa Fechada ouviam-se os sons das trombetas que se aproximavam.

As trombetas calaram-se. As tropas tinham chegado à extremidade da povoação.

Bridget disse então:

— Ainda não devemos desesperar. A estrada está livre do lado de Laprairie. Quando cair a noite, pode ser que ainda o esteja. Nada devemos alterar dos nossos projetos. A minha casa não é das que atraem os saqueadores. Está isolada e é possível que escape de ser revistada!

Era possível.

Não faltavam outras, onde os excessos dos soldados de *sir* John Colborne achariam em que empregar-se com mais proveito.

E, depois, nos primeiros dias de dezembro a noite vem cedo e não seria talvez impossível sair dali sem despertar suspeitas.

Os preparativos, pois, da viagem continuariam. Tratava-se de ter tudo pronto para assim que a carroça chegasse.

Que a estrada estivesse livre durante uma hora, e, a três milhas dali, se o estado do doente o exigisse, os fugitivos iriam pedir asilo a uma das granjas do condado.

A noite chegou sem novos alertas. Algumas patrulhas de voluntários que tinham descido até à estrada haviam voltado

para o bairro alto. A Casa Fechada parecia que não lhes tinha atraído as vistas.

Quanto ao grosso da coluna, estava acantonado nos arredores do campo de S. Carlos. A algazarra ali era de ensurdecer: um mau presságio para a segurança dos habitantes.

Pelas seis horas Bridget quis que João e Clary partilhassem do jantar que ela acabava de fazer. O Sr. de Vaudreuil comeu pouco.

Sobre-excitado pelos perigos da situação, pela necessidade de lhes fazer face, esperava com impaciência o momento de se porem a caminho.

Um pouco antes das sete horas bateram mansamente à porta. Era o fazendeiro que, adiantando-se à hora convencionada, trazia a carroça? Em todo o caso, não podia ser mão inimiga que batia com tal reserva.

João e Clary retiraram-se para o quarto do Sr. de Vaudreuil, cuja porta deixaram entreaberta.

Bridget atravessou o corredor e abriu a porta, depois de ter reconhecido a voz de Lucas Archambaut.

O honrado homem vinha prevenir a Sra. Bridget de que lhe era impossível cumprir o seu contrato, e trazia o dinheiro, visto que não podia trazer-lhe a carroça.

Os soldados ocupavam a sua granja e outras vizinhas.

Quanto à povoação, estava cercada, e, ainda mesmo que a carroça estivesse à sua disposição, a Sra. Bridget não poderia usar-se dela.

Era preciso esperar, por vontade ou sem ela, que S. Carlos fosse definitivamente evacuada.

João e Clary, do quarto onde se conservavam imóveis, ouviam o que dizia Lucas Archambaut. O Sr. de Vaudreuil igualmente ouviu.

Lucas acrescentou que a Sra. Bridget nada tinha que temer por sua causa, porque, se os fardas-encarnadas tinham voltado a S. Carlos, era unicamente para auxiliarem as pesquisas que a polícia ia fazer. E porquê? Porque, segundo os boatos que corriam, João-Sem-Nome estava refugiado na vila, onde iam ser empregados todos os meios para o descobrir.

Ouvindo pronunciar o nome de seu filho, Bridget não fez um único movimento que pudesse traí-la.

Lucas retirou-se, e Bridget, voltando-se para dentro, disse:

— João, foge quanto antes.

— Assim é preciso — apoiou o Sr. de Vaudreuil.

— Fugir, deixando-os aqui? — respondeu João.

— O senhor não tem o direito de nos sacrificar a sua existência! — acentuou Clary. — Antes de nós está o país... a que pertence.

— Não partirei! — repetiu João. — Não os deixarei expostos às brutalidades desses miseráveis!

— E que pode o senhor fazer?

— Não sei, mas não sairei daqui!

A resolução de João era tão formal que o Sr. de Vaudreuil não insistiu.

Além de que, era bem evidente, uma fuga tentada em tais circunstâncias oferecia poucas probabilidades de êxito.

A povoação estava cercada, segundo dissera Lucas Archambaut, a estrada vigiada pelos soldados, a campina batida por patrulhas de cavalaria. João, já assinalado, não conseguiria escapar. Quem sabe se não valia mais ficar na Casa Fechada?

Mas, no fundo, não era a essas considerações que ele obedecia. Ter-lhe-ia sido impossível abandonar sua mãe, o Sr. de Vaudreuil e sua filha.

Sendo definitiva uma tal resolução, os três quartos da Casa Fechada e o sótão ofereciam por acaso algum esconderijo onde os três hóspedes se pudessem esconder?

João não teve tempo de verificar.

Quase logo, violentas pancadas fizeram estremecer a porta da rua.

O pequeno pátio estava ocupado por meia dúzia de agentes policiais.

— Abram! — gritaram de fora, enquanto as pancadas redobravam. — Abram ou metemos a porta dentro!

A porta do quarto do Sr. de Vaudreuil foi imediatamente fechada por João e Clary, que entraram para o quarto de Bridget, de onde melhor podiam ouvir o que se passava.

No momento em que Bridget se dirigia para o corredor a porta voou em estilhaços.

O corredor ficou iluminado pela luz vermelha dos archotes que traziam os agentes.

— Que querem? — perguntou Bridget a um deles.

— Revistar a casa! — declarou esse homem. — Se João-Sem-Nome está aqui, depois de o agarrarmos lançaremos fogo à barraca.

— João-Sem-Nome não está aqui — respondeu Bridget em tom calmo —, nem sei...

Repentinamente o chefe daquela gente avançou para a velha.

Era Rip — Rip, cuja voz a tinha feito estremecer no momento em que João se tinha refugiado na Casa Fechada; Rip que, pelas suas provocações, tinha arrastado Simão Morgaz ao mais abominável dos crimes.

Bridget, aterrada, reconheceu-o.

— Por aqui! — disse ele, surpreendido. — Por aqui, Sra. Bridget! É a mulher daquele honrado Simão Morgaz!

Ouvindo o nome de seu pai, João recuou até ao fundo do quarto.

Bridget, fulminada por esta terrível revelação, nem sequer teve força para responder.

— Pois sabe que mais, Sra. Morgaz, já a julgava com os anjinhos. Quem me havia de dizer que, no fim de doze anos, havia de encontrá-la em S. Carlos!

Bridget continuava calada.

— Vamos, meus amigos — ajuntou Rip, voltando-se para os seus homens —, nada temos que fazer aqui! Uma boa mulher, a Sra. Bridget Morgaz. E não seria ela que desse coito a um rebelde! Vamos continuar as nossas pesquisas! Visto que João-Sem-Nome está em S. Carlos, nem Deus nem o diabo me impedirão que o agarre!

E Rip, seguido dos seus homens, bem depressa desapareceu no cimo da estrada.

Mas o segredo de Bridget e de seu filho estava descoberto.

Se o Sr. de Vaudreuil nada tinha ouvido, Clary não perdera uma única palavra de Rip.

João-Sem-Nome era filho de Simão Morgaz!

E, num primeiro movimento de horror, Clary, fugindo como louca do quarto de Bridget, foi refugiar-se no de seu pai.

João e Bridget ficaram sós.

Agora Clary sabia tudo.

Só lembrar-se de que teria de se achar na presença dela e do Sr. de Vaudreuil fazia com que João ficasse como louco.

— Minha mãe — exclamou ele —, não posso ficar aqui mais um instante! O Sr. de Vaudreuil e sua filha já não precisam de mim para os defender! Estarão em absoluta segurança em casa de um Morgaz! Adeus... Adeus...

— Meu filho! Meu filho! — murmurou Bridget. — Ah, desgraçado! Julgas que já não adivinhei tudo! Tu... o filho de..., amas Clary de Vaudreuil!

— É verdade, mas hei de morrer sem que jamais lho diga!

E precipitou-se como um louco pela porta da Casa Fechada.

Capítulo 19 — Nick em Walhatta

Depois da sarrafusca de Chipogan, depois do desastre dos agentes e dos voluntários, Tomás Harcher e seus filhos mais velhos, que tinham sido obrigados a refugiar-se fora do território canadense, voltaram ali para tomarem parte na batalha de S. Carlos. Depois, em seguida à funesta derrota que custara a vida a Rémy, Tomás, Pedro, Miguel, Tony e Jacques foram de novo ter com os reformistas a Santo Albans, na fronteira americana.

No que diz respeito a Nick, já se sabe que ele teve o cuidado de não tornar a aparecer em Montreal. Como teria ele explicado a sua atitude em Chipogan? Qualquer que fosse a consideração que gozava, Gilberto Argall não teria hesitado em persegui-lo por crime de rebelião contra os representantes da autoridade. As portas da prisão de Montreal não teriam decerto deixado de se fechar sobre ele, e, em sua companhia, Leonel teria tido toda a ocasião de se entregar às suas inspirações poéticas intramuros.

Nick tomara, pois, o único partido que lhe aconselhavam as circunstâncias: seguir os Mahogannis a Walhatta e esperar sob o teto de seus avós que o apaziguamento dos espíritos lhe permitisse acabar com o papel de chefe de tribo para voltar sossegadamente ao seu escritório.

Leonel, porém, não era dessa opinião. O poeta esperava que o notário quebraria definitivamente os escudetes da sua porta do Largo do Mercado do Bom Socorro e perpetuaria entre os Hurões o ilustre nome dos Sagamoro.

Era a duas léguas da granja de Chipogan, na aldeia de Walhatta, que Nick estava instalado havia algumas de semanas. Ali tinha começado uma nova vida para o pacífico tabelião. Leonel entusiasmou-se com a recepção que aquela gente, velhos, mulheres e crianças, fizeram a seu patrão. Contado ninguém o acredita, era preciso vê-lo. As descargas que o acolheram, as homenagens que lhe foram tributadas, as festas que se fizeram em sua honra, os discursos enfáticos que lhe foram dirigidos, as respostas que teve de dar na linguagem imaginosa da fraseologia do Far West, era tudo de molde para lisonjear a vaidade humana. Contudo, o excelente homem lastimava amargamente o desastrado facto em que involuntariamente se tinha envolvido. E se Leonel preferia ao cheiro do escritório e dos pergaminhos o ar livre dos Prados, se a eloquência dos guerreiros mahogannis lhe parecia superior ao calão tabelionático, Nick é que não estava pelos autos.

Daí resultou estarem constantemente em discussões que acabavam por ficarem mal um com o outro.

E, ainda por cima, Nick temia que aquela situação não tivesse fim. Ele já tinha visto muitas vezes os Hurões arrastados a tomar partido pelos patriotas. E poder-lhes-ia resistir se eles quisessem acudir ao chamamento de João-Sem-Nome, ou se Tomás Harcher viesse reclamar o seu auxílio? Já deveras comprometido, o que seria quando tivesse de comandar uma horda de selvagens contra as autoridades anglo-canadenses? Sendo assim, como podia esperar tornar a exercer as suas funções de notário?

Apesar disso, dizia que o tempo era o grande arranizador das coisas. Algumas semanas se tinham passado depois da refrega de Chipogan, e, como ela se tinha reduzido a um simples caso de resistência à polícia, deixá-la-iam provavelmente no esquecimento. Tanto mais que o movimento insurrecional não tinha rebentado desde logo. Nada indicava que ele fosse iminente. Portanto, se a tranquilidade continuasse a reinar no Canadá, as autoridades mostrar-se-iam tolerantes e Nick podia arriscar-se a ir até Montreal.

Mas Leonel contava que tal esperança não se realizaria. Retomar o seu emprego no escritório, escrever à rasa seis horas... quem diz? Está-se nas tintas! Antes ser caçador de abelhas e vaguar pelo mato. Consentir que seu patrão abandonasse a alta situação que ocupava entre os Mahogannis? Nunca! Nick acabou-se. O que existia era o descendente legítimo da antiga raça dos Sagamoro! Os Hurões não consentiriam que ele trocasse o machado guerreiro pela pena de tabelião!

Desde a sua chegada a Walhatta que Nick tivera de ir residir no *wigwam*, de onde o seu predecessor tinha partido para ir ter com seus avós no meio dos prados bem-aventurados. Leonel teria dado todos os edificios de Montreal, casas e palácios, por aquela desagradável cabana, onde, verdade é que se diga, todos andavam à porfia em servir seu amo. Ele também

partilhava de uma boa parte da dedicação dos Mahogannis. Estes consideravam-no como o braço direito do grande chefe. E, efetivamente, quando Nick era obrigado a tomar a palavra diante da fogueira do conselho, Leonel não podia conter-se que não acompanhasse com gestos apaixonados os discursos do orador.

Seguia-se daqui que o escrevente teria sido o mais feliz dos mortais se seu amo não se tivesse obstinadamente recusado até ali em realizar o mais caro dos seus votos. Efetivamente, Nick ainda não tinha vestido o traje dos Mahogannis. Ora, Leonel nada desejava mais do que vê-lo vestido à hurona, de borzeguins nos pés, plumas no alto da cabeça e manto de listas aos ombros. Muitas vezes tinha tocado no assunto, mas sem êxito. Contudo, o mau acolhimento da proposta não o desanimava.

— há de convencer-se! — dizia ele de si para si. — Não o deixarei reinar vestido de tabelião. E com que se parece ele com aquele colete de veludo e aquela gravata branca? Sim, não me dirão com que se parece? Ainda não despiu o velho homem, mas há de despi-lo! Quando abre a boca diante da assembleia dos notáveis da tribo, julgo sempre que vai dizer: «No ano do nascimento!» Isto não pode continuar assim! Quero que use o vestuário dos guerreiros indígenas, e, se for indispensável uma ocasião para o decidir a isso, eu saberei encontrar essa ocasião!

E foi então que acudiu ao espírito de Leonel uma ideia aliás muito simples.

Nas conversações que teve com os principais de Walhatta, pôde verificar que era com íntimo pesar que eles viam um descendente dos Sagamoro vestido à maneira da Europa. Sob a inspiração do escrevente, os Mahogannis decidiram-se a proceder solenemente à coroação do seu novo chefe, e organizaram o programa de uma cerimónia para a qual seriam convidados os aldeamentos vizinhos. Haveria tiroteios, danças, banquetes, e Nick não poderia presidir sem ter vestido o traje nacional.

Estava-se na última quinzena de novembro quando esta resolução foi tomada. O festival ficou fixado para 23 do mesmo mês. Os preparativos deviam começar sem demora, a fim de lhe dar um brilho extraordinário.

Ora se o papel de Nick se limitasse a receber, no dia indicado, as homenagens do seu povo, poder-se-ia guardar segredo sobre a cerimónia e fazer-lhe surpresa. Mas como ele devia figurar como um verdadeiro chefe hurão, Leonel foi obrigado a preveni-lo.

E foi a esse respeito que, em 22 de novembro, Leonel teve com ele uma grande conferência, na qual se tratou a fundo da questão que tanto desagradava a Nicolau Sagamoro.

Assim que soube que a tribo preparava uma festa em sua honra, começou por mandá-la para o diabo em companhia do seu escrevente.

— Que Nicolau Sagamoro se digne confiar nos conselhos de um cara-pálida — disse-lhe Leonel.

— De que cara pálida me falas tu? — perguntou Nick, que não compreendia o que o outro lhe queria dizer.

— Do vosso servo, grande chefe.

— Pois toma conta que a tua *cara pálida* não fique uma *cara vermelha* com dois biscoitos que te possa dar!

Leonel nem sequer se dignou prestar atenção à ameaça e continuou como se tal coisa não fosse:

— Que Nicolau Sagamoro não se esqueça de que eu lhe sou profundamente agradecido. Se algum dia cair prisioneiro dos Sioux, dos Oneidas, dos Iroqueses ou de outros selvagens, se for ligado ao poste do suplício, serei eu que irei defendê-lo dos insultos e das garras das velhas, e, depois da sua morte, serei ainda eu que irei depositar na sua campa o cachimbo e o seu machado de guerra!

O Sr. Nick resolveu deixar falar Leonel a seu bel-prazer, decidindo de si para si terminar a conferência de maneira que as ventas de Leonel se haviam de recordar durante muito tempo.

Portanto limitou-se a responder:

— Trata-se, pois, de me sujeitar aos votos dos Mahogannis.

— Nem mais nem menos!

— Seja! E, visto que assim é preciso, assistirei também a essa festa.

— Não poderia recusá-lo, visto que lhe corre nas veias o sangue dos Sagamoro.

— Sangue de Sagamoro misturado com o de tabelião — observou Nick.

Foi então que Leonel chegou ao ponto delicado.

— Está entendido — disse ele. — O grande chefe presidirá à cerimónia. Somente, para se apresentar com o uniforme que compete à sua elevada categoria, precisa que deixe uma poupa de cabelo alongar-se em bico no cimo do crânio!

— Porquê?

— Pelo respeito devido às tradições.

— Pois as tradições exigem?

— Por certo, além de que, se o chefe dos Mahogannis cair algum dia no campo da guerra, não é preciso que o seu inimigo possa brandir a sua cabeça em sinal de vitória?

— É verdade! — respondeu Nick. — É preciso que o meu inimigo possa brandir a minha cabeça... provavelmente agarrando-lhe por essa poupa.

— São usos, e nenhum guerreiro se recusaria a segui-los. Qualquer outro corte de cabelo não iria bem com o fato que Nicolau Sagamoro tem de vestir no dia da cerimónia.

— Pois eu hei de vestir...

— Está-se já fazendo esse magnífico fato de grande gala. Fica um encanto. Casaco de pele de gamo, calçado de couro de alce, o manto que serviu ao defunto chefe, sem contar as pinturas da cara...

— Tenho, então, também de pintar a cara?

— Depois que os mais hábeis artistas da tribo tenham procedido à tatuagem dos braços, do busto...

— Continua, Leonel — disse Nick, com os dentes cerrados —, estás-me interessando deveras! As pinturas da cara, a poupinha de cabelos, os sapatos de alce, a tatuagem do corpo! Vê lá não te esqueças de alguma coisa.

— Não me esqueci de coisa alguma — respondeu o escrevente —, e assim que o grande chefe se apresentar aos guerreiros trajando o vestuário que porá em relevo as suas formas, é de crer que não haja uma única índia que não dispute o favor de partilhar o seu *wigwani*...

— Pois as índias também disputarão o favor?

— E a honra de assegurar uma longa descendência ao eleito do Grande Espírito!

— Visto isso, será conveniente que eu me case com uma hurona? — perguntou Nick.

— Não vejo outro meio de assegurar o futuro dos Mahogannis. Por isso eles já fizeram escolha de uma *squaw* de alta estirpe, que se consagrará à felicidade do grande chefe...

— Pode saber-se de que cor é a pele dessa princesa que se consagrará?

— Vermelha! — informou Leonel — É digna da raça dos Sagamoro!

— E quem é?

— É a viúva do predecessor...

Felizmente para as bochechas de Leonel, ele estava a grande distância e conseguiu livrar-se da bofetada que Nick lhe atirou, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Ouve: se te atreveres outra vez a falar-me nessas coisas, ponho-te as orelhas de um tamanho tal que não farão inveja às do burro de David *La Gamme!*...

E com esta comparação, que lhe recordava um dos heróis do *Último Moicano*, de Cooper, Leonel, acabada que foi a sua comunicação, retirou-se à cautela. Quanto a Nick, não estava menos zangado com o seu escrevente do que com a tribo. Imporem-lhe uniforme! Obrigá-lo a pentear-se, a pintar-se como tinham feito os seus avós!

E, contudo, o muito aborrecido Sr. Nick poderia esquivar-se às exigências das suas funções? Ousaria apresentar-se às vistas dos guerreiros com aquele vestuário civil, com aquela sobrecasaca de tabelião, que é de todos os trajes o mais pacífico dos que a tradição impõe aos homens de lei? Isto não deixava de o preocupar à medida que se ia aproximando o grande dia. Entretanto — felizmente para o herdeiro dos Sagamoro —, graves inconvenientes surgiram que trouxeram uma diversão aos

projetos dos Mahogannis.

No dia 23 chegou a Walhatta uma grande notícia. Os patriotas de S. Dinis — como já se disse — tinham repellido os leais comandados pelo coronel Gore.

Esta notícia provocou grandes demonstrações de alegria entre os Hurões. Já se viu como, na granja de Chipogan, eles manifestaram as suas simpatias pela causa da independência, e na primeira ocasião que se apresentasse estavam decididos a juntarem-se aos Franco-Canadenses.

Não era esta vitória que podia fazer com que os guerreiros da sua tribo suspendessem as festas em sua honra. Nick bem o compreendia. Pelo contrário, ainda as celebrariam com mais entusiasmo, e o seu chefe não se esquivaria às honras da coroação.

Mas, três dias depois, às boas notícias sucederam as más.

Depois da vitória de S. Dinis veio a derrota de S. Carlos.

Sabendo a que sanguinolentas represálias se tinham entregado os lealistas, quais tinham sido os seus excessos, os roubos, os incêndios, as mortes e as ruínas das duas povoações, os Mahogannis não puderam conter a sua indignação. Dali a levantarem-se em massa para irem em socorro dos patriotas havia apenas um passo, e Nick estava temeroso que ele fosse dado.

Foi então que o notário, já um tanto ou quanto comprometido para com as autoridades de Montreal, perguntou lá de si para si se daí a pouco não o estaria completamente. Seria ele obrigado a colocar-se à frente dos seus guerreiros e a fazer causa comum com a insurreição? Em todo o caso a ocasião não era para festas. Mas, ainda assim, acolheu Leonel quando este veio dizer-lhe que tinha soado a hora de desenterrar o *tomahawk* e de o brandir em guerra!

A partir desse dia, o único cuidado de Nicolau Sagamoro foi de acalmar os seus belicosos súbditos. Quando estes se juntavam para o arengarem e o obrigavam a declarar-se contra os opressores, ele tratava de responder de maneira que não dissesse nem sim nem não. Convinha, dizia ele, não fazer coisa alguma senão depois de madura reflexão, e pesar quais seriam as consequências da derrota de S. Carlos... Quem sabe se os condados já estavam invadidos pelas tropas? E, depois, não se sabia nada absolutamente do que tramavam os reformistas, então todos dispersos... Nem em que lugar se tinham refugiado... Não teriam eles abandonado a pátria, esperando melhor ocasião? Não estavam os principais chefes em poder dos burocratas e nas prisões de Montreal?

Eram estas as razões que Nick dava aos seus impacientes pretorianos. É verdade que estes não as admitiam sem réplica. A cólera decidi-los-ia mais dia menos dia, e o seu chefe seria muito naturalmente obrigado a segui-los. Quem sabe se pela cabeça deste não passou a ideia de passar o pé à tribo? Mas a coisa não seria tão fácil, visto que era mais vigiado do que ele imaginava.

E, depois, para onde havia ele de transportar a sua vida errante? E deixar o Canadá, seu país natal, repugnava-lhe. Quanto a esconder-se em alguma aldeia do condado, onde, por certo, os agentes de Gilberto Argall deviam ter espiões, era arriscar-se a cair-lhes nas mãos.

Nick ignorava o que tinha sido feito dos principais chefes da insurreição. Ainda que alguns mahogannis tivessem subido até às margens do S. Lourenço e do Richelieu, nada puderam saber a esse respeito. Mesmo na granja de Chipogan nada se sabia acerca de Tomás, nem de seus filhos, nem tão-pouco do Sr. de Vaudreuil e sua filha, nem ainda de João-Sem-Nome, e muito menos do que se tinha passado na Casa Fechada depois da derrota de S. Carlos.

Era preciso, pois, deixar correr as coisas naturalmente, o que não desagradava a Nick.

Ganhar tempo, e com o tempo ver se se produzia um certo apaziguamento, era para onde convergiam todos os seus esforços,

E, a este respeito, novo desacordo entre ele e Leonel, que odiava os lealistas. Estas últimas informações tinham-no acabrunhado. Já não se tratava de brincar! Já não se divertia com o facho de guerra, nem com desenterrar o machado, nem com o sangue dos Sagamoro, nem com o seu habitual palavreado de metáforas índias! Só pensava na causa nacional, tão

comprometida! Que teria sido feito daquele heroico João-Sem-Nome? Teria sucumbido em S. Carlos? Não! A notícia da sua morte teria circulado, e as autoridades nada teriam poupado para lhe darem curso. Ter-se-ia sabido tanto em Chipogan como em Walhatta. E, contudo, se ele sobrevivera, onde estava atualmente? Leonel teria arriscado a vida para o saber.

Passaram-se muitos dias. A situação conservava-se sem mudança. Preparavam-se os patriotas para a ofensiva? Uma ou duas vezes chegou esse boato até aos Mahogannis, mas nada veio confirmá-lo. Além disso, por ordem de *lord* Gosford, continuaram as pesquisas nos condados de Montreal e de Laprairie. Numerosos destacamentos ocupavam as margens do Richelieu. Incessantes perseguições conservavam em sobressalto os habitantes das vilas e das granjas. *Sir* John Colborne tinha as suas tropas prontas a irem ao lugar onde se desfraldasse a bandeira da rebelião. Se os patriotas se atrevessem a passar a fronteira americana, iriam de encontro a forças consideráveis.

Em 5 de dezembro, Leonel, que tinha ido tomar informações para os lados de Chambly, soube que a lei marcial acabava de ser promulgada no distrito de Montreal. Ao mesmo tempo o governador civil oferecia uma recompensa de quatro mil piastras a quem entregasse o deputado Papineau. Outros prémios tinham sido estipulados pelas capturas dos chefes, entre os quais o Sr. de Vaudreuil e Vicente Hodge. Dizia-se igualmente que bastantes reformistas estavam presos em Montreal e Quebeque, que os seus processos se estavam instruindo segundo as leis militares e que o cadafalso político não tardaria a fazer novas vítimas.

Tudo isto era grave. Às medidas decretadas contra os *Filhos da Liberdade* responderiam eles por meio das armas? Não desanimariam em presença desta cruel repressão? Era a opinião de Nick. Ele sabia que as insurreições, quando não triunfam no começo, têm poucas probabilidades de êxito.

Verdade é que tal opinião não era a dos guerreiros mahogannis nem de Leonel.

— Já lhe disse que não! — repetia ele ao notário. — A causa não está perdida, e enquanto João-Sem-Nome viver não devemos perder a esperança de reconquistar a nossa independência!

No dia 7 produziu-se um incidente que ia pôr Nick em luta com as dificuldades de que ele já quase se julgava livre, sobre-excitando ao paroxismo os instintos belicosos dos Hurões.

Havia dias que tinha sido assinalada nas paróquias vizinhas a presença do padre Joann, que percorria o condado de Laprairie pregando o levantamento em massa da população franco-canadense. Os seus discursos inflamados lutavam, não sem grande trabalho, contra o desânimo em que tinham caído alguns patriotas depois da derrota de S. Carlos. Mas Joann não esmorecia e seguia o seu caminho em linha reta, e excitava os seus concidadãos a retomarem as armas assim que os chefes reaparecessem no distrito.

E, contudo, seu irmão não estava lá. Não sabia o que tinha sido feito dele. Antes de continuar com as suas missões tinha ido à Casa Fechada para abraçar sua mãe, para ter notícias de João...

A Casa Fechada não se tinha aberto para ele.

Joann tinha-se posto à procura de seu irmão. Também ele não podia crer que João tivesse sucumbido, porque a notícia da sua morte devia ter tido um grande eco. Dizia lá consigo que João havia de reaparecer à frente dos seus companheiros.

E, então, os esforços do jovem padre tendiam a sublevar os índios, particularmente os guerreiros de origem hurona, que não desejavam outra coisa.

Foi nestas condições que o padre Joann chegou à tribo dos Mahogannis. Nick foi obrigado a fazer-lhe um bom acolhimento, não podendo resistir ao entusiasmo geral.

— Vamos — dizia ele consigo, sacudindo a cabeça —, não há meio de se fugir ao destino! Se não sei como começou a raça dos Sagamoro, por demais sei como ela há de acabar! há de ser num conselho de guerra!

Os Hurões estavam prontos a entrar em campanha, e Leonel tinha contribuído tanto quanto possível para os excitar a isso.

Desde que o padre Joann chegou a Walhatta que Leonel se declarou um dos seus mais ardentes partidários. Não só encontrava nele todo o ardor próprio do seu patriotismo, como notava a semelhança extraordinária que se dava entre o padre e

João-Sem-Nome: quase os mesmos olhos; o mesmo olhar de fogo, quase a mesma voz e os mesmos gestos. Julgava rever o seu herói sob a batina de padre, julgava ouvi-lo... Seria uma ilusão dos sentidos? Não o sabia.

Dois dias depois Joann achava-se no meio dos Mahogannis, que lhe pediam para irem ter com os patriotas que tinham concentrado as suas forças a umas quarenta léguas para o sudoeste, na ilha de Navy, uma das do Niágara.

Nick via-se condenado a seguir os guerreiros da sua tribo.

Efetivamente, os preparativos estavam terminados em Walhatta. Assim que tivessem saído da aldeia, os Mahogannis atravessariam os condados limítrofes, sublevariam as populações de raça índia, chegariam às margens do lago Ontário, e, caminhando até ao Niágara, juntar-se-iam aos partidários da causa nacional.

Uma notícia veio paralisar este movimento — pelo menos momentaneamente.

Na noite de 9 de dezembro, um dos hurões, vindo de Montreal, veio dizer que João-Sem-Nome, preso pelos agentes de Gilberto Argall na fronteira do Ontário, acabava de ser encerrado na fortaleza de Frontenac.

Imagine-se o efeito que tal notícia causou. João-Sem-Nome em poder dos reais!

Os Mahogannis ficaram aterrados e que se julgue da sua comoção quanto o padre Joann, sabendo da sua prisão, exclamou:

— Meu irmão!

Depois:

— hei de arrancar-te à morte!

— Deixa-me ir consigo? — disse Leonel.

— Vem! — respondeu Joann.

Capítulo 20 — O Forte de Frontenac

João estava como louco no momento em que fugiu de casa de sua mãe. O incógnito da sua vida brutalmente despedaçado, as funestas palavras de Rip surpreendidas por Clary de Vaudreuil, que ficou sabendo que era em casa da mulher e do filho de Simão Morgaz que seu pai e ela tinham encontrado refúgio, o Sr. de Vaudreuil sabendo-o bem depressa, se é que o não tinha ouvido lá no seu quarto, tudo isto se confundia num mesmo pensamento de desespero. Nem sequer um instante mais poderia ter ficado naquela casa. Sem se importar com o que aconteceria ao Sr. de Vaudreuil e a sua filha; sem perguntar se o nome infamante de sua mãe continuaria a protegê-los contra qualquer pesquisa ulterior, sem pensar que Bridget não quererá continuar a viver numa terra em que o seu passado ia ser conhecido, de onde provavelmente a expulsariam, lançou-se através das florestas e correu durante toda a noite, não se julgando nunca bastante longe daqueles para quem não podia ser senão um objeto de desprezo e de horror.

E, no entanto, a sua obra não estava finda! O seu dever era combater, e por isso ainda vivia! Devia fazer-se matar antes que o seu verdadeiro nome fosse revelado!

Ele morto, morto pelo seu país, talvez tivesse direito, senão à estima, pelo menos à comiseração dos homens.

Portanto o sossego do espírito venceu o coração tão profundamente perturbado. Com o sangue-frio voltou essa energia que desgosto algum podia abater.

E, fugindo, dirigia-se a toda a pressa para a fronteira, a fim de se juntar aos patriotas e recomeçar a campanha da insurreição.

Às seis horas da manhã João encontrava-se já a quatro léguas de S. Carlos, junto da margem direita do S. Lourenço, nos limites do condado de Montreal.

Deste território, percorrido pelas patrulhas de cavalaria, infestado de agentes de polícia, convinha-lhe sair quanto antes. Mas dirigir-se diretamente para os Estados Unidos pareceu-lhe impraticável. Teria sido necessário atravessar obliquamente o condado de Laprairie, não menos vigiado que o condado de Montreal. O melhor era subir pela margem do S. Lourenço, de maneira a chegar ao lago Ontário, depois, através dos territórios de Leste, descer até as primeiras povoações americanas.

João resolveu executar este projeto com a máxima prudência. As dificuldades eram grandes. Era preciso sair do Canadá, a custo fosse de que fosse, embora tivesse de fazer grandes rodeios, porque nos condados ribeirinhos os voluntários estavam alerta, a polícia operava contínuas perseguições, procurando os principais chefes da insurreição, e, com eles, João-Sem-Nome, que pôde ver anunciada pelas paredes a quantia que o governo oferecia pela sua cabeça.

Aconteceu que o fugitivo se viu obrigado a só viajar de noite. Durante o dia ocultava-se no fundo de casebres abandonados, debaixo de matagais quase impraticáveis, tendo mil trabalhos para encontrar com que se alimentar.

E, por certo, teria morrido de fome sem a caridade piedosa de alguns habitantes, que não quiseram saber quem ele era, nem de onde vinha, com o risco de se comprometerem.

Daí, as demoras inevitáveis. Para além do condado de Laprairie, quando atravessasse a província de Ontário, João ganharia o tempo perdido.

Durante os dias 4, 5, 6, 7 e 8 de dezembro a custo tinha feito umas vinte léguas. Nestes cinco dias — seria mais justo dizer nestas cinco noites — quase que se não tinha afastado da margem do S. Lourenço, e achava-se na parte central do condado de Beauharnais. O mais difícil estava vencido, porque as paróquias canadenses de Oeste e do Sul deviam estar menos vigiadas àquela distância de Montreal. E, apesar disso, João não tardou em reconhecer que os perigos tinham aumentado em tudo o que lhe dizia respeito. Por várias vezes, o seu sangue-frio conseguiu desnortheastá-los. Mas na noite de 8 para 9 de dezembro viu-se cercado por uma dúzia de homens que tinham ordem de o agarrar vivo ou morto. Depois de se ter defendido com uma energia terrível, depois de ter gravemente ferido muitos dos agentes, caiu-lhes nas mãos.

Desta vez não era Rip, mas o chefe da polícia Comeau que tinha prendido João-Sem-Nome. Este rendoso e falado

negócio escapava ao diretor da agência Rip & C.^a. Seis mil piastras que iam faltar à coluna das receitas da sua casa comercial.

A notícia da prisão de João-Sem-Nome espalhou-se imediatamente por toda a província. As autoridades tinham um verdadeiro interesse em divulgá-la. Foi por isso que ela chegou, no dia seguinte, às paróquias do condado de Laprairie, e que foi levada a 9 de dezembro à aldeia de Walhatta.

No litoral norte do Ontário, a algumas léguas de Kingston, eleva-se o Forte Frontenac, que domina a margem esquerda do S. Lourenço, por onde se escapam as águas do lago e cujo curso separa neste lugar o Canadá dos Estados Unidos.

Este forte era comandado então pelo major Sinclair, que tinha às suas ordens quatro oficiais e uma centena de homens do 2.º regimento. Pela sua posição, completava o sistema de defesa dos Fortes de Oswego, Ontário, Levis, que tinham sido criados para assegurar a proteção destes longínquos territórios, outrora expostos à correria dos índios.

Foi para o Forte de Frontenac que João-Sem-Nome foi conduzido. O governador-geral, informado da importante captura, não quis que

João fosse conduzido a Montreal, nem a nenhuma outra cidade importante, com medo de que a sua presença provocasse uma sublevação popular, de onde resultou a ordem, enviada de Quebeque, de levarem o prisioneiro para o Forte de Frontenac, de o encerrarem ali e o julgarem — o que equivale a dizer: condenarem-no à morte.

Com tais processos sumários, João devia ter sido executado dentro de vinte e quatro horas. E, contudo, a sua chamada ao conselho de guerra, sob a presidência do major Sinclair, experimentou alguma demora.

Eis porquê:

Que o prisioneiro fosse o lendário João-Sem-Nome, o ardente agitador que tinha sido a alma das insurreições de 1832, 1835 e 1837, não havia a menor dúvida. Mas que homem se ocultava sob aquele pseudónimo, sob aquele nome de guerra, era o que o governo desejava saber. Isso lhe permitiria conhecer-lhe os antecedentes, obter revelações, talvez surpreender certos dramas secretos, certas cumplicidades ignoradas que tinham relação com a causa da independência.

Convinha portanto estabelecer, quando não a identidade, pelo menos a origem desta personagem cujo verdadeiro nome ainda não era conhecido, e que ele tinha um empenho inaudito em esconder. O conselho de guerra esperou, portanto, antes de proceder ao julgamento, e João foi muito apertado a esse respeito; mas não se denunciou, recusando até responder às perguntas que lhe foram feitas a respeito da sua família. Tiveram, pois, de renunciar a isso, e, a 10 de dezembro, o proscrito compareceu perante os seus juízes.

O processo não permitia grandes discussões. João confessou a parte que tinha tomado nas primeiras como nas últimas revoltas.

Reivindicou, altivo e arrogante, contra a Inglaterra, os direitos do Canadá. Desafiou os opressores. Falou como se as suas palavras pudessem atravessar o recinto do forte e fazer-se ouvir em todo o país.

Quanto à pergunta relativa à sua origem, à família de que fazia parte, que lhe foi dirigida pelo major Sinclair, contentou-se em responder:

— Sou João-Sem-Nome, franco-canadense de nascimento, e isso deve-lhe bastar! Pouco importa saber como se chama o homem que vai cair ferido pelas balas dos seus soldados! Tem acaso necessidade de um nome para um cadáver?

João foi condenado à morte, e o major Sinclair deu ordem para o reconduzirem à sua cela. Contudo, para se conformar com as prescrições do governador-geral, expediu um expresso a Quebeque, a fim de o informar que não tinha sido possível estabelecer o estado civil do preso. Nestas condições desejava saber se devia ou não ordenar a execução.

Havia tempo que *lord* Gosford fazia proceder com toda a atividade à instrução dos processos relativos aos motins de S. Dinis e de S. Carlos. Quarenta e cinco patriotas dos mais notáveis estavam encerrados na prisão de Montreal, onze na de Quebeque. O tribunal tinha começado a funcionar com os seus três juízes, o procurador-geral e o promotor, que representava a Coroa. Para o mesmo fim devia funcionar um tribunal marcial, presidido por um major-general e composto por quinze dos principais oficiais ingleses que tinham ajudado a abafar a insurreição.

À espera de um julgamento, em que seriam sentenciados às penas mais terríveis, os prisioneiros estavam sujeitos a um regime cuja crueldade nenhuma paixão política podia desculpar. Em Montreal, na prisão da Ponta de Callières, na antiga prisão, situada no Largo de Jacques Cartier, na prisão nova, eram empilhadas centenas de pobres diabos, expostos ao frio nesta tão áspera estação dos Invernos canadenses. Torturados pela fome, porque a única coisa que comiam era uma insignificante ração de pão, imploravam um julgamento e, conseqüentemente, uma condenação, por maior que fosse. Mas antes de os fazer comparecer perante o tribunal, ou o conselho de guerra, *lord* Gosford quis esperar que a polícia acabasse as devassas começadas, a fim de que todos os patriotas que elas pudessem comprometer lhe caíssem nas mãos.

Foi nestas circunstâncias que chegou a Quebeque a notícia da prisão de João-Sem-Nome, encarcerado no Forte de Frontenac. A opinião universal foi que a causa da independência acabava de ser ferida mortalmente.

Eram nove horas da noite quando o padre Joann e Leonel chegaram, em 12 de dezembro, à vista do forte. Tinham seguido o mesmo caminho que João, isto é, subido a margem direita do S. Lourenço, depois atravessado o rio, com o risco de serem presos a cada passo. Efetivamente, se Leonel não estava particularmente ameaçado pelo que tinha feito em Chipogan, o padre Joann era naquela ocasião procurado pelos agentes de Gilberto Argall. Ele, pois, e o seu companheiro tiveram de sujeitar-se a certas precauções que os demoraram.

Além de que o tempo estava horrível. Havia vinte e quatro horas que se tinha desencadeado uma dessas tempestades de neve a que os meteorologistas canadenses chamam *blizzard*. As vezes, essas tormentas produzem um abaixamento de temperatura de trinta graus; quer isto dizer que é tal a intensidade do frio que numerosas vítimas morrem por sufocação⁵.

Quais eram as intenções do padre Joann apresentando-se no Forte de Frontenac? Que plano tinha formado? Havia algum meio de entrar em comunicação com o prisioneiro? E depois mesmo de ter conversado com ele haveria algum processo de favorecer a sua evasão? Em todo o caso, o que lhe importava era obter autorização de penetrar naquela noite na sua cela.

Assim como Joann, Leonel estava decidido a sacrificar a sua vida para salvar a de João-Sem-Nome. Mas que haviam eles de fazer? Chegados a meia milha do forte foram obrigados a contorná-lo para alcançarem um pequeno bosque, cuja extremidade era banhada pelas águas do lago. Ali, debaixo das árvores, despidas pelos ventos do inverno, passava o simum gelado, cujos turbilhões corriam tumultuosamente pela superfície do Ontário.

O padre Joann disse a Leonel:

— Fique aqui, meu amigo, não se deixe ver, e espere por mim. É conveniente que os guardas do postigo não saibam que está aqui. Vou ver se posso entrar no forte e falar com meu irmão. Se tal conseguir, discutiremos então as probabilidades de um ataque pelos patriotas, caso a guarnição do forte seja pouco numerosa.

Escusado será dizer que um ataque desse género exigia longos preparativos. Ora, o que o padre Joann ignorava, visto que a notícia não se tinha espalhado, é que a sentença já tinha sido pronunciada havia dois dias e que a ordem da execução podia chegar de um momento para outro. Que, a bem dizer, Joann não considerava o ataque senão como um meio extremo. O que ele queria era encontrar meios para que João se pudesse evadir o mais depressa possível.

— Mas tem alguma esperança de poder ver seu irmão? — perguntou Leonel.

— Será possível que recusem a entrada no forte a um ministro que vem oferecer consolações a um prisioneiro ameaçado de uma condenação capital?

— Seria indigno! Seria odioso! — declarou Leonel. — Por certo não lhe recusarão a entrada. Vá, que eu aqui o espero.

O padre Joann apertou a mão do dedicado escrevente e desapareceu, contornando a extremidade do bosque.

Em menos de um quarto de hora chegou junto do postigo do Forte de Frontenac.

Este forte, edificado na margem do Ontário, compunha-se de um *blockhaus*, espécie de torre central cercada de altas paliçadas. No sopé da cerca, do lado do lago, estendia-se uma estreita praia nua que desaparecia debaixo de uma camada de neve e se confundia com a superfície do lago gelado nas margens. Do outro lado aglomerava-se uma aldeia com alguns fogos, quase exclusivamente habitada por uma população de pescadores.

E, agora, seria possível uma evasão, e uma fuga em seguida, através da campina? João poderia sair da sua cela, saltar as

paliçadas, iludir a vigilância das sentinelas? Era isso que seria estudado entre ele e seu irmão, se a entrada no forte não fosse proibida ao padre Joann. Uma vez em liberdade, dirigir-se-iam ambos com Leonel, não para a fronteira americana, mas sim para o Niágara e para a ilha Navy, onde os patriotas se tinham reunido para tentarem um último esforço.

O padre Joann, depois de ter atravessado obliquamente a praia, chegou à frente do postigo, junto do qual estava de sentinela um soldado. Pediu para falar ao comandante da guarnição. Um sargento saiu da casa da guarda, estabelecida dentro da cerca da paliçada. O soldado que o acompanhava trazia uma lanterna, visto que era já noite profunda.

— Que quer? — perguntou o sargento.

— Falar ao comandante.

— Quem é?

— Um padre que quer oferecer os seus serviços ao prisioneiro João-Sem-Nome.

— Pode dizer ao condenado!

— Já passou em conselho de guerra?

— Anteontem, e foi condenado à morte!

Joann foi energicamente senhor de si para não deixar transparecer a sua comoção, e limitou-se a responder:

— Mais um motivo para se não recusar ao condenado a visita de um padre.

— Vou comunicar o pedido ao major Sinclair, comandante do forte.

E dirigiu-se para o *blockhaus*, depois de ter feito entrar o padre na casa da guarda.

Este sentou-se num canto escuro, refletindo no que acabava de saber. Estando já a condenação pronunciada, não lhe ia faltar o tempo para os seus projetos? Mas, não tendo ainda a sentença, pronunciada vinte e quatro horas antes, sido executada, não teria o major Sinclair ordens especiais para isso? O padre Joann afagou esta esperança. Mas quanto duraria esta demora? E seria tal que permitisse preparar a evasão do preso? E consentir-lhe-ia o major Sinclair que ele entrasse na prisão? Que aconteceria, por fim, se ele não se resolvesse a chamar o padre senão no momento em que o condenado fosse a caminho do suplício?

Compreende-se, pois, que agonias torturassem o padre Joann perante essa condenação que lhe roubava o tempo todo.

Nesse momento o sargento entrou na casa da guarda, e, dirigindo-se a Joann:

— O major está à sua espera! — disse ele.

Precedido pelo sargento, cuja lanterna alumiava os seus passos, o padre Joann atravessou o pátio interior no meio do qual se elevava a torre. Quanto lhe permitia a escuridão procurava avaliar a extensão desse recinto, a distância que separava a casa da guarda do postigo, único sítio por onde era possível sair do Forte de Frontenac, a não ser que escalassem a paliçada. Se João não conhecia a disposição dos lugares, Joann queria poder descrever-lha.

A porta da torre estava aberta. O sargento passou adiante, e logo após ele o padre Joann. Um plantão fechou-a assim que eles passaram. Depois, os dois subiram por uma escada estreita que ia ao primeiro andar, desenrolando-se na espessura da parede. Chegados que foram ao patamar, o sargento abriu uma porta que se encontrava em frente, e o padre Joann entrou no aposento do comandante.

O major Sinclair era homem dos seus cinquenta anos, casca-grossa, maneiras ásperas, inglês dos quatro costados pela sua dureza, saxão às direitas pela pouca sensibilidade que lhe inspiravam as misérias humanas. E talvez mesmo tivesse recusado ao condenado a assistência de um sacerdote se a esse respeito não tivesse recebido ordens que não podia infringir. Portanto, acolheu pouco simpaticamente o padre Joann. Não se levantou da cadeira em que se achava, não largou o cachimbo, cuja fumarada enchia o quarto mediocrementemente iluminado por um candeeiro.

— É padre? — perguntou ele a Joann, que se conservava de pé a alguns passos dele.

— Sou, Sr. major.

— Vem para assistir ao condenado?

— Se assim mo consentir.

— De onde vem?

— Do condado de Laprairie.

— Foi lá que soube da sua prisão?

— Foi.

— E também da sua condenação?

— Essa só a soube aqui dentro do forte. Pensei que o major Sinclair não me recusaria uma entrevista com o preso.

— De acordo! Quando for tempo eu o farei prevenir.

— Nunca é cedo de mais — replicou o padre Joann — quando um homem está condenado à morte.

— Já lhe disse que o farei prevenir. Vá esperar para a povoação, aonde um dos meus soldados o irá buscar...

— Desculpe-me se eu insisto, Sr. major — tornou Joann. — Pode acontecer que eu esteja ausente no momento em que o condenado tenha precisão de mim. Consinta pois que o veja quanto antes...

— Já lhe disse que o faço prevenir a tempo e a horas — repetiu o comandante. — Tenho ordem de não deixar comunicar o prisioneiro com quem quer que seja antes da hora da execução. Espero para ela ordem de Quebeque, e assim que ela chegar ainda terá duas horas adiante de si. Com os diabos, é tempo mais que suficiente, que poderão aproveitar, como julgarem conveniente, para a salvação da sua alma. O sargento vai conduzi-lo até ao postigo. Em presença de tal resposta, só restava a Joann retirar-se. E, contudo, ele não podia resolver-se a isso.

Não ver seu irmão e não poder combinar coisa alguma com ele seria tornar impraticável qualquer tentativa de evasão. Portanto, ia descer às súplicas para obter que o major reconsiderasse quando a porta se abriu.

O sargento apareceu no limiar.

— Sargento — ordenou o major Sinclair —, vá conduzir este padre até fora do forte, onde não tornará a entrar enquanto eu o não mandar chamar.

— Darei essas ordens, comandante — respondeu o Sargento. — Mas subi para o prevenir de que acaba de chegar um expresso a Frontenac.

— Vindo de Quebeque?

— E com este ofício...

— Dê cá — disse o major Sinclair.

E quase lhe arrancou o ofício da mão, tal foi a violência com que o tomou.

O padre tinha empalidecido, sentia-se desfalecer, e tanto a palidez como o desfalecimento teriam sido notados pelo major se tivesse reparado nele um momento que fosse.

Mas não reparou. A atenção do comandante estava concentrada naquele ofício, lacrado com as armas de *lord* Gosford, e cujo sobrescrito ele acabava de rasgar bruscamente.

Leu.

— Conduza esse padre à cela de João-Sem-Nome — disse ele. — Deixá-lo-á só com o condenado, e quando ele sair conduza-o ao postigo.

Era a ordem de execução que o governador-geral acabava de enviar ao Forte de Frontenac. A João-Sem-Nome não restavam senão duas horas de vida.

Capítulo 21 — Joann e João

O padre Joann saiu do quarto do major Sinclair mais senhor de si do que quando entrara. A notícia fulminante da execução imediata não o tinha abalado. Deus acabava de lhe inspirar um projeto, e esse projeto podia ter excelente resultado.

João nada sabia acerca da ordem que acabava de chegar de Montreal, e era Joann que tinha a dolorosa incumbência de lhe participar.

Não! Não o saberá! Ocultar-lhe-á que a terrível sentença terá de ser executada dentro de duas horas! É preciso que João o ignore para que o projeto do padre Joann possa realizar-se!

A verdade é que não se podia contar com uma evasão de antemão preparada, nem com um ataque ao Forte de Frontenac. O condenado não podia escapar à morte senão por meio de uma fuga imediata. Se daqui a duas horas ele ainda estiver na cela, não sairá mais dali senão para cair crivado de balas, em plena noite, junto da paliçada.

Seria realizável o plano do padre Joann? Era possível, se seu irmão estivesse resolvido a conformar-se com ele. Em todo o caso, era preciso que João ignorasse que o major Sinclair acabava de receber ordem de proceder à sua execução.

O padre Joann, guiado pelo sargento, tornou a descer escada.

A cela do prisioneiro ocupava um ângulo do rés do chão da torre, na extremidade de um corredor que se prolongava pelo pátio interior. O sargento, alumando esta espécie de cano escuro, parou em frente de uma porta baixa, fechada exteriormente por dois ferrolhos.

No momento em que o sargento a abriu, aproximou-se do sacerdote e perguntou-lhe em voz baixa:

— Quando deixar o prisioneiro, sabe que tenho ordem de o conduzir fora do forte?

— Bem sei — respondeu Joann. — Espere aqui neste corredor, que eu o prevenirei.

A porta abriu-se.

Lá dentro, no meio da mais profunda escuridão, deitado sobre um leito de campanha, estava João, dormindo. Não acordou nem com a bulha que fez o sargento.

Este ia para lhe tocar no ombro quando, com um gesto, o padre Joann lhe pediu que o não acordasse.

O sargento pôs a lanterna sobre uma pequena mesa, saiu e fechou a porta sem bulha.

Os dois irmãos estavam sós, um dormindo, o outro de joelhos, orando.

Depois Joann levantou-se, encarou de novo aquele outro ele, a quem o crime de seu pai lhe tinha dado em herança também uma vida miserável!

Depois, murmurou estas palavras:

— Ajudai-me, meu Deus!

O tempo estava severamente contado para que ele o pudesse perder, minutos que fossem. Pôs a mão no ombro de João.

Este acordou, abriu os olhos, levantou-se, reconheceu o seu irmão e exclamou:

— Tu, Joann!

— Mais baixo, João... Fala mais baixo! — recomendou Joann. — Olha que nos podem ouvir!

E, com a mão, indicou-lhe a porta, que era guardada do lado de fora.

Os passos do sargento iam e vinham a todo o comprimento do corredor.

João, meio despido, embrulhado num cobertor grosseiro, que muito imperfeitamente o protegia contra o frio da cela, levantou-se sem bulha.

Os dois irmãos abraçaram-se longamente. Depois, João disse:

— E nossa mãe?

— Não está na Casa Fechada!

— Já lá não está?

— Não!

— E o Sr. de Vaudreuil e sua filha, a quem a nossa casa tinha dado asilo?

— A casa estava deserta quando ultimamente fui a S. Carlos!

— E quando foi isso?

— Há sete dias!

— E desde então nunca mais tiveste notícia da mãe nem dos nossos amigos?

— Nunca mais!

Que se teria passado? Teria havido nova pesquisa que desse em resultado a prisão do Sr. de Vaudreuil, de sua filha e de Bridget?

Ou então Clary, não querendo que seu pai ficasse mais um dia sob as telhas da amaldiçoada família Morgaz, tê-lo-ia arrastado dali, embora abatido e fraco, e apesar dos perigos que o ameaçavam? E Bridget, teria ela também fugido da terra onde a vergonha do seu nome se teria tornado pública?

Tudo isto passou como um relâmpago pelo espírito de João-Sem-Nome, e tratava de indagar de Joann que acontecimentos tinham assinalado a sua última ida à Casa Fechada quando este, colando-lhe a boca ao ouvido, lhe disse:

— Ouve, João. Não é um irmão que está aqui junto de ti: é um padre que vem cumprir a sua missão junto de um condenado. Foi nestas condições que o comandante consentiu que viesse até aqui. Não temos um momento a perder! Tu vais fugir imediatamente!

— Imediatamente? Mas como?

— Tomando as minhas vestes, e saindo com a minha batina de padre. Somos bastante parecidos para que se possa notar a substituição. Além disso, é noite e mal serás alumiado pela luz da lanterna quando atravessares o corredor e o pátio interno. Com a cara oculta por este chapéu difícil será reconhecerem-te. Assim que tivermos mudado de fato, ficarei ao fundo da cela e chamarei. O sargento vem abrir, como ficou combinado ainda agora. Tem ordem de me conduzir ao postigo... E serás tu quem há de ir na sua companhia.

— Meu irmão — respondeu o prisioneiro, pegando-lhe na mão —, como é que tu pudeste acreditar que eu aceitaria um tal sacrifício?

— Assim é preciso! A tua presença nunca foi tão necessária no meio dos patriotas como agora!

— Pois não desesperaram da causa nacional depois da última derrota?

— Não! Estão reunidos no Niágara, na ilha Navy, e prontos a recomeçar a luta.

— Pois que a recomecem sem mim! O êxito da nossa causa não depende apenas de um homem. Nunca consentirei que arrisques a tua vida para me salvar...

— E não será esse o meu dever, João? Sabes qual é o nosso fim. Já o conseguimos? Ainda não! Nem sequer soubemos morrer para reparar o mal...

As palavras de Joann penetravam profundamente no espírito de João; mas não cedia.

Joann continuou:

— Ouve ainda! Temes por mim, e, contudo, o que tenho eu a recear? Amanhã, ou quando me encontrarem na tua cela, que me pode acontecer? Nada! Apenas haverá aqui um pobre padre em lugar do condenado, e que queres tu que eles façam senão deixar-me ir embora?

— Não! Não! — exclamou João, que se debatia contra si próprio e contra a insistência de seu irmão

— Basta de discussão! — intimou Joann. — É preciso que partas, e hás de partir! Faz o teu dever como eu cumpro o meu! És tu o único homem bastante popular para provocar uma revolta geral!

— E se te quiserem tornar responsável de ter auxiliado a minha fuga?

— Não me poderão condenar sem julgamento — respondeu Joann —, sem uma ordem vinda de Quebeque, o que levará alguns dias!

— Alguns dias?

— Sim, o que te dará bastante tempo para ires ter com os teus companheiros à ilha Navy, e trazê-los aqui para me libertarem.

— Olha que há vinte léguas do Forte de Frontenac à ilha Navy, Joann! Faltar-me-ia o tempo...

— Recusas? Pois bem, até aqui tenho suplicado! Agora mando! Não é o irmão que te fala, é um ministro de Deus! Se deves morrer, que seja combatendo pela nossa causa, pela qual ainda nada fizeste do encargo que te coube! E se, apesar de tudo, recusas sair, far-me-ei reconhecer, e o padre Joann cairá varado ao lado de João-Sem-Nome!

— Meu irmão!

— Parte, João! Parte! Assim o quero! Assim o quer nossa mãe! Assim o quer o teu país!

João, vencido pela ardente palavra de Joann, só tinha de obedecer; tanto mais que antevia a possibilidade de vir em dois dias ao Forte de Frontenac com algumas centenas de patriotas.

— Estou pronto — declarou então.

A troca dos fatos fez-se rapidamente.

Sob as vestes do padre Joann seria difícil reconhecer que estava João-Sem-Nome.

E, então, ambos trocaram impressões durante instantes acerca da situação política, do estado dos espíritos em seguida aos últimos acontecimentos.

Depois, o padre Joann disse:

— Agora vou chamar o sargento. Assim que ele tiver aberto a porta da cela, tu saís e segue-lo, caminhando atrás dele pelo comprido corredor que ele irá alumando com a lanterna. Apenas te vejas fora da torre, só tens de atravessar o pátio interior — quando muito, cinquenta passos. Chegarás junto da casa da guarda que está à direita da paliçada. Volta a cabeça quando passares. O postigo fica na tua frente. Quando tiveres saído vira para a direita, desce contornando a margem e caminha até que tenhas chegado às primeiras árvores do bosque, a meia milha do forte. Lá hás de encontrar Leonel...

— Leonel, o escrevente?

— Esse mesmo, que me quis acompanhar e que te levará à ilha Navy. Agora um abraço!

— Meu irmão! — murmurou João, lançando-se nos braços de Joann.

Era chegado o momento da partida.

Joann chamou em alta voz e retirou-se para o fundo da cela.

O sargento abriu a porta, e dirigindo-se a João, cuja cabeça estava coberta com o largo chapéu do padre:

— Está pronto? — perguntou.

João respondeu com um sinal.

— Venha!

O sargento tomou a lanterna, fez sair João, e tornou a fechar a porta do calabouço.

Em que agonias Joann passou os minutos que se seguiram!

Que aconteceria se o major Sinclair se encontrasse no caminho com João, o fizesse parar e o interrogasse sobre a disposição de ânimo em que ele deixara o condenado?

Descoberta a substituição, o prisioneiro seria imediatamente fuzilado! E depois podia muito bem ser que os preparativos da execução estivessem já começados, que a guarnição do forte tivesse recebido ordem do comandante, que o sargento, julgando acompanhar um padre, lhe falasse nisso!

E então João, sabendo que a execução se ia realizar, queria voltar à sua cela, e não consentiria que seu irmão morresse em seu lugar!

O padre Joann encostou o ouvido à porta e escutou; e quase que o bater do coração lhe impedia de ouvir os rumores que iam lá fora.

Por fim, um ruído longínquo chegou até ele. Joann caiu de joelhos, dando graças a Deus.

Era a ponta do postigo que acabava de se fechar.

— Livre! — murmurou Joann.

Efetivamente, João não tinha sido reconhecido. O sargento, caminhando adiante dele com a lanterna, tinha-o reconduzido através do pátio até à porta do forte sem lhe dirigir uma única palavra.

Oficiais e soldados ignoravam ainda que a sentença devia ser executada dali a uma hora. Chegado junto da casa da guarda, fracamente iluminada, João tinha voltado a cabeça, como seu irmão lhe recomendara. Depois, no momento em que ia a sair a porta, tendo-lhe o sargento perguntado:

— Volta para assistir ao condenado? — ele fizera um gesto afirmativo com a cabeça.

E, um minuto depois, saía do forte.

Depois João foi-se afastando lentamente, como se oculto laço o ligasse à prisão — laço que ele não se atrevia a quebrar.

Não ia satisfeito por ter cedido às súplicas de seu irmão e ter saído em seu lugar. Todos os perigos daquela substituição lhe apareciam agora com uma clareza que o aterrorizava.

Pensava que dali a algumas horas, mal fosse dia, entrariam na cela, seria descoberta a evasão, Joann seria vítima de infames tratos, até que a morte — quem sabe? — o fosse punir pelo seu heroico sacrifício!

E então sentia-se tomado de irresistível desejo de voltar para trás.

Mas não!

Precisava agora de apressar-se para ir ter com os patriotas à ilha Navy, para recomeçar a sua campanha de insurreição, atacando o Forte de Frontenac e libertando seu irmão.

E para isso não tinha um momento a perder.

João atravessou obliquamente a praia, contornou a margem do lago, ao sopé da paliçada, e dirigiu-se para o bosque onde Leonel devia estar à sua espera.

O temporal estava então no seu auge. Os gelos, acumulados nas margens do Ontário, iam de encontro uns aos outros como os icebergues de um mar ártico. Uma neve, que cegava, passava em espessos turbilhões.

João, perdido no redemoinho desses furacões, já não sabia se caminhava sobre a superfície enrijada do lago se sobre a praia.

Fazia altos esforços para se orientar, dirigindo-se para o maciço do arvoredo que mal distinguia no meio da obscuridade.

Contudo, aí chegou, depois de ter gasto quase meia hora a andar meia milha.

Evidentemente Leonel não o podia ver, porque, nesse caso, teria ido ao seu encontro.

João foi andando encostado às árvores, inquieto de não ver o escrevente no lugar indicado, e não querendo chamá-lo pelo seu nome com medo de o comprometer, no caso de ser ouvido por algum pescador retardatário.

Então os dois últimos versos da balada do poeta vieram-lhe à memória — os que ele tinha recitado na granja de Chipogan.

E, embrenhando-se no interior do bosque, repetiu com voz lenta:

Dar-me em ti a vida e a morte,
Fogo-fátuo, doida chama.

Quase imediatamente Leonel saiu de uma moita e correu para ele, exclamando:

— O senhor, Sr. João?

— Sou eu, Leonel.

— E o padre Joann?

— Na minha prisão! E agora à ilha Navy. É preciso que daqui a quarenta e oito horas estejamos de volta com os nossos companheiros ao Forte de Frontenac!

João e Leonel saíram do bosque e orientaram-se para o sul, a fim de descerem a margem do Ontário até aos territórios do Niágara.

Era o caminho mais curto, e também o itinerário que oferecia menos perigos; tendo atravessado a fronteira americana, estavam ao abrigo de toda e qualquer perseguição e poderiam rapidamente chegar à ilha Navy.

Mas seguir essa direção tinha o inconveniente de obrigar João-Sem-Nome e Leonel a tornarem a passar por defronte do forte.

É verdade que, com tal noite, no meio dos espessos turbilhões de neve, não era fácil que fossem reconhecidos pelas sentinelas, mesmo na ocasião em que ambos atravessassem a estreita praia. Por certo que, se a superfície do Ontário não estivesse embaraçada pelos montões de gelo que aqueles rudes Invernos acumulavam nas suas margens, se o lago estivesse navegável, mais valera dirigirem-se a algum pescador, que rapidamente teria levado os fugitivos à foz do Niágara.

Mas então era impossível.

João e Leonel caminhavam tão rapidamente quanto a tormenta lho permitia. Ainda não tinham feito uma centena de passos para além das paliçadas quando o troar de uma descarga se fez ouvir.

Não havia que duvidar. Uma descarga de pelotão acabava de ser dada no interior do forte.

— Joann! — exclamou João.

E caiu com o rosto contra a terra, como se ele próprio acabasse de ser ferido pelas balas dos soldados de Frontenac.

Joann acabava de morrer por seu irmão, de morrer pelo seu país.

Meia hora depois da partida de João, o major Sinclair tinha ordenado que se procedesse à execução conforme a ordem recebida de Quebeque.

Joann tinha sido tirado da cela e conduzido à praça de armas, ao sítio onde devia ser fuzilado.

O major lera a sentença ao condenado.

Joann nada respondera.

Naquele momento ele, se o quisesse fazer, poderia ter exclamado:

— Eu não sou João-Sem-Nome! Eu sou o padre que tomou o seu lugar para o salvar!

O major teria sido obrigado a suspender a execução e a pedir novas instruções ao governador-geral.

Mas João devia ainda achar-se próximo do forte. Os soldados seriam enviados em sua perseguição. Seria fatalmente agarrado. Fuzilavam-no.

E João-Sem-Nome não podia nem devia morrer senão no campo de batalha!

Joann calou-se e, encostando-se à parede, caiu pronunciando as palavras:

— Mãe, irmão e pátria!

Os soldados, que o não reconheceram depois de morto, atiraram com o cadáver para uma sepultura cavada na parte de fora do recinto.

O governo acreditou que tinha morto nele o herói da independência.

Era a primeira vítima oferecida em expiação do crime de Simão Morgaz!

Foi em 1688, às ordens de Cavelier de la Salle, que os Franceses fizeram navegar o primeiro navio europeu pela superfície do Ontário. Chegados ao seu limite meridional, onde elevaram o Forte Niágara, o seu navio entranhou-se no rio deste nome, cujo curso subiu até às cachoeiras a três milhas das cataratas. Depois, um segundo navio, construído e lançado à água acima das célebres cataratas, foi desembocar ao lago Erié e seguiu a sua audaciosa navegação até o lago Michigan.

Na realidade o Niágara não é mais do que um canal natural que permite às águas do Erié escoarem-se para o Ontário.

Pouco mais ou menos a meio caminho deste canal o chão falta bruscamente na altura de uns cento e setenta pés, precisamente no sítio onde o rio se curva, descrevendo uma espécie de ferradura. A ilha das Cabras — Goats Island — divide a catarata em duas partes iguais. A direita, a catarata americana, à esquerda, a canadense, precipitam as suas águas atordoadoras no fundo de um abismo coroado incessantemente pelas brumas de uma poeira aquosa.

A ilha Navy está situada a montante das cataratas, por consequência do lado do lago Erié, a dez milhas da cidade de Búfalo e a três milhas da aldeia de Niagara Falls, edificada na altura das cataratas cujo nome tem.

Foi ali que os patriotas levantaram o derradeiro baluarte da insurreição, como uma espécie de acampamento lançado entre o Canadá e a América a meio do curso desse Niágara, que é o limite natural dos dois países.

Os chefes que tinham escapado à perseguição dos lealistas, depois de S. Dinis e de S. Carlos, tinham saído do território canadense e atravessado a fronteira para se concentrarem na ilha Navy. Se a sorte das armas os traísse, se os reais conseguissem atravessar o braço esquerdo do rio e expulsá-los da ilha, restava-lhes o recurso de se refugiarem na margem oposta, onde lhes não faltariam simpatias. Mas, por certo, seriam em pequeno número os que iriam pedir asilo aos Americanos, porque esta suprema partida seria jogada por eles até à morte.

Eis qual era a situação respetiva dos franco-canadenses e das tropas reais enviadas de Quebeque na primeira quinzena de dezembro.

Os reformistas — e mais especialmente os que se chamavam os «bonés-azuis» — ocupavam a ilha Navy, que o rio não bastava para defender.

Efetivamente, embora o frio fosse extremamente áspero, o Niágara continuava navegável, graças à rapidez da sua corrente. Portanto as comunicações eram possíveis por meio de barcos entre a ilha Navy e as duas margens. Por isso, os Americanos e os Canadenses não cessavam de ir e vir do acampamento à aldeia de Schlosser, situada à direita do Niágara, prevendo um próximo ataque dos reais.

Um cidadão dos Estados Unidos, o Sr. Wills, dono de um barquinho a vapor, chamado *Carolina*, utilizava-o para este transporte quotidiano, mediante uma pequena retribuição, que os curiosos de boa vontade lhe davam.

Na margem oposta do Niágara, e por consequência em frente de Schlosser, os ingleses tinham acampado na ilha de Chippewa, às ordens do coronel Mac Nab. O seu efetivo era considerável bastante para esmagar os reformistas juntos na ilha Navy, se conseguisse ali chegar. Para esse fim tinha mandado reunir em Chippewa uma grande quantidade de barcos, para um desembarque, que seria tentado tão depressa os preparativos para esse fim em ação estivessem terminados, o que poucos dias mais poderia levar. O fim, portanto, desta última campanha nos confins do Canadá, em presença dos Americanos, estava iminente.

Não nos admiraremos de encontrar em Navy as principais personagens que mais especialmente têm figurado nas diferentes fases desta história. André Farran, recentemente curado da sua ferida, assim como William Clerc, tinham corrido ao acampamento, onde Vicente Hodge não tardou em ir ter com eles. Somente o deputado Sebastião Gramont, então preso em Montreal, não ocupava o seu lugar nas fileiras dos seus irmãos de armas.

Depois de ter protegido a fuga de Bridget e de Clary de Vaudreuil, que, graças à sua intervenção, tinham conseguido chegar à Casa Fechada, Vicente Hodge conseguira livrar-se dos soldados bêbedos que o cercavam e dos que lhe ameaçavam

cortar o caminho. Depois embrenhou-se no bosque, e ao nascer do dia estava livre de cair nas mãos da soldadesca. Quarenta e oito horas depois chegava a Santo Albans, para além da fronteira. Assim que o acampamento da ilha Navy ficou organizado, fez-se para ali transportar com alguns americanos que se tinham consagrado de alma e vida à causa da independência.

Ali encontrou já Tomás Harcher e quatro de seus filhos, Pedro, Tony, Jacques e Miguel. Depois de ter escapado ao desastre de S. Carlos, seria não só comprometer-se, mas comprometer também Catarina, voltar a Chipogan. Refugiaram-se portanto em Santo Albans, onde Catarina os sossegou a seu respeito por meio de cartas, bem como sobre o que dizia respeito aos seus outros filhos. Depois, na primeira semana de dezembro vieram para a ilha, firmemente resolvidos a lutar de novo, levando a peito vingar a morte de Rémy, caído às balas dos reais.

Quanto a Nick, o mais perspicaz feiticeiro do Far West que lhe tivesse dado a seguinte sina: «Um dia, tu, notário real e pacífico, prudente por profissão, manso por caráter, hás de combater à frente de uma tribo contra as autoridades regulares do teu país!», um tal feiticeiro ter-lhe-ia parecido doido bem digno de ser fechado num hospício de alienados do distrito.

Pois, apesar disso, Nick lá se achava à testa dos guerreiros da sua tribo. Depois de uma solene arenga, os Mahogannis tinham decidido aliar-se aos patriotas. Um grande chefe, em cujas veias corria o sangue dos Sagamoro, não podia deixar-se ficar para trás. É possível que ele fizesse algumas objeções, às quais ninguém prestou atenção. E, no dia imediato àquele em que Leonel, acompanhado do padre Joann, tinha deixado Walhatta, depois que o fogo do conselho se extinguiu, Nick, seguido — seguido não! —, precedido de uns cinquenta dos seus guerreiros, tinha-se dirigido para o lago Ontário, a fim de ir a Schlosser.

Imagine-se que recepção foi feita a Nick. Tomás Harcher apertou-lhe a mão com tal força que durante vinte e quatro horas lhe teria sido impossível manejar o arco ou o *tomahawk*. A mesma alegria por parte de Vicente Hodge, de Farran, de Clerc, de todos os que eram seus amigos ou clientes em Montreal.

— Sim... sim... — balbuciava ele — julguei que era do meu dever... ou, antes, foram estes valentes...

— Os guerreiros da sua tribo?

— Isso mesmo... os guerreiros da minha tribo! — repetia ele.

Embora fosse pouco marcial a sua atitude, atitude que envergonhava

Leonel, o excelente homem levava um contingente importante com os seus Hurões. Se os outros povos, arrastados pelo exemplo, os seguissem, se os guerreiros, animados dos mesmos sentimentos, se aliassem aos reformistas, as autoridades não poderiam debelar o movimento insurrecional.

Contudo, em consequência dos últimos acontecimentos os patriotas eram forçados a passar da ofensiva à defensiva. Por isso, dado o caso que a ilha Navy caísse em poder do coronel Mac Nab, a causa da independência estava definitivamente perdida.

Os chefes tinham tratado de organizar a resistência por todos os meios ao seu alcance. Entrincheiramentos elevados em diversos pontos da ilha, obstáculos contra as tentativas de desembarque, armas, munições e víveres, cujas remessas se operavam pela aldeia de Schlosser, tudo se fazia com pressa, com zelo.

O que mais custava aos patriotas era estarem reduzidos a esperar um ataque que eles não podiam provocar, não estando prevenidos para atravessar o braço do Niágara. À falta de material, como podiam eles arremessar-se sobre a aldeia de Chippewa e assaltar o acampamento fortemente estabelecido na margem esquerda do rio?

Pois, apesar de tudo isso, aquela situação não podia prolongar-se, sob pena de cada vez se tornar pior. As forças do coronel Mac Nab cresciam de dia para dia, enquanto os seus preparativos para a passagem do Niágara iam progredindo ativamente.

Levados até à fronteira, os derradeiros defensores da causa franco-canadense tinham debalde tentado conservar comunicações com as povoações das províncias de Ontário e de Quebeque. Nestas condições, como é que as paróquias se uniriam para correrem às armas, e que chefe assumiria o comando da rebelião, agora que os reais percorriam os condados do S. Lourenço?

Um único o poderia fazer. Um único teria bastante influência para levantar as massas populares: era João-Sem-Nome.

Mas depois da derrota de S. Carlos tinha ele desaparecido. E todas as probabilidades eram de que teria morrido obscuramente, visto que não tinha podido alcançar a fronteira americana. Quanto a admitir que tivesse recentemente caído nas mãos da polícia, era totalmente impossível. Uma tal captura não poderia ter sido conservada em segredo pelas autoridades de Quebeque ou de Montreal.

Acontecia o mesmo com o Sr. de Vaudreuil. Vicente Hodge, Farran e Clerc ignoravam também o que tinha sido feito dele.

Que fora ferido em S. Carlos, não restava a menor dúvida. Mas ninguém tinha visto que João o levara para fora do campo de batalha; nem tinha corrido notícia de que tivesse sido feito prisioneiro.

Pelo que diz respeito a Clary de Vaudreuil, desde o momento em que Vicente Hodge a libertou das mãos dos soldados que a tinham atacado nunca mais soube o que fora feito dela.

Que se imagine qual foi a alegria de todos os amigos do Sr. de Vaudreuil quando, a 10 de dezembro, o viram chegar à ilha Navy, com sua filha, acompanhada de uma velha que eles não conheciam.

Era Bridget.

Depois da partida de João, a melhor resolução era, por certo, a de ficar na Casa Fechada, visto que o Sr. de Vaudreuil não corria risco de ser ali descoberto. Onde encontraria sua filha um outro abrigo mais seguro? A quinta de Montcalm, incendiada pelos reais na sua expedição à ilha de Jesus, não era mais do que um acervo de ruínas. E, além disso, o Sr. de Vaudreuil ignorava ainda quais as razões por que Rip tinha excetuado das revistas policiais a Casa Fechada.

Sua filha tinha guardado segredo acerca daquela infamante proteção, e ele não sabia que era hóspede de Bridget Morgaz.

Entretanto, temendo mais por Clary do que por ele as consequências de uma nova visita dos esbirros, não quis alterar o projeto feito.

Por esse motivo, no dia seguinte à noite, logo que soube que os reais tinham saído de S. Carlos, tinha ele tomado lugar com Clary e Bridget na carroça de Archambaud, e todos três se dirigiram imediatamente para o sul do condado de S. Jacinto. Depois logo que souberam da concentração dos patriotas na ilha Navy, diligenciaram passar a fronteira americana. Chegados a Schlosser, no fim de oito dias de penosa e arriscada viagem, acharam-se no meio dos seus amigos.

Mas como foi que Bridget consentiu em seguir Clary de Vaudreuil, que conhecia o seu passado? Foi porque aquela pobre mulher não conseguiu resistir às suas súplicas.

Eis em que circunstâncias se tinha efetuado a sua partida.

Depois da fuga de João, compreendendo, como ele, que não podia inspirar aos seus hóspedes senão horror, Bridget tinha-se retirado para o seu quarto.

Que noite horrível! Teria Clary ocultado a seu pai o que acabava de saber? Por certo que não!

E no dia seguinte o Sr. de Vaudreuil, desprezando tal hospitalidade, não trataria exclusivamente senão de fugir da Casa Fechada.

Sim! Fugir... com o risco de cair nas mãos dos reais; fugir, de preferência a ficar uma hora mais sob o teto dos Morgaz!

Além disso, ela, Bridget, não ficaria mais em S. Carlos. Não esperaria agora que viesse expulsá-la a aversão pública.

Iria para muito longe, não pedindo a Deus senão que a libertasse daquela odiosa existência!

Mas, no dia seguinte, ao luzir da manhã, Bridget viu Clary entrar no seu quarto. Ia a sair, para não se encontrar com ela, quando Clary lhe disse com voz tristemente afetuosa:

— Sra. Bridget, guardei o seu segredo para com meu pai. Nada sabe nem saberá desse passado, que eu própria quero esquecer. Só me lembrarei que é a mais desgraçada e a mais respeitável das mulheres!

Bridget não se atrevia a levantar a cabeça.

— Ouça-me — continuou Clary. — Tenho pela senhora o respeito a que tem direito. Tenho pelas suas desgraças a

simpatia que elas merecem, porque não é, nem pode ser responsável pelo crime que tão cruelmente tem expiado. Essa abominável traição já seus filhos a têm por demais resgatado; e justiça lhes há de ser feita um dia. Enquanto, porém, não chega esse dia, deixe-me que eu a venere como se fosse minha mãe. Dê-me a sua mão!

Então, em presença desta sensibilizadora manifestação de sentimentos a que não estava acostumada, a infeliz cedeu e apertou a mão de Clary enquanto de seus olhos se soltavam as lágrimas a jorro.

— Agora — prosseguiu Clary — tréguas ao passado e não pensemos senão no presente. Meu pai teme que se façam novas buscas a sua casa.

Quer que partamos juntos, amanhã à noite, se as estradas estiverem livres. A senhora não pode nem deve continuar a ficar em S. Carlos. Espero que há de vir connosco. Iremos ter com os nossos amigos, encontraremos seu filho, a quem repetirei o que acabo de dizer, e que eu sinto ser de uma verdade superior aos preconceitos dos homens e que me trasborda do coração. Vem connosco?

— Vou.

— Obrigada!

— Vou, embora mais valera deixar-me morrer longe, de miséria e de vergonha!

Clary teve de levantar Bridget, que tinha caído de joelhos e soluçava a seus pés.

Depois, todos três deixaram a Casa Fechada no dia seguinte à noite.

Foi na ilha Navy, vinte e quatro horas depois da sua chegada, que souberam a notícia tão esmagadora para a causa nacional:

João-Sem-Nome, preso pelo chefe de polícia Comeau, acabava de ser conduzido ao Forte de Frontenac.

Este último golpe aniquilou Bridget. Não sabia o que era feito de Joann; e sabia o que esperava João: ia morrer!

— Pelo menos que ninguém nunca saiba que eles são filhos de Simão Morgaz! — murmurou ela.

Apenas Clary conhecia esse segredo.

Mas o que poderia ela ter dito para consolar a pobre Bridget?

Além de que, à dor que ela experimentou sabendo desta prisão, Clary bem sentiu que o seu amor por João em nada se tinha modificado.

Nele apenas continuava a ver o ardente patriota votado à morte!

Entretanto, a prisão de João-Sem-Nome provocara profundo desânimo no acampamento de Navy, e era com este resultado que as autoridades contavam, espalhando esta nova por toda a parte.

Por isso, logo que ela chegou a Chippewa, o coronel Mac Nab ordenou que fosse propagada por toda a província.

Mas como esta notícia tinha atravessado a fronteira canadense é o que se ignorava. O que parecia bastante inexplicável é que fosse sabida na ilha muito antes de o ser em Schlosser.

No fim de contas, isso pouco importava!

Infelizmente, a prisão era o que havia de mais certo, e João-Sem-Nome faltava exatamente no momento em que se ia jogar definitivamente a sorte do Canadá.

Assim que foi sabida a sua captura, reuniu-se conselho no dia 11 de dezembro.

Assistiram a ele os principais chefes com Vicente Hodge, André Farran e William Clerc.

O Sr. de Vaudreuil, que era o comandante-em-chefe, assistiu como presidente.

Vicente Hodge colocou logo a questão sobre saber-se se se devia tentar um ataque para libertar João.

— João está preso em Frontenac — disse ele. — A guarnição desse forte é pouco numerosa, e uma centena de homens decididos é bastante decerto para obrigá-la a render-se. Não seria possível chegar ali dentro de vinte e quatro horas?

— Vinte e quatro horas! — respondeu o Sr. de Vaudreuil. — Pois esquece que João-Sem-Nome estava condenado de antemão? É em doze horas, ainda esta noite, que é preciso chegar a Frontenac!

— Pois aí chegaremos ainda hoje — afirmou Vicente Hodge. — Ao longo da margem do Ontário nenhum obstáculo nos

deterá até à fronteira do S. Lourenço, e, como os reais não suspeitam do nosso projeto, não nos poderão disputar a passagem.

— Nesse caso parta — disse o Sr. de Vaudreuil —, mas proceda sempre com o máximo segredo. É preciso que os espiões do campo de Chippewa não cheguem a saber da sua partida!

Decidida a expedição, não foi difícil reunir os cem homens que deviam tomar parte nela.

Todos os patriotas se ofereceram para arrancarem João-Sem-Nome à morte.

O destacamento, comandado por Vicente Hodge, passou para a margem direita do Ontário, em Schlosser, e obliquando através dos territórios americanos chegou por volta das três horas da manhã à margem direita do S. Lourenço, que era fácil de atravessar por sobre a camada de gelo.

O Forte de Frontenac ficava a pouco mais de cinco léguas para o norte.

Antes do dia, pois, Vicente Hodge podia ter surpreendido a guarnição e libertar o condenado.

Mas ele tinha sido precedido por um expresse a cavalo, diretamente enviado de Chippewa. As tropas, que vigiavam a fronteira, estavam acampadas na margem do rio.

Era preciso renunciar à passagem.

O destacamento teria sido esmagado. A cavalaria real ter-lhe-ia cortado a retirada.

Nem um homem teria voltado a Navy.

Vicente Hodge e seus companheiros tiveram de retroceder para Schlosser.

Como é que a tentativa de ataque contra o Forte de Frontenac tinha sido sabida em Chippewa?

Que os preparativos necessários para a reunião de uns cem homens não se tivessem podido fazer a ocultas, de acordo.

Mas como é que o coronel Mac Nab pudera saber da sua existência?

Achar-se-ia por acaso entre os patriotas um espião ou espiões em correspondência com o acampamento de Chippewa?

Já em tempo anterior tinha havido a suspeita de que os Ingleses eram sabedores de tudo quanto se fazia na ilha.

Agora, já não era permitida a dúvida, visto que as tropas, acampadas no limite do Canadá, tinham sido avisadas com tempo para impedir a passagem de Hodge.

No fim de contas, a tentativa, organizada pelo Sr. de Vaudreuil, não teria podido realizar a libertação do condenado.

Vicente Hodge chegaria muito tarde a Frontenac.

Efetivamente, no dia seguinte, na manhã de 12, espalhou-se a notícia de que João-Sem-Nome tinha sido fuzilado no recinto do forte.

Os lealistas regozijavam-se de não terem que temer o herói popular, que era a alma das insurreições franco-canadenses.

E, contudo, outros dois golpes, não menos terríveis, iam ferir o partido nacional e desanimar os seus derradeiros defensores do entrincheiramento da ilha Navy.

Era para admirar que o desespero não invadissem os reformistas em presença dos sucessivos desastres com que a má fortuna os molestava.

Em primeiro lugar, a lei marcial, proclamada no distrito de Montreal, tornava quase impossível um acordo entre as paróquias do S. Lourenço. Por um lado, o clero canadense, sem nada abandonar das suas esperanças futuras, exortava os sublevados a submeterem-se. Por outro, era difícil triunfar sem o auxílio dos Estados Unidos. A não ser por parte dos americanos da fronteira, parecia que essa participação não se tornaria efetiva. O Governo federal não queria tomar abertamente partido pelos seus vizinhos de origem francesa. Votos, sim! Obras é que poucas ou nenhuma!

Além disso, muitos canadenses, reservando os seus direitos e protestando contra os abusos manifestos, trabalhavam para apaziguar os ânimos.

Deste estado de coisas resultava, portanto, que os patriotas militantes, no último mês deste ano de 1837, não chegavam a mil homens dispersos por todo o país.

Em vez de uma revolução, a história não teria de registar senão uma revolta.

Contudo, algumas tentativas isoladas tinham sido feitas em Swanton. Por conselhos de Papineau e de O'Callaghan, um pequeno bando de oitenta homens entrou no território canadense, chegou a Moore's Corner e foi de encontro a um batalhão de quatrocentos voluntários resolvidos a intercetar-lhe a passagem. Os patriotas bateram-se com admirável coragem; mas foram repelidos e tiveram de passar a fronteira.

O governo, não tendo já que temer deste lado, ia poder concentrar as forças no Norte.

A 14 de dezembro deu-se um combate em Santo Eustáquio, do condado das Duas Montanhas, situado ao norte do S. Lourenço. Ali, no meio de seus atrevidos companheiros, tais como Lorimier, Ferréol e outros, distinguiu-se pela sua energia e bravura o Dr. Chemier, cuja cabeça tinha sido posta a prêmio. Dois mil soldados, enviados por *sir* John Colborne, nove peças de artilharia, cento e vinte homens de cavalaria, uma companhia de oitenta voluntários, foram atacar Santo Eustáquio. A resistência de Chemier e dos seus foi heroica. Expostos às balas e aos obuses, tiveram de entrincheirar-se no presbitério, na igreja e no convento. A grande maioria nem sequer tinha espingardas, e como as reclamassem Chemier responde friamente: «Irão tomando aquelas dos que forem morrendo!»

Mas o círculo dos assaltantes foi-se apertando em volta da povoação, e o incêndio veio em auxílio dos reais.

Chemier viu-se obrigado a abandonar a igreja. Uma bala derrubou-o. Levantou-se e fez fogo. Uma segunda bala veio e acertou-lhe em pleno peito. Caiu. Estava morto.

Setenta dos seus companheiros morreram a seu lado.

Ainda hoje se veem as mutilações da igreja onde esses desesperados combateram, e os Canadenses ainda não cessaram de visitar o lugar onde sucumbiu o corajoso doutor. Por ali diz-se sempre: — Valente como Chemier!

Depois da terrível repressão dos insurgentes em Santo Eustáquio, *sir* John Colborne dirigiu as suas tropas sobre S. Bento, aonde chegaram no dia seguinte.

Era uma formosa e rica povoação, situada a algumas milhas ao norte no condado das Duas Montanhas.

Ali levou-se a efeito uma carnificina de gente desarmada, que consentia em se entregar. Como teriam eles a possibilidade de se defenderem contra as tropas vindas de Santo Eustáquio e os voluntários chegados de Santo Andrew, ou mais de seis mil homens, tendo à sua frente o general em pessoa?

Ruínas, destruição, roubo, incêndio, saque, todos os excessos de uma soldadesca furiosa, que não respeitava nem sexo nem idade, profanação de igrejas, os vasos sagrados empregados nos mais odiosos serviços, paramentos sacerdotais vestidos

no pescoço dos cavalos, tais foram os atos de vandalismo e de desumanidade de que esta paróquia foi teatro. E deve dizer-se que, se os voluntários tomaram maior parte nestes crimes, os soldados das tropas regulares pouco foram reprimidos pelos seus chefes. Por muitas vezes estes deram ordem para que fossem incendiadas as casas dos cidadãos mais notáveis.

Quando em 16 de dezembro estas notícias chegaram à ilha Navy, produziram extrema efervescência. Os revoltosos queriam imediatamente atravessar o Niágara para atacar o acampamento de Mac Nab. Foi com grande custo que o Sr. de Vaudreuil conseguiu contê-los.

Mas, passado o primeiro momento de furor, veio o do desânimo. E até algumas deserções começaram a notar-se nas fileiras dos patriotas, uma centena dos quais atravessou para a fronteira americana.

Além disso, os chefes viam diminuir a sua influência e aumentar as dissidências entre si. Vicente Hodge, Farran e Clerc estavam muitas vezes em desacordo com os outros patriotas. Apenas o Sr. de Vaudreuil teria podido, talvez, moderar as rivalidades, geradas desta desesperada situação. Infelizmente, se ele nada tinha perdido da sua energia moral, pouco refeito das feridas mal curadas, sentia as forças diminuir-lhe de dia para dia e compreendia que não sobreviveria à derrota final.

Por isso, no meio das apreensões que lhe causava o futuro, o Sr. de Vaudreuil preocupava-se com o abandono em que ficaria sua filha.

Entretanto, André Farran, William Clerc, Vicente Hodge não cessavam de lutar contra o desânimo de seus companheiros. Se se perdesse a partida, diziam eles, esperar-se-ia a hora de se encetar de novo. Depois de terem deixado atrás de si os fermentos de uma futura insurreição, os patriotas retirar-se-iam para o território dos Estados Unidos, onde preparariam uma nova campanha contra os opressores.

Não se devia desesperar do futuro, e era a opinião do próprio Nick quando dizia ao Sr. de Vaudreuil:

— Se a rebelião ainda não pôde vingar, as reformas pedidas hão de realizar-se pela força das coisas. Cedo ou tarde o Canadá há de recobrar os seus direitos; conquistará a sua autonomia e não dependerá da Inglaterra senão nominalmente. Há de viver bastante para o ver, Sr. de Vaudreuil. Ainda um dia nos encontraremos, com a nossa querida Clary, em Montcalm, reparada das atuais ruínas. E eu tenho essa esperança, olé! Terei, enfim, largado o manto dos Sagamoro, que não se ajeita com os meus ombros de tabelião, para voltar ao meu escritório de Montreal!

Depois, quando o Sr. de Vaudreuil, devorado pelas inquietações a respeito de sua filha, falava nisso a Tomás Harcher, este respondia-lhe:

— Não somos nós da sua família, patrão? Se teme pela menina Clary, porque não a manda ir para a fazenda para junto de Catarina? Lá, em Chipogan, estará em segurança e ah irá ter com ela quando as circunstâncias o permitirem!

Mas o Sr. de Vaudreuil não se iludia a seu respeito. Portanto, sabendo que estava condenado, resolveu assegurar o futuro de Clary nas condições que sempre desejou.

Conhecendo o amor de Vicente Hodge por sua filha, julgava que esse amor era partilhado. Nunca lhe passou pela cabeça que no coração de Clary existisse a imagem de um outro. Depois, ela própria, pensando no abandono em que a deixaria a morte de seu pai, teria já sentido a necessidade de um apoio neste mundo. E haveria um outro mais seguro de que o amor de Vicente Hodge, já unido a ela pelos laços do patriotismo?

O Sr. de Vaudreuil resolveu agir neste sentido, a fim de conseguir a realização do seu mais querido desejo. Não duvidava dos sentimentos de Vicente Hodge, e não podia duvidar dos de Clary. Chamaria ambos, falar-lhes-ia, juntar-lhes-ia as mãos. E, depois, chegado o momento da morte, só teria uma única pena: a de não ter podido reconquistar a independência da sua terra.

Vicente Hodge foi convidado para a noite de 16 de dezembro.

Era uma pequena casa, edificada na parte oriental da ilha, em frente de Schlosser, onde residia então o Sr. de Vaudreuil com sua filha.

Bridget morava ali também; mas nunca saía durante o dia. A maior parte das vezes esta pobre mulher saía ao cair da noite, absorvida pela lembrança de seus dois filhos: João, morto pela causa nacional, Joann, de quem não tinha notícias e que

esperava talvez nas prisões de Quebec ou de Montreal a sua vez de morrer!

Além de que nunca pessoa alguma a via naquela casa onde o Sr. de Vaudreuil e sua filha lhe retribuíam a hospitalidade que tinham recebido na Casa Fechada. Não que ela tivesse medo de ser reconhecida ou de que lhe lançassem o seu nome em rosto! Quem teria suspeitado que era ela a mulher de Simão Morgaz?

Mas achava já de mais o viver sob as mesmas telhas que o Sr. de Vaudreuil e que Clary lhe testemunhasse a afeição e o respeito de uma filha para com sua mãe!

Vicente Hodge foi à entrevista que lhe tinha sido marcada. Quando chegou, seriam umas oito horas da noite.

Bridget tinha já saído e vagueava pela ilha.

Vicente Hodge apertou a mão do Sr. de Vaudreuil e voltou-se para Clary, que lhe estendeu a sua.

— Tenho de lhe falar de coisas graves, meu caro Hodge — declarou o Sr. de Vaudreuil.

— Retiro-me, meu pai — disse Clary, dirigindo-se para a porta.

— Não saias, filha; fica. O que tenho a dizer interessa aos dois.

Fez sinal a Vicente Hodge para que se sentasse na sua frente. Clary sentou-se numa cadeira junto de seu pai.

— Meu amigo — começou ele —, pouco tempo me resta de vida. Sinto-o, e cada dia aumenta a minha fraqueza. Ouça-me, portanto, como se estivesse à cabeceira de um moribundo a quem tivesse de recolher as derradeiras palavras.

— Meu querido Vaudreuil, o senhor exagera — retorquiu imediatamente Vicente Hodge.

— Ao mesmo tempo que nos aflige, meu pai! — ajuntou Clary.

— Mais me afligirão os dois —olveu o Sr. de Vaudreuil — se recusarem compreender-me.

Fitou os dois longamente. Depois, dirigindo-se a Hodge:

— Meu amigo, até hoje não temos falado senão da causa a que ambos temos dedicado toda a nossa existência. Pela minha parte era isso naturalíssimo, porque sou de sangue francês e é pelo triunfo completo do Canadá francês que tenho combatido. O senhor, que está ligado ao nosso país apenas por laços de origem, não hesitou, contudo, em colocar-se na vanguarda dos patriotas...

— Os Americanos e os Canadenses não serão irmãos? — observou Vicente Hodge. — E quem sabe se o Canadá não fará um dia parte da confederação americana?

— Oxalá chegue esse dia! — desejou de Vaudreuil.

— Esperamos que há de chegar, meu pai — exclamou Clary — e que ainda o há de ver...

— Não, minha filha, não o verei.

— Crê pois a nossa causa perdida, porque foi vencida desta vez? — perguntou Hodge.

— Uma causa que assenta sobre a justiça e sobre o direito acabará sempre por triunfar — afirmou o Sr. de Vaudreuil.

— O tempo que me falta a mim não faltará aos dois para verem esse triunfo. Sim, Hodge, há de vê-lo, e, ao mesmo tempo, terá vingado seu pai... seu pai morto no cadafalso pela traição de um Morgaz!

A este nome, inopinadamente pronunciado, Clary sentiu-se como que ferida no coração. Temerá ela deixar ver a cor que lhe subiu ao rosto? Por certo, porque se levantou e foi para junto da janela.

— Tem alguma coisa, Clary? — perguntou Vicente Hodge, dirigindo-se para ela.

— Sofres? — ajuntou o Sr. de Vaudreuil, que fez um esforço para se levantar do *fauteuil*.

— Não, meu pai; não é nada! O ar fresco bastará para me restabelecer.

Vicente Hodge abriu uma das vidraças da janela e voltou para junto do Sr. de Vaudreuil.

Este esperou alguns instantes. Depois, assim que Clary voltou para junto dele, tomou-lhe a mão, ao mesmo tempo que se dirigia a Vicente Hodge:

— Meu amigo — disse ele —, embora o patriotismo tenha ocupado toda a sua existência, deixou contudo lugar no seu coração para um outro sentimento! Eu sei que ama minha filha, e sei também a estima que ela lhe dedica. Eu morreria mais tranquilo se o senhor tivesse o direito e o dever de velar por ela, que ficará só no mundo depois da minha morte! Se ela

consentisse, aceitava-a por esposa?

Clary tinha retirado a sua mão da de seu pai, e, fitando Hodge, esperava a sua resposta.

— Meu caro Vaudreuil — respondeu Hodge —, o senhor oferece-me a realização do mais feliz dos meus sonhos, aquele que me ligasse a si por tal laço. Ouça, Clary, amo-a, e já há longo tempo, e com todas as forças da minha alma. Antes de lhe falar do meu amor desejava ver triunfar a nossa causa. Mas as circunstâncias são gravíssimas, e os últimos acontecimentos modificaram a situação dos patriotas. Podem decorrer ainda alguns anos sem que se recomece a luta. Pois bem, quer passar esses anos na América, que é quase a sua terra? Quer-me dar o direito de substituir junto de si seu pai e de lhe dar a alegria de me chamar filho! Diga, Clary, quer?

Clary conservava-se muda.

Vicente Hodge, abaixando a cabeça na presença deste silêncio, não ousava renovar a pergunta.

— Então, filha, tu não ouviste? Não ouviste o que te disse Hodge? — continuou o Sr. de Vaudreuil. — Depende de ti que eu possa ser seu pai, e, depois de todos os desgostos da minha vida, desejava ter esta suprema consolação de te ver unida a um patriota que te ama e que é digno de ti!

Então, Clary, com voz comovida, deu a seguinte resposta, que devia matar todas as esperanças:

— Meu pai, tenho por si o mais profundo respeito! Hodge, dedico-lhe uma profunda estima e uma amizade de irmã! Mas nunca poderei ser sua mulher!

— Não podes... Clary? — murmurou o Sr. de Vaudreuil, que agarrou no braço de sua filha.

— Não, meu pai!

— E porquê?

— Porque a minha vida pertence a outro!

— A outro? — exclamou Vicente Hodge, que não pôde ser senhor de um movimento de ciúme.

— Não seja ciumento, Hodge! — pediu Clary. — E porque o havia de ser, meu amigo? Aquele a quem eu amo e a quem nada disse deste amor, que me amava e nunca me falou do seu, já não existe. Talvez mesmo que, se ainda fosse vivo, eu nunca fosse sua mulher! Mas morreu, morreu pelo seu país, e eu ficarei fiel à sua memória...

— É João? — exclamou o Sr. de Vaudreuil.

— É, meu pai, é João...

Clary não pôde acabar a resposta.

— Morgaz! Morgaz! — tal foi o nome que neste momento soou no meio de clamores afastados. Ao mesmo tempo a multidão corria em tumulto. O rumor vinha do norte da ilha e precisamente ao longo da margem do Niágara sobre a qual se achava a casa do Sr. de Vaudreuil.

A este nome ruidosamente lançado, que completava o de João, Clary tornou-se horrivelmente pálida.

— Que ruído é este? — disse o Sr. de Vaudreuil.

— E porque virão berrando um tal nome? — perguntou Vicente Hodge.

Levantou-se, e, dirigindo-se para a janela ainda aberta, inclinou-se para fora.

A margem estava iluminada por vivos clarões. Uma centena de patriotas, alguns dos quais empunhavam archotes, avançava pela praia.

Havia ali homens, mulheres e crianças. Todos uivando o nome maldito de Morgaz, aglomerando-se ao redor de uma velha que se não podia livrar dos seus insultos porque mal tinha forças para se arrastar.

Era Bridget.

Nesse momento Clary precipitou-se para a janela, e, reconhecendo a vítima desta manifestação, cuja causa por demais compreendia:

— Bridget! — exclamou ela.

Dirigiu-se para a porta, abriu-a precipitadamente e saiu, sem mesmo responder a seu pai, que a seguia com Vicente

Hodge.

A multidão já não estava a cinquenta passos da sua casa. Os clamores aumentavam. Lançavam lama à cara de Bridget. Mãos furiosas se dirigiam para ela. Já começavam a juntar pedras para lhe atirarem.

Num momento, Clary de Vaudreuil achou-se junto de Bridget, protegendo-a com os seus braços enquanto os gritos recrudesciam com mais violência:

— É Bridget Morgaz! É a mulher de Simão Morgaz! Morra! Morra!

O Sr. de Vaudreuil e Vicente Hodge, que iam interpor-se entre ela e aqueles desesperados, detiveram-se repentinamente. Bridget, a mulher de Simão Morgaz! Bridget usando esse nome... um nome odioso!

Clary amparava a desgraçada, que acabava de cair de joelhos. O seu vestuário estava sujo e rasgado. Os cabelos brancos, em desordem, ocultavam-lhe o rosto.

— Matem-me! Matem-me! — murmurava ela.

— Desgraçados! — exclamou Clary, voltando-se para aqueles que a ameaçavam. — Respeitem esta mulher.

— Mulher do traidor Simão Morgaz! — repetiram cem vozes furiosas.

— Sim — disse Clary —, é a mulher do traidor, mas também é a mãe daquele...

Ia a pronunciar o nome de João — o único que talvez em vida podia proteger Bridget.

Mas esta, recobrando toda a sua energia, tinha-se levantado e suplicava-lhe:

— Não... Clary... Não! Por piedade para com meu filho... por piedade para com a sua memória!

E então os gritos redobravam de violência, bem como as ameaças. A multidão tinha engrossado, atuada por um desses delírios irresistíveis que forçam aos mais cobardes atentados.

O Sr. de Vaudreuil e Vicente Hodge ainda tentaram arrancar-lhe a vítima. Alguns dos seus amigos, atraídos pelo tumulto, vieram em seu auxílio. Mas em vão procuraram libertar Bridget e juntamente Clary, que estava agarrada a ela.

— Morra! Morra, a mulher de Simão Morgaz! — uivavam aquelas vozes desvairadas.

Repentinamente, através da multidão que ia repelindo, apareceu um homem. Depois, arrancando Bridget aos braços que se levantavam para lhe descarregarem as últimas pancadas:

— Minha mãe! — exclamou ele.

Era João-Sem-Nome; era João Morgaz!

Capítulo 24 — Expição

Eis em que circunstâncias o nome de Morgaz tinha sido revelado aos defensores da ilha Navy.

Não deve ter esquecido que os preparativos de resistência, os pontos que se fortificavam para repelir um ataque dos reais e algumas tentativas feitas para forçar a passagem do Niágara, tudo tinha sido assinalado no acampamento de Mac Nab. Evidentemente, tinha-se introduzido um espião nas fileiras dos patriotas e era ele quem trazia o inimigo ao facto de tudo quanto se fazia na ilha. Debalde se tinha procurado descobrir o infame para se lhe fazer justiça sumária. Tinha sempre escapado às pesquisas feitas até nas aldeias da margem americana.

Esse espião era simplesmente Rip.

Desesperado com os seus últimos insucessos, que se traduziam em perdas consideráveis em detrimento da sua casa comercial, o chefe da agência Rip & C.^a tinha tentado salvar a situação por um ato audacioso, na esperança de compensar as últimas perdas. E a verdade é que eram graves. Tinha sido logrado no combate da granja de Chipogan, onde a sua gente foi obrigada a bater em retirada. Em S. Carlos todos sabem como ele tinha deixado fugir João-Sem-Nome, então oculto na Casa Fechada. Por fim, não fora a sua gente, mas a do chefe de polícia Comeau, que tinha realizado a captura do proscrito.

Decididamente, Rip tinha de tirar uma desforra. Não tendo de se ocupar do negócio de João-Sem-Nome, visto que havia todas as razões para acreditar que o condenado tinha sido executado no Forte de Frontenac, imaginara ir disfarçado para a ilha Navy. Ali, por meio de sinais convencionados, ele indicava ao coronel Mac Nab quais eram os trabalhos de defesa, em que ponto seria possível tentar um desembarque na ilha. Era evidentemente arriscar a sua vida aventurar-se daquela maneira no meio dos patriotas. Se o reconhecessem, não tinha de esperar perdão nem misericórdia. Matá-lo-iam como a um cão. Mas, também, uma soma considerável lhe seria paga se ele conseguisse facilitar a tomada da ilha — o que produziria necessariamente, com a deposição dos principais chefes, o fim do período da insurreição de 1837.

Rip, portanto, chegou à margem americana do Niágara. Depois foi a Schlosser, tomou passagem a bordo do *Carolina* como simples visitante e introduziu-se no acampamento da ilha Navy.

Graças ao seu disfarce, à barba que deixou crescer, às modificações introduzidas na sua habitual atitude, à mudança do som da voz, o atrevido beleguim estava completamente desconhecido; contudo havia ali quem o podia reconhecer — o Sr. de Vaudreuil e sua filha, Tomás Harcher e seus filhos, com os quais tinha brigado em Chipogan, e também Nick, que ele estava longe de encontrar na ilha. Mas, felizmente para ele, o seu disfarce era tão completo que não houve uma única suspeita a seu respeito. Pôde, pois, sem se comprometer, fazer o mister de espião, e, quando era preciso, corresponder-se com Chippewa. Foi assim que ele preveniu o coronel Mac Nab do ataque projetado por Vicente Hodge contra o Forte de Frontenac.

Uma circunstância devia perdê-lo.

Havia oito dias que ele chegara e, misturado com os revolucionários, se tinha achado em presença de Tomás, Nick e outros; nunca porém tinha encontrado Bridget. E, no fim de contas, como é que ele podia suspeitar da sua presença em Navy? A mulher de Simão Morgaz no meio dos patriotas era a coisa menos suscetível deste mundo. Não a tinha ele deixado na Casa Fechada depois de a ter poupado às abomináveis represálias que foram exercidas contra os habitantes de S. Carlos? Além de que, doze anos volvidos — desde a época em que tinha estado em relações com ela e sua família em Chambly —, nunca mais se tinham visto senão na noite da pesquisa. Portanto, também Bridget o não reconheceria.

Bridget não o reconheceu efetivamente. Foi ele que se traiu em circunstâncias que não teria podido prever a sua meticulosa circunspeção.

Naquela noite — 16 de dezembro — Bridget tinha saído de casa quando entrava Vicente Hodge, que ali fora a pedido do Sr. de Vaudreuil. Uma escuridão profunda envolvia o vale do Niágara. Nem o mais leve ruído, nem na aldeia ocupada pelas tropas inglesas, nem no campo dos reformistas. Algumas sentinelas passeavam pela praia, vigiando o braço esquerdo do rio. Sem atentar na sua marcha maquinal, Bridget tinha chegado à ponte a montante da ilha. Ali, depois de uma paragem de

alguns minutos, preparava-se para voltar para casa quando a sua atenção foi atraída por uma luz que se agitava no fundo da praia.

Surpreendida e inquieta, Bridget avançou até aos rochedos que dominam o Niágara nesse sítio.

Ali, um homem balouçava uma lanterna cuja luz podia ser facilmente vista da margem de Chippewa. E, com efeito, uma outra luz, mostrada do acampamento inimigo, lhe respondeu dentro em breve.

Bridget não pôde sustentar um grito, vendo esta correspondência de sinais suspeitos.

O homem, assim assustado por Bridget, subiu os rochedos de um salto, e, achando-se na presença daquela mulher, projetou-lhe a luz da lanterna na cara.

— Bridget Morgaz! — exclamou ele.

Interdita repentinamente na presença de tal homem que sabia o seu nome, Bridget recuou. Mas a voz, que ele não tinha tido a precaução de mudar, acabava de trair a identidade do espião.

— Rip! — balbuciou Bridget. — Rip... aqui!

— Sou eu, e então?

— Rip... exercendo um tal mister...

— Pois o que eu faço — replicou Rip em voz baixa — não é o mesmo que a senhora aqui veio fazer? Porque estaria no campo dos patriotas a mulher de Simão Morgaz senão para espionar...

— Miserável! — gritou Bridget.

— Cale-se — disse Rip, agarrando-a violentamente por um braço. — Cale-se, quando não...

E com um simples empurrão ele podia precipitá-la na corrente do Niágara.

— Matas-me, não é assim? — volveu Bridget, recuando alguns passos. — Mas primeiro hei de chamar gente e dizer-lhe quem és!

Depois:

— Socorro! Socorro! — gritou ela.

Quase imediatamente um ruído se aproximou, indicando que as sentinelas se dirigiam para o lado de onde tinham soado os gritos.

— Veja o que faz, Bridget — preveniu ele. — Se diz quem eu sou, direi quem a senhora é!

— Pouco me importa! — respondeu Bridget, que não hesitou nem mesmo em presença de uma tal ameaça.

Depois, com voz mais forte:

— Socorro! Socorro! — repetiu.

Uma dúzia de patriotas correram e cercaram-na. Outros vinham aproximando-se de diversos pontos da praia.

— Este homem — declarou Bridget — é o espião Rip, a serviço dos reais...

— E esta velha — afirmou Rip — é a mulher do traidor Simão Morgaz!

O efeito deste nome odiado foi fulminante. O de Rip desapareceu perante este. Os gritos de: «Bridget Morgaz! Bridget Morgaz!» dominaram o tumulto. E foi para esta mulher que se voltaram instantaneamente as ameaças e as injúrias. Rip aproveitou-se disso. Não tendo perdido o sangue-frio, vendo que a atenção se tinha desviado da sua pessoa, desapareceu. E, por certo, nessa mesma noite conseguiu atravessar o braço direito do Niágara para ir para Schlosser e refugiar-se no acampamento de Chippewa, porque de todas as pesquisas que depois se fizeram nenhuma levou ao seu descobrimento.

Já se sabe, pois, por que motivo Bridget, arrastada no meio da multidão amotinada, ia sendo perseguida na direção da casa do Sr. de Vaudreuil.

E foi no momento em que ela ia cair às pancadas da turbamulta que João apareceu, revelando o segredo do seu nascimento por estas palavras: «Minha mãe!»

João-Sem-Nome era filho de Simão Morgaz!

Eis, em poucas palavras, como o fugitivo se achava na ilha Navy.

Depois da descarga que tinha soado no recinto do Forte de Frontenac, João caíra sem movimento nos braços de Leonel. Tinha compreendido tudo: Joann acabava de morrer em seu lugar. Foram precisos os cuidados do seu companheiro para o reanimarem. Depois, tendo atravessado o S. Lourenço sobre o gelo, seguiram os dois a margem do Ontário, e quando nasceu o dia estavam já longe do forte.

Dirigir-se à ilha Navy, reunir os insurgentes contra as tropas reais, fazer-se matar enfim se fossem infelizes nesta última tentativa, eis o que tinha resolvido João. Percorrendo os territórios limítrofes do lago, onde se tinha espalhado a notícia da sua execução, ele pôde verificar que os anglo-canadenses estavam convencidos de que tinham acabado com ele de vez. Pois bem! Ele reapareceria à frente dos patriotas e cairia como um raio sobre os soldados de Colborne. Quem sabe se uma tal reaparição, por assim dizer milagrosa, não levaria o terror às suas fileiras, ao mesmo tempo que provocaria um entusiasmo irresistível entre os *Filhos da Liberdade*?

Mas, por maior que fosse a pressa que João e Leonel tinham de chegar ao Niágara, tiveram de fazer grandes rodeios — causa de longos retardamentos. Foram enormes os riscos que correram até ao limite dos territórios americanos, tendo-se visto obrigados a só viajar de noite. Por isso, foi apenas na noite de 16 de dezembro que chegaram a Schlosser, e depois ao acampamento da ilha Navy.

E, agora, João fazia face à turba uivante que se tinha cerrado atrás de si.

Mas tal era o horror que inspirava o nome de Simão Morgaz que os gritos não cessaram. Tinham-no reconhecido... Era ele mesmo, o próprio João-Sem-Nome, o herói popular que se julgava ter caído morto pelas balas inglesas! E, contudo, a onda cresceu! Às ameaças que se dirigiam a Bridget vieram juntar-se as que se dirigiam a seu filho.

João tinha ficado impassível. Sustentando sua mãe com um braço, repelia com o outro a multidão que crescia para ele. O Sr. de Vaudreuil, Farran, Clerc e Leonel em vão tentavam contê-la. Quanto a Vicente Hodge, achando-se na presença do filho do denunciante de seu pai, do homem que ele sabia ser amado por Clary, sentira um fluxo de cólera e de ódio subir-lhe à cabeça. Mas, dominando os seus instintos de vingança, só tratou de defender Clary contra as disposições hostis que provocou a sua dedicação por Bridget Morgaz.

Eram, porém, uma revoltante injustiça as manifestações da população contra Bridget, tornando-a responsável da traição de Morgaz. Ainda se podia compreender que a multidão, levada pelo seu primeiro impulso, tal não compreendesse; mas que a presença de João-Sem-Nome não lhe acalmasse o espírito louco é que ultrapassava todos os limites.

A indignação que João sentiu por este ato abominável foi tal que, pálido de cólera e não vermelho de vergonha, exclamou com voz troante que dominou o tumulto:

— Sim! Sou João Morgaz, e esta que aqui veem é Bridget Morgaz! Firam, matem! Não queremos nem a sua dó, nem o seu desprezo! Mas tu, minha mãe, levanta a cabeça e perdoa àqueles que te ultrajam, tu, a mais respeitável das mulheres.

Perante esta atitude, os braços tinham-se baixado. E, contudo, as bocas vociferavam ainda:

— Fora daqui, Morgaz!

E a multidão apertava-se ao redor das vítimas do seu odioso desvairamento para as expulsar da ilha. Clary avançou.

— Desgraçados, haveis de ouvi-lo antes de o expulsar com sua mãe! — exclamou ela.

E, surpreendidos pela enérgica apóstrofe da corajosa menina, todos se detiveram.

Então, João, com voz em que ao desdém se juntava a indignação:

— É escusado — disse ele — que eu insista sobre tudo quanto a infâmia deste nome tem feito sofrer a minha mãe. Mas haveis de saber tudo quanto ela tem feito para resgatar essa infâmia. Educou os seus dois filhos nas ideias de sacrifício e de renúncia a qualquer felicidade deste mundo. Seu pai entregara a pátria canadense, eles viveram exclusivamente para a tornarem independente. Depois de terem repudiado um nome que os horrorizava, um foi através dos condados, de paróquia em paróquia, suscitando os partidários da causa nacional, enquanto o outro se encontrava nas primeiras filas dos patriotas em todas as insurreições. Esse, está aqui na sua presença. O outro, o mais velho, era o padre Joann, tomou o meu lugar na prisão de Frontenac e caiu morto pelas balas dos algozes...

— Joann! Joann morto! — exclamou Bridget.

— Sim, minha mãe, morto como tu nos fizeste jurar que havíamos de morrer, morto pela pátria!

Bridget tinha caído de joelhos junto de Clary, que a enleava em seus braços e misturava com as dela as suas lágrimas.

Da multidão, impressionada por esta cena comovedora, não se ouvia senão um surdo murmúrio, onde vibrava, contudo, o seu invencível horror pelo nome de Morgaz.

João continuou com voz mais animada:

— Eis o que nós fizemos, não para reabilitar um nome para sempre infamado, um nome que o acaso lhes fez conhecer e que esperávamos enterrar no esquecimento com a nossa família maldita! Deus não o quis! E agora, que sabeis tudo, respondereis ainda por palavras de desprezo ou gritos de ódio?

Sim! Tal era o horror provocado pela lembrança do traidor que um dos mais exaltados ousou responder:

— Nunca consentiremos que a mulher e o filho de Simão Morgaz manchem com a sua presença o acampamento dos patriotas!

— Fora! Fora! — apoiaram outros, cuja cólera de novo se desafogou.

— Miseráveis! — gritou Clary.

Bridget tinha-se levantado.

— Meu filho — disse ela —, perdoa! O nosso único direito é de perdoar!

— Perdoar! — exclamou João, exaltado pela tremenda injustiça da turba. — Perdoar aos que nos tornam responsáveis por um crime que não cometemos e apesar de tudo quanto temos feito para o redimir! Perdoar àqueles que perseguem a traição na esposa e nos filhos do traidor quando um deles acaba de verter o seu sangue por eles e o outro nunca procurou outra coisa! Não! Nunca! Somos nós que não ficaremos com patriotas desta ordem, que se dizem manchados pelo nosso contacto! Venha, minha mãe, venha!

— Meu filho — exclamou Bridget —, é preciso sofrer! É o nosso quinhão neste mundo... É a expiação...

— João! — murmurou Clary.

Ouviram-se ainda alguns gritos. Depois todos se calaram. Na presença de Bridget e de seu filho afastava-se a multidão. Os dois foram para a praia.

Bridget não tinha forças para dar um passo. Esta horrível cena tinha-a aniquilado. Clary, auxiliada por Leonel, sustentava-a, mas não podia consolá-la.

Enquanto Vicente Hodge, Clerc e Farran se demoraram entre a multidão para lhe serenar os ânimos, o Sr. de Vaudreuil tinha seguido sua filha. Assim como Clary, ele sentia revoltar-se-lhe o coração contra esta onda de injustiça, contra a abominação dos prejuízos que leva para além de todos os limites as responsabilidades humanas. Para ele, como para sua filha, o passado do pai ficava ofuscado pelo dos filhos. E quando Bridget e João chegaram junto de um barco que fazia a travessia para Schlosser, disse:

— Dê-me a sua mão, Sra. Bridget! A sua mão, João! Esqueçam os ultrajes destes loucos! Eles hão de reconhecer que os dois estão acima dos seus opróbrios! E ainda lhes hão de pedir que lhes perdoem...

— Nunca! — exclamou, João, dirigindo-se para o barco prestes a largar.

— Aonde vai? — perguntou-lhe Clary.

— Ali. Onde estaremos livres dos insultos dos homens.

— Sra. Bridget — disse Clary com voz que foi ouvida por todos —, eu, por mim, respeito-a como se fosse minha mãe! Ainda há poucos instantes, julgando que seu filho já não existia, jurei ficar fiel à memória daquele a quem teria dedicado toda a minha vida! Amo-te, João! Queres ser meu esposo?

João, pálido de comoção, esteve quase a cair de joelhos aos pés da generosa menina.

— Clary — volveu ele —, a senhora acaba de me dar a única alegria que me foi dado gozar desde que arrasto esta existência maldita! Mas, está vendo, nada pode diminuir o horror que o nosso nome inspira, e este horror nunca lho farei

partilhar.

— Dizes bem! — ajuntou Bridget. — Clary de Vaudreuil nunca poderá ser mulher de um João Morgaz!

— Vamos, minha mãe, vamos — disse João.

E, arrastando Bridget, colocou-a no bote, que se afastou enquanto o seu nome maldito soava ainda no meio dos clamores.

No dia seguinte, no fundo de uma choça isolada, fora da aldeia de Schlosser, para onde ele tinha transportado sua mãe, João, de joelhos junto dela, recebia as suas últimas palavras.

Ninguém sabia que aquela choça abrigava a mulher e o filho de Simão Morgaz; o que, no fim de contas, não seria por muito tempo. Bridget estava a norte. Dentro de poucas horas ia findar uma existência que tinha acumulado todos os sofrimentos, todas as misérias que podem vexar uma criatura humana.

Quando sua mãe deixasse de existir, quando lhe tivesse cerrado os olhos, logo que a terra tivesse ocultado o seu miserável corpo, João estava resolvido a fugir daquela terra que o repelia. Desapareceria, nunca mais se ouviria falar dele — nem mesmo depois que a morte o viesse libertar, por sua vez.

Mas as últimas recomendações de sua mãe iam fazê-lo abandonar tal projeto e obrigá-lo a cumprir a missão que se tinha imposto, de reparar o crime de seu pai.

E eis o que Bridget disse, com uma voz em que se ia o último suspiro:

— Meu filho, teu irmão morreu, e eu vou morrer também, depois de ter sofrido muito! É a expiação! João, para que ela seja completa é preciso que esqueças o ultraje! É preciso que tornes a meter mãos à tua obra! Não tens direito de desertar! O dever, meu João, é de te sacrificares pelo teu país, até que também caias.

A alma de Bridget tinha-se exalado com estas últimas palavras.

João beijou a morta e fechou aqueles pobres olhos que tanto tinham chorado.

Capítulo 25 — Os Últimos Dias

A situação dos patriotas na ilha Navy era então extremamente crítica e não podia prolongar-se. Era uma questão de dias... de horas, talvez.

Efetivamente, se o coronel Mac Nab hesitou em tentar a passagem do Niágara, ia tornar insustentável a situação dos cercados. Uma bateria, posta na praia de Chippewa, acabava de se aprontar, e os patriotas iam ver-se na impossibilidade de lhe responder, visto que não possuíam uma única boca de fogo.

Algumas centenas de espingardas — as únicas armas de que podiam usar a distância para impedirem um desembarque — seriam impotentes contra a artilharia dos reais.

Se os Americanos se interessavam pelo êxito da insurreição franco-canadense, era para lamentar que, em atenção a um interesse político, o Governo dos Estados Unidos quisesse guardar a mais estrita neutralidade desde o começo da luta. Só ele poderia ter fornecido as peças de artilharia que faltavam aos reformistas, mas isso provocaria as recriminações da Inglaterra, numa época em que o menor incidente arriscaria provocar um rompimento — como aconteceu alguns meses depois, como se verá. Os meios defensivos da ilha eram extremamente limitados. Até munições e víveres poderiam vir a faltar, conquanto ela fosse alimentada — tanto quanto o permitiam as forças da zona — por Schlosser, Búfalo e Niagara Falls. Disto resultava um incessante vaivém de embarcações, pequenas ou grandes, através do braço direito do rio, o que tinha decidido o coronel Mac Nab a colocar alguns canhões acima e abaixo do Chippewa, a fim de as alcançar de flanco, tanto a montante como a jusante da ilha.

Sabe-se que uma destas embarcações, o pequeno barco a vapor *Carolina*, estabelecia uma comunicação rápida entre o acampamento e a aldeia de Schlosser. Era quase sempre fretado por curiosos que iam visitar os defensores da ilha Navy.

Em tais condições era preciso aos chefes deste punhado de homens uma energia verdadeiramente extraordinária para não abandonarem a luta. Infelizmente, o número dos combatentes diminuía de dia para dia, e grupos desanimados faziam conduzir-se a Schlosser para nunca mais voltarem.

Depois da cena lamentável que terminou com a partida de João, e à qual tinha assistido, o Sr. de Vaudreuil não tornara a sair de casa. Mal se podia ter. Sua filha não o abandonava um único momento. Parecia-lhes a ambos que estavam enxovalhados por aquela lama de ultrajes lançados à face de Bridget e de seu filho. Ninguém como eles tinha sentido mais profundamente os insultos com que companheiros seus ultrajaram aquela miserável família, vergada ao opróbrio de um nome que tinha renegado! E, contudo, quando eles pensavam no crime de Simão Morgaz e nas heroicas vítimas que a sua traição tinha levado ao cadafalso, ambos curvavam a cabeça ao peso de uma fatalidade contra a qual não havia justiça possível.

Naquela casa, onde diariamente se reuniam os amigos do Sr. de Vaudreuil, nenhum deles fazia a mais leve alusão ao que se tinha passado. Vicente Hodge, por uma descrição digna do seu caráter, conservava-se em extrema reserva, não deixando transparecer coisa alguma que pudesse ser tomada como uma censura aos sentimentos manifestados por Clary. Não teria tido razão essa valorosa menina em protestar contra preconceitos odiosos, que estendiam até aos filhos as responsabilidades dos culpados, que pretendiam que um legado de vergonha se transmitisse de pais para filhos, como a semelhança física ou moral!

Era pensando na espantosa situação de se achar agora completamente só no mundo que João sentia revoltar-se-lhe todo o seu ser. Joann morto pela pátria, Bridget caindo ao peso dos ultrajes, não seria isto suficiente para contrabalançar o passado? Não era! E quando ele gritava: «É injusto!» parecia-lhe que a voz da sua consciência respondia: «Mas quem sabe se não é justiça!»

Então João revia Clary afrontando os insultos daquela multidão que o perseguia! Só ela teve coragem de defender um Morgaz! Tinha-lhe até oferecido ligar a sua existência à dele! Mas ele tinha recusado e continuaria a recusar! E, contudo, como a amava! Então errava pelas margens do Niágara, como o Nathaniel Bumpoo dos *Moicanos*, que preferira abismar-se nas águas a separar-se de Mahel Denham!

Durante o dia 18, João ficou junto do cadáver de sua mãe, invejando o repouso que ela por fim gozava. O seu maior desejo seria juntar-se a ela. Mas lembrava-se das suas últimas palavras, e reconhecia que não tinha direito de sucumbir senão à frente dos patriotas. Era o seu dever... havia de cumpri-lo.

Quando foi noite, uma noite sombria, apenas clareada pelo *blink* das neves — espécie de reverberação esbranquiçada que se espalha pelo céu das regiões polares — João saiu da cabana onde jazia o cadáver de Bridget. Depois, a algumas centenas de passos, sob a copa das árvores cobertas de geada, foi cavar uma sepultura com a sua larga faca canadiana. Só, na orla do bosque, perdido na escuridão, ninguém o podia ver, nem ele queria ser visto. Ninguém saberia onde ficava enterrada Bridget Morgaz. Nenhuma cruz indicaria a sua tumba. Se Joann repousava em algum canto desconhecido junto do Forte de Frontenac, sua mãe, pelo menos, ficava em terra americana, que fora a sua terra natal. Quanto a João, far-se-ia matar no próximo ataque, e o seu cadáver desapareceria como o de muitos outros, arrastado pelas águas impetuosas das cachoeiras do Niágara. Então não existiria mais nada — nem a lembrança sequer — do que tinha sido a família Morgaz!

Quando viu que a cova era bastante funda para que um cadáver não tivesse de recear as garras das feras, João voltou à cabana, tomou o corpo de Bridget em seus braços, levou-o para debaixo das árvores, deu-lhe um beijo na testa, depositou-o no fundo da cova, envolvido na sua capa de lã canadiana, e cobriu-o de terra. Depois ajoelhou, rezou, e as suas últimas palavras foram estas:

— Descansa em paz, pobre mãe!

A neve, que começou a cair, bem depressa ocultou o sítio onde dormia aquela que já não existia, que nunca devera ter existido!

E agora, assim que os soldados de Mac Nab tentassem o desembarque na ilha Navy, João estaria na vanguarda dos patriotas para aí encontrar a morte.

Não teria de esperar muito.

Efetivamente, no dia seguinte, 19 de dezembro, logo de madrugada, se conheceu que o coronel Mac Nab preparava um ataque direto. Grandes barcos chatos estavam alinhados ao longo da praia, acima do acampamento de Chippewa. À falta de artilharia, os patriotas não tinham meio de destruir esses barcos antes que eles se pusessem a caminho, nem de os fazer parar quando eles tentassem a passagem. O seu único recurso seria oporem-se a um desembarque pela força, concentrando-se nos lugares ameaçados. Mas que resistência poderiam oferecer algumas centenas de homens contra a massa dos assaltantes se eles abordassem à ilha em muitos pontos ao mesmo tempo? Então, desde que os reais aí tivessem posto pé, a invasão do acampamento era certa, e os seus defensores, numerosos de mais para acharem todos lugar nos barcos de Schlosser, seriam chacinados antes de se terem podido abrigar na terra americana.

Eram estas eventualidades que inquietavam principalmente o Sr. de Vaudreuil e os seus amigos. Compreendiam os perigos de uma tal situação. É verdade que para os evitar bastava-lhes atravessar o Niágara enquanto estivesse livre; mas nem um único queria bater em retirada sem se ter defendido até ao último momento.

No fim de contas talvez se julgassem suficientemente fortes para oporem resistência séria, iludindo-se sobre as dificuldades de um desembarque.

Em todo o caso, um dos que não se iludiam era Nick, tão desastrosamente envolvido na luta. Mas a sua situação à frente dos Mahogannis não lhe permitia dizer palavra. Quanto a Leonel, não admitia hesitações.

O moço escrevente, além disso, ainda não estava em si das surpresas causadas pela reaparição tão inesperada do seu herói.

Pois João-Sem-Nome era filho de um Simão Morgaz? O padre Joann, filho de um traidor!

— Mas que tem isso — repetia ele de si para si —, não serão dois bons patriotas? Não terá a menina Clary razão para defender João e sua mãe? Ah, valorosa menina! Bravo! Muito bem! Isso é que é nobre! Isso é que é digno de uma Vaudreuil!

Assim raciocinava Leonel, que não regateava o seu entusiasmo, nem podia crer que João tivesse deixado a ilha Navy para nunca mais voltar. Sim! João-Sem-Nome havia de tornar a aparecer quando mais não fosse para morrer pela causa

nacional!

E, então, Leonel chegava à seguinte reflexão, no fundo muito judiciosa:

— Porque é que os filhos de Simão Morgaz não hão de ser os homens mais leais deste mundo, visto que o último descendente de uma raça belicosa não tem uma única das qualidades dos seus avós, e tanto que a raça ia acabar dentro da manga de alpaca de um tabelião?

O que Leonel pensava de João-Sem-Nome era também o que pensavam Tomás Harcher e seus filhos. Não o tinham eles visto trabalhar pela pátria anos inteiros? Arriscando a vida centenas de vezes, não tinha João resgatado o crime de Simão Morgaz? Deveras, se tivessem assistido a essa odiosa cena não se poderiam ter contido, ter-se-iam lançado à multidão e punido tão abomináveis ultrajes. E se soubessem para onde João se tinha retirado, tê-lo-iam ido buscar, trá-lo-iam para o acampamento, confiando-lhe depois o comando-em-chefe!

Deve, porém, dizer-se, para honra da humanidade, que depois da expulsão de João e Bridget se tinha operado um reviramento em todos os espíritos. Os sentimentos de Leonel e da família Harcher eram agora partilhados pela maioria dos patriotas.

Pelas onze horas da manhã começaram os preliminares do ataque. As primeiras balas das baterias de Chippewa sulcaram a superfície do acampamento. Os obuses levavam a destruição e o incêndio por toda a ilha. Era impossível o abrigo contra as balas, num terreno quase raso, matizado de grupos de árvores, cortado de sebes delgadas, tendo apenas alguns resguardos construídos de terra enrelvada do lado do rio. O coronel Mac Nab procurava varrer as praias, antes de tentar a passagem do Niágara — operação que tinha suas dificuldades, apesar do restrito número de defensores. Estes tinham-se reunido ao redor da casa do Sr. de Vaudreuil, que se achava menos exposta aos tiros de artilharia pela sua situação na margem direita, em frente de Schlosser.

Às primeiras detonações, tinha-se ordenado a todos que não eram combatentes que passassem para a fronteira americana.

As mulheres e as crianças, cuja presença até então tinha sido ali tolerada, tiveram de embarcar, depois de se terem despedido de seus maridos, pais ou irmãos, e foram transportadas para a outra margem. Esse transporte não deixou de se efetuar sem perigo, porque as bocas de fogo, colocadas acima e abaixo de Chippewa, ameaçavam alcançar os barcos com tiros oblíquos.

Algumas balas foram ricochetear na fronteira dos Estados Unidos — o que devia ter provocado justíssimas reclamações da parte do Governo federal.

O Sr. de Vaudreuil tinha querido obter de sua filha que ela se refugiasse em Schlosser, a fim de ir para ali esperar o resultado do ataque, mas Clary recusou abandoná-lo.

— Meu pai — disse ela —, devo ficar a seu lado, e ficarei. É o meu dever.

— E se eu cair nas mãos dos reais?

— Estou certa de que não me recusarão partilhar a sua prisão, meu pai.

— E se eu morrer?

Clary não respondeu, mas o Sr. de Vaudreuil não conseguiu vencer a sua resistência.

Por isso ela estava a seu lado quando ele foi tomar lugar no meio dos principais patriotas, reunidos em frente de sua casa.

As detonações estoiravam então com extrema violência. A posição do acampamento ia-se tornando insustentável. Contudo, a tentativa de desembarque ainda se não tinha efetuado, aliás já os patriotas, colocados atrás dos entrincheiramentos, o teriam anunciado.

Em frente da casa achavam-se Vicente Hodge, Clerc e Farran, Tomás, Pedro, Tony, Miguel e Jacques Harcher, bem como o Sr. Nick e Leonel, e os guerreiros mahogannis, frios, calmos como sempre.

O Sr. de Vaudreuil tomou a palavra:

— Companheiros, temos de defender o último baluarte da nossa independência. Se Mac Nab se apodera dele, a insurreição está vencida, e quem sabe quando novos chefes e novos soldados poderão recomeçar a luta! Se repelirmos os assaltantes, se conseguirmos manter-nos, chegar-nos-ão socorros de todos os lados do Canadá, os nossos partidários recobrarão ânimo e faremos desta ilha uma inexpugnável fortaleza, onde a causa nacional encontrará constantemente um ponto de apoio. Estais decididos a defendê-la?

— Até à morte! — gritou Vicente Hodge.

— Até à morte! — repetiram os companheiros.

Nesse momento algumas balas vieram bater no chão a uns vinte passos e ricochetearam ao longe, fazendo levantar uma poeira de neve.

Nenhum dos canadenses fez um movimento sequer. Esperavam às ordens do seu chefe. O Sr. de Vaudreuil continuou:

— É tempo de nos dirigirmos para a praia. A artilharia de Chippewa não tardará a calar-se para que os reais possam tentar forçar a passagem. Dispersem-se ao longo da margem, ao abrigo dos rochedos, e esperem, com toda a cautela, que os barcos estejam ao alcance certo. É preciso que os soldados de Mac Nab não consigam desembarcar...

— Não desembarcarão — disse William Clerc — e, se o conseguirem, deitá-los-emos ao Niágara!

— Ao nosso posto, meus amigos! — exclamou Vicente Hodge.

— Irei convosco — afirmou o Sr. de Vaudreuil —, e enquanto me não abandonarem as forças...

— Fica aqui, Vaudreuil — aconselhou André Farran. — Estaremos em comunicação constante contigo.

— Não, meus amigos — insistiu Vaudreuil. — hei de estar onde devo! Vamos!

— Venham, patriotas! Os barcos já largaram da margem canadense!

Todos se voltaram, ouvindo essas palavras lançadas por uma voz vibrante.

Era João.

Durante a noite precedente um barco tinha-o transportado para a ilha. Ninguém o tinha reconhecido. Depois de se ter ocultado no lado que fica em frente de Chippewa, tinha observado os preparativos do coronel Mac Nab, sem se importar com as balas que vinham cair na praia.

Depois, vendo, que os assaltantes se dispunham a forçar a passagem, viera claramente retomar o seu lugar entre os seus antigos companheiros.

— Bem mo dizia o coração! — exclamou Leonel.

Clary de Vaudreuil encaminhou-se para o patriota, ao mesmo tempo que Tomás Harcher e seus filhos, que imediatamente o cercaram.

O Sr. de Vaudreuil estendeu a mão a João...

João não lhe tocou.

— Defensores da ilha Navy — disse ele —, minha mãe morreu ao peso dos insultos que lhe lançastes! Agora, só resto eu dessa família votada ao horror e ao desespero! Submetam-se à vergonha de ver um Morgaz combater a seu lado, e vamos todos morrer pela causa franco-canadense!

A estas palavras rebentou uma tempestade de aclamações.

Todas as mãos se estenderam para João. Ainda desta vez este recusou estender a sua.

— Adeus, Clary de Vaudreuil — disse ele.

— Adeus, João! — respondeu ela.

— E para sempre!

Depois, na frente do Sr. de Vaudreuil, dos seus companheiros e de todos os que, como ele, queriam marchar de encontro à morte, avançou para a margem esquerda da ilha.

Capítulo 26 — A Noite de 20 de dezembro

Neste momento batiam três horas da tarde na torre da pequena igreja de Schlosser. Um nevoeiro alvadio e glacial enchia o húmido vale do Niágara. Fazia um frio seco. O céu estava coberto de nuvens imóveis que o menor levantamento de temperatura condensaria em neve sob a influência dos ventos de leste.

O troar dos canhões de Chippewa rasgava o ar. No intervalo das detonações ouvia-se distintamente o mugir longínquo das cataratas.

Um quarto de hora depois de terem partido de casa do Sr. de Vaudreuil, os patriotas, caminhando por entre maciços de árvores e desfilando ao longo das sebes e dos valados, tinham chegado ao braço esquerdo do rio.

Faltavam muitos. Uns, feridos pelas metralhas dos obuses, tinham sido obrigados a retroceder. Outros, estendidos sobre a neve, nunca mais se levantariam.

Tinham-se, pois, de deduzir uns vinte dos duzentos que ainda restavam.

Os canhões colocados em Chippewa tinham já feito grandes destroços à superfície da ilha. As pequenas trincheiras que podiam ter servido de abrigo aos patriotas estavam completamente destruídas. Foi preciso tomar posição no fundo da praia entre os rochedos meio banhados pela impetuosa corrente. Foi dali que João e os seus procuravam impedir o desembarque até completo esgotamento de suas munições.

O movimento, porém, fora observado do acampamento de Chippewa. O coronel Mac Nab, anteriormente informado pelos sinais de Rip, e, neste momento, pelo relatório deste espião, que se achava junto dele, duplicou os tiros de artilharia, concentrando-os sobre os pontos fortificados. Em volta de João, uns trinta de seus companheiros foram alcançados pelas lascas dos rochedos que o embate das balas espalhava ao longo das margens.

João ia e vinha ao longo da praia, observando as manobras do inimigo, apesar das balas que caíam a seus pés e silvavam por cima de sua cabeça.

Nesse momento, largas canoas chatas, munidas de remos, foram largando umas após outras da praia canadense.

A fim de varrer a praia, três ou quatro descargas, passando por cima dos barcos, foram feitas contra a ilha, indo as balas ricochetear longe.

João nem sequer teve a mais leve arranhadura.

— Patriotas — exclamou ele —, a postos!

Todos esperavam que as embarcações estivessem ao alcance do tiro para começarem o fogo.

Os assaltantes, deitados no fundo dos barcos para oferecerem menor alvo às balas, deviam ser uns quatrocentos a quinhentos, tanto voluntários como tropa de linha.

Instantes depois, os barcos, achando-se a meio do rio, estavam bastante próximos da ilha para que a artilharia de Chippewa fosse obrigada a suspender as descargas.

Desde logo partiram os primeiros tiros de detrás dos rochedos. As embarcações responderam quase imediatamente. Mas, como estavam expostas ao fogo das margens, os longos remos foram manobrados com vigor.

Alguns minutos bastaram para atracarem, sendo preciso que de parte a parte todos se preparassem para uma luta corpo a corpo.

João comandava no meio de uma saraivada de balas, que caíam como se fosse metralha.

— Abrigue-se! — gritou-lhe Vicente Hodge.

— Para quê? — respondeu ele.

E, com voz vibrante, gritou aos assaltantes que iam pôr pé em terra:

— Sou João-Sem-Nome.

Este nome foi acolhido com verdadeira estupefação, porque os reais julgavam que João-Sem-Nome tinha sido fuzilado

no Forte de Frontenac.

E então, precipitando-se para as primeiras embarcações, João gritou:

— Avançar, patriotas! Morram os opressores!

O combate tornou-se violentíssimo. Os primeiros que desembarcaram foram repelidos. Alguns caíram na corrente, que os arrastou para as cataratas. Os patriotas, abandonando o abrigo das rochas, espalharam-se pela praia e bateram-se com tal violência que as primeiras vantagens foram suas. Num dado momento, até as embarcações se viram obrigadas a recuar. Mas logo vieram outras em seu auxílio. Muitas centenas de homens puseram pé em terra. A passagem estava forçada e o número ia vencer a coragem.

Efetivamente, em frente deste inimigo muito superior, os defensores foram obrigados a abandonar a margem; mas, se não cederam senão depois de terem causado grandes perdas no inimigo, também por seu lado tinham sido cruelmente dizimados.

Entre eles Tomás Harcher, Pedro e Miguel, feridos pelas balas, foram acabados por esses ferozes voluntários que a ninguém davam quartel. William Clerc e André Farran, feridos no mesmo momento, foram aprisionados depois de terem traçado um círculo de sangue em volta de si. Sem a intervenção de um oficial, teriam tido a sorte de Tomás e de seus filhos. Mas o coronel Mac Nab tinha recomendado que poupassem os chefes quanto possível, visto que o governo os queria fazer passar nos conselhos de guerra de Quebeque ou de Montreal. Foi graças a esta recomendação que Clerc e Farran escaparam à carnificina.

Era impossível resistir ao número. Os patriotas, depois de se terem batido como desesperados, os Mahogannis, depois de se terem defendido com essa coragem fria e esse desprezo da morte que distingue os índios da sua raça, tiveram de bater em retirada, perseguidos de sebo em sebo, atacados de flanco e esmagados pela retaguarda. A um verdadeiro milagre deveu Leonel escapar mais de vinte vezes de ser morto, e a outro milagre o ter Nick saído são e salvo da mortandade. Quanto aos Hurões, quantos dentre todos eles deviam deixar de voltar aos seus *wigwams* de Walhatta!

Chegando junto da casa do Sr. de Vaudreuil, Nick quis decidir Clary a embarcar num barco que a transportasse a Schlosser.

— Enquanto meu pai estiver na ilha não sairei daqui!

Seu pai, sim, mas também João, embora ela soubesse que ele tinha vindo expressamente para morrer!

Pelas cinco horas da tarde, o Sr. de Vaudreuil compreendeu que a resistência se tornava impossível contra centenas de assaltantes senhores de uma grande parte da ilha. Se os sobreviventes queriam salvar as vidas, só o conseguiriam refugiando-se na margem direita do Niágara.

Mas o Sr. de Vaudreuil mal se podia ter em pé, e era para recear que as forças o abandonassem antes de chegar a casa, onde o esperava sua filha, e de embarcar com ela.

Vicente Hodge quis arrastá-lo. Neste momento o Sr. de Vaudreuil, ferido no peito, não pôde senão murmurar estas palavras:

— Minha filha! Hodge! Minha filha!

João ouviu-o.

— Salve Clary! — gritou ele a Vicente Hodge.

Neste instante uma dúzia de voluntários deitaram-se a ele.

Tinham-no reconhecido. Apoderaram-se de João-Sem-Nome, levarem-mo vivo para o acampamento de Chippewa, que fortuna para eles!

Com um derradeiro esforço, João derribou dois voluntários que o queriam agarrar e desapareceu no meio de uma descarga que não o beliscou.

Quanto a Vicente Hodge, gravemente ferido, tinha sido feito prisioneiro junto do cadáver do Sr. de Vaudreuil.

Aonde ia João-Sem-Nome? Tinha ele pensado em sobreviver, depois que os melhores patriotas tinham sucumbido ou eram prisioneiros dos reais?

Não! Não tinha sido a última palavra do Sr. de Vaudreuil e nome de sua filha?

Pois bem! Visto que Vicente Hodge não podia salvá-la, ele a salvaria, obrigá-la-ia a fugir, conduzi-la-ia à margem americana e voltaria para o meio dos seus companheiros que ainda lutavam.

Clary de Vaudreuil, só, junto de sua casa, ouvia os ruídos do combate — gritos de furor e de dor misturados às descargas da fuzilaria.

Todo este tumulto se aproximava com os clarões mais intensos das armas de fogo.

Já uns cinquenta patriotas, pela maior parte feridos, se tinham refugiado nas embarcações e se dirigiam para a aldeia de Schlosser.

Somente restava o pequeno barco a vapor *Carolina*, já pejado de bastantes fugitivos, que se dispunha a atravessar o braço do Niágara.

Repentinamente João surgiu coberto de sangue — sangue dos reais —, são e salvo, depois de ter em vão procurado a morte, depois de a ter dado mais de vinte vezes.

Clary correu para ele.

— Meu pai? — perguntou ela.

— Morto!

João respondeu-lhe assim sem preparo: doutra forma consentiria Clary em abandonar a ilha?

João recebeu-a em seus braços, inanimada, no momento em que os voluntários apareciam à esquina da casa, dispostos a oporem-se à sua fuga. Dando um salto com o seu fardo, ele correu para o vapor, aí depôs a desmaiada; depois, levantando-se:

— Adeus, Clary! — disse.

E pôs o pé na borda do vapor para saltar para terra.

Nesse momento estoirou uma descarga, João, ferido com duas balas, caiu no convés, no momento em que o *Carolina* se afastava a todo o vapor.

Contudo, aos clarões dos tiros, João reconhecera os voluntários que o tinham perseguido através da ilha, e ao seu ouvido retiniram os gritos:

— Morto! João-Sem-Nome! Morto!

A esses gritos, Clary tornou a si e levantou-se.

— Morto — murmurou ela, arrastando-se para ele.

Alguns minutos depois o *Carolina* atracava ao cais de Schlosser. Ali os fugitivos que se achavam a bordo julgaram-se em segurança e sob a proteção das autoridades federais.

Alguns desembarcaram imediatamente, mas como a única estalagem da aldeia bem depressa ficou cheia, e como era preciso andar três milhas para chegar a Niagara Falls, descendo a margem direita, a maioria preferiu ficar nos beliches do vapor.

Eram oito horas da noite. João, estendido no convés, respirava ainda. Clary, ajoelhada, sustinha-lhe a cabeça, falava-lhe... mas ele não respondia. Quem sabe, talvez que nem a ouvisse!

Clary olhava à volta de si. Aonde ir buscar socorro, no meio daquela balbúrdia, no meio de uma aldeia cheia de fugitivos e de feridos, aos quais faltavam médicos e medicamentos?

Então Clary viu toda a sua vida desenrolar-se na sua imaginação. Seu pai morto pela causa nacional! Aquele que ela amava moribundo em seus braços, depois de ter lutado até ao último momento. E agora, ela, só no mundo, sem família, sem pátria, desesperada...

Depois de ter abrigado João sob um oleado de bordo, a fim de o proteger contra os rigores do frio, Clary, inclinada para ele, procurava verificar se o coração não batia mais fracamente, se não se lhe ia extinguindo o alento nos lábios...

Ao longe, do outro lado do rio, brilhavam ainda os últimos fogachos dos tiros por entre as árvores da ilha Navy.

Tudo se calou por fim, e o vale niagarense adormeceu num triste silêncio.

Inconscientemente, Clary murmurava o nome de seu pai, bem como o de João, pensando que o moço patriota morreria talvez acreditando que levava para além do túmulo a maldição dos homens! E rezava por um e por outro.

De repente, João estremeceu, o seu coração bateu mais apressadamente. Clary chamou-o...

João não respondeu.

Decorreram duas horas. Tudo repousava a bordo do *Carolina*. Não se ouvia ruído algum nos beliches, nem sobre o convés. Apenas Clary velava, como uma irmã da caridade, junto à cabeceira do moribundo.

A noite estava escuríssima. As nuvens começavam a desenrolar-se pesadamente sobre o rio. Longas brumas cingiam-se aos esqueletos das árvores, cujos troncos, enrolados em neve, se estendiam sobre a praia.

Ninguém viu então quatro barcos que, contornando a ponta da ilha de montante, manobravam de maneira a chegar sem ruído à margem de Schlosser.

Esses barcos eram tripulados por uns cinquenta voluntários, comandados pelo tenente Drew, da milícia real. Às ordens do coronel Mac Nab, este oficial, desprezando o direito das gentes, ia cometer um ato de revoltante selvajaria nas águas americanas.

Entre estes homens achava-se um tal Mac Leod, cujas crueldades haviam de provocar graves complicações internacionais.

Os quatro barcos, impelidos silenciosamente pelos remos, atravessaram o braço esquerdo do Niágara e vieram atracar ao costado do *Carolina*.

Imediatamente os voluntários, saltando ao convés, desceram aos beliches e começaram o seu espantoso trabalho de carneiros.

Os passageiros, feridos ou adormecidos, não podiam defender-se. Davam gritos dilacerantes. Foi em vão. Nada podia deter a fúria destes miseráveis, no meio dos quais Mac Leod, de pistola numa das mãos e machado na outra, dava urros de canibal.

João não tinha voltado a si. Clary, aterrada, tinha puxado o oleado que cobria os dois.

Contudo alguns passageiros tinham podido fugir, quer saltando para o cais, quer lançando-se ao rio e nadando para a praia, onde Mac Leod e os seus carrascos não se atreveram a persegui-los.

Foi então que soou o alarme na povoação e os habitantes começavam já a sair das casas para correrem em auxílio dos desgraçados.

Esta carnificina tinha durado apenas alguns minutos, e muitas vítimas teriam escapado se Mac Leod não estivesse à frente dos assassinos.

Efetivamente, tendo feito transportar uma certa quantidade de substâncias incendiárias a bordo do seu barco, este miserável aglomerou-as no convés do *Carolina* e largou-lhes fogo.

Ao mesmo tempo cortou as amarras, e o vapor, vigorosamente repellido para o largo, foi arrastado pela corrente.

A situação era espantosa.

A três milhas a jusante, o Niágara precipitava-se no abismo das suas cataratas.

Foi então que cinco ou seis desgraçados, enlouquecidos, se precipitaram no rio.

Mas a custo alguns conseguiram chegar à praia lutando contra os pedaços de gelo levados pela corrente.

Nunca se soube o número de vítimas degoladas pelos assassinos do tenente Drew, ou que morreram afogadas querendo fugir às chamas.

Entretanto o *Carolina* descia entre as duas margens, como um navio de fogo. O incêndio alastrava-se à ré. Clary, de pé, no auge do terror, gritava...

João conseguiu ouvir, abriu os olhos, ergueu o corpo e olhou.

Ao clarão das chamas, as margens do rio deslocavam-se rapidamente.

João viu Clary junto de si.

— Clary! — murmurou ele.

Se ainda tivesse forças, tê-la-ia tomado em seus braços, ter-se-ia atirado à corrente com ela, e tentaria salvá-la! Mas, nem sequer se podendo sustentar, tornou a cair sobre o convés. O mugir atroz das cataratas ouvia-se já a menos de meia milha.

Era a morte para ela e para ele, como para as outras vítimas que o *Carolina* arrastava para o abismo!

— João — disse Clary —, vamos morrer... morrer juntos! João, amo-te... Teria vivido orgulhosa tomando o teu nome! Deus não o quis!

João ainda teve forças para apertar a mão de Clary. Depois os seus lábios repetiram a última palavra murmurada por sua mãe:

— Expição! Expição!

O barco corria com aterradora velocidade, contornando Goats Island, que separa a cachoeira americana da canadense. E então, no meio da curva, ali onde a corrente se cava numa garganta esverdeada, o *Carolina*, pendendo para o abismo, desapareceu na voragem das cataratas.

Capítulo 27 — Última Fase da Insurreição

O ato cometido pelos Ingleses, violando o direito das gentes e os deveres da Humanidade, teve grande eco nos dois mundos. As autoridades de Niagara Falls mandaram proceder a um inquérito. Mac Leod foi reconhecido por alguns daqueles que tinham podido escapar à carnificina e ao incêndio. Além de que, este miserável não tardou em se gabar publicamente de ter «ensinado meia dúzia desses malditos ianques!»

Tratava-se apenas de pedir uma indemnização à Inglaterra quando, em novembro de 1840, Mac Leod foi preso numa das ruas de Nova Iorque.

O representante inglês, o Sr. Fox, reclamou: o Governo federal recusou entregá-lo. Tanto na Câmara dos Comuns como na dos Lordes, o ministro foi intimado a exigir a liberdade de Mac Leod, como tendo atuado segundo as ordens da rainha. O Congresso respondeu a esta pretensão publicando um relatório que justificava os direitos do Estado de Nova Iorque. Este relatório foi considerado como um *casus belli*, e o Reino Unido tratou de se preparar para a guerra.

Por seu lado o Parlamento federal, depois de ter enviado o assassino a responder perante o júri criminal, votou os subsídios necessários. E por certo a guerra teria sido declarada quando Mac Leod, fazendo valer um álibi pouco justificado, mas que permitia tanto aos Ingleses como aos Americanos porem pedra sobre este negócio, foi absolvido por falta de provas.

E foi assim que se vingaram as vítimas do horrível atentado do *Carolina!*

Depois da derrota dos revoltosos da ilha Navy, *lord* Gosford foi avisado de que os reformistas já não pensavam em se revoltar contra as autoridades regulares. Tanto mais que os principais chefes estavam dispersos ou encarcerados nas prisões de Quebeque e de Montreal e João-Sem-Nome já não existia.

Contudo, em 1838, alguns levantamentos se realizaram ainda em diversos pontos das províncias canadenses.

No mês de março deu-se a primeira tentativa, provocada por um irmão daquele Nelson, Roberto Nelson, que tinha comandado a defesa de S. Dinis.

Em Napierville realizou-se uma segunda tentativa, na qual dois mil patriotas, lutando contra seiscentos soldados de *sir* John Colborne, sem contar quinhentos índios e quatrocentos voluntários, foram derrotados no encontro de Odelltown.

No mês de novembro, terceira tentativa de insurreição. Os reformistas dos condados de Chambly, Verchères, Laprairie, Acádia, Terrabone e Duas Montanhas, comandados por Brière, Lorimier, Rochon e outros, dividiram-se em dois bandos de cem pessoas. Um atacou uma propriedade senhoril, que foi de balde defendida pelos voluntários. O outro apoderou-se de um barco a vapor no cais da vila de Beauharnais. Depois empreenderam em Chateauguai, Cardinal, Duquet, Lepailleur, Ducharme, uma campanha que abortou, querendo obrigar os selvagens de Caughnawaga a entregar-lhes as armas. Enfim, Roberto em Terrabone, os dois Sanguinet em Sant'Ana, Bouc, Gravelles, Roussin, Maria, Granger, Latour, Guilherme Prévost e seus filhos organizaram os últimos movimentos que assinalaram o fim deste período de insurreição nos anos de 1837 e 1838.

Tinha chegado a hora das represálias. O Governo metropolitano ia proceder com uma energia tão sem dó que tocava as raiais da crueldade.

Em 4 de novembro, *sir* John Colborne, então investido da autoridade superior, proclamou a lei marcial e suspendeu o *habeas corpus* em toda a província. O tribunal militar foi constituído e as suas sentenças foram dadas com uma parcialidade e uma leviandade revoltantes. Este tribunal enviou ao cadafalso Cardinal, Duquet, Roberto, Hamelin, os dois Sanguinet, Decoigne, Narbonne, Nicolau, Lorimier, Hindelang e Daunais, cujos nomes nunca mais se apagarão do martirologio da história franco-canadense.

A estes nomes convém juntar os de algumas das personagens que figuram nesta história, tais como o advogado Sebastião Gramont e Vicente Hodge, que morreu, como seu pai já tinha morrido, com a mesma coragem e pela mesma causa.

William Clerc foi sucumbir das suas feridas em terra americana; e apenas André Farran, que se refugiou nos Estados Unidos, sobreviveu aos seus companheiros.

Depois vem a lista dos exilados.

Compreende cinquenta e oito nomes dos patriotas mais notáveis, e longos anos se passaram antes que pudessem voltar à pátria.

Quanto ao deputado Papineau, o homem político cuja personalidade dominara todo este período de reivindicações nacionais, conseguiu escapar-se. Uma longa existência permitiu-lhe ver o Canadá de posse da sua autonomia, se não da sua completa independência. Papineau morreu ultimamente nos limites de uma velhice justamente honrada.

Falta dizer o que foi feito de Catarina Harcher. Dos seus cinco filhos que tinham acompanhado seu pai de S. Carlos à ilha Navy, apenas dois voltaram à granja de Chipogan depois de alguns anos de exílio, e, desde então, nunca mais a deixaram.

Quanto aos Mahogannis, que tinham tomado parte no desenlace da insurreição, o governo teve por bem esquecer-se deles, como se esqueceu do bom homem, arrastado, a pesar seu, a envolver-se em coisas com que nunca se importara.

Portanto, Nick, desenganado das grandezas que, verdade seja, nunca procurara, voltou a Montreal, onde retomou a antiga vida. E se Leonel voltou à banca de segundo escrevente, no escritório do Largo de Bom Socorro, sob a férua de um Sagamoro, foi com o coração transbordando saudades por aquele por quem da melhor vontade teria feito o sacrifício da vida!

Nenhum deles devia jamais esquecer a família de Vaudreuil e João-Sem-Nome, reabilitado pela morte, e agora um dos heróis lendários do Canadá.

Contudo, se as insurreições tinham abortado, nem por isso deixaram de lançar ao solo os germes das futuras liberdades. Com o progresso que o tempo impõe, estes germes deviam frutificar. E não foi em vão que os patriotas derramaram o seu sangue para reconquistar os seus direitos. Que isto nunca esqueça ao país a quem cumpre reconquistar a sua independência!

Os governadores, sucessivamente enviados para administrarem a colónia, Sidenham, Bagot, Metcalfe, Elgin, Monck, cederam pouco a pouco algumas parcelas das pretensões da Coroa. Depois, a Constituição de 1867 estabeleceu sobre firmes bases a confederação canadense. Foi nesta época que se agitou a questão da capital em proveito de Quebeque, e finalmente decidida a favor de Otava.

Hoje, a desligação com a metrópole é quase completa. O Canadá é uma potência livre, sob o nome Domínio do Canadá, onde os elementos franco-canadenses e anglo-saxões se acotovelam nunca perfeita igualdade. Sobre cinco milhões de habitantes, perto de um terço pertence ainda à raça francesa.

Todos os anos uma cerimónia sensibilizadora reúne os patriotas de Montreal junto da coluna, elevada na costa das Neves, às vítimas políticas de 1837 e 1838. Ali, no dia da inauguração, foi pronunciado um discurso pelo Sr. Euclides Roy, presidente do Instituto, e as suas últimas palavras podem resumir o ensinamento que se tira desta história:

«Glorificar a dedicação é criar heróis!»